

Fernando Costa Straube

# **Ruínas e urubus:**

**HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ**

Período de Chrostowski, 1  
(1901 a 1909)





Hori Cadernos Técnicos

10

**RUÍNAS E URUBUS:**  
**HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ**

PERÍODO DE CHROSTOWSKI, 1

(1901 a 1909)

1ª edição

**Fernando C. Straube**

**Hori Consultoria**

Curitiba, Paraná, Brasil

Dezembro de 2015

© URBEN-FILHO & STRAUBE CONSULTORES S/S LTDA.

Ficha catalográfica preparada por  
DIONE SERIPIERRI (Museu de Zoologia, USP)

Straube, Fernando C.

Ruínas e urubus: história da ornitologia no Paraná.  
Período de Chrostowski, 1 (1901 a 1909); por Fernando  
C. Straube. – Curitiba, Pr: Hori Consultoria  
Ambiental, 2015.

273p. (Hori Cadernos Técnicos n. 10)

ISBN 978-85-62546-10-5

1. Aves - Paraná. 2. Paraná - Ornitologia. 3.  
Ornitologia – História. I. Straube, Fernando C.  
II. Título. III. Série.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional,  
conforme **Decreto nº1825**, de 20 de dezembro de 1907.

**Dados internacionais de Catalogação da Publicação**  
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, Brasil)

*Capa*: Composição com mata de araucária na Lapa (Paraná) (Foto: Fernando C. Straube), foto de E. Garbe (Pinto, 1945), cartão postal de Roça Nova (acervo Thomas Correa), carta de Telêmaco Borba a Romário Martins (acervo Ernani C. Straube) e o Salto Grande do Paranapanema (Wettstein, 1970). Em destaque, um tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*) a primeira espécie paranaense a dar entrada no Museu Paulista (Foto: Eduardo W. Patrial)

**2015**



<http://www.hori.bio.br>

**HORI CADERNOS TÉCNICOS n° 10**

**ISBN: 978-85-62546-10-5**

**CURITIBA, DEZEMBRO DE 2015**

**CITAÇÃO RECOMENDADA:**

Straube, F.C. 2015. **Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná.** Período de Chrostowski, 1 (1901 a 1909). Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 10, viii+ 273 pp.



“Você envelheceu  
de um jeito que não parecia  
O ramo que mais floresceu  
foi um que quase não se via”.  
(*Gunther Furtado, 2014*)





## APRESENTAÇÃO

É mais que sabido que nós, brasileiros, nos relacionamos de maneira muito pouco amigável com a natureza sobre a qual assentamos o nosso território. Os inúmeros benefícios e serviços graciosamente proporcionados a todas as nossas gerações podem ser comparados a um bilhete premiado de loteria. Entretanto, ao invés de aproveitarmos racionalmente este prêmio, vimos, ao longo do tempo, diligentemente rasgando-o e sofrendo as consequências das nossas escolhas.

Sofremos também de uma crônica falta de memória. O resgate de informações históricas é usualmente relegado a um segundo plano, e em muitos círculos é considerado como algo “menor”, quase um passatempo de um dândi sem outro projeto mais ambicioso. Muitas vezes não nos damos conta que, sem conhecer bem o passado, certamente cometeremos os mesmos erros já cometidos no presente e no futuro. E como insistimos em não conhecer o passado e em errar continuamente!

Quando em trabalho de campo, na companhia de alunos ou de outros pesquisadores mais jovens, algumas vezes me surpreendi com a constatação de que, para algumas pessoas, as paisagens hoje muito modificadas “sempre foram assim” ou que não foram em quase nada modificadas. Alunos ainda se surpreendem em saber que a movimentada e poluída Avenida Nazaré, onde hoje se situa o Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP) era, até meados do século XX, uma região

campestre e isolada do restante da cidade de São Paulo, com a ocorrência de várias espécies de aves e mamíferos que atualmente só podem ser vistas a muitas dezenas de quilômetros daqui. A falta de conhecimento histórico turva o nosso entendimento do presente e compromete o planejamento do futuro.

Por isso, mas não apenas por isso, é que cada volume da série “Ruínas e urubus: história da ornitologia no Paraná” é tão aguardado e tão importante. Este é o quinto livro desta série, que mais uma vez escancara para os leitores um Brasil que já não existe mais. Ao percorrer estas páginas você irá enxergar, mesmo que apenas pelo breve momento da leitura de uma página ou de uma biografia, pelos olhos dos valorosos naturalistas que percorreram o Brasil e, em particular, o estado do Paraná.

Fernando Straube, ao longo de muitos anos e seguindo uma tradição familiar, se tornou um mestre em resgatar e contar a história para nós. Para a nossa felicidade, ele passa longe daquele eruditismo empolado, pretensioso, estéril e tão característico de muitos historiadores. Straube tem a rara capacidade de beber nas mais diversas fontes, sempre com o olhar atento e crítico de quem conhece profundamente não só a história e os seus labirintos, mas também a biologia. Desta forma, uma série como essa é única em nosso país e um verdadeiro tesouro para os paranaenses. Como seria bom ter mais gente publicando sobre esse assunto Brasil afora!

Neste quinto volume vamos percorrer um período no qual o Paraná ainda guardava intocadas vastas porções do seu território. É novamente através do olhar dos naturalistas que vamos conhecer um estado que em poucas décadas perdeu ou descaracterizou de forma importante boa parte das suas formações vegetais, especialmente o Cerrado e a Mata Atlântica.

A coleta de animais e plantas foi, historicamente, uma atividade muito importante do ponto de vista geopolítico, histórico e econômico. Inicialmente servia apenas como prova mais tangível da existência de novas terras, ou uma curiosidade a ser exibida para os mais afortunados. Entretanto, do século XIX em diante as coleções passaram a formar a base de todo o nosso conhecimento sobre a biodiversidade, nos seus mais diversos níveis e expressões. Elas não apenas documentam de forma inequívoca a presença de uma determinada espécie em uma área, mas também proporcionam aos especialistas a oportunidade de estudar os mais diversos aspectos relacionados com a morfologia, o comportamento e a evolução dos seres vivos no planeta, em escalas temporais e espaciais das mais distintas.

É nesse ponto que a contribuição dos naturalistas se faz muito importante. Enfrentando muitas vezes dificuldades indizíveis e munidos apenas de alguns poucos instrumentos de coleta e muita curiosidade e disposição, essas pessoas deixavam seus lares e países em busca do desconhecido. O resultado do trabalho desses homens e mulheres é, em muitos casos, a única forma de acessarmos uma fração da biodiversidade perdida para cidades e outras atividades humanas. É com base nas coletas que hoje sabemos os limites originais dos biomas e o seu grau de conservação à época da coleta. Longe de ameaçar de extinção qualquer animal, a coleta científica se prestou e se presta justamente para a conservação dos seres vivos e dos seus ambientes.

Assim, convido o leitor a continuar desfrutando da história da ornitologia do Paraná. Muitos dos naturalistas presentes nessa obra deixaram um legado fundamental para o conhecimento da natureza em outras partes do Brasil, e merecem o nosso mais profundo reconhecimento e

admiração. Através dos seus relatos, diligentemente coligidos e analisados por Fernando Straube, abre-se mais uma vez uma pequena janela para um país que há muito não existe mais.

## **LUIS FÁBIO SILVEIRA**

LUIS FÁBIO SILVEIRA é biólogo, mestre e doutor em Zoologia (USP), professor do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo (São Paulo, SP), curador associado das coleções ornitológicas do Museu de Zoologia da USP, pesquisador Nível 2 do CNPq e membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO).

## AGRADECIMENTOS

Muito feliz por ter aberto as portas do Século XX, declaro aqui a minha profunda gratidão a uma infinidade de pessoas e instituições que colaboraram com a produção do projeto “Ruínas e urubus” (ainda parcialmente concluído) e detalhadamente citadas nos volumes anteriores.

Para este, em particular, eu gostaria de incluir, ou mesmo repetir, meu reconhecimento a alguns deles, seja porque não figuraram nas versões já publicadas, seja por terem aqui participado de forma diferenciada. De novo pude contar com a competente, gentil e graciosa intervenção de Dione Seripierri (Museu de Zoologia, USP) que, com o costumeiro zelo, preparou a ficha catalográfica. O tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*) que orna a capa é obra fotográfica de Eduardo Weffort Patrial, a quem agradeço pela generosa colaboração.

Várias pessoas colaboraram com detalhes particulares do período 1901-1909, por acréscimo de informações, cessão de dados ou mesmo sugestões de redação, incluindo traduções. Nesse sentido aponto os sempre presentes Alessandro Casagrande, Dante L. M. Teixeira, Ernani C. Straube, José Fernando Pacheco, Hitoshi Nomura, Pedro Scherer Neto e Vítor de Q. Piacentini.

No assunto Lima e Ehrhardt, ajudaram Luis Fábio Silveira (Museu de Zoologia, USP) com envio de informações sobre a coleção do Museu de Zoologia (dados esses que também contribuíram para os temas Hempel e Garbe) e Rodrigo Lingnau (Universidade Tecnológica

Federal do Paraná, Curitiba, PR), que participou do resgate do valioso legado de Ehrhardt para répteis e anfíbios.

Para Wettstein, contei com a Vanessa Ariati (Floresce Consultoria Ambiental) que comigo dividiu algumas descobertas e valiosos momentos de reflexão, graças à sua experiência de campo em Botânica e ao interesse crescente em história da biologia.

Robert Prys-Jones (*British Museum*), Thomas J. Trombone (*American Museum of Natural History*) e Marcos Pérsio Dantas Santos (Universidade Federal do Pará, Belém) enviaram informações de que necessitei para a compreensão do legado ornitológico de Alphonse Robert. Destaco com grande ênfase e carinho, a participação de Liliani M. Tiepolo por não apenas ter revisado cuidadosamente todo o texto, como enviado literatura e informações importantíssimas de suas pesquisas com mamíferos na Serra do Mar e litoral.

Sobre Hempel, agradeço profundamente a honra de coautorar uma revisão, em 1991, com os amigos Edwin O. Willis (*in memoriam*) e Yoshika Oniki, fenomenal dupla que sempre apoiou as minhas pesquisa com aves no Paraná, desde os anos 80. Também Márcia Maria Rebouças e Eli Carvalho Rosa (Instituto Biológico, São Paulo) contribuíram com alguns detalhes e material ilustrativo.

A respeito dos irmãos Seljan, fui agraciado com a colaboração de Antônio Marcos Myskiw, pesquisador que se dedicou à história das narrativas de viagens ao oeste paranaense; graças a ele obtive informações e material bibliográfico enriquecedor.

No assunto Dusén, esse personagem quase mitológico da História Natural do Paraná, contei não somente com Paulo Labiak (Universidade Federal do Paraná) – com quem dividi autoria em um outro texto sobre coletores da flora paranaense – mas também José Tadeu W.

Motta e Osmar dos S. Ribas (Museu Botânico Municipal) que cederam uma enormidade de informações ainda inéditas de um estudo que estão preparando. Esses dois últimos foram peça fundamental para a compreensão dos confusos itinerários de Dusén, graças às constantes discussões que travamos e também às suas diligentes pesquisas junto ao acervo onde atuam. Também de grande valia foram as sugestões, a esse respeito, oferecidas por Renato S. Bérnils (UFES, São Mateus, ES), Francisco Luiz (Kiko) Franco (Instituto Butantan, São Paulo, SP), Sérgio A. A. Morato (STCP, Curitiba, PR), Julio Cesar de Moura-Leite (MHNCI, Curitiba, PR) e Gilberto Alves de Souza Júnior (Hori Consultoria Ambiental, Curitiba, PR). Sven O. Kullander (curador de Herpetologia do *Natuhistoriska riksmuseet*, Estocolmo, Suécia), enviou todos os dados do holótipo de *Salvator duseni*, guardado sob seus cuidados e também colaborou nas tentativas de resgate de inúmeras informações complementares na Suécia. Devo à sua gentil contribuição o resgate da localidade-tipo da espécie, até então totalmente desconhecida da Herpetologia.

Wenceslau Muniz, com sua sempre presente paciência e solicitude, conseguiu-me o exemplar da rara obra “As aves” de autoria de Niepce da Silva; agradeço a ele, em nome de todos os estudiosos atuantes na excepcional e secular instituição do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

A parte sobre Garbe ficou muito bem ilustrada com a bela foto de *Scynax garbei*, oferecida gentilmente por Marco Antônio de Freitas e, por sua vez, Eliane Blood (Klabin S.A.) presenteou-me com sua completa monografia sobre a história da Fazenda Monte Alegre. Marcus Vinicius Castilho me acompanhou na visita a essa célebre localidade e, graças à sua amizade e interesse, é que me senti motivado para ir mais a fundo na questão. Com o amigo encontramos não

somente o ponto exato onde se hospedaram tantos exploradores, mas também absorvemos a indescritível atmosfera histórica do local.

Aspectos relativos a espécimes depositados em vários museus brasileiros, inclusive a permissão de consulta aos respectivos acervos, foram possíveis graças à intervenção de Dante L. M. Teixeira, Jorge B. Nacinovic e Marcos A. Raposo (Museu Nacional, Rio de Janeiro: MN), Hélio F. de A. Camargo (*in memoriam*), Luis Fábio Silveira e Vitor de Q. Piacentini (Museu de Zoologia, São Paulo: MZUSP), José Maria Cardoso da Silva, David C. Oren e Alexandre Aleixo (Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém: MPEG).

O projeto “Ruínas e urubus” é uma iniciativa editorial da Hori Consultoria Ambiental, a quem agradeço – bem como a todos os amigos que lá atuam ou atuaram – pela participação direta: Alberto Urban-Filho, Anderson Giliet, Caroline Carneiro, Débora Zancanaro, Fernando J. Venâncio, Leonardo R. Deconto, Marcelo A. Silva, Marcelo A. Villegas Vallejos, Marise Pim Petean e Vanessa Ariati.

Por fim, sou grato às gentis palavras da apresentação, redigidas pelo amigo Luis Fábio Silveira, curador de Ornitologia do Museu de Zoologia de São Paulo e representante da produtiva estirpe de naturalistas que lá atuaram.



# SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	3
	<i>Cronologia</i>	9
1901	<b>JOÃO LEONARDO DE LIMA e WILHELM EHRHARDT</b>	11
1901	<b>RICHARD WETTSTEIN</b>	41
1901	<b>ALPHONSE ROBERT</b>	49
	<i>Cronologia</i>	67
1903	<b>ADOLPH HEMPEL</b>	69
1903-1904	<b>MIRKO SELJAN e STJEPAN SELJAN</b>	97
1903-1916	<b>PER KARL DUSÉN</b>	109
	<i>Cronologia</i>	135
1906	<b>ALBERTO FRIČ</b>	137
[1906]	<b>JOSÉ NIEPCE DA SILVA</b>	145
[1906-1924]	<b>ROMÁRIO MARTINS</b>	153
	<i>Cronologia</i>	183
1907	<b>ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO</b>	185
1907 e 1914	<b>ERNST GARBE</b>	191
	<i>Cronologia</i>	225
[1908]	<b>ALCIBÍADES PLAISANT</b>	227
	<i>Cronologia</i>	229
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E	
	LITERATURA CONSULTADA	231



# INTRODUÇÃO

*“Da ornithologia do Est. do Paraná pouco mais se sabe além do que resultou das coleccções feitas por Natterer nos mezes de setembro de 1820 e janeiro de 1821. Varias espécies raras por ele alli descobertas, como Leptasthenura setaria (Temm.) e L. striolata (Pelz.) etc, nunca mais foram obtidas desde então, ao passo que algumas outras, que só de lá se conhecia, foram encontradas por nós no município de Itararé, Est. S. Paulo, na fronteira com o Est. do Paraná. Convém lembrar que o território do actual Estado do Paraná até o ano de 1853 estava reunido com o de S. Paulo, de modo que na literatura da primeira metade do século passado se acham indicados animaes como existentes em S.Paulo, quando realmente só foram ou são encontrados no Paraná. “*

Hermann von Ihering e Rodolpho von Ihering  
(1907:v; “Catálogos da fauna brasileira”, volume 1)

O grande desconhecimento da composição avifaunística paranaense na primeira década do Século XX pode ser resumido pela frase acima. Os Ihering, pai e filho, mostravam que, desde as consequências da Abertura dos Portos cujo processo privilegiou o Paraná com a visita de alguns poucos de seus naturalistas mais brilhantes, praticamente nada havia sido documentado da avifauna estadual. Desconsideradas algumas contribuições mais restritas ao campo literário – e de circulação local – eles tinham razão e esse cenário apenas foi modificado, como se verá, a partir de 1901 por meio da presença de João Leonardo de Lima e Wilhelm Ehrhardt, emissários do Museu Paulista.

O Século XX foi marcado por vários acontecimentos particulares relacionados com as expedições naturalísticas ao Paraná e, tal como em tempos anteriores, eles foram igualmente favorecidos por certos episódios sociais e políticos no âmbito estadual e nacional.

No início, as expedições passaram a ter duas linhas de objetivos: ou voltavam-se a acompanhar uma colonização imigratória tardia, ou mantendo a proposta de obter material científico para depósito em vários museus do Brasil e de outros países do mundo. Junto a isso também ocorreram os períodos áureos de certas instituições brasileiras ligadas à História Natural, Geologia e Antropologia (especialmente o antigo Museu Paulista e o Museu Nacional), ciências essas que eram na época consideradas irmãs e que hoje, infelizmente, tiveram seus laços pulverizados por força da especialização.

Ocorre que as entidades de pesquisa, via de regra representadas por museus de História Natural, eram – antes de tudo – mais voltadas à pesquisa das adjacências de seus territórios ou de pontos exaustivamente já amostrados. Sob o novo cenário do início do Século XX, então, passavam a explorar outros locais brasileiros menos conhecidos, adquirindo uma política mais nacional às suas atividades.

Tal condição marcou profundamente a história ornitológica paranaense, tendo reflexos até os dias de hoje. Espécimens depositados em museus do exterior (leia-se europeus) e, portanto, de acessibilidade muito dificultada, não apenas pela impossibilidade de consultá-los mas porque se tornaram rapidamente peças protegidas institucionalmente pelo valor histórico, passaram afinal a ser colhidos por iniciativas genuinamente brasileiras, iniciando acervos que se mantiveram no Brasil. Assim, um dos aspectos mais marcantes do chamado “Período de Chrostowski”, consiste das primeiras visitas de colecionadores brasileiros, ainda

que sob panorama transicional, que mesclava a continuidade de visitas de estrangeiros.

Como contribuição pioneira de instituições brasileiras, pode-se tratar de quatro naturalistas-viajantes a serviço do Museu Paulista (quando ainda abrigava as coleções ornitológicas, dele desmembradas em 1939) e que tiveram grande importância na Zoologia do Brasil contemporâneo: João Leonardo de Lima, Wilhelm Ehrhardt, Adolph Hempel e Ernst Garbe. Estava assim confirmado o interesse da entidade paulistana pelo território do Paraná, condição que se repetiu muitos anos depois, agora pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro, graças a Emilie Snethlage, pioneira da Ornitologia brasileira e que será tratada em volume posterior.

Algo interessante é a avaliação das regiões visitadas por contribuidores à Ornitologia do Paraná, todas elas em pontos limítrofes com o estado de São Paulo ou de direto acesso marítimo, a partir do porto de Santos. Não por acaso, quase todas as localidades paranaenses que possibilitaram a amostragem da avifauna na primeira década do Século XX estavam no Norte Pioneiro (Lima, Ehrhardt, Wettstein, Hempel) e adjacências (Garbe), cuja colonização havia recentemente sido estabelecida, ou nos setores leste – acessados a partir dos portos de Antonina e Paranaguá (Robert).

Romário Martins, uma das personalidades mais importantes de intelectualidade curitibana, tinha perfeita noção disso e não à toa produziu aquela que seria a primeira lista das aves do Paraná, datada de 1906, fundamentada no antigo acervo do Museu Paranaense. Romário, e não somente por isso, merece particular destaque nesse período por diversas outras razões. Uma delas é o seu ativismo pela conservação da natureza; o outro liga-se à produção dos símbolos oficiais, cujo brasão tem como timbre um gavião,

associado às necessidade de preservação. Conhecedor que foi, embora autodidata, dos procedimentos museológicos, propôs e executou uma profunda reforma no Museu Paranaense, entidade da qual foi diretor por mais de duas décadas. Apesar do preconceito sofrido pela ausência de titulação, ainda capitaneou a presença do botânico Per Karl Dusén, reconhecido localmente como um dos mais produtivos cientistas que aqui estiveram em prol do conhecimento de nossa biodiversidade.

Cabe ressaltar, ainda, que os primeiros anos do Século XX, além de notáveis pelo avanço do conhecimento de biodiversidade paranaense, foram um momento crítico para a natureza e seus componentes. A febre desenvolvimentista estava instalada e o interior do estado – ainda considerado sertão desconhecido – começava a ser gradativamente explorado para a colonização e expansão de frentes agropecuárias. Felizmente vários daqueles naturalistas que exploraram os planaltos, encontravam-se imbuídos de documentar a rica fauna e flora ali existente e ainda abundante e encontradiça. E seus resultados, com efeito, constituem-se das únicas indicações da presença de certos animais e plantas, que atualmente se encontram virtualmente extintos.

A política geral, por parte do juvenil governo republicano, era voltada à instalação de novas cidades e ampliação dos núcleos pré-existentes. Tal conceito encontrava restrições pela presença de grandes florestas intransponíveis e extensos campos “improdutivos”, bem como dos próprios povos autóctones, quase unanimemente tidos como obstáculos ao desenvolvimento.

Em 1903, o guaraqueçabano Domingos Nascimento compôs o hino do Paraná, oficializado muitos anos depois (1947) e em vigência até os dias atuais. No seu conteúdo as metáforas já apontavam para o paradoxo da convivência

harmônica entre o progresso e os recursos naturais: *“Outrora apenas panorama de campos ermos e florestas, vibra agora a tua fama pelos clarins das grandes festas!”*. Essa apresentação difere muitíssimo, portanto, daquela observada no Hino à Província do Paraná, de João Batista Brandão de Proença e cantado em Curitiba a 19 de dezembro de 1853 por ocasião dos festejos da emancipação política: *“Nossos campos, nossos bosques, nossos montes se alegraram, risonhos mais do que nunca de flores que matizaram”* (E. Straube, 1987).

Se, por um lado, a invasão descontrolada em direção aos ambientes naturais iniciou seu processo irreversivelmente deletério e, até certo ponto aterrador, também são dessa época as primeiras manifestações opostas ao uso descontrolado das formas da natureza – resultando nos primórdios do movimento ambientalista paranaense.

Tal posição, reconhecemos, já havia sido defendida por Sebastião Paraná no fim do século anterior, porém, apenas voltando as atenções para a caça exagerada ao redor dos “centros de população”. Recuava o notável geógrafo em alusão às “Posturas da Câmara Municipal de Curitiba” (e mesmo a certas determinações do Ouvidor Pardinho, já no Século XVIII), nas quais ele faz inclusive um comentário: *“Em quasi todos os centros civilizados, especialmente da Europa, ha sociedades protectoras dos animaes. Se o Paraná possuisse uma instituição de tal especie, não teriamos o desgosto de lamentar o deshumano exterminio das aves que nos deleitam com os seus gorgeios”*.

Mas, a opinião geral, tal como se observou por muitos anos – e até hoje praticada – não era propriamente embasada na proteção dos ambientes naturais e sim de animais simpáticos à convivência humana. Dessa forma, todos os organismos nocivos, perigosos ou peçonhentos, mereciam ser eliminados, seja por ação direta do homem,

seja pelo fortalecimento do conceito de proteção aos animais que os destruíam – alegadamente “úteis”.

Nesse sentido, nenhum outro grupo zoológico recebeu tanta atenção quanto a avifauna, eternamente bem-quista por sua presença visual e sonora mas também, e até incoerentemente, pelo valor cinegético de alguns representantes. Opunham-se as aves, desta forma, aos répteis – com sua nocividade enquanto animais peçonhentos e indesejáveis – e mesmo alguns mamíferos, como a onça-pintada, admitida como o maior de todos os perigos dos sertões.

Adicionalmente, algo que ficou adormecido na história foi a chamada “Exposição Nacional” de junho de 1908, realizada no Rio de Janeiro em celebração ao primeiro centenário da abertura dos portos ao comércio internacional. O evento, que teve participação local ao encargo da direção do Museu Paranaense, exaltava a possibilidade de progresso frente aos itens expostos. Curiosamente, meio a uma grande quantidade de elementos agrícolas, pecuários, de extrativismo e exaltação ao crescimento urbano, apareciam as aves: “*Uma linda collecção de passaros empalhados mostra a variedade ornithologica do Paraná*”<sup>1</sup>.

O alvorecer do Século XX, assim, e embora ilustrasse a fase inicial de destruição da natureza, ficou marcado pelos esboços de conservação, antes demonstrado implicitamente pela contemplação, como vemos em José Niepce da Silva e, depois, por ações efetivas e até contundentes de Romário Martins. A esse último caberiam menções particulares, no sentido de ter sido, o primeiro grande conservacionista paranaense a dispor de mecanismos políticos e literários para tanto.

---

<sup>1</sup> A Republica, ano 23, nº 207, edição de 3 de setembro de 1908.



## Cronologia

- 1900** Em Curitiba, a 24 de maio, é fundado o “*Instituto Historico e Geographico Paranaense*”<sup>2</sup>, hoje Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, tendo como primeiro presidente o marechal José Bernardino Bormann.
- 1900** Na Revista do Museu Paulista, Carl Euler publica “**Descrição de ninhos e ovos das Aves do Brasil**”; no mesmo volume sai o “**Catálogo critico-comparativo dos ninhos e ovos das aves do Brasil**”, de autoria de Hermann von Ihering.
- 1900** No mês de agosto, o entomólogo italiano Filippo Silvestri visita brevemente a região de Foz do Iguaçu, cumprindo parte de uma grande expedição para coleta de cupins no Brasil (também em Cuiabá e Corumbá), Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile.
- 1901** O botânico sueco Gustaf Oskar Andersson Malme retorna ao Brasil, novamente sob financiamento de Anders F. Regnell. Contempla novamente o Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, além do Paraguai, mas estende seu itinerário pela Argentina (inclusive a altitude de 3.000 metros do Pico Aconcágua, na fronteira com o Chile) e o Uruguai. Permanece em trânsito até 1903 e, na volta, publica suas anotações de viagem no anuário *Vetenskapsakademiens Årsbok 1904* e centenas de artigos esparsos no *Kungliga Svenska Vetenskapsakademiens Handlingar*, periódico da Academia Real Sueca de Ciências. Também produz extensíssima obra iconográfica sobre líquens, em 43 volumes.

---

<sup>2</sup> Dentre seus fundadores, há várias pessoas que são mencionadas ao longo dos volumes do “Ruínas e urubus”: Alfredo Romário Martins (que foi seu primeiro secretário), Camillo Vanzolini, Ermelino Agostinho de Leão, Jocelyn Augusto Morocines Borba, José Cândido da Silva Murici e Sebastião Paraná.

- 1902** Chega ao Brasil o botânico sueco PER KARL HJALMAR DUSÉN, ali permanecendo até 1904, após visitar o sudeste do Brasil e, por longo período (em três viagens), o estado do Paraná.
- 1901** O botânico britânico RICHARD WETTSTEIN chega ao Brasil e visita áreas paulistas limítrofes com o Paraná (Salto Grande, no rio Paranapanema e Ilha Comprida); retorna no mesmo ano. Recolheu cerca de vinte mil exemplares de plantas e publicou *“Ergebnisse fer botanische Expedition der kaiserlichen Akademie der Wissenschaft nach Südbrasilien”* (1901) e o clássico *“Vegetationsbilder aus Südbrasilien”* (1904).
- 1901** O naturalista ALPHONSE ROBERT chega ao Paraná, visitando o litoral e a Serra do Mar para coleta de naturália, em especial mamíferos e aves.
- 1901** Em companhia de WILHELM EHRHARDT, o naturalista JOÃO LEONARDO DE LIMA visita o Paraná, a serviço do Museu Paulista.

1901

**JOÃO LEONARDO DE LIMA**  
**e**  
**WILHELM EHRHARDT**

**JOÃO LEONARDO DE LIMA** (Itatiba/SP: 10 de agosto de 1874; São Paulo/SP: 15 de outubro de 1936)<sup>3</sup> era coletor e preparador do Museu Paulista, onde trabalhou desde 1895, primeiro como servente<sup>4</sup>, depois auxiliar administrativo, preparador e, por fim, como naturalista viajante, em substituição a Ernst Garbe, entre 1925 e 1931.

Já a partir de 1897, começou a participar de várias excursões do Museu, quando aprendeu a preparar material

---

<sup>3</sup> Seu nome é comumente tratado como “João Leonardo Lima” e eventualmente confundido com seu filho, José Leonardo de Lima (de obscura biografia; ver Lima, 1934, 1938), que também esteve coletando em várias regiões do Brasil, frequentemente junto com o pai e inclusive no Paraná (arredores de Curitiba, 1949).

<sup>4</sup> Nomura (1997:69) informa que ele “[...] ingressou como servente na Secretaria de Interior, tendo sido transferido para o Museu Paulista em 5 de setembro de 1895. A 12 de março de 1896 ele foi nomeado primeiro servente e, de 1897 a 1905, contínuo. [...] Em 28 de dezembro de 1905 ele passou a preparador [e] com o falecimento de Ernst Garbe em 1925, João foi nomeado naturalista-colecionador no dia 8 de julho desse ano”. O “Correio Paulistano” (nº 14150, p.1) de 10 de janeiro de 1903 dá conta de um crédito de remuneração em seu favor, como “contínuo do Museu Paulista”, mas também informa que ele substituiu Garbe em ao menos uma ocasião, quando esse último encontrava-se sob licença, mais ou menos na mesma época (Correio Paulistano nº 14486, p.2; 13 de dezembro de 1903). Lima, ao se aposentar, foi substituído por Carlos Amadeu de Camargo Andrade (Diário Oficial do Estado de São Paulo, ano 41, nº 285, página 1; 12 de setembro de 1931), naturalista viajante, fotógrafo e desenhista que com Lauro Travassos chefiou – anos depois – expedições do Instituto Manguinhos (hoje Instituto Oswaldo Cruz) e do Departamento de Zoologia (ex-Museu Paulista) à região de Salobra, no Mato Grosso do Sul.

zoológico (Nomura, 1997). Viajou por várias regiões do Brasil, especialmente em São Paulo e algumas vezes também ao Mato Grosso do Sul, Bahia e Rio Grande do Sul. Era um exímio preparador de espécimes, colaborando com coletores ou pesquisadores, dentre eles Olivério Pinto, Curt Schrottky (estudioso de himenópteros) e Glover Allen (Taunay, 1937; Pinto, 1945), além de obter exemplares de outros grupos zoológicos como peixes e mamíferos.



**João Leonardo de Lima (1874-1936)**

*(Fonte: Taunay, 1937)*

Trabalhou com alguma pendência à Ornitologia mas pouco publicou além de um relato de aves colecionadas em algumas de suas viagens, incluindo a descrição de *Xiphocolaptes albicollis villanovae*<sup>5</sup> (que possivelmente trata-se de uma espécie plena), com base em exemplares obtidos na antiga localidade Vila Nova da Rainha (atualmente Bonfim, no nordeste da Bahia) (Lima, 1920).

Consta que sua principal dedicação seriam os quirópteros, sendo que seu artigo “*Os morcegos da coleção do Museu Paulista*” de 1926, foi um dos primeiros estudos, no Brasil, sobre a matéria. Segundo Vanzolini (1994), no tempo em que Hermann von Ihering era diretor do Museu, toda a pesquisa acabava concentrada sob sua responsabilidade e apenas alguns subalternos que desempenhavam funções de curadoria, conseguiram ter atividade própria de pesquisa; eram eles Lima com morcegos e Hermann Luederwaldt (1865-1934) com coleópteros. Não se sabe, porém, se essa situação era algo espontâneo ou simplesmente imposto pelo diretor, sabidamente estudioso de Ornitologia, dentre outras áreas (Straube, 2014:243).

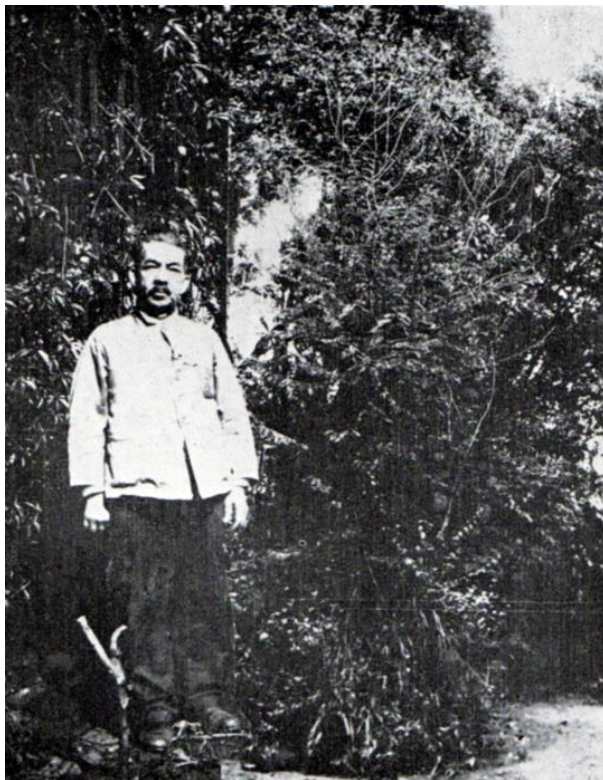
No primeiro ano do Século XX, Lima participou de uma viagem à região hoje conhecida como “Norte Pioneiro” (ou “Norte Velho”) paranaense, onde visitou “Ourinho”, junto a Wilhelm Ehrhardt<sup>6</sup>. Essa localidade, quase homônima da limítrofe cidade paulista de Ourinhos, foi fundada em 1888 pela família Alcântara, oriunda de Minas Gerais e ali estabelecida logo no início da “febre cafeeira”

---

<sup>5</sup> Na descrição original (p.104) o novo nome aparece como “*villadenovae*”, portanto diferente da grafia citada na prancha alusiva (*villanovae*). No mesmo artigo também é descrita *Sporophila sertanicola* (grafada como *Sporoptula*). Esses dois nomes são corrigidos para as formas consagradas na Errata, presente no mesmo volume ([p.112]).

<sup>6</sup> Ávila-Pires (1999) alerta sobre a existência de outro coletor quase homônimo da colônia Hansa-Humboldt (hoje Corupá, Santa Catarina): “Barros Ehrhardt”, também citado por Mello-Leitão (1937:193).

paranaense. Em 1900 tornou-se município, com o nome de Novo Alcântara, denominação alterada dois anos depois – e definitivamente – para Jacarezinho.



**João Leonardo de Lima (1874-1936)**

(Fonte: Pinto, 1945)

No relatório institucional do Museu Paulista para os anos de 1901 e 1902, Ihering (1904:5) faz menção à expedição: *“Pelo pessoal do Museu foram feitas diversas excursões no interior deste Estado e principalmente nas margens do Rio Paranapanema, e em Jacarésinho (ou Ourinho), Estado do Paraná, onde foi muito coadjuvado*

*pelo Exmo. Snr. Dr. Antonio José da Costa Junior<sup>7</sup>, que, além do modo hospitaleiro por que o tratou, imensamente contribuiu para o bom êxito da expedição”.*

Seu companheiro nesta viagem – **WILHELM EHRLHARDT** (n: Berbice<sup>8</sup>, Guiana: 17 de novembro de 1860; f: Brasil?, *circa* 1936) – é o célebre coletor que contribuiu com as coleções do Museu Nacional do Rio de Janeiro (inclusive mamíferos) e Museu de Zoologia de São Paulo<sup>9</sup>, com material da antiga “Colônia Hansa-Humboldt<sup>10</sup>” (hoje Corupá, Santa Catarina), local onde residia (Sick *et al.*, 1981). Descendente de alemães, ele emigrou para a terra natal de seus pais e, em 22 de maio de 1897, para o Brasil, estabelecendo-se poucos meses depois na colônia, realizando diversas incursões pelas adjacências para obter espécimes zoológicos de cuja venda aparentemente sobrevivia (Gutsche *et al.*, 2007).

Seu legado estende-se a vários grupos animais, destacadamente peixes, répteis, anfíbios, mamíferos, aracnídeos, insetos e anelídeos, que taxidermizava e/ou conservava com grande capricho e muito cuidado com as

---

<sup>7</sup> Indispensável a menção ao advogado e político fluminense Antônio José de Macedo da Costa Júnior (1843-1919), uma das personalidades mais destacadas do cenário político da região, notavelmente de Santa Cruz do Rio Pardo (São Paulo) onde residia. Segundo Prado & Prado (2012): “*Muito rico, o Dr. Costa era proprietário de grande parte do atual Bairro da Água Branca em São Paulo, onde residia. Também possuidor de outras propriedades, foi dono da fazenda Ourinho na então localidade de Santa Cruz do Rio Pardo - hoje região de Ourinhos - SP, avançando terras para além do Rio Paranapanema até a atual cidade de Jacarezinho - PR, em algum tempo conhecida por nome Ourinho*”.

<sup>8</sup> Hoje Nova Amsterdam; os dados de falecimento são presumidos por Gutsche *et al.* (2007). No periódico “Correio Paulistano” há inúmeras menções à família Ehrhardt, notavelmente para as regiões de Potirendaba e Araraquara no noroeste paulista, Mafra (Santa Catarina) e algumas cidades paranaenses mas também, e especialmente, para Campinas. Em algumas menções em diários oficiais, é tratado como “Guilherme Ehrhardt”.

<sup>9</sup> Onde atuou como preparador até 1901, quando se afastou do cargo (Grola, 2014).

<sup>10</sup> O nome Hansa-Humboldt, em oposição a outra colônia catarinense (Hansa-Hammonia, hoje Ibirama, SC), refere-se ao naturalista e explorador alemão Alexander von Humboldt. Os primeiros moradores do vilarejo, instalado por meio da Companhia Hanseática de Colonização, foram Otto Hillbrecht e Wilhelm Ehrhardt, que ali se estabeleceram em julho de 1897 (*vide* também Ricardo von Diringshofen, no Paraná em 1937).

informações corretas informadas nos rótulos. Graças a isso, contribuiu com diversas coleções científicas de todo o mundo, especialmente do Museu Britânico e os museus de história natural de Frankfurt, Munique, Hamburgo, Göttingen, Tübingen e Berlim (Gutsche *et al.*, 2007; Kwet, 2007). Segundo esses mesmos autores:

*“Ehrhardt’s contributions as collector and taxidermist were valuable for zoological science. Inter alia, he supplied the types of several new species, e.g. the torrent frog Hylodes perplicatus (Miranda-Ribeiro, 1926), and the titi monkey Callicebus purinus Thomas, 1927. In addition, more than a dozen of new species were named ehrhardti honouring W. Ehrhardt, e.g. the treefrog Aplastodiscus ehrhardti Müller, 1924; the catfish Corydoras ehrhardti Steindachner, 1910; the bat Trachops cirrhosus ehrhardti Felten, 1956; and the bee Lestrimelitta ehrhardti Friese, 1931. Furthermore, a stony votive stele (abolished during the 1940s) was erected at Hansa Humboldt to pay tribute to W. Ehrhardt’s social commitments during the early period of the colony (Kormann 1985)”.*

Quando da primeira viagem ao Paraná<sup>11</sup>, Lima possuía 26 anos e trabalhava como assistente administrativo do Museu Paulista, enquanto Ehrhardt já contava com pouco mais de 40 anos e era reconhecido como habilidoso taxidermista. É possível, desta forma, que existisse uma relação professor-aluno, cujo aperfeiçoamento teria

---

<sup>11</sup> Cabe alertar que Lima é associado a uma outra viagem ao Paraná (provavelmente na Fazenda Morungaba em Sengés e, talvez, no ano de 1915), assunto que será mais cuidadosamente avaliado no próximo volume desta obra, sob William Cameron Forbes.



contribuído para que Lima a ser oficialmente admitido como preparador, algumas décadas depois<sup>12</sup>.

Outro aspecto, ilustrativo mas de interesse histórico, é que o primeiro exemplar proveniente do Paraná a dar entrada no Museu Paulista é um *Ramphastos dicolorus* (MZUSP-1738) abatido em “Ourinho” em abril de 1901 por Ehrhardt e Lima<sup>13</sup>, destacando esses dois coletores como precursores do material paranaense naquele acervo.

Há, porém, alguns aspectos que merecem reavaliação, todos eles ligados aos rótulos de espécimes colecionados por Lima. O primeiro deles alude à dificuldade para determinar com alguma precisão os locais visitados, pois a região delimitada pelo antigo município paranaense de “Ourinho” era bastante vasta já no início do século; esse tópico, aliás, interliga-se com o problema abaixo tratado.

Mesmo por descompromissada análise, observa-se que a localidade indicada em vários rótulos dos exemplares dali provenientes e atualmente depositados no Museu de Zoologia (São Paulo), foram sobreescritos ou mesmo rasurados. Parece que a primeira grafia teria sido feita a lápis, mas há intervenções posteriores, para as quais utilizou-se tinta perene, talvez nanquim. Então, todas as aves provenientes passaram a constar canonicamente como procedentes de “Ourinho”, detalhe repetido no catálogo de Ihering & Ihering (1907) e posteriormente alterado para “Jacarezinho” nos de Olivério Pinto (1938, 1944).

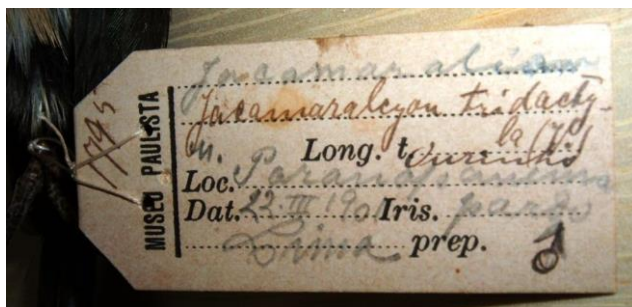
---

<sup>12</sup> Ainda que saibamos que Lima já havia realizado entre 1899 e 1900 e junto com Adolph Hempel (outro experiente coletor e taxidermista), três viagens produtivas de coleta de espécimes na clássica localidade de “Alto da Serra”, hoje Reserva Biológica de Paranapiacaba. Depois disso ele ainda retornou ao mesmo local em pelo menos cinco outras vezes, entre 1906 e 1923, “sendo o ornitólogo que mais coletou nessa localidade” (Silveira, 2009). Devemos a ele a coleta da pomba *Claravis geoffroyi*, raríssima em coleções e dada como extinta.

<sup>13</sup> Segundo o “Catálogo de Accessão” (também chamado “*Eingang Catalog der Vögel*” na caligrafia de Hermann von Ihering) de 1897, atualmente no Museu de Zoologia de São Paulo.

Em um desses casos (MZUSP-8666: *Pteroglossus aracari*) fica ainda mais óbvio que alguém tentou “corrigir” (a melhor palavra seria “unificar”) a localidade de coleta pois, além do topônimo originalmente lançado, aparece (entre parênteses): “Ourinho” com uma indicação de “errore”<sup>14</sup>.

Biogeograficamente, o assunto parece pouco importante, mas em pelo menos um dos casos (MZUSP-1795) a localidade original é “Paranapanema” (alterada para “Ourinho”), levando a crer que o espécime teria sido coletado a uma distância razoável do antigo núcleo urbano de Jacarezinho. Esse exemplo é didático, pois se trata exatamente de um dos únicos registros confiáveis para o Paraná<sup>15</sup>, de *Jacamaralcyon tridactyla*, uma espécie de ocorrências surpreendentemente pontuais, determinadas por aspectos muito particulares de hábitat (Collar *et al.*, 1992).



Rótulo rasurado de *Jacamaralcyon tridactyla* (MZUSP-1795) coletado em Paranapanema (ou Ourinho). Note-se a identificação prévia (“*Jacamar aliam*” = “outro jacamar”, alusão a *Galbula ruficauda*, também coletada na expedição) escrita a lápis, acima da identificação definitiva, com nanquim (Foto: A. Urben-Filho).

<sup>14</sup> Há, ainda, etiqueta onde a localidade está erroneamente grafada como “Ourimbó”. Ihering (1902a: 277 – “*Ourimbó (Paraná)*”) faz menção a essa grafia sem, contudo, corrigir o óbvio equívoco de transcrição. O topônimo é também citado por Paynter & Traylor (1991:422) onde é tratado, naturalmente, como “*not located*”.

<sup>15</sup> E também deve-se considerar que, pela condição limítrofe, caberia discutir sua origem como paranaense ou paulista!

Todo esse contexto gerou uma série de dúvidas, algumas delas incomodamente perpetuadas na literatura. A localidade acabou interpretada por Pinto (1938, 1944), ora como “Jacarézinho” (sem indicação ao topônimo original das etiquetas), ora como “Ourinhos” em São Paulo; essa última opção – aliás – é endossada por Paynter & Traylor (1991:422) que inclusive remetem a menção original paranaense de Ihering & Ihering (1907) para a cidade paulista, com algumas ressalvas<sup>16</sup>.

Além disso, a sugestão da realização de incursões nas redondezas de Jacarezinho é confirmada por ao menos uma indicação de localidade específica (Pinto, 1944): “*Ribeirão do Bugre*”<sup>17</sup> (também chamado de Ribeirão Peroba, hoje divisa dos municípios de Bandeirantes e Abatiá) visitado em abril de 1901, e que deve se tratar de ao menos um dos topônimos por eles visitados. Por puro descuido (e tal como ocorreu com “Ourinho”), Pinto (1938, 1944) também a considera erradamente como localidade paulista<sup>18</sup> e, em pelo menos um dos casos, mediante apontamento de outro ponto próximo: “*p[er]to. de Salto Grande do Parapanema*”.

Outro problema está nas datas em que os dois naturalistas estiveram no Paraná. Em Straube & Scherer-Neto (2001) admitimos que teriam ocorrido duas viagens: uma entre março e abril de 1900 e, outra, entre fevereiro e agosto de 1901, mas não há nada que comprove a autenticidade da primeira. Ocorre que muitas informações de data de coleção apresentadas nos catálogos de Olivério Pinto, estão incorretas, talvez por simples descuido, erro

---

<sup>16</sup> E adicionam: “Pinto (1938a:IIff; 1944a:55ff) records some of same specimens used by Ihering & Ihering as coming from nearby Jacarezinho [2309/4959 (USBGN)], Parana”.

<sup>17</sup> No rótulo deste exemplar (MZUSP-1774: *Dryocopus galeatus*) consta: “*Riberon do Bugre*” (a lápis) e “*Ourinho*” (a nanquim, sobrescrito); foi coletado por W.Ehrhardt em 2 de abril de 1901.

<sup>18</sup> Mas também, em uma ocasião, como situada no Paraná: “*Paraná Ribeirão do Bugre (Jacarèzinho)*” (Pinto, 1944:196).

tipográfico ou mesmo pela confusão decorrente dos rótulos rasurados.

Em uma compreensão mais próxima da realidade, observa-se que a primeira pele proveniente da expedição é datada de janeiro de 1901 (um exemplar), seguida por fevereiro, então, a maior parte concentrada entre março e abril de 1901. Isso concorda um tanto com o afirmado por Pinto (1945:13): “*Entre as viagens realizadas em 1901 e interessantes do ponto de vista ornitológico [...]. Foi ela seguida a curto prazo de visita mais demorada (abril a maio) à localidade de Jacarèzinho (chamada naquele tempo Ourinho), situada no norte do Estado do Paraná e cercada de matas virgens*”. Além disso, em nenhum dos relatórios do Museu Paulista apresentados nos prefácios da revista institucional (os quais eram cuidadosamente redigidos por Ihering), há menção a essas viagens; cita-se apenas a de 1901, como visto anteriormente.

Além desse ano, há indicações para Lima como coletor que aqui consideramos errôneas para os anos de 1896 (quando ele sequer havia iniciado seu trabalho no Museu!) e 1900 (março e abril).

E o problema se alarga se considerarmos que Straube & Scherer-Neto (2001), afirmam: “*Lima, durante uma expedição aos arredores de Itapetininga, São Paulo parece ter aproveitado, em julho de 1927, para visitar a região norte do Paraná (Rio das Cinzas, margem direita do Rio Paranapanema), onde coletou uma Pipile jacutinga*”. Essa afirmação é baseada no exemplar mencionado no catálogo de Pinto (1938:103): “*11.366, ♂, Rio das Cinzas (Paraná), Lima coll., Jul. 1927*”.

No entanto, João L. de Lima estava nesta época no Mato Grosso do Sul (Porto Sapé, foz do rio Pardo) e seu filho José (que poderia ter suscitado tal confusão), encontrava-se em Alecrim (litoral de São Paulo) (Pinto,

1945:293). No rótulo do espécime que gerou o impasse (MZUSP-11366) a indicação é um pouco diferente: lá consta “*Parana Rio Cinza*” (corretamente citado por Pinto, 1964:110) e o coletor é simplesmente “Lima”. Parece tentador aceitar que tenha havido um simples erro na indicação de datas, visto que o rio das Cinzas aproxima o seu curso consideravelmente da cidade de Jacarezinho e especialmente do Ribeirão do Bugre que, aliás, é um de seus afluentes da margem esquerda. Mas não se pode descartar que tal coleta tenha sido realizada por um homônimo ou, então, que não se trate de um exemplar genuinamente paranaense.

Essa denominação “Rio das Cinzas” – e suas variações – é tradicionalmente problemática na literatura e foi admitida como pertencente ao Paraná, mas também São Paulo (cf. Vaurie, 1967:15 e Paynter & Traylor, 1991:151). Esse rio é razoavelmente extenso, com cerca de 250 km, nascendo no município de Piraí do Sul na Serra das Furnas (vertente ocidental da Escarpa Devoniana) e desaguardo no rio Parapanema (entre Santa Mariana e Itambaracá – defronte a Cândido Mota, São Paulo), após banhar cidades como Tomazina e os arredores de Jaguariaíva.

Algumas partes de seu curso foram visitadas por Natterer e Saint-Hilaire (Straube, 2012), mas posteriormente surgiram outras indicações com base em espécimes de museu isolados. Veja-se, por exemplo, os dois exemplares de *Aburria jacutinga* (FMNH-400760 e 400761)<sup>19</sup> e o de *Baryphthengus ruficapillus* (FMNH-51102), todos coletados entre 15 e 16 de maio de 1903 no “Rio das Cinzas” – mas sem menção a coletor – e que se tratam de doações da antiga coleção de Henry Boardman Conover ao acervo do *Field*

---

<sup>19</sup> Em Hellmayr & Conover (1942:191) esses dois exemplares são indicados como provenientes do “*Rio das Linga*” (*sic*), o que foi retificado por Paynter & Traylor (1991:151).

*Museum* de Chicago. Certamente essas amostras foram colhidas pelo mesmo coletor de outro espécime (YIO-07132): uma *Aratinga auricapilla*, depositada no *Yamashina Center for Ornithology* em Tóquio (Japão). No rótulo desse último consta claramente: “*Rio das Cinzas*” com data de “16. Mai 1903”.



O exemplar de *Aratinga auricapillus* (YIO-07132) coletado no “Rio das Cinzas” e depositado no *Yamashina Institute for Ornithology*.

Aqui há informações paralelas interessantes: o preenchimento em etiquetas padronizadas impressas para a localidade de “S[ão] Sebastião.- E[stado]. de S[ão]. Paulo” e a cor das partes nuas aparece indicada em alemão.

Nesse sentido, espera-se que seu coletor seja germânico e que tenha trabalhado ativamente naquela região do litoral-norte paulista. Ajuda nesse raciocínio perceber que, da lista das *Aburria jacutinga* guardadas no *American Museum of Natural History* e analisadas por Vaurie (1967:15), as três fêmeas do “*Rio das Cinzas, São Paulo*” aparecem imediatamente depois de dois casais oriundos de “*São Sebastião, São Paulo*”.

O topônimo de São Sebastião foi visitado por vários coletores de aves (p.ex. Pinder, Bicego, Hempel, Gibellini, Lima, Krone, Günther e outros)<sup>20</sup> mas nenhum deles é citado como ali presente em maio de 1903, ao menos nos rótulos de espécimes. No relatório institucional do Museu Paulista para os anos de 1903 e 1904, Rodolpho von Ihering (1907:8-10) assim se manifesta em dois fragmentos, igualmente importantes:

*“O Snr. Ernesto Garbe, naturalista viajante do Museu tem continuado a fazer viagens no interior do Brazil. Em começos de 1903 elle regressou de sua viagem ao Rio Juruá no Estado do Amazonas, sendo-lhe em seguida propostos vários problemas relativos á fauna do Est. de S. Paulo, para o que seguiu primeiro via Faxina, a S. Pedro de Itararé na fronteira do Est. do Paraná [...]”.*

e

*“Especialmente em nosso Estado conseguimos entrar em relação com um certo numero de caçadores que, ensinados pelo nosso preparador já agora nos preparam bons couros ou conservam os*

---

<sup>20</sup> Para revisão, vide Paynter & Traylor (1991:591); ver também Ihering (1897).

*animaes em alcool e assim constantemente lhes compramos bom material. Naturalmente as espécies mais communs se repetem frequentemente, de modo que limitamo-nos a fazer a selecção do que julgamos aproveitável para nossas collecções, devolvendo-lhes o resto para a venda na Europa. Taes senhores são : Mathias Wacket na Serra do Mar ; **Francisco Günther na Ilha de S. Sebastião**; Otto Dreher em Franca”.*

Sob esse panorama, descarto Hempel que, embora estivesse coletando no Paraná (Fazenda Caiuá) naquela data, era estadunidense e não preenchia seus rótulos em alemão. Suponho que se trate de **FRANZ (FRANCISCO) GÜNTHER**, uma vez que a caligrafia é bastante diferente da usada por Ernst Garbe que, diga-se de passagem, jamais deixou de informar o seu nome como coletor dos espécimes. Afinal, Garbe era um colecionador experimentado que, em suas viagens trazia grandes séries e não, portanto, um coletor comerciante de contribuições eventuais, como no caso de Günther (Grola, 2014)<sup>21</sup>.

Retornando a Lima e Ehrhardt, e sobre a importância dos espécimes (de um total de 72 espécies) colecionados por eles, percebe-se que ali estão vários representantes da típica avifauna das florestas estacionais do norte e oeste do Estado

---

<sup>21</sup> Na nota de rodapé 343 de Grola (2014:149) consta uma explicação sobre a participação de Günther junto ao Museu Paulista, aludindo a diversas dúvidas surgidas pela omissão de informações no livro de acessão e, por consequência, no tombamento de espécimes. Segundo esse autor, ele foi desenhista e preparador auxiliar do Museu entre setembro de 1911 e janeiro de 1912, quando faleceu em 9 de janeiro de 1912 (segundo o Diário Oficial de São Paulo ano 22, nº15, edição de 20 de janeiro de 1912). Entre 1905 e 1911 vendeu espécimes, em 19 remessas para a referida coleção, todas oriundas de “ilhas do litoral norte de São Paulo”. Trabalhou colecionando espécimes isolados de aves em Cubatão, Itapeva e outros locais – p.ex. Rio Feio (entre setembro e outubro de 1905) (Pinto, 1938; Pinto, 1944:384; 1945:278).



e que muito têm em comum com aquela encontrada no interior de São Paulo e Minas Gerais. Salienta-se, nesse sentido, o legado deixado por esses dois colecionadores: é a primeira atividade de coleta realmente séria realizada no Paraná desde Natterer!



O araçari *Pteroglossus aracari*, coletado em Jacarezinho por Wilhelm Erhardt em fevereiro de 1901 (MZUSP-11224) (Foto: A. Urben-Filho).

Há no acervo diversas amostras importantes, leia-se testemunhais, de aves hoje muito raras naquilo que restou das florestas do interior e que provavelmente não mais ocorrem nessa região (por exemplo, *Pteroglossus aracari*, *Malacoptila striata*, *Myrmotherula gularis* e *Manacus manacus*). Destaca-se também *Galbula ruficauda*, uma ave amplamente distribuída no Brasil, mas de esparsas ocorrências ao longo do rio Paranapanema e que tem o território paranaense como limite meridional de distribuição, onde sua presença é pobremente documentada.

São também necessárias as menções a *Nyctibius aethereus* e *Dryocopus galeatus* (esse último coletado em Ribeirão do Bugre e Jacarezinho), espécies pouco conhecidas no Brasil devido a escassas informações de ocorrências.



Vistas lateral, ventral e dorsal do exemplar de *Nyctibius aethereus* (MZUSP-1800) coletado por Lima em “Jacaresinho” (= “Ourinho”) e detalhe do rótulo (Foto: Alberto Urben-Filho).

Outro exemplo importante é o da arara-vermelha (*Ara chloropterus*), ali colecionada mas cujo exemplar há muito não mais consta no Museu de Zoologia, provavelmente por deterioração ou permuta com instituições congêneres (Straube, 2010b:80-81); o mesmo se aplica ao

alegado pato-de-crista (*Sarkidiornis sylvicola*) que, embora mencionado por Ihering & Ihering (1907), não se encontra mais naquele acervo<sup>22</sup>.

Levando-se em consideração que Ehrhardt era um comerciante de animais taxidermizados, é admissível considerar que alguns – ou muitos – exemplares de aves por ele obtidos no Paraná e inúmeras outras regiões do Brasil (inclusive Amazônia e particularmente Santa Catarina) estejam dispersos em museus da Europa, em especial da Alemanha. Esse mesmo panorama foi descoberto recentemente para anfíbios e répteis, que somam 2.416 espécimes apenas no *Museum für Naturkunde* de Berlim e atribuídos a esse coletor (Gutsche *et al.*, 2007).

---

<sup>22</sup> É curioso que, dentre as aves citadas por Ihering & Ihering (1907) porém não mais encontradas na coleção por Pinto (1938, 1944, 1964), esse último autor sequer faça menção à localidade, tal como procede com outras fontes.

## ANEXO

### JOÃO L. DE LIMA e WILHELM EHRLHARDT : revisão da contribuição ornitológica ao Paraná

Reavaliação dos registros de espécies atribuídos a João Leonardo de Lima e Wilhelm Ehrhardt, com as denominações atual (destacada) e original (Ihering & Ihering, 1907; Pinto, 1938 e 1944), além do formato *ipsis litteris* das localidades indicadas e eventuais anotações. A atualização nomenclatural segue CBRO (2011), com as alterações de Scherer-Neto *et al.* (2011).

#### ANSERIFORMES ANATIDAE

##### ***Sarkidiornis sylvicola* Ihering & Ihering, 1907**

*Sarkidiornis sylvicola* n. n.

Ihering & Ihering (1907:72 , “Est. Paraná, Ourinho”)

#### ACCIPITRIFORMES ACCIPITRIDAE

##### ***Leptodon cayanensis* (Latham, 1790)**

*Leptodon cayennensis* (Gm.)

Ihering & Ihering (1907:97, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Odontorhynchus palliatus palliatus* (Temminck)

Pinto (1938:62, “1851, ♂, juv., Jacarézinho (Paraná), Lima coll., Abr. 1901)

##### ***Rupornis magnirostris* (Gmelin, 1788)**

*Rupornis magnirostris nattereri* (Scl. e Salv.)

Ihering & Ihering (1907:91, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Rupornis magnirostris magniplumis* (Bertoni)

Pinto (1838:72, “1849, o?, Jacarézinho (Paraná), Lima coll., Março 1901”)

## FALCONIFORMES

### FALCONIDAE

#### ***Micrastur ruficollis* (Vieillot, 1817)**

*Micrastur ruficollis* (Vieill.)

Ihering & Ihering (1907:86, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Micrastur ruficollis* (Vieillot)

Pinto (1938:85-86, “1.852, ♀, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Abr.1901”)

#### ***Micrastur semitorquatus* (Vieillot, 1817)**

*Micrastur semitorquatus* (Vieill.)

Ihering & Ihering (1907:85, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Micrastur semitorquatus semitorquatus* (Vieillot)

Pinto (1938:84-85, “1.848, ♀?, Jacarézinho (Paraná), Lima coll., Abr. 1901”)

#### ***Falco sparverius* Linnaeus, 1758**

*Tinnunculus sparverius cinamominus* (Sws.)

Ihering & Ihering (1907:99-100, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Cerchneis sparverius eidos* (Peters)

Pinto (1938:92-93, “1.850, ♀, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Março 1901”).

## GRUIFORMES

### RALLIDAE

#### ***Pardirallus nigricans* (Vieillot, 1819)**

*Limnopardalus nigricans* (Vieill.)

Ihering & Ihering (1907:27, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Ortygonax nigricans* (Vieillot)

Pinto (1938:110-111, “1.832, ♂, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Ag. 1901”)

## SCOLOPACIDAE

#### ***Tringa solitaria* Wilson, 1813**

*Helodromas solitarius* (Wilson)

Ihering & Ihering (1907:52, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Tringa solitaria solitaria* (Wilson)

Pinto (1938:134-135, “1.769, o?, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Março 1901”)

## JACANIDAE

### ***Jacana jacana* (Linnaeus, 1766)**

*Parra jacana* (Linn.)

Ihering & Ihering (1907:57, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Jacana spinosa jacana* (Linnaeus)

Pinto (1938:124-125, “1.790, ♀, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Abr 1901” e “1.792, ♂ juv., Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Abr. 1901”)

## COLUMBIFORMES

## COLUMBIDAE

### ***Patagioenas cayennensis* (Bonaterre, 1792)**

*Columba rufina sylvestris* Vieill.

Ihering & Ihering (1907:19, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Columba rufina sylvestris* Vieillot

Pinto (1938:157-158, “1.831, ♀, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Mar. 1901”)

### ***Leptotila rufaxilla* (Richard & Bernard, 1792)**

*Leptotila reichenbachii* Pelz.

Ihering & Ihering (1907:23-24, “Est. do Paraná, Ourinho”)

*Leptotila rufaxilla reichenbachii* Pelzeln

Pinto (1938:167, “1.834, ♂, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Mar. 1900”)

## PSITTACIFORMES

## PSITTACIDAE

### ***Ara chloropterus* Gray, 1859**

*Ara chloroptera* Gray

Ihering & Ihering (1907:109, “Est. Paraná, Ourinho”)

### ***Aratinga leucophthalma* (Statius Muller, 1776)**

*Conurus leucophthalmus* (Müll.)

Ihering & Ihering (1907:112-113, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Psittacara leucophthalma leucophthalma* (Müller)

Pinto (1938:187-188, “1.823, ♀ juv., Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Março 1901”)

### ***Aratinga auricapillus* (Kuhl, 1820)**

*Conurus auricapillus aurifrons* Spix

Ihering & Ihering (1907:112, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Aratinga auricapilla aurifrons* Spix

Pinto (1938:190, “1.809, ♀, Jacarézinho (Paraná), Lima coll., Março 1901”)

***Brotogeris tirica* (Gmelin, 1788)**

*Brotogeris tirica* (Gm.)

Ihering & Ihering (1907:118, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Tirica tirica* Gmelin

Pinto (1938:201-202, “1.824, ♂, Ribeirão do Bugre (São Paulo [*sic*]), Ehrhardt coll., Abr 1901”).

***Pionus maximiliani* (Kuhl, 1820)**

*Pionus maximiliani* (Kuhl)

Ihering & Ihering (1907:123, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Pionus maximiliani siy* (Souancé)

Pinto (1938:211-212, “1.814, ♂, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Março 1901”).

CUCULIFORMES

CUCULIDAE

***Piaya cayana* (Linnaeus, 1766)**

*Piaya cayana guarania* Ihering

Ihering & Ihering (1907:161, “Est. Paraná, Ourinho (typo)”)

*Piaya cayana macroura* Gambel

Pinto (1938:174, “1.784, ♂, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Março 1901  
\* Typo de *Piaya cayana* var. *guarania* Ihering, 1904 (Ver. Mus. Paul., VI, p. 448)”).

CAPRIMULGIFORMES

NYCTIBIIDAE

***Nyctibius aethereus* (Wied, 1820)**

*Nyctibius aethereus* (Wied)

Ihering & Ihering (1907:131, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Nyctibius aethereus* (Wied)

Pinto (1938:230, “1.800, ♀, Jacarézinho (Paraná), Lima coll., Abr. 1900”)

CAPRIMULGIDAE

***Nyctidromus albicollis* (Gmelin, 1789)**

*Nyctidromus albicollis derbyanus* Gould

Ihering & Ihering (1907:135, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Nyctidromus albicollis derbyanus* Gould

Pinto (1938:238, “1.854, ♀, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Março 1901”).

APODIFORMES

TROCHILIDAE

***Amazilia versicolor*** (Vieillot, 1818)

*Agyrtria affinis* (Gould)

Ihering & Ihering (1907:145, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Agyrtria versicolor versicolor* (Vieillot)

Pinto (1938:259, “1.867, ♂, Jacarézinho (Paraná), Lima coll., Abr. 1901”)

TROGONIFORMES

TROGONIDAE

***Trogon surrucura*** Vieillot, 1817

*Trogon surrucura* Vieill.

Ihering & Ihering (1907:159, “Est. Paraná, Ourinho”)

CORACIIFORMES

ALCEDINIDAE

***Chloroceryle amazona*** (Latham, 1790)

*Ceryle amazona* (Lath.)

Ihering & Ihering (1907:127-128, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Chloroceryle amazona* (Latham)

Pinto (1938:293-294, “1.798, ♀, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., 1901”)

***Chloroceryle americana*** (Gmelin, 1788)

*Ceryle americana* (Gm.)

Ihering & Ihering (1907:128, “Est. Paraná, Ourinho”)

MOMOTIDAE

***Baryphthengus ruficapillus*** (Vieillot, 1818)

*Baryphthengus ruficapillus* (Vieill.)

Ihering & Ihering (1907:130, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Baryphthengus ruficapillus* (Vieillot)

Pinto (1938:297, “8.664, ♂, Jacarézinho (Paraná), Lima coll., Abr. 1901”)



## GALBULIFORMES

### GALBULIDAE

#### ***Jacamaralcyon tridactyla* (Vieillot, 1817)**

*Jacamaralcyon tridactyla* (Vieill.)

Ihering & Ihering (1907:172, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Jacamaralcyon tridactyla* (Vieillot)

Pinto (1938:305, “1.795, ♂, Jacarézinho (Paraná), Lima coll., Março 1901”)

#### ***Galbula ruficauda* Cuvier, 1816**

*Galbula rufoviridis* Cab.

Ihering & Ihering (1907:170, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Galbula rufoviridis rufoviridis* Cabanis

Pinto (1938:301-302, “1794, ♂, Jacarézinho (Paraná), Lima coll., Jul. [sic] 1901”)

## BUCCONIDAE

#### ***Nystalus chacuru* (Vieillot, 1816)**

*Bucco chacuru* Vieill.

Ihering & Ihering (1907:174, “Est. Paraná, Ourinho”)

#### ***Malacoptila striata* (Spix, 1824)**

*Malacoptila torquata* (Hahn & Küster)

Ihering & Ihering (1907:175, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Malacoptila striata striata* (Spix)

Pinto (1938:314, “1.808, o?, Jacarézinho (Paraná), Lima coll., Fev. 1901”)

## PICIFORMES

### RAMPHASTIDAE

#### ***Ramphastos dicolorus* Linnaeus, 1766**

*Ramphastos dicolorus* Linn.

Ihering & Ihering (1907:166, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Ramphastos dicolorus* Linnaeus

Pinto (1938:327-328, “1.739 e 1.742, ♂♂, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Março 1901”).

#### ***Selenidera maculirostris* (Lichtenstein, 1823)**

*Selenidera maculirostris* (Licht.)

Ihering & Ihering (1907:169, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Selenidera maculirostris maculirostris* (Licht.)

Pinto (1938:333-334, “1.749, ♂, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll. Março 1901”).

***Pteroglossus bailloni* (Vieillot, 18190)**

*Andigena bailloni* (Vieill.)

Ihering & Ihering (1907:167, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Bailloni* *bailloni* (Vieillot)

Pinto (1938:328, “1.750, ♀, Jacarézinho (Paraná), Lima coll., Out. 1896 [sic]”)

***Pteroglossus aracari* (Linnaeus, 1758)**

*Pteroglossus arassari* (Linn.)

Ihering & Ihering (1907:167, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Pteroglossus aracari wiedii* Sturm

Pinto (1938:329, “8.666, ♀, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll. Fev. 1901”)

**PICIDAE**

***Picumnus cirratus* Temminck, 1825**

*Picumnus cirratus* Temm.

Ihering & Ihering (1907:189, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Picumnus cirratus cirratus* Temm.

Pinto (1938:360, “1.783, ♀, Ourinhos (São Paulo), Lima coll., Jan. 1901”)

***Melanerpes flavifrons* (Vieillot, 1816)**

*Melanerpes flavifrons* (Vieill.)

Ihering & Ihering (1907:182, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Tripsurus flavifrons* (Vieillot)

Pinto (1938:337-338, “1.728, ♂, Jacarézinho (Paraná), Lima coll. Março 1901”)

***Colaptes melanochloros* (Gmelin, 1788)**

*Chrysotilus nattereri* Malh.

Ihering & Ihering (1907:180, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Chrysotilus melanochloros melanochloros* (Gmelin)

Pinto (1938:342, “1.779, ♀, Jacarézinho (Paraná), Lima coll. Abr. 1901”)

***Celeus flavescens* (Gmelin, 1788)**

*Celeus flavescens* (Gm.)

Ihering & Ihering (1907:185, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Celeus flavescens flavescens* (Gmelin)

Pinto (1938:344-345, “1.770, ♂, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Março 1901”)

***Dryocopus galeatus* (Temminck, 1822)**

*Ceophloeus galeatus* (Temm.)

Ihering & Ihering (1907:188, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Ceophloeus galeatus* (Temminck)

Pinto (1938:350, “1.773, ♀, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll. Março 1901”)

***Dryocopus lineatus* (Linnaeus, 1766)**

*Ceophloeus lineatus* (Linn.)

Ihering & Ihering (1907:188, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Ceophloeus lineatus lineatus* (Linnaeus)

Pinto (1938:350, “1.774, ♀, Ribeirão dos Bugres (São Paulo [sic]), Ehrhardt coll., Abr. 1901” e “1.776, ♀, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll. Março 1901”)

***Campephilus robustus* (Lichtenstein, 1818)**

*Campephilus robustus* (Licht.)

Ihering & Ihering (1907:188, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Phloeoceastes robustus robustus* (Lichtenstein)

Pinto (1938:353-354, “1767, ♂, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Março 1901”; “1765, ♀, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Março 1901” e “1.766, ♀, Ribeirão dos Bugres (São Paulo [sic]), Ehrhardt coll., Abr. 1901”).

**PASSERIFORMES**

**THAMNOPHILIDAE**

***Myrmotherula gularis* (Spix, 1825)**

*Myrmotherula gularis* (Spix)

Ihering & Ihering (1907:205, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Myrmotherula gularis* (Spix)

Pinto (1938:472, “1.871, ♂, Jacarézinho (Paraná), Lima coll., 1901”)

***Hypoedaleus guttatus* (Vieillot, 1816)**

*Hypoedaleus guttatus* Vieill.

Ihering & Ihering (1907:195, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Hypoedaleus guttatus* (Vieillot)

Pinto (1938:443-444, “1.802, ♂, Jacarézinho (Paraná), Lima coll., Abr. 1901”).

***Drymophila rubricollis* (Bertoni, 1901)**

*Formicivora ferruginea* (Licht.)

Ihering & Ihering (1907:211, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Drymophila ferruginea* (Temminck)

Pinto (1938:487, “1.870, o?, Ribeirão do Bugre (São Paulo [sic]), Ehrhardt coll., Abr. 1901”)

**GRALLARIIDAE**

***Grallaria varia* (Boddaert, 1783)**

*Grallaria varia imperator* Lafr.

Ihering & Ihering (1907:226, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Grallaria varia imperator* Lafresnaye

Pinto (1938:524-525, “1.829, ♀, Jacarézinho (Paraná), Garbe [*sic*!] coll. Março 1901”)

## RHINOCRYPTIDAE

### *Eleoscytalopus indigoticus* (Wied, 1831)

*Scytalopus indigoticus* (Wied)

Ihering & Ihering (1907:192, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Scytalopus indigoticus* (Wied)

Pinto (1938:532, “1.847, ♂, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Março 1901”).

## FORMICARIIDAE

### *Chamaeza campanisona* (Lichtenstein, 1823)

*Chamaeza brevicauda* (Vieill.)

Ihering & Ihering (1907:225, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Chamaeza brevicauda brevicauda* (Vieillot)

Pinto (1938:513-514, “1.856, ♀, Jacarézinho (Paraná), Lima coll. Março 1901”)

## DENDROCOLAPTIDAE

### *Dendrocolaptes platyrostris* Spix, 1825

*Dendrocolaptes picumnus* Licht.

Ihering & Ihering (1907:254, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Dendrocolaptes platyrostris platyrostris* Spix

Pinto (1938:367-368, “1.827, ♀, Jacarézinho (Paraná), Lima coll., Março 1901”)

## FURNARIIDAE

### *Xenops minutus* (Sparrman, 1788)

*Xenops genibarbis* Illiger

Ihering & Ihering (1907:242, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Xenops minutus minutus* (Sparrman, 1788)

Pinto (1938:435-436, “1.853, ♂, Ribeirão do Bugre (São Paulo [*sic*]), Ehrhardt coll., Abr. 1901”)

### *Lochmias nematura* (Lichtenstein, 1823)

*Lochmias nematura* Licht.

Ihering & Ihering (1907:229, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Lochmias nematura nematura* (Lichtenstein)

Pinto (1938:441-442, “1.838, ♂, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Março 1901”).

***Automolus leucophthalmus* (Wied, 1821)**

*Automolus leucophthalmus* (Wied)

Ihering & Ihering (1907:239, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Automolus leucophthalmus leucophthalmus* (Wied)

Pinto (1938:431-432, “1.842, o?, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., 1901”)

***Philydor rufum* (Vieillot, 1818)**

*Philydor rufus* (Vieill.)

Ihering & Ihering (1907:240, “Paraná, Ourinho”).

***Syndactyla rufosuperciliata* (Lafresnaye, 1832)**

*Xenicopsis rufosuperciliatus oleagineus* Scl.

Ihering & Ihering (1907:243, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Syndactyla rufosuperciliata rufosuperciliata* (Lafresnaye)

Pinto (1938:426, “1.841, ♂, Jacarézinho (Paraná), Ehrhardt coll., Out. [sic] 1901”.

***Synallaxis cinerascens* Temminck, 1823**

*Synallaxis cinerascens* Temm.

Ihering & Ihering (1907:231-232, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Synallaxis cinerascens* Temminck

Pinto (1938:411, “1.830, o?, Jacarézinho (Paraná), Lima coll., Abr. 1901”)

**PIPRIDAE**

***Manacus manacus* (Linnaeus, 1766)**

*Chiromachaeris gutturosus* (Desm.)

Ihering & Ihering (1907:302, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Manacus manacus gutturosus* (Desmarest)

Pinto (1944:92-94, “Jacarézinho: ♂, Ehrhardt (1901)”)

**COTINGIDAE**

***Pyroderus scutatus* (Shaw, 1792)**

*Pyroderus scutatus* (Shaw)

Ihering & Ihering (1907:315, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Pyroderus scutatus scutatus* (Shaw)

Pinto (1944:54-55, “Jacarézinho: ♂, Lima, abril 2 (1901)”).

**RHYNCHOCYCLIDAE**

***Leptopogon amaurocephalus* Tschudi, 1846**

*Leptopogon amaurocephalus* Cab.

Ihering & Ihering (1907:277, “Est. do Paraná, Ourinho”)

*Leptopogon amaurocephalus amaurocephalus* Tschudi

Pinto (1944:299-301, “Jacarézinho: sexo ?, Lima, março 24 (1901)”).

***Phylloscartes eximius* (Temminck, 1822)**

*Pogonotriccus eximius* (Temm.)

Ihering & Ihering (1907:274-275, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Pogonotriccus eximius* (Temminck)

Pinto (1944:246-246, “Jacarèzinho: 3 ♂♂, Lima, março 23, 26 e 28 (1900)”)

***Tolmomyias sulphurescens* (Spix, 1825)**

*Rhynchocyclus sulphurescens* (Spix)

Ihering & Ihering (1907:264, “Est. do Paraná, Ourinho”)

*Tolmomyias sulphurescens sulphurescens* (Spix)

Pinto (1944:204-206, “Jacarèzinho: ♂, Lima, março 28 (1901)”).

***Myiornis auricularis* (Vieillot, 1818)**

*Orchilus auricularis pyrrhotis* Berl.

Ihering & Ihering (1907:269-270, “Est. do Paraná, Ourinho”)

*Myiornis auricularis auricularis* (Vieillot)

Pinto (1944:241-242, “Jacarèzinho: ♀, Lima, março 28 (1901)”).

**TYRANNIDAE**

***Hirundinea ferruginea* (Gmelin, 1788)**

*Hirundinea bellicosa* (Vieill.)

Ihering & Ihering (1907:289, “Est. Paraná, Ourinho [sic]”)

*Hirundinea bellicosa bellicosa* (Vieillot)

Pinto (1944:195-196, “Ribeirão do Bugre (Jacarèzinho): sexo?, Lima, abril 2 (1901)”).

***Platyrinchus mystaceus* Wied, 1818**

*Platyrhynchus mystaceus* (Vieill.)

Ihering & Ihering (1907:263, “Est. do Paraná, Ourinho”)

*Platyrinchus mystaceus mystaceus* Wied

Pinto (1944:201-202, “São Paulo [sic] Ourinhos: ♀, Lima, março 26 (1901)”.

Na descrição da distribuição geográfica, Pinto (1944:201) não inclui a localidade paulista de Ourinhos e menciona “Paraná (Castro, Jacarèzinho [...])”.

***Tyrannus melancholicus* Vieillot, 1819**

*Tyrannus melancholicus* Vieill.

Ihering & Ihering (1907:295, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Tyrannus melancholicus melancholicus* Vieillot

Pinto (1944:135-137, “São Paulo [sic] Ourinhos: sexo ?, Ehrhardt, março 23 (1901)”.

Na descrição da distribuição geográfica, Pinto (1944:135) não inclui a localidade paulista de Ourinhos e menciona “Paraná (Jacarèzinho, [...])”.

***Colonia colonus* (Vieillot, 1818)**

*Copurus colonus* Vieill.

Ihering & Ihering (1907:262, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Colonia colonus colonus* (Vieillot)

Pinto (1944:110-111, “Jacarèzinho: ♂, Lima, março 27 (1901)”).

## CORVIDAE

### ***Cyanocorax chrysops* (Vieillot, 1818)**

*Cyanocorax chrysops* (Vieill.)

Ihering & Ihering (1907:404, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Cyanocorax chrysops chrysops* (Vieillot)

Pinto (1944:325-327, “Jacarèzinho, ♂, Ehrhardt, março 19 (1901)”).

## HIRUNDINIDAE

### ***Progne chalybea* (Gmelin, 1789)**

*Progne chalibea domestica* (Vieill.)

Ihering & Ihering (1907:340, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Progne chalybea domestica* (Vieillot)

Pinto (1944:309-310, “Jacarèzinho, ♂, Ehrhardt, março 20 (1901)”).

## THRAUPIDAE

### ***Saltator fuliginosus* (Daudin, 1800)**

*Pitylus fuliginosus* (Daud.)

Ihering & Ihering (1907:372, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Pitylus fuliginosus* (Daudin)

Pinto (1944:600-601, “São Paulo [sic] Ribeirão do Bugre (pto de Salto Grande do Paranapanema): ♀, Ehrhardt, abril 3 (1901)”).

### ***Pyrrhocomma ruficeps* (Strickland, 1844)**

*Pyrrhocomma ruficeps* (Strick.)

Ihering & Ihering (1907:379, Est. Paraná, Ourinho”)

*Pyrrhocomma ruficeps* (Strickland)

Pinto (1944:528, “Jacarèzinho: ♂, Ehrhardt, março (1901)”

### ***Trichothraupis melanops* (Vieillot, 1818)**

*Trichothraupis melanops* (Vieill.)

Ihering & Ihering (1907:364, “Est. do Paraná, Ourinho”)

*Trichothraupis melanops* (Vieillot)

Pinto (1944:524-526, “Jacarèzinho: ♀, W. Ehrhardt, março 27 (1901)”).

### ***Ramphocelus carbo* (Linnaeus, 1766)**

*Ramphocelus carbo connectens* Berl. & Stolz.

Ihering & Ihering (1907:359, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Ramphocelus carbo centralis* Hellmayr

Pinto (1944:501-503, “Jacarèzinho: ♂, Ehrhardt (1901)”).

***Dacnis cayana* (Linnaeus, 1766)**

*Dacnis cayana* (Linn.)

Ihering & Ihering (1907:343, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Dacnis cayana paraguayensis* Chubb

Pinto (1944:418-419, “São Paulo [sic] Ourinhos: ♀, Lima, março 27 (1901)”).

**PARULIDAE**

***Basileuterus culicivorus* (Deppe, 1830)**

*Basileuterus auricapillus* (Sws.)

Ihering & Ihering (1907:333, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Basileuterus auricapillus auricapillus* (Swainson)

Pinto (1944:440-441, “Jacarézinho: sexo ?, Ehrhardt, março 20 (1901)”)

***Phaeothlypis rivularis* (Wied, 1821)**

*Basileuterus stragulatus* Licht.

Ihering & Ihering (1907:334, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Basileuterus rivularis rivularis* (Wied)

Pinto (1944:442-443, “Jacarézinho: ♂, Lima, março 28 (1901)”).

**FRINGILLIDAE**

***Euphonia pectoralis* (Latham, 1801)**

*Euphonia pectoralis* Lath.

Ihering & Ihering (1907:349, “Est. Paraná, Ourinho”)

*Tanagra pectoralis* (Latham)

Pinto (1944:460-461, “Jacarézinho: ♂, Lima, março 22 (1901)”).



# 1901

## RICHARD WETTSTEIN

**RICHARD WETTSTEIN**, *Ritter von Westersheim*<sup>23</sup> (n. Viena, Áustria: 30 de junho de 1863; f. Trins, Tirol, Áustria: 10 de agosto de 1931) foi um dos mais famosos botânicos europeus do início do Século XX<sup>24</sup>. Estudou na universidade de Viena, onde concluiu seu doutorado em 1884 sob orientação de Julius von Wiesner e Anton Joseph Kerner (*Ritter von Marilaun*). Desse último foi sucessor na instituição, lecionando Botânica Sistemática e passando – no mesmo ano – ao posto de professor assistente, depois titular (1886) e, então (1892), professor de Botânica sistemática na universidade “germânica” de Praga (atualmente na República Tcheca).

Em 1899 assumiu a diretoria do jardim botânico de Viena e, entre 1913 e 1914, tornou-se reitor da universidade vienense. Em 1910 foi nomeado para uma cadeira na academia austríaca de Ciências (*kaiserlichen Akademie der*

---

<sup>23</sup> Cavaleiro de Westersheim, título de nobreza confundido como um sobrenome. Um de seus filhos (Friedrich “Fritz” Wettstein von Westersheim: 1865-1945), com o qual é eventualmente confundido, foi um dos produtivos coletor e estudioso da Botânica, radicado principalmente em Munique (Alemanha) onde dirigiu o jardim botânico local. Outro filho era Otto von Wettstein (Otto Wettstein-Westersheim: 1892-1967), antes interessado em aves e memífeors e, posteriormente, herpetólogo do museu de história natural de Viena, sendo autor de inúmeras contribuições, incluindo a descrição do anfíbio microhilídeo *Stereocyclops parkeri* (Wettstein, 1934) e do cecilídeo *Chthonerpeton viviparum* (Parker & Wettstein, 1929).

<sup>24</sup> Sua efígie aparece na cédula de 50 *schillings* austríaca, lançada em 1962. Ele foi autor, dentre vários artigos e livros (cerca de 85 títulos, entre 1885 e 1918), do clássico “*Handbuch der Systematischen Botanik*”, lançado em dois volumes, subdivididos em 4 partes, entre 1901 e 1907, com pelo menos três reedições.

*Wissenschaften in Wien*), chegando ao cargo de vice-presidente. Junto ao mentor e amigo Julius Wiesner, presidiu – em 1905 – o congresso internacional de Botânica, realizado em Viena (Wettstein *et al.*, 1906; Stafleu & Cowan, 1988).

Viajante experimentado, visitou o Brasil, os EUA e vários países da África. Seus interesses concentravam-se na sistemática vegetal, fisiologia e evolução, ficando bem conhecida a tradução convertida no livro “Aspectos da vegetação do sul do Brasil” (Wettstein, 1970; publicado originalmente em 1904 como “*Vegetationsbilder aus Südbrasilien*”).

Em 1901, Wettstein participou de uma expedição organizada pela academia imperial de ciências de Viena com o objetivo de realizar coleta de material biológico e pesquisas sobre fitogeografia<sup>25</sup>. Com ele chegaram, ao porto de Santos (15 de maio), o botânico dedicado a criptógamas Viktor Schiffner, o geólogo, médico e pintor Friedrich R. von Kerner e o jardineiro August Wiemann<sup>26</sup>. Além desses, teriam feito parte do grupo os senhores Artur Wachsmund e Matthias Wacket<sup>27</sup> que, segundo consta (Wettstein, 1908:1),

---

<sup>25</sup> As cartas enviadas por Wettstein para a academia, eram lidas nas sessões da entidade e em seguida publicadas no *Anzeiger der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften Mathematisch-Naturwissenschaftliche Classe* de 1901 (p.163-164, 169-170, 216-220 e 278-281, mas também uma notícia preliminar em 1903:295-296). Há também uma descrição da viagem por meio de uma carta de Schiffner, publicada na *Sitzungsberichte der Deutschen Wissenschaftliche Medicinischen-Vereines für Böhmen “Lotos” in Prag* 49:187-190 (1901).

<sup>26</sup> Prutsch (1994) refere-se a: “*El ictiologo (especialista en peces) Franz Steindachner, los geólogos Friedrich Katzer y J. von Siemiradzky, el especialista en algas Viktor Schiffner y el botánico Richard von Wettstein tomaron parte en la expedición de la Real Academia de Ciencias en 1903*”. Essa informação é errônea e destoa da biografia de alguns dos alegados participantes (*vide* verbetes Wettstein e Schiffner em Urban (1908), e também Główniak (2007)).

<sup>27</sup> Wackett teria se radicado no Brasil, falecendo em São Paulo em 23 de novembro de 1923. Por sua vez, Wachsmund, sempre tratado como “*Reisebegleiter*” (companheiro de viagem) era um tipo de guia, alistado em algum momento da peregrinação mas tendo sem dúvida auxiliado na coleta de espécimes (*vide* nota de rodapé em Wettstein, 1908:62). É a mesma pessoa que, em início de 1903, participou como auxiliar preparador da expedição liderada por Franz Steindachner (então diretor do Museu de Viena). Essa viagem, cabe

teriam atuado como assistentes, colecionadores e preparadores.

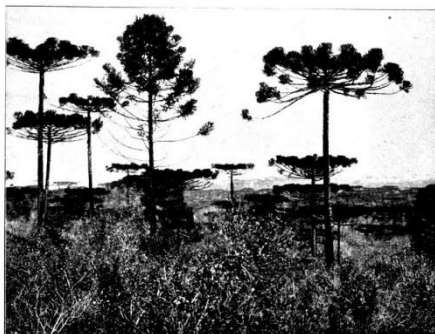


Abb. 396. *Araucaria brasiliana* in Südbrasilien. – Original.

**Richard Wettstein (1863-1931)** e foto de “*Araucaria brasiliana in Südbrasilien*” (“*Araucaria brasiliana* [= *Araucaria angustifolia*] no sul do Brasil”) (Fontes: acervo *Bildarchiv der Österreichischen Nationalbibliothek* de Viena, Áustria e Wettstein, 1901-1907:451).

Durante a viagem, que durou quase cinco meses (além de três meses em percurso marítimo)<sup>28</sup>, a equipe percorreu uma vasta região do leste paulista, primeiro pelo litoral (Santos, Bertioga, Itanhaem) chegando à capital e acompanhando o interflúvio dos rios Tietê e Paranapanema (p.ex. Itapecerica da Serra, Sorocaba, fazenda Ipanema, Itapetininga, Botucatu, Cerqueira César, Santa Cruz do Rio

---

lembrar, contava com os préstimos do austríaco Otmar Reiser (1861-1936), que foi o primeiro a encontrar a ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii*), desde sua descoberta, 84 anos antes por Johann B. von Spix. Aparentemente Wachsmund radicou-se nas adjacências de São Paulo de onde procedem vários exemplares datados de 1901, notadamente de São Bernardo [do Campo].

<sup>28</sup> O jornal “A republica” (nº 122, p.1) de 29 de março de 1901 informa: “*Comissão Científica. Acha-se no Estado de S. Paulo, há dias, a Comissão Científica austro-hungara, que veio de Vienna afim de proceder ao estudo da fauna e flora brasileiras, e especialmente do Paraná [sic]. A comissão é composta dos seguintes membros: drs. Richard Ritter von Wettstein, Victor Schiffner, Friedrich Kerner Ritter von Marilann, e sr. August Wiemann*”.

Pardo, Salto Grande); depois, avançaram pelo alto vale do Paranapanema e Ribeira chegando, por fim, ao litoral (Iguape). Estiveram, dessa forma, em localidades muito próximas da divisa com o Paraná, como Capão Bonito, Itapeva (“*Faxina*”) e parte do vale do Ribeira (por exemplo, Apiaí, Iporanga e Ilha Comprida).

Além disso, quando da estada na região de Santa Cruz do Rio Pardo, aproveitaram para visitar as margens do rio Paranapanema, precisamente no conhecido “Salto Grande do Paranapanema” que, nas palavras de Wettstein (1908:12), estaria a uma altitude de “*ca. 500 m s.m.*”<sup>29</sup>. Ali “[em] uma grande e poderosa cachoeira formada por este rio, a expedição acampou a fim de dedicar um maior tempo de investigação daquele lugar extremamente interessante<sup>30</sup>”.

Consta, desta forma, que também visitaram as margens paranaenses daquele rio (Urban, 1908): “*...ad cataractas Rio Paranapanema (Salto Grande, 23.VII.seq.)*,”

---

<sup>29</sup> Pietrobon *et al.* (2012) inadvertidamente consideram a localidade visitada por Wettstein como “periférica” ao chamado Pontal do Paranapanema, “ca. 150 km em linha reta da reserva do Morro do Diabo”, portanto na divisa com o Mato Grosso do Sul. Sobre os problemas para a localização precisa do topônimo vide adiante sob Hempel.

<sup>30</sup> “*Am Salto Grande, einem grossartigen, von diesem mächtigen Strome gebildeten Wasserfall, schlug die Expedition ihr Zeltlager auf, um längere Zeit sich der Durchforschung dieses üiberaus interessanten Gebietes zu widmen*” (Editorial do periódico *Plant Systematics and Evolution*, 1901: vol 51, n° 11, p.446-447). O texto de Wettstein (1908:4) é um pouco diferente: “*Am 23. Juli endlich gelangten wir nach einer infolge schlechten Wetters recht beschwerlichen mehrtägigen Tour an den Salto Grande do Paranapanema. Einen Kilometer vom Flusse entfernt schlugen wir unsere Zelte auf, um mehrere Tage der Durchforschung der sehr interessanten Umgebung dieses mächtigen Wasserfalles zu widmen. Da es unserem Reisebegleiter Wachsmund gelang, einige Indianer zur Beistellung eines Bootes zu bestimmen, konnten wir auch, dem Laufe des Paranapanema folgend, dessen interessante Uferflora kennen lernen. Diese Exkursion schloß mit dem Besuche einer Niederlassung von Indianern aus dem Stamme der Coyoa. Das gewaltige Anwachsen unserer Sammlungen zwang uns zur Rückkehr vom Paranapanema [...]*”. [“Em 2-3 de julho chegamos ao fim da árdua jornada, devido ao mau tempo, que nos levou ao Salto Grande do Paranapanema. A 1 km do rio armamos nossas barracas, a fim de dedicar vários dias investigando os interessantes arredores dessa poderosa cachoeira. Como nosso guia Wachsmund conseguiu localizar alguns índios para a cessão de um barco, também se pôde, seguindo o Paranapanema, acessar a flora interessante de suas margens. Esse passeio terminou com a visita a uma tribo de índios caiuás. O enorme crescimento de nossas coleções, obrigou-nos a retornar do Paranapanema...”].

*in Paranapanema flumine secundo ad Ilha Grande, im ripam fluminis sinistram* (civit. Paraná, 27.VII), retro (28.VII) ultra Salto Grande do Paranapanema...” (Urban, 1908; o grifo é meu)<sup>31</sup>. Esse momento foi, inclusive, documentado por uma fotografia que ilustra a versão portuguesa da obra de Wettstein (1970:117)<sup>32</sup> representando claramente ter sido colhida na margem esquerda do rio Paranapanema<sup>33</sup>.

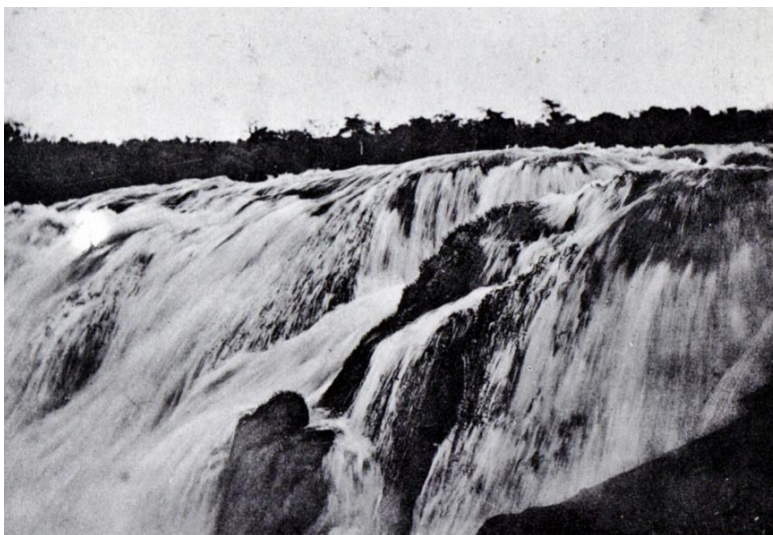


Foto de Wettstein enfatizando “*Podostemonaceae vegetation at Salto Grande on the Rio Paranapanema, ca. 360 m alt.*”, colhida em “24-VII-1901” no lado paranaense do rio Paranapanema (Fonte: Wettstein, 1970)<sup>34</sup>.

---

<sup>31</sup> Há numerosas coletas de plantas agregadas pelo topônimo uniformizado “Salto Grande”, via de regra atribuído ao estado de São Paulo, inclusive de táxons que foram descritos com material dali proveniente. No entanto, é provável que algumas sejam genuinamente paranaenses.

<sup>32</sup> Também há inúmeras fotos do engenheiro Edward Dukinfield Jones, obtidas em 1877 e provavelmente publicadas no livro “*Views in the state of Paraná*” de 1894 (ver Straube, 2014:148, nota de rodapé).

<sup>33</sup> Na margem paranaense deste rio (hoje município de Cambará, outrora “Fazenda Cayoá”) é que foi colhida uma valiosa e abrangente documentação da avifauna daquela região, apenas dois anos depois, pelos esforços de Adolph Hempel (Straube *et al.*, 2002).

<sup>34</sup> Essa mesma imagem aparece em Wettstein (1924:899 – figura 461).

Em setembro de 1901 decidiram viajar, a partir de Santos, para o Rio de Janeiro, de onde seguiram para as regiões de grandes altitudes do Itatiaia, na divisa com Minas Gerais, chegando – segundo Wettstein (1908:12) – à cota de 2.750 metros, em plenos campos de altitude.

Com o retorno à Áustria, em outubro, a missão ainda manteve, no Brasil um dos auxiliares (Wacket) em plena atividade de colecionamento. Com isso, os resultados se estenderam para algumas localidades na divisa entre São Paulo e Minas Gerais e, também, para Antonina no Paraná (em 1904) onde esse visitou – além das adjacências do porto – o bairro de Cachoeira de Cima (“*Oberer Cachoeira bei Antonina*”)<sup>35</sup>.

O legado de expedição foi estimado em cerca de 20 mil números de cerca de 4.000 espécies, incluindo toda a sorte de plantas, não apenas como exsicatas mas também flores e frutos conservadas em álcool. Tudo foi destinado ao herbário do museu de Viena e cerca de 5 mil plantas vivas de orquídeas e bromélias foram plantadas no jardim botânico da mesma cidade (Urban, 1908) que, na época, era dirigido pelo próprio Wettstein<sup>36</sup>.

Embora a jornada tenha sido primariamente voltada à coleta de espécimes botânicos para herbários e também o cultivo em Viena, a diversidade de itens foi muito maior, em certos casos incluindo materiais um tanto inovadores para a época. Dessa forma, os resultados não se resumiram a exsicatas, amostras de madeiras e sementes, mas também centenas de fotografias (colhidas pelo próprio Wettstein) e

---

<sup>35</sup> Antes que algum mal-entendido possa surgir, reitero que a localidade “*prope* [perto de] *Lapa*”, refere-se ao bairro paulistano e não à cidade histórica paranaense, onde nem Wettstein, nem seus auxiliares estiveram.

<sup>36</sup> Incluem-se aí as coleções particulares dos botânicos José de Campos Novaes (também advogado e historiador, autor de várias obras sobre a flora da região de Campinas) e Juan Ignacio Puiggari (um dos primeiros a estudar os fungos e briófitos brasileiros, residente em Apiaí, São Paulo; *vide* Puiggari, 1881), ambas adquiridas pela missão austríaca.

amostras fonográficas sobre os índios guarani, que foram incorporadas ao recém-criado “*Phonogrammarchiv*” da academia austríaca de ciências.

Além disso, um considerável número de aquarelas, produzido *in situ* por Kerner<sup>37</sup> foi incluído à bagagem, assim como objetos de interesse antropológico (amostras recolhidas de sambaquis) e geológico (minerais e rochas).

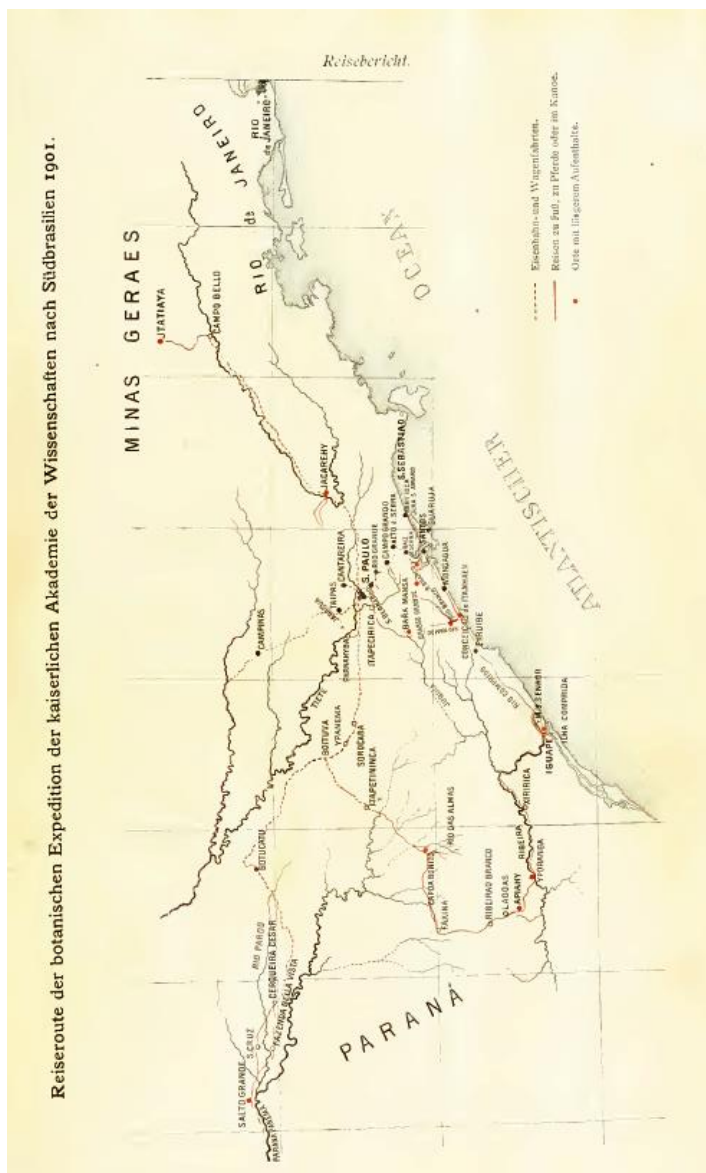
Da naturália em geral, foram coletados insetos e crânios de mamíferos, bem como peles, ninhos e ovos de aves (Wettstein, 1908:2). Até o presente não foi possível resgatar nenhuma informação sobre esses exemplares zoológicos mas se sabe, no entanto, que as atividades contaram com a colaboração de Hermann von Ihering, bem como de certos integrantes (Albert Löfgren e Gustaf Edwall) da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo<sup>38</sup>.

O último parágrafo da versão em português de seu livro, assim conclui sobre o conteúdo da obra: “*Uma permanência relativamente curta no país termina para o naturalista, não tanto com sentimento de satisfação pelo que foi visto e reconhecido, quanto com a idéia de que muitos fenômenos aqui ainda esperam verificação e interpretação*” (Wettstein, 1970:116).

---

<sup>37</sup> Parte das fotos obtidas por Wettstein e reproduções das aquarelas de Kerner, estão encartadas em Wettstein (1970).

<sup>38</sup> O jornal “A republica” (26 de outubro de 1901, n°243:2) noticiou o retorno da expedição a Londres, informando: “*O professor dr. Wettstein conseguiu reunir magnificas collecções de passaros e de orchídeas jámais classificadas*”.



Reiseroute der botanischen Expedition der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften nach Südbrasilien 1901.

Itinerário da expedição de Wettstein ao “sul do Brasil” em 1901  
(Fonte: Wettstein, 1908).



# 1901

## ALPHONSE ROBERT

Pouco, ou quase nada, foi possível reunir sobre o coletor profissional, provavelmente francês<sup>39</sup>, chamado **ALPHONSE ROBERT**. Não há dúvida, entretanto, que é mais uma daquelas enigmáticas personalidades ligadas à História Natural no Brasil, cuja biografia mereceria um resgate, considerando-se a maiúscula extensão de seu legado.

O mastozoólogo Oldfield Thomas<sup>40</sup>, que fartamente se beneficiou do material por ele coligido, escreveu: “*Mr. Robert is one of the best of modern collectors, and has been highly successful in obtaining valuable material, among others the types of Lonchophyla [g.n.] mordax, Sciurus ingrami, Coendou roberti, Oxymycterus quaestor and roberti*” (Thomas, 1906)<sup>41</sup>.

---

<sup>39</sup> Embora mencionado como “francês” em pelo menos três fontes (Snethlage, 1914:9; Jenkins & Carleton, 2005:1809; Beolens *et al.*, 2009:343) não foi possível confirmar essa afirmação, para a qual faltam fontes mais fidedignas.

<sup>40</sup> “F.R.S.” [= *Fellow of the Royal Society*], Michael Rogers Oldfield Thomas (n. Millbrook, Bedfordshire, Inglaterra: 21 de fevereiro de 1858; f. Londres, Inglaterra: 16 de junho de 1929) trabalhou no Museu Britânico entre 1876 e 1923, quando se aposentou. Foi um dos mastozoólogos mais prolíficos do mundo, tendo descrito em torno de 2900 mil novos táxons de mamíferos, em um total de 1092 artigos técnicos. Para uma biobibliografia, veja Hill (1990).

<sup>41</sup> Um tipo de esquilo obtido em Pernambuco por Robert, foi denominado *Sciurus roberti* por Thomas. Porém, ao perceber que o nome era pré-ocupado, o descritor apressou-se em dar-lhe um novo nome – agora *Sciurus alphonsei*. Thomas tinha grande apreço por Robert e sua competência como coletor. No entanto, seu perfil de cientista centrava-se mais em um padrão de redação ortodoxo e puramente descritivo, razão pela qual não chegou – lamentavelmente – a deixar informações biográficas ou de cunho pessoal sobre Robert.

Também se sabe que ele foi assistente do zoólogo e paleontólogo inglês Charles Immanuel Forsyth Major (1843-1923) quando de sua expedição a Madagascar (1894), merecendo inclusive citação no artigo referente à coleção obtida<sup>42</sup>:

*“In conclusion it is my duty to speak in the highest terms of the intelligence, pluck, and perseverance displayed by my young assistant<sup>43</sup>, Mr. Alphonse Robert, who refused to leave me when his life was in danger from staying with me”* (Major, 1896:981).

Por vários anos acreditamos que o interesse de Robert pelo Brasil era apenas mastozoológico<sup>44</sup> (*vide* Straube & Scherer-Neto, 2001), visto sua contribuição com generosa quantidade de exemplares brasileiros para as coleções do museu britânico (1200 números ao total),

---

<sup>42</sup> Ver também a seção “*Notes and Comments*” do volume 9 (julho a dezembro de 1896; pp. 224-225) da revista “*Natural Science: a Monthly Review of Scientific Progress*”, editada em Londres. Jenkins & Carleton (2005) também fazem várias menções a Robert, inclusive sobre duas espécies de lêmures que levam o seu nome (*Nesopithecus roberti* e *Gymnuromys roberti*), ambos descritos por Major. Segundo esses autores, Major tinha especial gratidão pelo papel desempenhado por Robert que, embora sob constante tensão devido a uma série de problemas sociais em Madagascar, assumiu grandes responsabilidades durante a expedição, inclusive a supervisão do trabalho de campo em diversas localidades.

<sup>43</sup> Apesar da imprecisão do adjetivo, poderia sugerir que Robert nasceu por volta de 1870-1875.

<sup>44</sup> De fato, o trabalho de Robert era eminentemente voltado aos mamíferos, como relata Hellmayr (1905:294) “*It seems that the species is by no means rare near Pará since M[r].A.Robert, who was chiefly engaged in collecting mammals, could get three specimens within a few days*”. O início de sua carreira como coletor ocorreu provavelmente na Suíça e França, de onde colecionou espécimes cedidos ao Museu Britânico (Sharpe, 1906). Recentemente descobri que ele também coletou musgos durante sua permanência no Paraná, conforme comprovam três números de *Aerobryopsis longissima*, *Pilotrichella flexilis* e *Meteorium crinitum*, atualmente no herbário da *Société Nationale des Sciences Naturelles et Mathématiques de Cherbourg* (França) e colhidos em Roça Nova em 1901. Também coletou plantas, ao menos na Chapada dos Guimarães (Mato Grosso), conforme menções esparsas na literatura.

inclusive de espécies tidas como novas de roedores e cervídeos, algumas delas com localidade-tipo paranaense<sup>45</sup>.

Com base na literatura (em especial Paynter & Traylor, 1991) poder-se-ia organizar as viagens brasileiras de Robert na sequência: 1901 – São Paulo: Piquete, Cruzeiro e Fazenda Ipanema (fevereiro e março)<sup>46</sup>; Minas Gerais: Ribeirão Jordão, Romaria e certos pontos do rio São Francisco (abril a junho); Paraná: Morretes (agosto e setembro) e Roça Nova (agosto a dezembro); 1902 – Mato Grosso do Sul: Corumbá (junho; vide Smith, 1903); Mato Grosso: Chapada dos Guimarães (junho; vide Lopes *et al.*, 2009); 1903 – Espírito Santo: Estação Reeve (março e abril); Bahia: Lamarão (maio e junho)<sup>47</sup>; Pernambuco: São Lourenço da Mata (julho e agosto); 1904 – Pará: Igarapé-açu (janeiro a maio)<sup>48</sup>; 1905 – Pará: Santo Antônio do Prata (outubro de 1905).

De uma maneira geral, os poucos pesquisadores que estudaram – ou simplesmente mencionaram – o material por ele coletado, demonstram um incômodo laconismo no que diz respeito à sua biografia e mesmo aos pontos de coleta,

---

<sup>45</sup> *Akodon serrensis*, *Coeudou roberti*, *Oxymycterus roberti* (Thomas, 1902); *Oxymycterus quaestor* (Thomas, 1903), *Loncheres medius* (Thomas, 1909) e *Cavia rosida* (Thomas, 1917).

<sup>46</sup> Segundo Thomas (1901:526): “*Mr. Robert has already sent collections from Piqueté, Cruzeiro, and other localities near the borders of Southern Minas and Eastern São Paulo [...] [Sr. Robert acaba de enviar coleções de Piquete, Cruzeiro e outras localidades próximas dos limites entre o sul de Minas Gerais e leste de São Paulo]*”. E ainda “*Mr. Alphonse Robert has sent from Ypanema, São Paulo, a number of interesting leaf-nosed bats [...]. [“Sr. Alphonse Robert enviou de Ipanema, São Paulo, um certo número de filostomídeos interessantes”]*” (Thomas, 1902a:53). Naumburg (1939:267 e 268, nota de rodapé), no entanto, menciona um exemplar de *Myrmeciza loricata* de Cruzeiro, colecionado em 20 de novembro de 1900.

<sup>47</sup> No início de 1903, Otmar Reiser também estava na Bahia, participando da expedição da academia de ciências de Viena, sob comando de Franz Steindachner. Apparently não houve nenhuma conexão com a estada de Robert. Sobre a localização desse topônimo, localidade-tipo (designação subsequente) de *Callithrix penicillata*, vide Rylands *et al.* (2009:35-36).

<sup>48</sup> Sneath (1914:9) apenas aponta “*Uma coleção pequena, mas muito interessante, feita pelo colecionador francez Mr. A. Robert em Igarapé-Assu...*”.

itinerários e datas de permanência no Brasil<sup>49</sup>. Dessa forma, apesar de ser mencionado sempre de maneira elogiosa, é incipiente o que se pode reunir sobre sua vida, legado e mesmo sobre suas viagens. Poucos dos que contribuíram nessa tarefa foram o próprio Thomas (1901, 1902a,b, 1903a,b, 1904a,b, 1905, 1909, 1912, 1917) e mesmo o ornitólogo Charles E. Hellmayr (1905, 1906, 1908, 1914, 1915, 1929).

Tudo indica que embora Robert tenha permanecido no Brasil por vários anos, sua estada foi subdividida em viagens particulares, que eram conduzidas provavelmente de acordo com o financiamento que lhe era parcial e gradativamente fornecido. O editorial da revista *Nature* (1903: vol. 69:203-207) trata claramente dessa relação comercial:

“M[r.] ALPHONSE ROBERT, the energetic natural history collector who accompanied Dr. Forsyth Major some years ago in his expedition to Madagascar, and who only returned to England a few months ago from a three years’ sojourn in Brazil, has just started on another collecting trip to the latter country, where his first destination is Para<sup>50</sup>. The expenses of both the previous and the present expedition, which are undertaken in the interests of the British Museum, are borne by Mrs. Percy Sladen. M[r.] Robert, we

“Sr. ALPHONSE ROBERT, o ativo coletor de história natural que, há alguns anos atrás, acompanhou o Dr. Forsyth Major em sua expedição a Madagascar e que há apenas poucos meses atrás retornou à Inglaterra depois de uma viagem de três anos ao Brasil, acaba de iniciar uma nova expedição de coleta para o citado país, que terá como primeiro destino o Pará. Os custos da viagem anterior e também dessa, que são de interesse do Museu Britânico, são financiados pela Sra. Percy Sladen. O Sr. Robert, com soubemos, pretende

<sup>49</sup> Note-se que Thomas (1903:464) parece ter ignorado o fato de Robert ter prosseguido coletando no Brasil até outubro de 1905: “*Sciurus Ingrami was the first of the many discoveries made by Mr. Robert during his highly sucessful collecting tour in Brazil, and I have now had much pleasure in naming after him the present squirrel, its ally, obtained at the last locality worked by him before his return to Europe*” [*Sciurus Ingrami* foi a primeira dentre as muitas descobertas feitas pelo sr. Robert durante sua altamente bem-sucedida viagem de colecionamento no Brasil, e agora eu tenho o prazer de nomear em sua homenagem o presente esquilo, obtido na última localidade trabalhada por ele antes de seu retorno à Europa”] – referindo-se a um espécime coletado em São Lourenço (Pernambuco) em 29 de julho de 1903.

<sup>50</sup> Aqui a nota alude ao primeiro destino da última viagem, como se conclui com a leitura do texto completo. Mas, considerando-se a data da publicação, deve haver uma confusão.

*understand, intend to spend some time collecting at Para, and thence to ascend the Amazons into the Peruvian territory. The specimens collected by M[r]. Robert during his last trip has done much to increase our knowledge of the mammalian fauna of the Matto Grosso and adjacent districts of Brazil, and the novelties obtained have been from time to time recorded by Mr. O. Thomas in the Annals of the Natural History. Among these are several new bats (one indicating a new generic type), a squirrel, and a new race of the crab-eating fox (Canis thous angulensis). M[r]. Robert has also obtained a fine series of skins of the large and handsome brown wooly spider-monkey (Brachyteles arachnoides), a pair of which are now being set up by Mr. Rowland Ward for the British (Natural History) Museum”.*

despender algum tempo coletando no Pará e, então, subir o [rio] Amazonas através do território peruano. Os espécimes colecionados pelo Sr. Robert, durante sua última viagem trouxeram grandes adições para o conhecimento da mastozoofauna do Mato Grosso e distritos adjacentes do Brasil e as novidades obtidas têm sido de tempos em tempos noticiadas pelo sr. O. Thomas no *Annals of the Natural History*. Entre elas há vários morcegos novos (um deles indicado como um novo gênero), um esquilo e uma nova raça de cachorro-domato (*Canis thous angulensis*). Robert também obteve uma bela série de peles do grande e bonito macaco-aranha marrom lanoso [muriqui] (*Brachyteles arachnoides*), sendo que um casal está sendo criado pelo Sr. Rowland Ward para o Museu Britânico (de História Natural)”.

Os espécimes de mamíferos tiveram como destino o *British Museum* e deram entrada no ano de 1903 por meio de compras ou mesmo doações, segundo Thomas (1906:17, 51) que também fornece outras pistas sobre o acervo de Robert recém-adquirido e assim composto:

*“237 Mammals from São Paulo, Brazil ; 108 from Minas Geraes, and 130 from Parana. Purchased.*

*181 from Matto Grosso. Presented by Mrs. Percy Sladen.*

*115 from Espirito Santo; 164 from Bahia; 126 from Pernambuco, and 112 from Para. Presented by Oldfield Thomas.*

*About 1200 specimens in all.*

*Although the Parana and São Paulo specimens have been purchased, the expedition was materially aided financially by the generosity of Sir William Ingram and the Hon. Walter Rothschild.*

*“237 mamíferos de São Paulo, Brasil; 108 de Minas Gerais, e 130 do Paraná. Comprados.*

*181 do Mato Grosso. Presenteados pela Sra. Percy Sladen.*

*115 do Espírito Santo, 164 da Bahia; 126 de Pernambuco e 112 do Pará. Presentados por Oldfield Thomas.*

*Cerca de 1200 espécimes no total.*

*Embora os espécimes do Paraná e São Paulo tenham sido comprados, a expedição foi financiada graças à generosidade do Sir William Ingram e do honorável Walter Rothschild.*

Dessa forma, parece claro que Robert fez três excursões distintas pelo Brasil, obedecendo o fluxo dos respectivos repasses financeiros e sem necessariamente ter retornado à Europa nesse íterim. A primeira teria incluído os estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná (1901) e foi financiada por Ingram (que reteve os mamíferos – vendidos ao Museu Britânico pelo próprio Robert) e Rothschild (que recebeu as aves, posteriormente guardadas em sua coleção privada em Tring, Inglaterra). A segunda, sob patrocínio de Percy Sladen<sup>51</sup> (daí o nome “*Percy Sladen Expedition to Central Brazil*”) teve como destino a Chapada dos Guimarães (1902). A terceira, por fim, compreendeu um longo trajeto iniciando-se no Espírito Santo, depois seguindo para a Bahia, Pernambuco e, por fim, atingindo o estado do Pará (1903 a 1905); essa última parece ter recebido recursos do próprio Oldfield Thomas<sup>52</sup>.

Em uma revisão do material de mamíferos obtido na Chapada dos Guimarães, Thomas (1903c:232-233) inclui uma série de informações de utilidade, que contribuem significativamente para o assunto:

*“By the generosity of Mrs. Percy Sladen, Mr. Alphonse Robert, who had already done such good work in São Paulo and Paraná, was enabled to make, during the latter half of 1902, a collecting expedition for the benefit of the National Museum to Matto Grosso, Central Brazil, a region in respect to which the Museum collections had hitherto been extremely deficient. Carried out as it was with all his accustomed energy and courage, Mr. Robert’s expedition was completely successful in spite of the many difficulties in his way, and of his being*

*“Graças à generosidade da Sra. Percy Sladen, o Sr. Alphonse Robert, que já havia feito um bom trabalho em São Paulo e Paraná, foi habilitado a realizar, durante a segunda metade de 1902, uma expedição de coleta em benefício do Museu Nacional ao Matto Grosso, Brasil Central, uma região de cujos acervos de museu eram até então extremamente deficientes. Realizada com toda a sua disposição habituais e coragem, a expedição do Sr. Robert foi totalmente bem sucedida, apesar das muitas dificuldades em seu caminho, e de não ser acompanhado por nenhum ajudante europeu.*

<sup>51</sup> Leia-se subvencionada pelo “*Percy Sladen Memorial Trust*”, um fundo administrado pela *Linnean Society of London* e repassado pela viúva de Percy, falecido em 1900.

<sup>52</sup> Em 1891, Thomas casou-se com Mary Kane, herdeira de uma pequena fortuna. Sua esposa, além de apoiá-lo em sua carreira, também participava de algumas viagens de campo, demonstrando grande interesse pela História Natural.

*unaccompanied by any European helper. The collection, of which the present paper gives an account, is an astonishing one for him to have been able to obtain and prepare with his own hands, in so bad climate, especially as so many of the mammals are of considerable size. Collection of mice are much more easily made than of dogs, peccaries, coatimondis, monkeys, &c.; and the long series of the different species here enumerated speaks volumes for Robert's working qualities.*

*The specimens are all prepared in modern fashion, with flesh measurements and separate skulls, and there are besides a number of skeletons, so that, bearing in mind the inaccessibility of the locality, the collection may be looked upon as one of the most valuable that the National collection has received for many years. The thanks of all zoologists are therefore due both to Mrs. Sladen for her generous help, and to Mr. Robert for the admirable way in which he carried out his instructions."*

A coleção, da qual o presente trabalho dá conta, é surpreendente pelo fato dele ter sido capaz de coletar e preparar com suas próprias mãos, sob um clima desfavorável e especialmente porque muitos dos mamíferos são de tamanho considerável. Coleção de roedores são muito mais fáceis de se fazer do que as de cães, porcos do mato, quatis, macacos etc. e, por assim dizer, a grande série das diferentes espécies aqui enumeradas ressalta as qualidades de trabalho de Robert.

Os espécimes são preparados em padrão moderno, com medições in vivo e crânios separados, e há também um bom número de esqueletos, de modo que, tendo em conta a inacessibilidade da localidade, a coleção pode ser considerada uma das mais valiosas que a coleção recebeu desde muitos anos. Os agradecimentos de todos os zoólogos são, portanto, dirigidos tanto à Sra. Sladen, por sua ajuda generosa, quanto ao Sr. Robert pela maneira admirável em que ele levou a cabo suas instruções”.

Aqui observa-se nitidamente a recepção dada ao material de Robert, em virtude de sua abnegação como coletor de naturália, mas também do capricho na preparação das peças, além do pleno conhecimento das técnicas modernas de conservação, auxiliando com isso, o trabalho dos estudiosos<sup>53</sup>.

No mesmo artigo, há também algumas indicações sobre a viagem ao Mato Grosso, o que elucida, de uma vez por todas, uma parte de seu itinerário no Brasil:

---

<sup>53</sup> Essa peculiaridade o distinguia de diversos colecionadores contemporâneos, em geral apenas preocupados na preservação do documento e não propriamente do uso que seria feito dele. Robert, com efeito, sabia como o material deveria ser preservado, separando os crânios das peles e guardando também os esqueletos, um padrão que se tornou universal em mastozoologia apenas recentemente (L. M. Tiepolo, in litt., 2015). A sua ligação com Thomas certamente favorecia esse tipo de cuidado, sugerindo que Robert era treinado por ele para compor coleções de excelente representatividade mas, ainda, caprichosamente preparadas.

*“Mr. Robert started from Santos on the 15th April, 1902, and after passing through the usual difficulties and delays of quarantine &c. incidental to entering Argentina, proceed via Buenos Ayres, Asuncion, and Cuyabá, Matto Grosso, to Santa Anna de Chapada, a village situated at an altitude of about 800 m., on the Serra do Chapada, some thirty miles N.E. of Cuyabá, arriving there on the 17th June, and staying there collecting until the 29th November, when he came down the river again with the results of his labours”.*

“O Sr. Robert iniciou [a viagem] a partir de Santos em 15 de Abril de 1902, e depois de passar pelas dificuldades habituais e atrasos de quarentena etc incidentais para entrar na Argentina, procede via Buenos Aires, Assunção, e Cuiabá, Mato Grosso, para Santa Anna de Chapada, uma aldeia situada a uma altitude de cerca de 800 m., na Serra do Chapada, cerca de trinta milhas a nordeste a NE de Cuiabá, chegando lá no dia 17 de junho, e permanecendo ali coletando até o dia 29 de novembro, quando desceu o rio novamente com o resultado de seu trabalho”.

Mediante o cálculo do tempo despendido nessa localidade (171 dias) e computados os números de mamíferos (192: Thomas, 1903) e aves (443 peles: Sharpe, 1906), é possível chegar à cifra impressionante de respectivamente 1,1 e 2,6 espécimes coletados e preparados por dia de trabalho! E isso tratando de animais de pequeno, médio e grande portes, amostrados eventualmente em séries, além de esqueletos (só de aves foram pelo menos 192 números) e outros grupos colecionados, como moluscos, insetos, répteis etc.<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup> “Mr. Robert spent most of his time collecting mammals, but he also obtained a considerable number of birds, some reptiles, mollusca, insects, &c., all of which have been presented to the National Museum by Mrs. Sladen” [“Sr. Robert despendeu maior parte de seu tempo coletando mamíferos, mas ele também obteve um número considerável de aves, alguns répteis, moluscos, insetos, etc, todos cedidos ao Museu Nacional pela sra. Sladen”] (Thomas, 1903:233). Conteí nove espécies de anfíbios, dez de répteis (Boulenger, 1903), três de moluscos Bulimulidae (Smith, 1903), 175 de coleópteros (Gahan & Arrow, 1903), 18 de lepidópteros (Heron & Hampson, 1903); em nenhuma dessas fontes aparece explicitamente o número de exemplares. Até recentemente se tem descoberto formas novas dentre o acervo de Robert, como no caso do macaco *Callicebus barbarabrownae* (Hershkovitz, 1990) e do roedor lagarto *Stenocercus sinesaccus* (Torres-Carvajal, 2005).





***Canis sladeni*, descrito por Oldfield Thomas com base em um exemplar coletado por Alphonse Robert na Chapada dos Guimarães em 1902 (Fonte: Thomas, 1903c).**

Com relação ao legado ornitológico, e graças a informações dispersas na literatura, tornou-se possível reconhecer Robert também como produtivo colecionador de aves, tópico timidamente tratado na literatura.

Nesse sentido, e ao contrário do que ocorreu com os mamíferos, seus espécimes foram apenas em pequena parte destinados ao Museu Britânico. São dele as entradas, nessa instituição, de 103 peles de São Paulo e 51 esqueletos, compradas por W. Ingram e doadas ao museu entre 1901 e 1902<sup>55</sup>; 443 espécimes e 192 esqueletos de “Chapada” (“Matogrosso”)<sup>56</sup> mais 275 de Pernambuco compradas pela viúva Sladen em 1903 (Sharpe, 1906).

---

<sup>55</sup> Essas 103 peles são mencionadas também no “*President Address*” (ou seja, Sharpe) do “*Proceedings of the Fourth International Ornithological Congress*” (p.135), ocorrido em Londres em 1907.

<sup>56</sup> Aqui uma pequena correção, e vênua, à informação que prestei a Lopes *et al.* (2009): o acervo de Robert da Chapada dos Guimarães parece ter sido integralmente incorporado ao Museu Britânico, não cabendo nenhuma relação com a coleção do barão de Rothschild.

Os espécimes obtidos no Paraná não se encontram no “*The Natural History Museum*” (antigo *British Museum of Natural History*). Como faziam parte da coleção particular do (segundo) Barão de Rothschild (em Tring), acabaram sendo vendidos (no lote total de 280 mil espécimes!) ao *American Museum of Natural History* em Nova York, por meio de uma famosa negociação ocorrida em 13 de fevereiro de 1932 (Murphy, 1932; AMNH, 1933:12-15; R. Prys-Jones, 1999 e 2004, *in litt.*). O mesmo destino tiveram vários outros espécimes, dentre eles exemplares-tipos de algumas aves colecionadas na Bahia e Pará (inclusive *Conopophaga roberti*, descrito em sua homenagem por Hellmayr, 1905:54<sup>57</sup>) (LeCroy & Sloss, 2000).

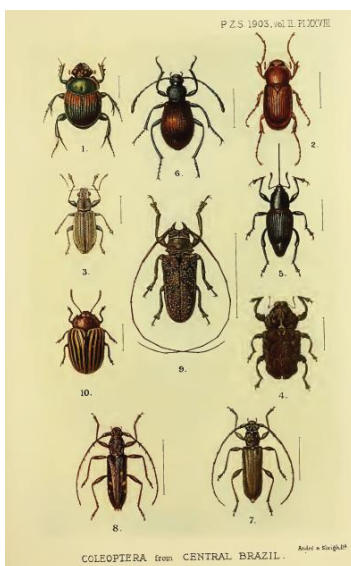
Sobre o Paraná, se os dados disponíveis no âmbito global são desanimadores, uma série de informações dispersas na literatura, contribuem bastante para uma nova compreensão da contribuição ornitológica de Robert. Ao consultar atentamente a volumosa obra de John T. Zimmer (1931 e subseqüentes) sobre as aves do Peru, já é possível resgatar algumas informações adicionais. Além disso, mediante o acesso a uma parte do banco de dados do *American Museum of Natural History* (Nova York, EUA)<sup>58</sup> é que tornou-se possível confirmar que uma considerável coleção de aves paranaenses foi formada, em duas localidades da região leste deste estado.

---

<sup>57</sup> Com localidade-tipo indicada: “*Igarapé-Attú, near Pará, Brazil*”, depois corrigida no Catálogo (Hellmayr, 1924:28).

<sup>58</sup> Em janeiro de 2007, por intermédio de Thomas J. Trombone (*American Museum of Natural History*, Nova York), obtive uma lista de exemplares colecionados por Alphonse Robert no Paraná. Até aquele momento apenas 60% do acervo da importante coleção estava informatizado e não houve nenhum tipo de atualização nomenclatória. Observei as seguintes variações toponímicas, algumas delas perpetuadas na literatura de outros grupos zoológicos: “*Roca Nova*”, “*Roca Nova, Serra de Mar*”, “*Roca Nova, Sierra Mar*”, “*Roca Nova, Sera do Mar*”, “*Roca Nova, Parana*”, “*Roca-Nova, S. de Mar, Parana*”, “*Roca Nova, Serrado do Mar*”. Em Kudon (1982) há a menção a um coletor grafado como “Rotert”, com data de 21 de setembro de 1902 para um topônimo “*Campo Nova*”. Nessa data, Alphonse estava de fato em Roça Nova, razão pela qual julgamos como um mero erro de transcrição.

Com base no acervo recolhido e também dos dados mastozoológicos (Thomas, 1902, 1903, 1906, 1912, 1917; Hellmayr, 1906, 1914, 1915), pôde-se deduzir o período e as localidades visitadas em solo paranaense. Essa estada ocorreu quando em retorno de uma visita ao “Ribeirão Jordão”, na região do Triângulo Mineiro (Minas Gerais)<sup>59</sup> aliás visitada posteriormente por outros coletores (Thomas, 1901; Hellmayr 1905; Pinto, 1952; Traylor-Jr. & Paynter-Jr., 1991).



**Exemplos de coleópteros colecionados por Alphonse Robert na Chapada dos Guimarães** (Fonte: Gahan & Arrow, 1903).

<sup>59</sup> Segundo Thomas (1901a:526-527): “[...] on the Rio Jordão, in the district of Araguari, S. W. Minas Gerais [...]. It was obtained in the tropical forest bordering the Paranahyba, and therefore no doubt gives a sample of the fauna running northwards along that river into Goyaz [...]. The collection was made during the months of April, May, and June of the current year [1901]. The altitude of the locality is given by Mr. Robert as from 700 to 900 metres” “[...] no rio Jordão, no distrito de Araguari, sudoeste de Minas Gerais [...]”. Foram obtidas na floresta tropical adjacente ao [rio] Paranaíba e, assim, sem dúvida constituem de amostras da fauna que se estende mais para norte ao longo desse rio para o interior de Goiás. A coleção foi feita durante os meses de abril, maio e junho do corrente ano [1901]. A altitude da localidade é dada pelo sr. Robert como a partir de 700 até 900 metros”].

Essa tentativa de datação sugere a possibilidade de erros na transcrição ou rotulagem de pelo menos cinco exemplares que constam nas etiquetas como obtidas em Morretes e Roça Nova por Robert, em vários dias alegadamente de abril de 1901 (quando ele estava, portanto, em Minas Gerais). Com exceção de um *Sporophila angolensis*, todos os demais possuem numeração adjacente à de exemplares genuinamente paranaenses. Além disso, pelo menos três das espécies envolvidas não ocorrem naquela região do Sudeste do Brasil, razão pela qual considero como autêntica a sua proveniência do Paraná.

Os dois locais selecionados para as coletas no Paraná foram “Roça Nova” (município de Piraquara), já naquela época uma estação da ferrovia Curitiba-Paranaguá <sup>60</sup>, concluída em 1885 (RFFSA, 1985) e “Morretes”, cidade histórica litorânea.



**Estação de Roça Nova na primeira década do Século XX** (Fonte: acervo de Thomas Correa, divulgado por Giesbrecht, s.d.).

<sup>60</sup> O mesmo ponto visitado pelo botânico Per Karl Dusén (*vide* adiante) em março de 1909.

As datas em que Robert esteve em cada um destes dois locais não é perfeitamente clara, tomando-se como base os rótulos dos espécimes obtidos, nos quais observa-se que há intercalações entre um ponto e outro. Isso porque parece estranho que ele tenha se deslocado por duas ou mais ocasiões entre Morretes e Roça Nova e por diversas idas e vindas. O pequeno número de exemplares colhidos no primeiro sítio (10), em confronto com o do segundo (257) também causa suspeitas.

Parece cômodo presumir que ele tenha chegado a Morretes (via porto de Paranaguá) e ali trabalhado no período entre 22 de agosto (data mais recuada dos espécimes ornitológicos) e 1º de setembro; em seguida, teria subido a Serra pela ferrovia até chegar em Roça Nova, onde permaneceu até por volta de 4 de dezembro de 1901.

Isso tudo concordaria, em parte, com o afirmado por Thomas (1901b:59): “[...] *Mr. Robert proceed, viâ São Paulo, Santos, and Paranagua to a place called Roça Nova, situated at an altitude of about 1,000 metres ('930 to 1150 m.') in the Serro [sic] do Mar of the Province of Paraná, and on the railway between Paranagua and Curitiba. Here he has again made a most admirable collection, in spite of the difficulties due to the constant torrential rains of the wet season*”<sup>61</sup>. Também encontra coerência com o fragmento: “[...] *Besides the mammals collected at 1000 metres at Roça Nova, Mr. Robert has also sent home examples of Nyctinomus brasiliensis, Lonchoglossa caudifera, Artibeus lituratus, and Hemiderma perspicillatum*”<sup>62</sup> *from Morretes,*

---

<sup>61</sup> “[...] Sr. Robert chegou, via São Paulo, Santos e Paranaguá a um lugar chamado Roça Nova, situado a uma altitude de cerca de 1.000 metros (930 a 1150 m.) na Serra do Mar da Província do Paraná e na ferrovia entre Paranaguá e Curitiba. Aqui ele novamente fez uma coleção admirável, a despeito das dificuldades decorrentes das constantes e torrenciais precipitações da estação chuvosa”.

<sup>62</sup> Ou seja, respectivamente *Nyctinomops laticaudatus*+*Tadarida brasiliensis*, *Anoura caudifer*, *Artibeus lituratus* e *Carollia perspicillata* (Miretzki, 2003).

*close to Paranagua, at an altitude of only 10 metres above the sea*”<sup>63</sup>.

Como parece implícito no fragmento acima, todas as demais espécies de mamíferos citadas por Thomas (de um total de dezoito) teriam sido coletadas em Roça Nova, inclusive – friso aqui – os tipos de *Akodon serrensis* e *Coendou roberti*, ambos descritos nesse artigo e coletados (sem indicação de localidade!), respectivamente, em 25 e 22 de agosto de 1901. De fato, *Akodon serrensis* é uma espécie endêmica do Planalto Meridional do Brasil, até o momento sem registro para a porção litorânea paranaense, onde diversos estudos mediante copiosa documentação museológica têm sido realizado desde a década de 80 (Tiepolo, 2007; L. M. Tiepolo, in litt., 2014).

Essa questão deve ser considerada insolúvel, ao menos com as informações disponíveis no momento. Ocorre que, a ferrovia Curitiba-Paranaguá desde a sua fundação em 1883 – até mesmo os dias de hoje – sempre apresentou tráfego intenso, notavelmente de cargueiros, escoando a produção do planalto. A estação de Roça Nova (inaugurada em fevereiro de 1885) era um ponto importante como “parada de serviço”, por situar-se no ponto culminante da transposição da Serra do Mar (Giesbrecht, s. d.). Dessa forma, como apontam as datas dos espécimes, o que poderia ser tido como improvável passa a fazer algum sentido. Poderia mesmo Robert ter realizado um retorno a Morretes (aproximadamente entre 10 e 11 de setembro), por razões que poderiam ser atribuídas à necessidade de uma melhor

---

<sup>63</sup> “[...] Além dos mamíferos coletados a 1000 metros em Roça Nova, o sr. Robert, também trouxe amostras de *Nyctinomus brasiliensis*, *Lonchoglossa caudifera*, *Artibeus lituratus* e *Hemiderma perspicillatum* de Morretes, perto de Paranaguá, a uma altitude de apenas 10 metros do nível do mar”.

amostragem do litoral ou, ainda, quando as condições meteorológicas não fossem adequadas ao trabalho<sup>64</sup>.

Infelizmente não existe nenhum catálogo mais detalhado que traga à luz outras informações do material ornitológico coligido, tema que reveste-se de grande importância. Avaliada a coleção feita por Robert no Paraná, com base na literatura (Zimmer, 1936c, 1937, 1939a, 1939b, 1948 e 1955) e na lista provisória dos espécimes do AMNH é possível, neste momento, selecionar pela sua raridade no contexto estadual, pequena representatividade em coleções ou mesmo pelo interesse zoogeográfico regional: *Harpagus diodon*, *Porphyrio martinica*, *Fulica armillata*, *Pulsatrix koeniswaldiana*, *Grallaria varia*, *Pyroderus scutatus*, *Sporophila angolensis* e *Hemithraupis ruficapilla*.

Observa-se, ainda, a notável representatividade de aves de rapina (p.ex. três exemplares de *Urubitinga urubitinga*, dois de *Elanoides forficatus* e de *Accipiter striatus*) e a boa amostragem de espécies migratórias, condição possível apenas pela época em que ocorreram as coletas. Aqui se enquadra *Vireo olivaceus diversus*, descrita por Zimmer (1941:7) com base em um exemplar (AMNH-504979) coletado em Roça Nova por Robert em 12 de outubro de 1901<sup>65</sup>.

Além dessa, a subespécie *Penelope obscura bronzina*, representante da forma mais conhecida de

---

<sup>64</sup> Essa possibilidade foi enfatizada por Liliani M. Tiepolo (a quem agradeço pela intervenção e valiosas críticas e sugestões), com base nos seus estudos realizados na Mata Atlântica paranaense. Encontra analogia com os constantes deslocamentos do botânico Dusén (*vide* adiante) pela malha ferroviária paranaense contemporânea. Também a pesquisadora citada sugere a possibilidade de Robert ter “contratado” moradores da região para a coleta, o que explicaria a discrepância cronológica. Esse protocolo, aliás, teria sido o mesmo adotado por outro grande coletor, Emil Kaempfer, a ser tratado futuramente. O que parece certo é que não há indícios confiáveis para suspeitar das datas de coleta, em virtude dessas alternativas.

<sup>65</sup> Segundo LeCroy (2013:38): “The following paratypes are in AMNH: Brazil, Paraná, Roça Nova, AMNH 504976–504978, 504980–504983, five males, two females, 3 October–5 November 1901, by A. Robert; [...]”.

jacuguaçu do Sudeste e Sul do Brasil, foi descrita com o apoio do exemplar colecionado em Roça Nova a 22 de setembro de 1901 e que se constitui de um dos parátipos (Hellmayr, 1914:178)<sup>66</sup>.

Observo que havia em Robert um interesse notável pela obtenção de séries de algumas formas, com destaque para *Aramides saracura* (4 exemplares), *Odontophorus capueira* (5), *Leucochloris albicollis* (9), *Colaptes melanochloros* (5), *Batara cinerea* (6), *Chiroxiphia caudata* (14), *Carpornis cucullata* (7), *Vireo chivi* (8), *Stephanophorus diadematus* (7), *Sicalis flaveola* (6) e *Sporagra magellanica* (6). Note-se que várias delas são endêmicas da Mata Atlântica, o que nos leva a supor que esse material poderia ter sido colhido com a finalidade de permutação entre entidades congêneres, haja vista a absoluta carência – naquele tempo – de amostras oriundas do Sul do Brasil.

Um caso particular, que merece esclarecimento é o exemplar de *Tigrisoma lineatum* (AMNH-472730) obtido em Roça Nova em 30 de setembro de 1901. Em virtude do tipo de ambiente conhecido daquela região, poder-se-ia cogitar se tratar de seu congênérico *T. fasciatum*, um típico representante de matas densas e úmidas associadas a rios de águas límpidas e de cabeceiras oligotróficas. Essa espécie, de fato, conta com várias constatações nas imediações da Serra do Mar paranaense em ambientes semelhantes.

Indiscutivelmente resolvida a questão, com base na apresentação fotográfica do espécime, o assunto ressalta agora a presença do próprio *T. lineatum*, conhecido na Região Metropolitana de Curitiba por apenas um outro espécime obtido por Natterer em 1820 (Straube *et al.*, 2009:45, 67). Lembro que uma parte significativa de

---

<sup>66</sup> O holótipo é proveniente da “*Colonia Hansa*[-Humboldt]” (Corupá, Santa Catarina) e foi coletado por Wilhelm Ehrhardt (vide acima).



ambientes aquáticos aparentemente adequados à espécie, como brejos e corpos de água com feição lacustre foi preservado no cinturão oriental de Curitiba no chamado Parque Regional do Iguaçu. Esse ponto é visitado constantemente por observadores de aves e fotógrafos há vários anos e nunca se soube sequer de indícios de sua presença nos limites municipais da capital paranaense, tampouco em seu entorno.



Exemplar de *Tigrisoma lineatum* (AMNH\_472730) colecionado por Alphonse Robert em Roça Nova em 30 de setembro de 1901 (Foto: Thomas Trombone).

Toda essa região entre os contrafortes da Serra do Mar e os setores hoje ocupados pelo centro urbano de Curitiba eram representados por extensos campos com capões, notavelmente intercalados por áreas úmidas, tal como citado por diversos exploradores que por ali passaram desde o Século XIX<sup>67</sup>. Assim, a pergunta incontornável é:

---

<sup>67</sup> Isso fica inclusive perceptível com a visualização de parte do acervo colhido por Robert em Roça Nova: *Butorides striatus* (AMHN-469235 a 469237), *Porphyrio martinica*

qual teria sido a razão para o desaparecimento de *Tigrisoma lineatum* dessa região?

Imediatamente depois de sua viagem ao Brasil (fim de outubro de 1905), Robert prosseguiu seu trabalho de coleta, agora participando de uma expedição realizada para a província de Trebizonda no Mar Negro (Turquia). De lá, levou valioso material para as coleções do museu londrino, entre insetívoros e roedores (Thomas, 1906b). Estava dada como encerrada a sua participação na busca pelo conhecimento da biodiversidade do interior do Brasil, para onde jamais retornou.

Se Lima e Ehrhardt foram os responsáveis pela primeira atividade de coleta de aves no Século XX paranaense, no sentido estritamente técnico, coube a Robert o mérito pela primeira grande coleção, graças ao montante de quase 300 espécimes, valor esse superado apenas por Natterer.

---

(AMNH-472270), *Fulica armillata* (AMNH-472339), *Tachybaptus dominicus* (AMNH-526345), *Gallinago paraguaiiae* (AMNH-740968 e 740969) e *Phalacrocorax brasilianus* (AMNH-729649).

## *Cronologia*

- 1902** Inicia-se o Período Literário do Pré-Modernismo. São lançadas obras de autoria de Euclides da Cunha, Graça Aranha, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Simões Lopes Neto e Augusto do Anjos. A obra “Os sertões” de Euclides da Cunha, que narra a Guerra de Canudos, torna-se um verdadeiro marco sociológico por, afinal, abordar de forma profunda o interior do Brasil e, com isso, mostrando um outro lado do País, antes concentrado no litoral.
- 1902** Falecem dois ícones da história natural do Superagui: WILLIAM MICHAUD e JULIUS PLATZMANN.
- 1902** O colaborador de Emil Goeldi, também suíço, Gottfried Hagmann publica uma compilação das espécies amazônicas mencionadas no “*Catalogue of the birds of British Museum*”. Dois anos depois, ainda lança uma revisão das espécies citadas para o Brasil por Spix, Wied-Neuwied, Burmeister e Pelzeln.
- 1903** ADOLPH HEMPEL visita o Paraná pelo período de quase um ano, estabelecendo-se na margem esquerda do rio Paranapanema, na localidade de Fazenda Caiuá, onde obtém abundante material ornitológico.



# 1903

## ADOLPH HEMPEL

**ADOLPH HEMPEL** (Buffalo, Ohio, EUA: 10 de abril de 1870; Campinas/SP: 4 de novembro de 1949)<sup>68</sup>, foi um dos grande nomes da Entomologia brasileira, também lembrado como precursor do controle biológico de pragas de agricultura, quando foi enviado (1929) a Uganda para trazer as vespinhas *Prorops nasuta*, inimigos naturais da broca dos cafezais (Nomura, 1997).

Estudou nos EUA, obtendo o mestrado na universidade de Illinois em 1896; logo depois, veio ao Brasil onde se fixou e obteve a naturalização. Trabalhou no então Museu Paulista, como entomólogo mas, em 1900 afastou-se da instituição<sup>69</sup>, em virtude de sua nomeação para o cargo de fitopatologista do Instituto Agrônomo de Campinas (Ihering, 1904:16; Nomura, 1997). A partir daí passou a dedicar-se com profundidade à entomologia agrícola e

---

<sup>68</sup> Embora hajam repetitivas menções ao prenome Adolpho (eventualmente Adolfo), a grafia preferida – e aqui utilizada – é a protocolar, assim julgada por aparecer em algumas passagens do Diário Oficial do Estado de São Paulo.

<sup>69</sup> Ihering & Ihering (1907b:532) aludem ao fato dele ser zelador em março de 1898, mas, um desses autores o considera “*entomologista deste Museu*” um ano antes (Ihering, 1897:386), condição endossada em diversas outras passagens e também pelo vínculo institucional informado em um artigo do próprio Hempel (1898), enviado para publicação em 1º de julho de 1898. Pinto (1945:269) assim e refere ao assunto: “*Já nos registros correspondentes ao ano de 1897, se encontra o nome do sr. Adolfo Hempel, que embora exercesse o cargo de entomologista (cf. Rev. Mus. Paulista, II, pág. 14 [sic! Seria página 386?]), durante alguns anos contribuiu largamente para o enriquecimento da coleção ornitológica*”. Ao sair do Museu, precisamente em 5 de abril de 1900, foi substituído por Curt Schrottky(1874-1937) (Pinto, 1945; Rasmussen *et al.*, 2009).

particularmente aos hemípteros da superfamília Coccoidea (cochonilhas-de-escama).

Passou a entomólogo da Secretaria de Agricultura<sup>70</sup>, depois no Instituto Agronômico de Campinas (o decreto de sua nomeação data de 17 de novembro de 1923) e, então, no Instituto Biológico, ocupando cargo de pesquisador na Seção de Entomologia e Parasitologia Animal (Nomura, 1997). Essa última transferência ocorreu por meio de uma transferência de vários estudiosos<sup>71</sup> da “Comissão de Estudo e Debelação da Praga Cafeeira”, considerada o embrião do Instituto Biológico, fundado em dezembro de 1927 (Ribeiro, 2011).

Hempel publicou 86 artigos científicos, versando sobre hemípteros, protozoários, rotíferos, controle biológico e ornitologia (Costa & Ramiro *per* Ide *et al.*, 2005). Além de respeitado mundialmente em seu ofício principal, era também entusiasta da Ornitologia (Nehrling, 1900), realizando coletas de aves principalmente no estado de São Paulo (Pinto, 1945; Hempel, 1949) e aprofundando-se no estudo da alimentação das aves brasileiras, tema que considerava de máxima importância, também no ponto de vista agrônomo. Uma de suas contribuições científicas, bastante conhecida na literatura ornitológica brasileira, foi publicada *post mortem* (Hempel, 1949). Com o título “Estudo da alimentação natural das aves silvestres do

---

<sup>70</sup> Há inúmeras passagens nos diários oficiais de São Paulo, mencionando a participação de Hempel na identificação de insetos enviados por agricultores, nos anos 10. No entanto, em 21 de fevereiro de 1911 ele pede, por ofício, a inscrição no registro dos “*lavradores, criadores e profissionais de industrias connexas*” (Diário Oficial de União, 22 de fevereiro de 1911, página 2043).

<sup>71</sup> “Faziam parte da comissão e migraram para o IB Adolpho Hempel, entomologista e naturalista do Museu Paulista; José Pinto da Fonseca, entomologista e naturalista viajante do mesmo museu; Mario Autuori, Alberto Federman, fotógrafo científico, e Frei Thomaz Borgmeier, entomologista do Museu Nacional, convidado por [Arthur] Neiva” (Ribeiro, 2011). Aqui apenas uma pequena correção; Hempel não era – nesse momento – vinculado ao Museu Paulista, de onde se desligou em 1900; estava lotado no Instituto Agronômico de Campinas.

Brasil”, divulga as suas descobertas mediante análise do conteúdo gástrico das aves coletadas.



**Adolph Hempel (1870-1949) e detalhe de parte da coleção por ele formada, contendo amostras da cochonilha *Pseudaulnobia trilobitiformis* com as respectivas plantas hospedeiras (Cortesia: Instituto Biológico).**

Hempel fez parte de uma geração de grande importância no Museu Paulista, quando Hermann von Ihering passou a contratar coletores para viajar pelo Brasil em busca de espécimes para as coleções científicas da instituição. Além dele, outros nomes mais ou menos contemporâneos engajados nesta proposta foram Helmut Pinder (o primeiro coletor de aves do Museu), João Leonardo de Lima, Hermann Lüderwaldt, Ernst Garbe, Francisco Günther e alguns outros.

Logo ao ser admitido no Instituto Agrônomo de Campinas, e ao mesmo tempo em que desempenhava seu afazeres ligados à entomologia agrícola, ele também realizava comércio de exemplares de aves com museus de vários países do mundo, procedimento comum naquela época (Pinto 1945; Nomura, 1997); era, por certo, uma forma de reduzir suas despesas com viagens e material de consumo, quase sempre financiados por ele próprio (Ide *et*

al., 2005). Segundo Grola (2012): “Durante vários anos, provavelmente após sua saída do Museu, [Hempel] vendeu espécimes para a instituição. Uma carta emitida por ele encontrada no acervo do Museu Paulista<sup>72</sup> é redigida em papel próprio apresentando a seguinte impressão no cabeçalho: ‘Adolph Hempel – Dealer in Natural History specimens from Brazil – Caixa n. 7 – State of São Paulo [Campinas] – Orders taken and special collections made for work in morphology, etc.’ O texto em inglês sugere que Hempel deveria exportar espécimes brasileiros para colecionadores estrangeiros, possivelmente para aqueles dos EUA, sua terra natal”.

Foi sob essa circunstância que, entre janeiro e dezembro de 1903 esteve, talvez domiciliado temporariamente<sup>73</sup>, na chamada “Fazenda Cayoá” (Fazenda Caiuá), um importante latifúndio cafeeiro (cujo nome provém do Córrego Caiuá, ali existente) estabelecido na década de 10 e situado nos arredores de Jacarezinho, na margem esquerda do Rio Paranapanema (Leão 1924-1928), defronte à foz do rio Pardo (esse no estado de São Paulo). Trata-se de um local que, como visto, já havia sido visitado por Richard Wettstein. Atualmente, pertencente ao município de Cambará, cidade fundada em 1904.

Em estudo anterior (Straube *et al.* 2002), elucidamos a dúvida recorrente na literatura sobre a localização desse topônimo, ora admitido como paulista, ora paranaense. Isso provavelmente ocorreu por interpretações dos rótulos, mediante uma confusão com uma corredeira, chamada

---

<sup>72</sup> Refere-se o autor a “Carta de Adolph Hempel a Hermann von Ihering, Campinas, 15/05/1908. APMP/FMP, Série Prestação de Contas”.

<sup>73</sup> Com base no material por ele coletado, pode-se afirmar que o intervalo cronológico das atividades de Hempel na Fazenda Caiuá estende-se de 1º de janeiro (YPM-25449) a 15 de dezembro de 1903 (NZNM-2632).



“Salto Grande”, que é também homônima do município paulista.

A dúvida vem de longa data. Ihering & Ihering (1907) referem-se como localizada no estado de São Paulo (“*Salto Grande do Paranapanema*”, p.84, 163, 261, 273, etc). Pinto (1946), por sua vez, afirmou que a propriedade encontrava-se “*situada perto de Salto Grande do Rio Paranapanema, zona ainda naquê tempo quase inteiramente virgem...*” mas, não indica o ponto de coleta, mostrando apenas a cidade de Salto Grande (São Paulo). Hoje em dia sabemos que esse local, também conhecido como Cachoeira dos Dourados, está no rio Paranapanema (vide Wettstein, 1970), atualmente submerso pela usina hidrelétrica de mesmo nome, inaugurada em 1958.

Paynter e Traylor (1991), consideram a localidade de Hempel como situada “*...in southwestern São Paulo*”, mas, na descrição do topônimo afirmam: “*...on southern side of Rio Paranapanema*” (portanto o que seria a margem esquerda desse rio, então, no estado do Paraná); o equívoco foi corrigido por Vanzolini (1992), sem maiores discussões<sup>74</sup>.

Muitos anos depois da visita de Hempel, por volta do ano de 1924, foram instaladas nas imediações da fazenda algumas glebas da “Companhia de Terras e Colonização do Norte do Paraná” (a partir de 1944 chamada “Companhia Melhoramentos Norte do Paraná”) que para lá levou infraestrutura e diversas benfeitorias para a população. Essa

---

<sup>74</sup> Para complicar, Straube *et al.* (2002) relatam que “alguns espécimes obtidos por Hempel em outra localidade paulista foram erroneamente rotulados como procedentes da Fazenda Caiuá. Nesse sentido, os exemplares de *Jacamaralcyon tridactyla* (NZNM-2704, 25 de julho de 1902) e *Cacicus haemorrhous* (NZNM-2648, 20 de junho de 1902) mostram-se cronologicamente discordantes dos demais. Com essa argumentação, é esperado que procedam, na realidade, na localidade de ‘Victoria’ (atualmente Vitoriana, nas proximidades de Botucatu, São Paulo), uma vez que tais datas coincidem com a outros exemplares ali obtidos em datas próximas (*cf.* Paynter e Traylor 1991)”.

empresa, bem conhecida na História do Paraná era uma sucursal da *Parana Plantations Limited*, substituída da famosa *Brazil Plantations Syndicate Limited*, liderada por Simon Joseph Frazer, mais conhecido como Lord Lovat. O grupo foi um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento econômico local, tendo originalmente adquirido uma concessão para estabelecer núcleos de colonos na extensa região (mais de 1,3 milhões de hectares) entre Jataizinho, no rio Tibagi, e Umuarama, no rio Paraná. Como contrapartida, a empresa – de capital inglês – comprometeu-se a desenvolver o ramal ferroviário local. Graças a isso, diversas cidades passaram a ser criadas, em geral em intervalos de 10-15 km, algumas delas com denominações alusivas à Inglaterra (p.ex. Londrina, antigo Patrimônio Três Bocas, fundado em 1924) (CMNP, 1975).

A fazenda Caiuá era originalmente dividida entre dois proprietários (Álvaro Xavier de Andrade e Joaquim T.N. do Nascimento) e somava em 1914 mais de 1.000 alqueires, equivalente a quase 2.500 hectares (Leão 1924-1928). Nesse mesmo local desenvolveu-se uma pequena vila, chamada Porto Caiuá (Maack, 1953), que dista da sede urbana de Cambará, cerca de 12 km a nordeste (PARANÁ, 1987). A localização precisa do topônimo deve ser considerada como 22°56'36"S e 49°59'30"W, a uma altitude de 430 metros.

O equívoco toponímico perpetuado por várias décadas gerou um detalhe curioso de nomenclatura. O tipo de *Phylloscartes paulista*, por exemplo, é originário dali (“*Mus. Paul. Typo N. 5.746 ♂ Fazenda Cayoá, Salto Grande do Paranapanema, Est. de S. Paulo*”) e, por considerar o local como pertencente ao estado de São Paulo,

foi com esse nome que Ihering & Ihering (1907:273) resolveram batizá-lo (Straube & Pacheco, 2002)<sup>75</sup>.

Nessa localidade Hempel obteve uma série importante de exemplares de aves<sup>76</sup>, com certeza mais que 340 números de, pelo menos, 130 espécies. Muitas de suas informações de campo, bem como seus rótulos originais, foram perdidas, motivo pelo qual se agravou a polêmica sobre o ponto exato onde teria realizado seu trabalho de coleção; grafias incorretas, decorrentes de publicações que se utilizaram deste material pioraram o problema (Straube *et al.*, 2002).

De antemão pode-se afirmar que os espécimes encontram-se dispersos por vários acervos do mundo, dentre eles o *New Zealand National Museum* (Wellington, Nova Zelândia), *American Museum of Natural History* (Nova York, EUA), *Carnegie Museum* (Pittsburgh, EUA), *Peabody Museum of Natural History* (Cambridge, EUA), *Field Museum of Natural History* (Chicago, EUA), *Museum of Comparative Zoology* (Cambridge, EUA), *Yamashina Institute for Ornithology* (Tóquio, Japão) e no próprio Museu de Zoologia (São Paulo); uma parte desses exemplares foi citada em revisões, tais como Pinto (1938, 1944), Zimmer (1936a, 1936b) e Haffer (1974).

Há uma grande importância neste material, principalmente pela riqueza e representatividade de espécies. O maior destaque é, sem dúvida, o pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*), espécie conhecida em pouquíssimas localidades em toda a sua área de ocorrência e de especial relevância no âmbito global. Além disso, sendo uma ave

---

<sup>75</sup> Com base nisso o nome, em vez da forma como é usado, o nome poderia ser algo como *Phylloscartes "paranaensis"*, em alusão à correta situação geográfica da procedência holotípica.

<sup>76</sup> Mas de lá também trouxe ao menos borboletas, hoje conservadas no *Museum of Comparative Zoology* (Cambridge, EUA). Curiosamente, nenhum desses espécimes tem indicação de coletor.

restrita a habitats fluviais, permanece a dúvida sobre o registro ter ocorrido no estado de São Paulo ou do Paraná, condição semelhante àquela que ocorre com a menção de Johann Natterer para o rio Itararé (Straube, 2012:95).



Pequena coleção de Adolph Hempel da Fazenda Cayoá, depositada no *Yamashina Institute of Ornithology* (Tóquio, Japão) (Fonte: Yamashina Institute for Ornithology – specimen database)

Regionalmente, a coleção de Hempel também ressalta o gralhão (*Ibycter americanus*), atualmente extinto no Paraná (Straube *et al.*, 2004) e que tem a fazenda Caiuá como a única localidade precisa de ocorrência no Estado<sup>77</sup>.

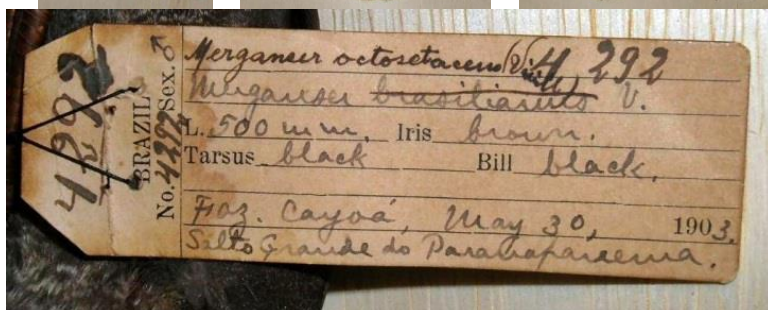
Além disso, o acervo reúne testemunhos únicos de uma avifauna que se encontra atualmente descaracterizada como consequência do violentíssimo processo de colonização, ali iniciado já no começo do Século XX. Em toda essa região, deve-se frisar, foram quase que completamente erradicados os últimos remanescentes florestais com dimensões apropriadas para muitas espécies (Bornschein & Reinert, 2000).

Aves que podem ser dadas como localmente extintas, ou detentoras de extrema raridade regional, são *Tinamus solitarius*, *Pulsatrix perspicillata*, *Pteroglossus aracari*, *Patagioenas plumbea*, *Geotrygon violacea*, *Notharchus swainsoni*, *Malacoptila striata*, *Piculus flavigula*, *Myrmotherula gularis*, *Myrmeciza squamosa*, *Philydor atricapillus*, *Chiroxiphia caudata*, *Piprites chloris*, *Procnias nudicollis* e provavelmente muitas outras.

Espécies de relevante interesse no conhecimento da biogeográfico da avifauna paranaense são a mexeriqueira (*Vanellus cayanus*), o cuitelão (*Jacamaralcyon tridactyla*), o bico-de-agulha (*Galbula ruficauda*) e alguns outros já mencionados. Não há dúvida que a avifauna dessa região (e apenas se pode falar isso graças aos espécimes recolhidos por Hempel), ilustra a convivência de formas peculiares do Brasil Central com elementos tipicamente atlânticos que alargam suas distribuições contornando as altitudes médias do planalto das araucárias.

---

<sup>77</sup> Há também documentação para o “vale do rio Ivaí” por Andreas Mayer, porém, sem maiores detalhes do ponto de coleta (Straube & Bornschein, 1989; Straube *et al.*, 1996).



O exemplar de *Mergus octosetaceus* (MZUSP-4292) obtido por Hempel na Fazenda Caiuá, além do rótulo respectivo (Foto: A. Urben-Filho).

## ANEXO

### ADOLPH HEMPEL : revisão da contribuição ornitológica ao Paraná

Reavaliação dos registros de espécies atribuídos a Adolpho Hempel, com as denominações atual (destacada) e original (Ihering & Ihering, 1907; Pinto, 1938 e 1944; Straube *et al.*, 2002), além do formato *ipsis litteris* das localidades indicadas e eventuais anotações. A atualização nomenclatural segue CBRO (2011), com as alterações de Scherer-Neto *et al.* (2011). Legenda para coleções: NZNM (*New Zealand National Museum* de Wellington, Nova Zelândia); AMNH (*American Museum of Natural History*, Nova York, EUA); CM (*Carnegie Museum*, Pittsburgh, EUA); YPM (*Yale Peabody Museum of Natural History*, New Haven, EUA); FMNH (*Field Museum of Natural History*, Chicago, EUA); MCZ (*Museum of Comparative Zoology*, Boston, EUA); YIO (*Yamashina Institute for Ornithology*, Tóquio, Japão)<sup>78</sup>; MZUSP (Museu de Zoologia, São Paulo).

#### TINAMIFORMES

##### TINAMIDAE

#### ***Tinamus solitarius*** (Vieillot, 1819)

*Tinamus solitarius*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-468919-468921, 468923, CM-137711)

#### ANSERIFORMES

##### ANATIDAE

#### ***Mergus octosetaceus*** Vieillot, 1819

*Mergus octosetaceus* Vieillot

(Pinto, 1938:58, “4.292, ♂, Salto Grande (São Paulo: Rio Paranapanema), Hempel coll., Maio 1903”)

*Mergus octosetaceus*

(Straube *et al.*, 2002: MZUSP-4292)

---

<sup>78</sup> Exemplares, em um total de 12, não citados em Straube *et al.* (2002).

GALLIFORMES  
CRACIDAE

***Penelope superciliaris*** Temminck, 1815

*Penelope superciliaris*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-471350-471351)

ACCIPITRIFORMES  
ACCIPITRIDAE

***Urubitinga urubitinga*** (Gmelin, 1788)

*Hypomorphnus urubitinga urubitinga* (Gmelin)

(Pinto, 1938:76-77, “4.293, ♂, Salto Grande (São Paulo), Hempel coll., Jul. 1903”).

*Buteogallus urubitinga*

(Straube *et al.*, 2002: MZUSP-4293)

FALCONIFORMES  
FALCONDAE

***Ibycter americanus*** (Boddaert, 1783)

*Ibycter americanus* (Bodd.)

(Ihering & Ihering, 1907:84, “Salto Grande do Paranápánema”)

*Daptrius americanus americanus* (Boddaert)

(Pinto, 1938:86-87, “4.275, ♀, Salto Grande (São Paulo), Hempel coll., Jun. 1903”)

*Daptrius americanus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-471232; MZUSP-4275)

GRUIFORMES  
RALLIDAE

***Aramides saracura*** (Statius Muller, 1776)

*Aramides saracura*

(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120143; AMNH-472019; NZNM-2625)

***Pardirallus nigricans*** (Vieillot, 1819)

*Rallus nigricans*

(Straube *et al.*, 2002: FMNH-400611)



CHARADRIIFORMES

CHARADRIIDAE

***Vanellus cayanus*** (Latham, 1790)

*Hoploxypterus cayanus*

(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120142)

COLUMBIFORMES

COLUMBIDAE

***Columbina talpacoti*** (Temminck, 1811)

*Columbina talpacoti*

(Straube *et al.*, 2002: NZNM-2638; MCZ-120146)

***Columbina squammata*** (Lesson, 1831)

*Scardafella squammata*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-473253; MCZ-120147)

***Patagioenas cayennensis*** (Bonaterre, 1792)

*Columba cayennensis*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-472871; FMNH-400221 e 472871)

***Patagioenas plumbea*** (Vieillot, 1818)

*Columba plumbea*

(Straube *et al.*, 2002: FMNH-400222; NZNM-2607; MCZ-120148; YIO-05280)

***Leptotila verreauxi*** Bonaparte, 1855

*Leptotila verreauxi*

(Straube *et al.*, 2002: FMNH-400230 e 400814)

***Leptotila rufaxilla*** (Richard & Bernard, 1792)

*Leptotila rufaxilla*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-393312, FMNH-51132 e 400815; MCZ-120145; NZNM-2609)

***Geotrygon violacea*** (Temminck, 1809)

*Geotrygon violacea*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-360037)

***Geotrygon montana*** (Linnaeus, 1758)

*Geotrygon montana*

(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120144; NZNM-2610)

PSITTACIFORMES

PSITTACIDAE

***Primolius maracana*** (Vieillot, 1816)

*Ara maracana*

(Straube *et al.*, 2002: MNH-474145)

***Aratinga leucophthalma*** (Statius Muller, 1776)

*Aratinga leucophthalmus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-4384-4385; MCZ-120,069)

***Aratinga auricapillus*** (Kuhl, 1820)

*Aratinga auricapilla*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-474276; NZNM-2625)

***Pyrrhura frontalis*** (Vieillot, 1817)

*Pyrrhura frontalis*

(Straube *et al.*, 2002: FMNH-53677; NZNM-2626; YIO-07159 e 07160)

***Forpus xanthopterygius*** (Spix, 1824)

*Forpus xanthopterygius*

(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120070; NZNM-2624)

***Brotogeris tirica*** (Gmelin, 1789)

*Brotogeris tirica*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-475106; MCZ-120068)

***Pionus maximiliani*** (Kuhl, 1820)

*Pionus maximiliani*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-475468; FMNH-48992; MCZ-120067; NZNM-2628; YIO-07212)<sup>79</sup>

CUCULIFORMES

CUCULIDAE

***Coccyzus melacoryphus*** Vieillot, 1817

*Coccyzus melacoryphus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-393368-393369)

***Crotophaga major*** Gmelin, 1788

*Crotophaga major* Gm.

(Ihering & Ihering, 1907:163, “Salto Grande do Paranapanema”)

*Crotophaga major*

---

<sup>79</sup> Há um exemplar também na coleção ornitológica da *California Academy of Sciences* (San Francisco, EUA: CAS-32952), coletado em 15 de setembro de 1903.

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-393373-393374 e 476220; NZNM-2632)

***Crotophaga ani* Linnaeus, 1758**

*Crotophaga ani*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-360273-360274; YPM-10801)

***Guira guira* (Gmelin, 1788)**

*Guira guira*

(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120065)

***Dromococcyx pavoninus* Pelzeln, 1870**

*Dromococcyx pavoninus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-476053-476054)

**STRIGIFORMES**

**STRIGIDAE**

***Pulsatrix perspicillata* (Latham, 1790)**

*Pulsatrix perspicillata* (Lath.)

(Ihering & Ihering, 1907:103, “rio Paranapanema”).

*Pulsatrix perspicillata pulsatrix* (Wied)

(Pinto, 1938:221, “4.294, ♀, Salto Grande (São Paulo), Hempel coll., Set. 1902 [sic]”).

*Pulsatrix perspicillata*

(Straube *et al.*, 2002: MZUSP-4294).

***Glaucidium brasilianum* (Gmelin, 1788)**

*Glaucidium brasilianum*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-174895, 485468).

**APODIFORMES**

**TROCHILIDAE**

***Phaetornis squalidus* (Temminck, 1822)**

*Phaethornis squalidus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-479013)

***Chlorostilbon lucidus* (Shaw, 1812)**

*Chlorostilbon aureoventris*

(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120056)

***Amazilia versicolor* (Vieillot, 1818)**

*Amazilia versicolor*

(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120058)

CORACIIFORMES  
MOMOTIDAE

***Baryphthengus ruficapillus*** (Vieillot, 1818)

*Baryphthengus ruficapillus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-478063-478065; MCZ-120,066; NZNM-2631; YIO-30063)

GALBULIFORMES  
GALBULIDAE

***Galbula ruficauda*** Cuvier, 1816

*Galbula ruficauda*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-485719-485720)

***Jacamaralcyon tridactyla*** (Vieillot, 1817)

*Jacamaralcyon tridactyla*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-270378)

BUCCONIDAE

***Notharchus swainsoni*** (Gray, 1846)

*Notharchus macrorhynchos*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-486010; FMNH-51098)

***Malacoptila striata*** (Spix, 1824)

*Malacoptila striata*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-486173; YIO-021567 e 021568)

PICIFORMES  
RAMPHASTIDAE

***Ramphastos dicolorus*** Linnaeus, 1766

*Ramphastos dicolorus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-486669-486670; FMNH-50413, 53681; NZNM-2611)

***Pteroglossus aracari*** (Linnaeus, 1758)

*Pteroglossus aracari*

(Straube *et al.*, 2002: FMNH-53559, 73736; MCZ-120101)

## PICIDAE

### ***Melanerpes flavifrons*** (Vieillot, 1816)

*Melanerpes flavifrons*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-393385)

### ***Veniliornis spilogaster*** (Wagler, 1827)

*Veniliornis spilogaster*  
(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120142)

### ***Piculus flavigula*** (Boddaert, 1783)

*Piculus flavigula*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-487326; MCZ-120079)

### ***Colaptes melanochloros*** (Gmelin, 1788)

*Colaptes melanochloros*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-487416 e 487426)

### ***Celeus flavescens*** (Gmelin, 1788)

*Celeus flavescens*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-488239; MCZ-120084; YPM-11035; NZNM-2617)

### ***Dryocopus lineatus*** (Linnaeus, 1766)

*Dryocopus lineatus*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-393362; 488619-488620; FMNH-279188)

### ***Campephilus robustus*** (Lichtenstein, 1818)

*Campephilus robustus*  
(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120086; FMNH-49002)

## PASSERIFORMES

## FORMICARIIDAE

### ***Myrmecyza squamosa*** Pelzeln, 1868

*Myrmecyza squamosa*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-491611-491612; FMNH-50741; MCZ-120204)

### ***Myrmotherula gularis*** (Spix, 1825)

*Myrmotherula gularis*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-490332)

### ***Dysithamnus mentalis*** (Temminck, 1823)

*Dysithamnus mentalis*  
(Straube *et al.*, 2002: FMNH-56939, 56942-56943, 56962-56965; MCZ-120198)

***Herpsilochmus rufimarginatus* (Temminck, 1822)**

*Herpsilochmus rufimarginatus*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-490672)

***Thamnophilus caerulescens* Vieillot, 1816**

*Thamnophilus caerulescens*  
(Straube *et al.*, 2002: FMNH-56436-56438)

***Hypoedaleus guttatus* (Vieillot, 1816)**

*Hypoedaleus guttatus*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-489058; FMNH-56944-56946, 56948-56951;  
56957; MCZ-120205; NZNM-2637)

***Pyriglena leucoptera* (Vieillot, 1818)**

*Pyriglena leucoptera*  
(Straube *et al.*, 2002: FMNH-50689, 56993-56998; NZNM-2701)

**CONOPOPHAGIDAE**

***Conopophaga lineata* (Wied, 1831)**

*Conopophaga lineata*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-488938; FMNH-49013)

**FORMICARIIDAE**

***Chamaeza campanisona* (Lichtenstein, 1823)**

*Chamaeza campanisona*  
(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120202)

**SCLERURIDAE**

***Sclerurus scansor* (Ménétrières, 1835)**

*Sclerurus scansor*  
(Straube *et al.*, 2002: NZNM-2694)

**DENDROCOLAPTIDAE**

***Dendrocincla turdina* (Lichtenstein, 1820)**

*Dendrocincla turdina*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-525417)

***Sittasomus griseicapillus* (Vieillot, 1818)**

*Sittasomus griseicapillus*  
(Straube *et al.*, 2002: FMNH-57109)

***Xiphorhynchus fuscus* (Vieillot, 1818)**

*Lepidocolaptes fuscus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-525156; FMNH-66200; NZNM-2651)

***Dendrocolaptes platyrostris* Spix, 1825**

*Dendrocolaptes platyrostris*

(Straube *et al.*, 2002: NZNM-2622)

***Xiphocolaptes albicollis* (Vieillot, 1818)**

*Xiphocolaptes albicollis*

(Straube *et al.*, 2002: FMNH-65970; NZNM-2623)

**FURNARIIDAE**

***Automolus leucophthalmus* (Wied, 1821)**

*Automolus leucophthalmus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-524275; MCZ-120,200)

***Philydor lichtensteini* Cabanis & Heine, 1859**

*Philydor lichtensteini*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-524211-524213; FMNH-53988, 57011-57019; CM-138558-138559; NZNM-2691; YPM-25449)

***Philydor atricapillus* (Wied, 1821)**

*Philydor atricapillus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-524193; CM-138555-138556; FMNH-57031, 57035-57041; NZNM-2693)

***Philydor rufum* (Vieillot, 18180**

*Philydor rufum*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-524224-524225; FMNH-57009-57010; MCZ-120203; NZNM-2692)

***Synallaxis ruficapilla* Vieillot, 1819**

*Synallaxis ruficapilla*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-523327; NZNM-2695)

**PIPRIDAE**

***Pipra fasciicauda* Hellmayr, 1906**

*Pipra fasciata* Lafr. et d'Orb.

(Ihering & Ihering, 1907:298, "Salto Grande do Paranapanema")

*Pipra fasciata scarlatina* Hellmayr<sup>80</sup>

---

<sup>80</sup> O exemplar colecionado na Fazenda Caiuá por Hempel é holótipo desse táxon. Foi descrito (como *Pipra aureola scarlatina*) por Hellmayr (1915:122-124), em artigo encartado em sua "*Miscellanea ornithologica*" e denominado: "*II. Ein bischer verkannter Pipride aus Brasilien*". Segundo esse autor: "Type im Zoologische Museum, München: Nr. 09.524. ♂ ad. Fazenda Cayoà, Salto Grande do Rio Paranapanema, Estado do São Paulo, Brazil, September 16, 1903. Adolph Hempel coll. Nr. 3457". Não há dúvida sobre a data de

(Pinto, 1838:66-67, “São Paulo Faz. Caioá (Salto Grande do Paranapanema): ♂, Hempel, setembro 18 (1903); ♀, Hempel, setembro 22 (1903))”.

*Pipra fasciicauda*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-492666-492669; MCZ120141; MZUSP-4287-4288)

***Chiroxiphia caudata* (Shaw & Nodder, 1793)**

*Chiroxiphia caudata*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-493189; NZNM-2684)

**TITYRIDAE**

***Tityra inquisitor* (Lichtenstein, 1823)**

*Tityra inquisitor*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-493781; MCZ-120133)

***Pachyramphus castaneus* (Jardine & Selby, 1827)**

*Pachyramphus castaneus*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-494009-494012)

***Pachyramphus validus* (Lichtenstein 1823)**

*Pachyramphus validus*  
(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120131; NZNM-2681)

**COTINGIDAE**

***Procnias nudicollis* (Vieillot, 18170)**

*Procnias nudicollis*  
(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120130)

***Pyroderus scutatus* (Shaw, 1792)**

*Pyroderus scutatus*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-494805; MCZ-120129; NZNM-2633)

***Phibalura flavirostris* Vieillot, 1816**

*Phibalura flavirostris*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-494411)

**RHYNCHOCYCLIDAE**

***Mionectes rufiventris* Cabanis, 1846**

*Mionectes rufiventris*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-500323; NZNM-2687)

---

publicação, desavisadamente dúvida ao perceber a indicação dos anos “1914-1916” indicados no volume 12 do periódico. Essa questão é elucidada no verso da folha de rosto: “[...] *Heft 2. (p.93-164, XI – XIV) am 8. Februar 1915*”.



***Corythopsis delalandi* (Lesson, 1830)**

*Corythopsis delalandi*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-488949, 488950-488953; FMNH-50020; MCZ-120064; NZNM-2700)

***Phylloscartes eximius* (Temminck, 1822)**

*Phylloscartes eximius*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-498849)

***Phylloscartes paulista* Ihering & Ihering, 1907**

*Phylloscartes paulista* n.sp.

(Ihering & Ihering, 1907:272-273, “Mus. Paul.: Typo N. 5.746, ♂ ad. Fazenda Cayoá, Salto Grande do Paranapanema, Est. de S. Paulo”)<sup>81</sup>

*Phylloscartes paulista*

(Straube *et al.*, 2002: MZUSP-5746)

***Tolmomyias sulphureus* (spix, 1825)**

*Tolmomyias sulphureus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-498306)

***Myiornis auricularis* (Vieillot, 1818)**

*Myiornis auricularis*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-498820)

***Hemitriccus nidipendulus* (Wied, 1831)**

*Hemitriccus nidipendulus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-498663)

***Hemitriccus orbitatus* (Wied, 1831)**

*Hemitriccus orbitatus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-498672-498674; MCZ-120197)

**TYRANNIDAE**

***Euscarthmus meloryphus* Wied, 1831**

*Hapalocercus meloryphus* Wied

(Ihering & Ihering, 1907:273, “Salto Grande do Paranapanema”)

*Euscarthmus meloryphus meloryphus* Wied

(Pinto, 1944:251-252, “São Paulo Faz. Caioá (Salto Grande): ♂, Hempel, setembro 11 (1903); ♀, Hempel, setembro 14 (1903))”.

*Euscarthmus meloryphus*

(Straube *et al.*, 2002: MZUSP-5735-5736)

***Tyranniscus burmeisteri* Cabanis & Heine, 1859**

*Tyranniscus burmeisteri*

(Straube *et al.*, 2002: MZUSP-5747)<sup>82</sup>

---

<sup>81</sup> O exemplar não é mencionado como presente nas coleções do Museu de Zoologia por Pinto (1938:248).

***Camptostoma obsoletum* (Temminck, 1824)**

*Ornithion cinerascens* (Wied)

(Ihering & Ihering, 1907:280, “Salto Grande do Paranapanema”)

*Camptostoma obsoletum*

(Straube *et al.*, 2002: MZUSP-5733)

***Elaenia mesoleuca* (Deppe, 1830)**

*Elaenia mesoleuca* (Cab. Et Heine)

(Ihering & Ihering, 1907:284, “Salto Grande do Paranapanema”)

*Elaenia mesoleuca* Cabanis & Heine

(Pinto, 1944:271-272, “São Paulo Faz Caioá (Salto Grande), sexo ?,

Hempel, setembro 26 (1903)”)

*Elaenia mesoleuca*

(Straube *et al.*, 2002: MZUSP-5734)

***Capsiempis flaveola* (Lichtenstein, 1830)**

*Capsiempis flaveola*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-498873)

***Piprites chloris* (Temminck, 1822)**

*Piprites chloris*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-492492-492494)

***Legatus leucophaius* (Vieillot, 1818)**

*Legatus leucophaius*

(Straube *et al.*, 2002: NZNM-2686)

***Myiarchus swainsoni* Cabanis & Heine, 1859**

*Myiarchus swainsoni*

(Straube *et al.*, 2002: NZNM-2639)

***Myiarchus ferox* (Gmelin, 1789)**

*Myiarchus ferox*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-497242-497243)

***Sirystes sibilator* (Vieillot, 1818)**

*Sirystes sibilator*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-496452; FMNH-64140; NZNM-2690; YPM-11194; YIO-23618).

***Pitangus sulphuratus* (Linnaeus, 1766)**

*Pitangus sulphuratus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-393404; MCZ-120201; YIO-023649)

***Myiodynastes maculatus* (Statius Muller, 1776)**

*Myiodynastes maculatus*

(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120182)

---

<sup>82</sup> Não consta em Ihering & Ihering (1907) nem Pinto (1944).

***Myiozetetes similis* (Spix, 1825)**

*Myiozetetes similis*

(Straube *et al.*, 2002: NZNM-2689)

***Tyrannus melancholicus* Vieillot, 1819**

*Tyrannus melancholicus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-369028-369031; NZNM-2640)

***Conopias trivirgata* (Wied, 1831)**

*Conopias trivirgata*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-496670)

***Cnemotriccus fuscatus* (Wied, 1831)**

*Cnemotriccus bimaculatus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-497812-497814)

***Lathrotriccus euleri* (Cabanis, 1868)**

*Empidonax euleri* (Cab.)

(Ihering & Ihering, 1907:292, “Salto Grande do Paranapanema”)

*Empidonax euleri euleri* (Cabanis)

(Pinto, 1944:181-182, “São Paulo Faz. Caioá (Salto Grande): 2 ♂♂,

*Hempel, outubro 19 e 20 (1903)”*)

*Lathrotriccus euleri*

(Straube *et al.*, 2002: MZUSP-5744-5745)

***Contopus cinereus* (Spix, 1825)**

*Contopus cinereus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-497586)

***Knipolegus cyanirostris* (Vieillot, 1818)**

*Knipolegus cyanirostris* (Vieill)

(Ihering & Ihering, 1907:261, “Salto Grande do Paranápanema”)

*Knipolegus cyanirostris* (Vieillot)

(Pinto, 1944:116-117, “São Paulo Salto Grande do Paranapanema: ♀, A.

*Hempel, junho 18 (1902 [sic])”*).

*Knipolegus cyanirostris*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-495519; MZUSP-5740)

***Muscipipra vetula* (Lichtenstein, 1823)**

*Muscipipra vetula*

(Straube *et al.*, 2002: FMNH-53937)

## VIREONIDAE

### ***Vireo olivaceus*** (Linnaeus, 1766)

*Vireo chivi*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-379256, 504984-504985; MCZ-120119; NZNM-2697; YIO-50786)

## CORVIDAE

### ***Cyanocorax chrysops*** (Vieillot, 1818)

*Cyanocorax chrysops*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-501143; FMNH-53663; MCZ-120104)

## HIRUNDINIDAE

### ***Progne chalybea*** (Gmelin, 17890)

*Progne chalybea*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-371613-317615, 500634-500635, FMNH-53559, 73736; MCZ-120107; NZNM-2663; YIO-024875)

### ***Tachycineta albiventer*** (Boddaert, 1783)

*Tachycineta albiventer*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-500745)

## TROGLODYTIDAE

### ***Troglodytes musculus*** Naumann, 1823

*Troglodytes musculus*

(Straube *et al.*, 2002: NZNM-2650)

## TURDIDAE

### ***Turdus flavipes*** Vieillot, 1818

*Platycichla flavipes*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-503107)

### ***Turdus leucomelas*** Vieillot, 1818

*Turdus leucomelas*

(Straube *et al.*, 2002: FMNH-66317)

### ***Turdus amaurochalinus*** Cabanis, 1850

*Turdus amaurochalinus* Cab.

(Ihering & Ihering, 1907:319, “Salto Grande do Paranápánema”)

*Turdus amaurochalinus* Cabanis

(Pinto, 1944:370-372, “Faz. Caióá (Salto Grande do Paranapanema): 2 ♀♀, Hempel, setembro 5 e 16 (1903)”).

*Turdus amaurochalinus*

(Straube *et al.*, 2002: NZNM-2645; MZUSP-5741-5742)

## THRAUPIDAE

### ***Cissopis leverianus*** (Gmelin, 1788)

*Cissopis leveriana*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-511591; MCZ-120056, 120116)

### ***Pyrrhocomma ruficeps*** (Strickland, 1844)

*Pyrrhocomma ruficeps* (Strickl.)

(Ihering & Ihering, 1907:379, “Salto Grande do Paranapanema”)

*Pyrrhocomma ruficeps* (Strickland)

(Pinto, 1944:528, “São Paulo Salto Grande do Paranapanema: ♂ juv., Hempel, agosto (1903)”.

*Pyrrhocomma ruficeps*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-511080, 511981; MCZ-120114; MZUSP-5732)

### ***Trichothraupis melanops*** (Vieillot, 1818)

*Trichothraupis melanops*

(Straube *et al.*, 2002: NZNM-2659; YIO-49238)

### ***Tachyphonus coronatus*** (Vieillot, 1822)

*Tachyphonus coronatus*

(Straube *et al.*, 2002: NZNM-2682)

### ***Ramphocelus carbo*** (Pallas, 1764)

*Ramphocelus carbo*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-509933; NZNM-2705)

### ***Pipraeidea melanonota*** (Vieillot, 1819)

*Pipraeidea melanonota*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-512586-512587; MCZ-120115)

### ***Tangara seledon*** (Statius Muller, 1776)

*Tangara seledon*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-512733; MCZ-120120; NZNM-2706)

### ***Dacnis cayana*** (Linnaeus, 1766)

*Dacnis cayana*

(Straube *et al.*, 2002: FMNH-56845)

### ***Hemithraupis guira*** (Linnaeus, 1766)

*Hemithraupis guira*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-511123)

### ***Conirostrum speciosum*** (Temminck, 1824)

*Ateleodacnis speciosa* (Wied)

(Ihering & Ihering, 1907:334, “Salto Grande do Paranapanema”)

*Conirostrum speciosum speciosum* (Temminck)

(Pinto, 1944:426-427, “São Paulo Faz. Caioá (Salto Grande): ♂ juv., Hempel, junho 16 (1903)”).

*Conirostrum speciosum*  
(Straube *et al.*, 2002: MZUSP-5730-5731)

## EMBERIZIDAE

### ***Zonotrichia capensis*** (Statius Muller, 1776)

*Zonotrichia capensis*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-406589, 518972; NZNM-2696)

### ***Haplospiza unicolor*** Cabanis, 1851

*Haplospiza unicolor* Cab.  
(Ihering & Ihering, 1907:383, “Salto Grande do Paranápánema”)

*Haplospiza unicolor* Cabanis  
(Pinto, 1944:646-647, “São Paulo, Faz. Caioá (salto Grande do Paranapanema): 2 ♂♂ juvs., Hempel, setembro 3 e 28 (1903; ♀, Hempel, setembro 10 (1903)”).

*Haplospiza unicolor*  
(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120105; MZUSP-5737-5739)

### ***Sicalis flaveola*** (Linnaeus, 1766)

*Sicalis flaveola*  
(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120100)

### ***Sporophila caerulescens*** (Vieillot, 1823)

*Sporophila caerulescens* (Bonn. et Vieill.)  
(Ihering & Ihering, 1907:376, “Salto Grande do Paranápánema”)

*Sporophila caerulescens caerulescens* (Vieillot)  
Pinto, 1944:619-620, “São Paulo Faz. Caioá (Salto Grande do Paranapanema), ♂ juv. Hempel, agosto 21 (1903)”).

*Sporophila caerulescens*  
(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120099; MZUSP-5743)

### ***Arremon semitorquatus*** Swainson, 1838

*Arremon semitorquatus*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-520319-520320)

## CARDINALIDAE

### ***Habia rubica*** (Vieillot, 1817)

*Habia rubica*  
(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120110-120111; NZNM-2655)

### ***Cyanoloxia glaucocaeerulea*** (d’Orbigny & Lafresnaye, 1837)

*Passerina glaucocaeerulea*  
(Straube *et al.*, 2002: AMNH-514162)

## PARULIDAE

### ***Parula pitiayumi*** (Vieillot, 1817)

*Parula pitiayumi*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-380787, 506416; MCZ-120128)

### ***Geothlypis aequinoctialis*** (Gmelin, 1789)

*Geothlypis aequinoctialis*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-406539-406540)

### ***Basileuterus culicivorus*** (Deppe, 1830)

*Basileuterus culicivorus*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-406543-406544, 505755; NZNM-2698)

### ***Phaeothlypis rivularis*** (Wied, 1821)

*Phaeothlypis rivularis*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-505852-505862; MCZ-120,126)

## ICTERIDAE

### ***Cacicus haemorrhous*** (Linnaeus, 1766)

*Cacicus haemorrhous*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-520792; MCZ-120222; FMNH-53230)

### ***Gnorimopsar chopi*** (Vieillot, 1819)

*Gnorimopsar chopi*

(Straube *et al.*, 2002: MCZ-120221)

### ***Molothrus bonariensis*** (Gmelin, 1789)

*Molothrus bonariensis*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-520934, 387261, 520260, 520933, 387259, NZNM-2635-2636)

## FRINGILLIDAE

### ***Euphonia pectoralis*** (Latham, 1801)

*Euphonia pectoralis*

(Straube *et al.*, 2002: AMNH-512429)





# 1903 a 1904

## MIRKO SELJAN e STJEPAN SELJAN

MIRKO SELJAN (Karlovac, Croácia: n. 5 de abril de 1871; f. Foz do rio Jelache, Peru, 12 de maio de 1913) e STJEPAN<sup>83</sup> SELJAN (Karlovac, Croácia: n. 19 de agosto de 1875; f. Ouro Preto, MG, 5 de junho de 1936) foram dois geógrafos e exploradores croatas, conhecidos por expedições à Etiópia e outros países africanos entre 1899 e 1902, a serviço do imperador Menelik II (Altić, 2005)<sup>84</sup>.

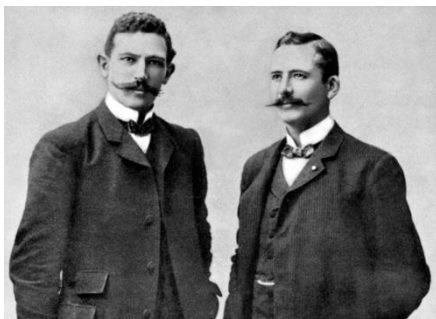
Tendo conquistado a confiança de governantes sulamericanos, chegaram à América do Sul em abril de 1903 sob financiamento oficial ora do Brasil, ora do Paraguai, Argentina, Chile e Peru, onde realizaram diversas viagens de exploração geográfica (Altić, 2009).

Dentre seus encargos constava a produção de estudos estratégicos que subsidiassem a tão sonhada comunicação entre os oceanos Atlântico e Pacífico, tópico de interesse multinacional. Para isso criaram, logo à sua chegada, uma empresa de prestação de serviços, denominada “*Misión Científica Croata Mirko y Stevo Seljan*”, que explica as contratações por parte dos vários países envolvidos.

---

<sup>83</sup> Eventualmente Štefan e, mais frequentemente, Stevo.

<sup>84</sup> Este capítulo contou com as seguintes fontes: Lazarević (1977: versão resumida em <http://www.croatianhistory.net/etf/seljan.html>), Janin (1986) e Altić (2009).



**Os irmãos Stjepan e Mirko Seljan** (Fontes: Lazarević, 1977 e Altić, 2005).

Dedicaram-se inicialmente ao mapeamento dos afluentes da margem direita do rio Paranapanema, acessado por via férrea a partir de São Paulo (com saída a 10 de maio de 1903) com destino a Itapetininga, Santa Cruz do Rio Pardo<sup>85</sup> e Campos Novos Paulista. Depois de duas semanas retornaram ao curso principal daquele rio, acessado exatamente a partir do então lugarejo paulista de Salto Grande do Paranapanema (“*Salto dos Donrados*” (*sic*), segundo Altić, 2009)<sup>86</sup>, onde permaneceram por cerca de cinco meses.

Prado & Prado (2012) reproduzem uma carta datada de 25 de outubro de 1903 enviada dessa localidade ao periódico local “Correio do Sertão” (ano 2, nº 87) que, além

<sup>85</sup> Nessa cidade, onde ambos permaneceram por 14 dias, consta terem realizado um concerto musical (!) no salão do Tribunal do Juri, sob olhares de plateia composta por autoridades e a população local (jornal “Correio do Sertão”, ano 3, nº 73 segundo Prado & Prado, 2012).

<sup>86</sup> Altić (2009) comete alguns erros geográficos e toponímicos na descrição do itinerário. Procurei aqui saná-los, ainda que sem acesso às fontes originais. Segundo essa autora, os irmãos Seljan teriam, além do levantamento geográfico detalhado da região, obtido fotografias das corredeiras e saltos.

de descrever o itinerário em terras paulistas, comunicava a partida para o “Matto Grosso”. Pretendiam percorrer todo o curso fluvial do rio Paranapanema<sup>87</sup>, repetindo a expedição dos irmãos Borba quase três décadas antes (Straube, 2013).



Os irmãos Seljan: Stjepan (1) e Mirko (2) em viagem pelo “Brasil” (Fonte: Janin, 1986 na homepage CEIK: *Braca Seljan*, <http://www.centar-seljan.com/>).

E de fato o fizeram. Após 367 km navegados em 21 dias de viagem, chegaram à foz do Paranapanema no rio Paraná e, de acordo com Altić (2009): “*At the time they measured air temperature, rainfalls, the wind, the river’s depth, the speed of the river’s tributaries, mapping the flow of the river and islands and measuring the latitude. Besides the mentioned above, in their diary, they also carefully noted the*

---

<sup>87</sup> Aqui mostra-se uma probabilíssima conexão entre eles e Adolph Hempel que, como visto, ali se encontrava exatamente nessa época.

*landscape's appearance, flora and fauna, soil characteristics as well as the possibilities for cultivation*”<sup>88</sup>.

Em seguida, investigaram o rio Paraná, percorrendo sua margem direita e, então, pelo caminho fluvial do rio Ivinhema (Mato Grosso do Sul), do qual mapearam todos os tributários. Já no rio Paraguai, seguem até Corumbá, momento em que findava a subvenção do governo brasileiro.

Descem, em seguida, pelo rio Paraguai chegando a Assunção. Nesse momento, são contratados para uma nova empreitada, agora por um esforço tripartite entre o Brasil, Paraguai e Argentina. Assim, em 20 de janeiro de 1904 partem por ferrovia até *Villarrica* e dali – ora a cavalo, ora em embarcações – passam a estudar as condições geográficas e mapear os rios Tebicuary, Monday e Acaray<sup>89</sup>, atingindo novamente o rio Paraná. Visam agora aos saltos das Sete Quedas (atualmente submersos pelo reservatório de Itaipu) e, durante oito dias, lá procedem minuciosa avaliação geográfica que resulta em um mapa em escala 1:25.000 indicando a localização dos saltos, ilhas e afluentes<sup>90</sup>.

---

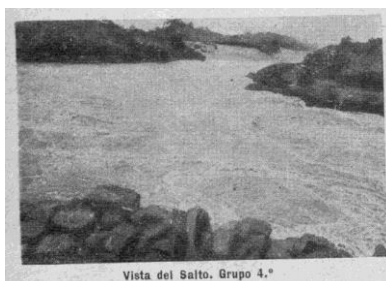
<sup>88</sup> “Na ocasião, mediram temperaturas, pluviosidade, velocidade dos ventos, profundidade do rio, velocidade dos afluentes, mapeando o curso fluvial e suas ilhas, bem como estimando as latitudes. Além disso, em seus diários, fizeram anotações cuidadosas sobre a aparência das vegetações, sua flora e fauna, características do solo, bem como do potencial para o cultivo”.

<sup>89</sup> Nesse intervalo é notável o apontamento: “*Numa extensão de 28 Kilometros o viajor ouve sem cessar o grito dos simios, papagaios, arara etc, e de quando em vez o miar da onça, que emboscada espreita uma preza facil*” (Seljan, 1919).

<sup>90</sup> Todo esse percurso é narrado com preciosos detalhes em Seljan (1919), fonte que é melhor discutida adiante.



**Um dos saltos de Guaíra, flagrado durante a viagem dos irmãos Seljan pelo interior do Paraná (Fonte: Seljan & Seljan, 1905).**



**Fotografias colhidas durante a estada dos irmãos Seljan nos saltos das Sete Quedas (Fonte: Seljan & Seljan, 1905).**



**Mapa das Sete Quedas (“El Salto del Guayrá”), originalmente em escala 1:25.000, publicado pelos irmãos Seljan (Fonte: Altić, 2009).**

O próximo passo da viagem tomou lugar em Foz do Iguaçu, onde se estabeleceram na então colônia militar. Para acessá-la, a partir das Sete Quedas, mantiveram-se na margem paraguaia do rio Paraná, passando por San Blás, pelos ervais de Santa Rosa e pelos campos de Pindoti, então Itaquiri (*Itakyry*) e o porto de Tucuru-pucu. Chegados à colônia, realizam incursões às Cataratas do Iguaçu, sobre cujo sistema produzem mapa detalhado, também na inédita escala 1:25.000, além de colher notável acervo fotográfico. Foram provavelmente os primeiros geógrafos a produzir uma carta tão aprofundada e descrição precisa da região; em suas anotações, informam (traduzidas por Altić, 2009):

*“...about 6 km above the start of the fall, the river turns into a lake 980 m wide. The main quantity of water is collected on the right (Brazilian) part of the three channels. These channels are 2 m deep and 7-10 m wide. They are separated by granite islands without vegetation. The rest of the water*

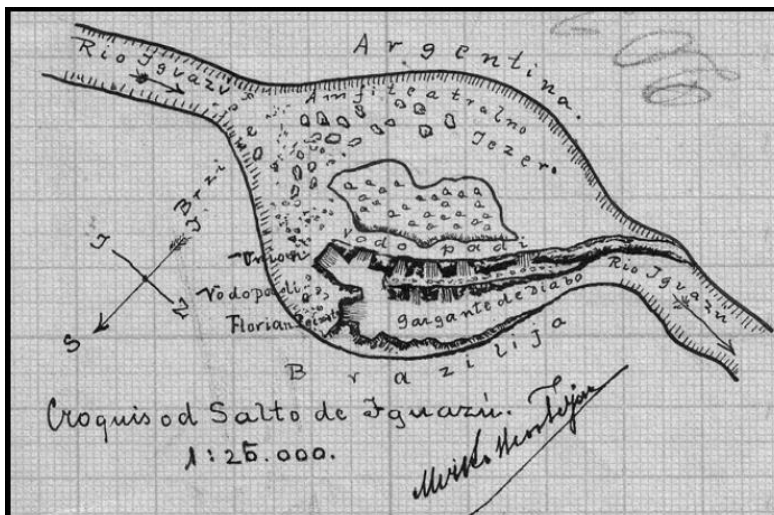
*flows towards the left bank amongst numerous caves and more than 200 channels. Granite banks above the falls are 70-80 m high and they spread into a horseshoe shape 3,900 m long. Here the bank slopes deeply creating three magnificent falls: Salto Forian Peixto is 20 m wide and 63 m high, in the middle is Salto Union 22 m wide and 67 m high and Salto Benjamin Constant 16 m wide and 63 m high. The isthmus amongst the three main falls is called Gargante del Diablo. Numerous falls are also on the Argentinean side and the greatest is Salto Victoria”*

Esse período logo após sua chegada a Foz do Iguaçu se estende por seis meses, quando decidem tomar o rumo leste, visando a capital Curitiba e, assim, atravessando todos os três planaltos paranaenses<sup>91</sup>. Após concluírem a missão, seguem para Buenos Aires onde apresentam os resultados de suas explorações para ouvintes da *Sociedad Geográfica Argentina*<sup>92</sup>.

---

<sup>91</sup> O jornal “A República” (ano 21, n° 80 de 5 de abril de 1905, p.2) noticia: “Os exploradores húngaros srs. Mirko e Stephan Seljan, que há tempos estiveram nesta capital, cabam de publicar em Buenos Ayres, uma curiosa notícia sobre o salto do Guayra, no Alto Paraná [...]”. Cabe lembrar que, nesse ano, a Croácia fazia parte do Império Austro-húngaro.

<sup>92</sup> Altic (2009) refere-se a “*Geographic Society of Argentina*”, o que levaria a crer que se trata da *Sociedad Argentina de Estudios Geográficos*, fundada apenas em 1922. De fato, há uma relação entre essa entidade e outras duas antecessoras, o *Instituto Geográfico Argentino* (IGA, inaugurado em 6 de fevereiro de 1879 por Estanislao Severo Zeballos) e a *Sociedad Geográfica Argentina* (SGA, formada em 1881 por Ramón Lista, dissidente da primeira). Em 1897 ambas instituições foram reagrupadas ao IGA que manteve seus objetivos até ser finalmente dissolvido em 1930 (Curto *et al.*, 2008).



Mapa das Cataratas do Iguaçu, originalmente em escala 1:25.000, publicado pelos irmãos Seljan (Fonte: Altić, 2009).

Já no ano seguinte os irmãos Seljan publicaram em Buenos Aires a rara obra bilingue (espanhol e francês) intitulada “*El Salto del Guayrá – La chute du Guayrá*” (Seljan & Seljan, 1905) que, segundo consta, consiste de uma tradução de um original em língua croata<sup>93</sup>; ali encontra-se não somente a narrativa de viagem como mapas originais e fotografias colhidas durante a expedição.

No início de 1905, decidem seguir para o Chile onde chegaram após penosa viagem cruzando os Andes até Valparaíso e Santiago. Sob novo patrocínio do governo brasileiro passam então, a planejar nova expedição que elucidasse as potenciais vias de comunicação entre o “Matto Grosso” e a Amazônia. Para isso, foi necessário retornar a

<sup>93</sup> Trata-se de uma obra rara. A tradução para o espanhol coube a Serafin Livacich e a versão francesa ficou ao encargo de Charles de la Hitte. Apesar de Anić (1988) ter informado algo que se parece com um título (“*Slapovi Guayra – Sete Quedas*”), suspeito que a versão croata jamais tenha existido e sim que o livro tenha sido produzido a partir dos diários inéditos dos autores.



Buenos Aires, depois Montevideu e então reiniciar a peregrinação a partir do Rio de Janeiro! Partem na primavera do mesmo ano de Cuiabá em direção a norte, chegando a Santarém (Pará) em janeiro de 1906, após realizar anotações e mapeamentos dos rios Cuiabá, das Mortes e das desembocaduras do Xingu e Tapajós.

Como se não bastasse, em 1908 passam a explorar e mapear toda a região da foz do rio Amazonas, primeiro em Belém, depois circundando a ilha de Marajó e percorrendo o rio Maracá-pacu até suas nascentes na Serra do Tumucumaque. Sobre essa área, preparam relatórios sobre a presença e distribuição de seringueiras (*Hevea brasiliensis*), planta de interesse estratégico na economia mundial.

Concluído o trabalho para o governo brasileiro, entre 1909 e 1910, os irmãos já estavam no Deserto do Atacama (Chile), realizando prospecções de depósitos de salitre. No ano seguinte, ao contactar imigrantes croatas no Peru, foram convidados pelo governo peruano a produzir um estudo de viabilidade de comunicação entre o Oceano Pacífico e a rede fluvial da bacia amazônica. Para isso, viajaram para os EUA em busca de financiamento, o que exigiu a criação de uma empresa destinada à captação de recursos: “*The American-Peruvian Corporation – Sociedad Peruana-Americana*”.

Uma vez estabelecida, a empresa prosperou, inclusive com grandes financiamentos de investidores estadunidenses. No início de 1911, foi dado por iniciado o projeto, cabendo a Mirko viajar pelas matas inóspitas e colinosas, enquanto Stjepan permanecia nos EUA com encargos burocráticos.

Na segunda quinzena desse ano, ao chegar à foz do rio Jelache (Departamento de San Martín, Peru), Mirko e seu companheiro americano, o engenheiro Patrick O’Higgins, foram emboscados e mortos por um grupo

indígena hostil, tendo seus despojos atirados ao rio. Era o fim da produtiva parceria entre dois irmãos incansáveis que, com todos os méritos, formaram um dos grupos de estrangeiros que mais conheceu o Brasil contemporâneo.

Infelizmente o legado dos irmãos Seljan permanece até os dias de hoje ainda inacessível, obscuro ou privado e, naturalmente, esquecido de todas as obras clássicas de História do Paraná. Suas anotações, de acordo com um dos biógrafos, Lelio Janin (1986), contêm todo o tipo de informação e não somente de caráter documental fotográfico, cartográfico e geográfico (finalidade principal da missão encomendada pelo governo brasileiro); interessavam-se pela etnografia, histórica, linguística e, segundo Altić (2009), também pela vegetação, edafologia e, claro, pela fauna e flora. Há menção, ainda, de material etnográfico, em especial de arte plumária, que teria sido colecionado durante as viagens e remetido ao Museu Nacional de Zagreb<sup>94</sup>.

Em fevereiro de 1919, Stjepan lançou em Ouro Preto (Minas Gerais) o opúsculo intitulado “*Viagens de exploração de dois yugo-slavos<sup>95</sup> pelo Brasil e republicas limitrophes*” obra que, segundo o autor, teve uma tiragem de mil exemplares, distribuídos entre a Cruz Vermelha Brasileira e aos órfãos de guerra sérvios<sup>96</sup>. Essa obra inclui

---

<sup>94</sup> Agora no *Etnografski muzej* de Zagreb (Croácia) que também conserva o manuscrito “*The diary from Latin America*”, escrito por ambos e registrado na referida instituição sob nº 5050/II A-B (Altić, 2009).

<sup>95</sup> Cabe lembrar que em 1918, foi instituído o “Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos” que englobava parte dos atuais territórios da Bósnia-Herzegovina, Sérvia, Montenegro, Macedônia, Eslovênia e Croácia. Em 1929, passou a ser chamado de Reino da Iugoslávia, condição que se estendeu até 1941, com a Segunda Grande Guerra.

<sup>96</sup> Myskiw (2008) em seu documento para qualificação de doutorado, menciona a obra, que foi reeditada em 1999 como um capítulo do livro “Relatos de viagem a Guaíra e foz do Iguaçu (1870-1920)” (integrante da coleção *Monumenta*, lançada pela casa editorial “Aos Quatro Ventos” de Curitiba). Na tese de doutoramento desse mesmo autor (Myskiw, 2009), os irmãos Seljan não são mencionados, haja vista que serão objeto de estudo futuro (A. M. Myskiw, 2015 *in litt.*). Minha sincera gratidão a esse estudioso por ter enviado gentilmente o respectivo material bibliográfico.

descrições importantes sobre o que fôra vivenciado durante o trecho cumprido entre Assunção e Foz do Iguaçu.

No prefácio do livro, cabe ressaltar, Seljan (1919 [1999]) afirma que seria nada mais do que uma tradução tosca de diversos escritos que teriam sido publicados “...em livros e revistas científicos e ilustrados, especialmente para a colectividade Yugo-Slava”. Esse detalhe aponta para a necessidade de pesquisas bibliográficas mais profundas e que por certo trarão resgate valioso sobre as viagens dos irmãos croatas<sup>97</sup>.

Logo após a morte do irmão, Stjepan desistiu das viagens, dedicando-se ao cultivo, manufatura e comércio de chá-da-índia<sup>98</sup>, para o que se radicou em 1917 na localidade de Rodrigo Silva, perto de Ouro Preto (Minas Gerais), onde faleceu – junto à sua esposa brasileira (Maria Aracy Lessa). Teve quatro filhos, dentre eles Zora Seljan (1918-2006), celebrada romancista e folclorista, casada em primeiras núpcias com o escritor Antônio Olinto e, depois, com o cronista capixaba Rubem Braga.

São profundas as palavras de Stjepan, redigidas no seu diário em 18 de maio de 1903, quando – portanto – encontrava-se no vale do rio Paranapanema:

*“Hay hábitos en la vida humana, de los cuales el hombre no se puede desligar, los que tienen el mismo efecto sobre los nervios como la morfina para el morfinómano y el tabaco para el fumador. Uno de esos hábitos es la inclinación a viajes, el deseo de estudiar el vasto mundo, las regiones lejanas y desconocidas. Es una droga amarga, pero cuando el hombre una vez la*

---

<sup>97</sup> Uma busca poderia ser iniciada, por exemplo, nos números 1 a 3 (janeiro a abril de 1906) do periódico croata *Prosveta*, mencionado por Seljan (1909).

<sup>98</sup> Jornal “O Combate” (ano 10, n° 2696, p.2) e também anúncios comerciais variados sobre o “Chá da Índia Seljan”.

*conozca, no podrá más privarse de ella. A los pocos exploradores les fue dado disfrutar los logros de sus esfuerzos: la mayoría dejó su osamenta en los extraños y lejanos lugares; hasta, los que tuvieron la dicha de volver a su querida patria, fueron víctimas de las enfermedades como consecuencia de los sufrimientos padecidos y del clima de las zonas inhóspitas. Este es el destino del explorador, que no tiene porque asustarlo, sino que debe que pensar en el adagio que, 'a las estrellas se llega solamente a través del camino lleno de espinas y piedras ...' “.*

**1903, 1908-1912  
e 1913-1916**

**PER KARL DUSÉN**

**PER KARL HJALMAR DUSÉN** (n. Vimmerby, Småland, Suécia: 4 de agosto de 1855; f. Tranås, Suécia: 22 de janeiro de 1926) era engenheiro mecânico por formação, mas explorador, naturalista e produtivo coletor, especializado em Botânica por vocação. Dentre outros campos, dedicou-se ao estudo das pteridófitas e briófitas, bem como da paleobotânica, sempre associada a questões geológicas e florísticas<sup>99</sup>.

Dusén teve sua formação educacional integralmente na Suécia, primeiramente em sua cidade natal, a pequena e histórica (Século XV) cidade de Vimmerby na província de Smaland e, depois, em Estocolmo. Ali formou-se em engenharia mecânica, profissão exercida em Karlstad até 1880 quando, por oito anos, foi professor da Escola Popular de Ciências Naturais e Matemática (Hoehne, 1930).

---

<sup>99</sup> O presente texto baseia-se, em grande parte, em Straube & Labiak (2014), com algumas anotações adicionais e correções.



**Karl Fredrik Dusén (1849-1919), primo de Per Karl Dusén e seu primeiro incentivador à pesquisa botânica (Fonte: *Svenskt biografiskt lexikon* (SBL): <http://sok.riksarkivet.se/>)**

Per Karl tinha interesse pela botânica desde muito jovem e, segundo consta, seu principal inspirador foi o primo <sup>100</sup> Karl Fredrik Dusén (1849-1919), também naturalista com inclinações para a entomologia e, especialmente, para o estudo dos musgos (briófitas). Foi na Suécia que Per iniciou seu trabalho como pesquisador, primeiro descrevendo a flora e a geologia da região de Omberg. Depois disso aguçou seu interesse por regiões longínquas e, em junho de 1890, rumou para a África (Camarões), contratado como cartógrafo da empresa Waldau, Knutson & Heilborn. Na ocasião, publicou, em

---

<sup>100</sup> O parentesco dos dois Dusén é explicitamente afirmado em um trecho publicado por Karl Dusén, 1887:130): “...*min kusin ingenjör P.Dusén...*” [“...meu primo engenheiro P. Dusén”], ao mencionar a participação com alguns exemplares coletados por Per e que figuram na obra briológica revisiva.

1894, um mapa desse país, que é utilizado como fonte cartográfica até os dias de hoje. Ali se encontrou com o botânico Eduard Preuss (pai do famoso alpinista austríaco Paul Preuss), que o aperfeiçoou nas técnicas de coleta, prensagem, conservação e estudo de material florístico. Permanecendo mais um ano naquele país, montou expressiva coleção de plantas, com destaque para os trinta mil exemplares de musgos e, ainda, publicou artigos sobre a geologia, itinerários e seus próprios resultados briológicos, cabendo-lhe os méritos de ser o “verdadeiro descobridor da flora briológica da África oriental” (Hoehne *et al.*, 1941).

Em 1895, já com o destino selado como explorador e pesquisador, viajou para a Patagônia, Terra do Fogo, pelos Andes e litoral do Oceano Pacífico. Era o naturalista e geógrafo da famosa expedição liderada pelo geólogo e explorador Nils Otto Gustaf Nordenskjöld (1869-1928). Da expedição publicou alguns capítulos de obra compilatória organizada pelo líder sueco e vários artigos sobre a flora local, especialmente sobre musgos, e que figuraram em edições da revista *Arkiv för Botanik*, entre 1903 e 1907.

Em setembro de 1901, dirige-se ao Brasil, agregando-se ao corpo técnico da Seção de Botânica do Museu Nacional como naturalista viajante, atribuição que manteve até 1904. Nesse ínterim, demonstrando claramente seu interesse pelos ambientes montanos, visitou, por dois anos e meio, a região do Itatiaia, publicando o interessante artigo “*Sur la flore de la Serra du Itatiaia*” (Dusén, 1905).



*P. Dusén.*

**Per Karl Hjalmar Dusén (1855-1926)**

(Fonte: Arnell, 1926)

Nos dois últimos anos como membro do Museu Nacional, inicia seu interesse e dedicação pela flora do Paraná <sup>101</sup>. Durante esse mesmo momento e também posteriormente, sob subvenção do governo estadual, organizou três viagens ao estado, formando a primeira grande coleção feita nos limites territoriais dessa unidade da federação. Segundo Angely (1955), até a sua chegada ao

---

<sup>101</sup> Segundo Hoehne *et al.* (1941:64), foi nessa ocasião que ele conheceu o zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro, que anos depois chegou a convidá-lo para o cargo de botânico da Comissão Rondon. Por estar resolvido a retornar ao Paraná, Dusén declinou do convite.



Paraná, os espécimes aqui coletados se resumiam a dois milhares, incluindo os pouco mais de 700 colhidos por Sellow<sup>102</sup>.

Sua primeira incursão por terras paranaenses começou em novembro de 1903, estendendo-se até maio do ano seguinte. Desde então, Dusén serviu-se das vias férreas disponíveis, utilizando-as para deslocamento e demarcando seus pontos de coleta nas imediações. Se por um lado essa característica ajuda na identificação de topônimos (quase sempre associada a estações de trem ou núcleos urbanos próximos das ferrovias), ela dificulta sobremaneira a associação de datas com lugares. Afinal, como será detalhado adiante, Dusén tinha ampla liberdade para viajar para inúmeros setores paranaenses em pequeno espaço de tempo e, desta forma, poderia estar em um mesmo dia nas florestas exuberantes da Serra do Mar, nos campos e matas de araucária e campos da região de Ponta Grossa e mesmo nos cerrados de Jaguariaíva!

É lamentável que até os dias de hoje, pouco se tenha feito para elucidar com mais desvelo as localidades visitadas e seus itinerários, associados às respectivas datas<sup>103</sup>. Ocorre que o material coletado encontra-se amplamente disperso por vários herbários do mundo e mesmo a literatura originada pouco ajuda para isso. Destaco aqui, também, o desleixo de alguns autores e especialmente os curadores de

---

<sup>102</sup> O botânico João Angely, autor de vastíssima e pouco conhecida obra sobre a flora do Paraná, nutria uma grande admiração por Dusén e seu inestimável espólio. Em 1965, por sua intervenção, o botânico sueco foi agraciado com a comenda da “Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul”, através do embaixador sueco Luiz Bastian Pinto (jornal Diário do Paraná, de 13 de agosto de 1965, primeira página).

<sup>103</sup> Uma profunda e cuidadosa revisão encontra-se em preparação por José Tadeu Weidlich Motta e Osmar dos Santos Ribas, ambos estudiosos do Museu Botânico Municipal de Curitiba. O primeiro se dedica (espontaneamente e sem nenhum recurso complementar) ao assunto desde meados da década de 80, verificando fontes bibliográficas, literárias e os próprios exemplares de Dusén, além de já ter visitado e registrado fotograficamente diversos pontos visitados pelo sueco. Sou profundamente grato aos dois pela cessão de muitas informações que aqui, pelos propósitos deste livro, são apresentadas parcimoniosamente.

coleções, cujos *databases* encontram-se disponíveis na internet, que adicionam dados “secundários” (frequentemente errôneos) de localização dos pontos de coleta. Nesse sentido, em vez de oferecerem simplesmente a grafia das localidades, citam municípios atuais sem relação com os reais topônimos visitados!

Além disso, as inúmeras visitas do botânico pelo interior do Paraná, quando domiciliado em Curitiba, criam uma trama de difícil compreensão, em virtude da impossibilidade de identificar roteiros condizentes com os períodos e as condições geográficas dos pontos de coleta. E Dusén não era econômico no que diz respeito ao espaço percorrido, como também não o era para esmiuçar cuidadosamente algum ponto especial, em uma única estada ou em vários retornos, talvez pensando que ali – em outra época – poderia obter novas descobertas, em virtude da diversidade fenológica regional.

Ele de fato fez algumas viagens longas, mas também visitava alguns pontos muito próximos de Curitiba e realizava repetitivas idas e vindas para os planaltos, litoral e Serra do Mar. Frequentemente dividiu numeração com colaboradores <sup>104</sup> que o acompanhavam, como Bruno Lange<sup>105</sup> e Carlos Westerman<sup>106</sup>, o que nos faz refletir se ele

---

<sup>104</sup> Mas não com Gösta Jönsson (*vide* adiante), que possuía numeração própria (J. T. W. Motta, *in litt.*, 2014).

<sup>105</sup> Bruno Rudolf Lange, que empresta o nome para a estação de trem “Engenheiro Lange” (antes denominada “Volta Grande”, na ferrovia Curitiba-Paranaguá) era pai do famoso pintor Frederico Augusto Lange de Morretes (*vide* Lange, 2008), considerado o patrono da pintura no Paraná e produtivo estudioso da Malacologia, assunto sobre o qual publicou vários artigos. Lange de Morretes absorveu o último sobrenome (alusivo à sua terra natal) para distinguir de um homônimo (Frederico Waldemar Lange, paleontólogo e geólogo: *vide* Peyerl & Bosetti, 2011) e o transmitiu aos filhos (dentre eles, a famosa botânica Berta Lange de Morretes). Bruno R. Lange é avô paterno de Rudolf Bruno Lange, um dos mais famosos naturalistas paranaenses (estudou, coletou e publicou sobre entomologia, mastozoologia e ornitologia), nascido em 1922 e diretor do Museu Paranaense, bem como professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

<sup>106</sup> Carlos João Frojd Westerman era bisavô de Ana Cláudia Barddal Westerman (1964-2010), bióloga e psicóloga que atuou, nos anos 80, como pesquisadora voluntária e taxidermista no Museu de História Natural Capão da Imbuia. Sobre ele, assim Dusén

esteve de fato em muitos locais para os quais as coletas lhes são atribuídas ou se esses números foram colhidos pelos amigos, com os quais compartilhou alguns dos méritos do acervo.

Pela análise simplificada que pude fazer dos locais visitados<sup>107</sup>, a primeira localidade contemplada foi Roça Nova (novembro de 1903), depois Curitiba; isso leva a crer que tenha chegado pelo porto de Paranaguá e subido a Serra, definindo a capital como base logística para as outras viagens. Em seguida (janeiro de 1904) partiu para os Campos Gerais – passando por Vila Velha, Capão Grande (rio Guabiroba) e Lago (que presumo ser a Lagoa Dourada), chegando a Ponta Grossa e, de lá, rumando para a fazenda Fortaleza e, então, Piraí do Sul. Retorna a Ponta Grossa, agora tomando outro ramal da ferrovia: passa por Fernandes Pinheiro, Irati e Mallet. A volta contempla os mesmos locais anteriormente visitados, mas agora segue rumo a Curitiba, passando por Restinga Seca (em Porto Amazonas)<sup>108</sup> e Serrinha (serra de São Luiz do Purunã). De retorno à capital decide seguir adiante rumo à Serra do Mar e ao litoral.

---

(1910:17) se manifestou, ao descrever sua *Velloziella westermanii* (Orobanchaceae): “*Von denjenigen, die meine Reisen und botanischen Untersuchungen in Parana unterstützten und erleichterten, ist mein hochverehrter Freund und Landsmann der Direktor der Staatseisenbahnen Parana's, Herr C. J. F. Westerman besonders hervorzuheben. Seinem energischen Beistand und lebhaften Interesse für meine Tätigkeit verdanke ich, dass ich längere und mehr Reisen als ich von Anfang an geplant hatte unternehmen und dadurch wichtige Gebiete in verschiedenen Jahreszeiten zu wiederholten Malen untersuchen konnte. Ich habe mir deswegen erlaubt, die vorliegende Art ihm zu Ehren nach ihm zu benennen*”. [Dentre aqueles que apoiaram e facilitaram minhas viagens e estudos botânicos no Paraná, meu estimado amigo e companheiro diretor de Ferrovias do Estado do Paraná, o Sr. C. J. F. Westerman é particularmente notável. Foi por sua enérgica assistência e vivo interesse pelo meu trabalho, que eu pude estudar mais e realizar mais viagens do que eu havia planejado no início para visitar repetidamente áreas importantes em diferentes épocas. Tomei a liberdade, portanto, de nomear a presente espécie em sua homenagem.].

<sup>107</sup> Com base nas datas apresentadas na literatura e em *databases* disponíveis na internet e várias outras menções de procedências de exemplares. É muito provável que haja erros, considerando que essa revisão não foi apoiada em todas as fontes primárias disponíveis e sim em uma tentativa de organizar (de acordo com o meu conhecimento geográfico) o que os autores mais antigos informaram.

<sup>108</sup> Em alguns *databases* consta erroneamente como no Rio Grande do Sul.

Visita Pinhais, Piraquara, Roça Nova, Banhado, Ipiranga (a “Casa do Ipiranga”), Itupava, Monte Alegre (= Morro da Farinha Seca), Volta Grande (atual estação de Engenheiro Lange) e Marumbi. Tudo isso entre janeiro de fevereiro de 1904. No mês seguinte volta aos Campos Gerais, passando pelos mesmos locais das imediações de Ponta Grossa (com a adição de Itaiacoca) e dali mantém-se a leste, passando novamente pela serra e chegando ao seu destino final (abril), o “Porto D. Pedro II” (= porto de Paranaguá)<sup>109</sup>.

Depois de uma estada na Argentina<sup>110</sup> e retorno à Suécia, onde estudou o material coletado, volta ao Paraná em agosto de 1908, com subvenção do museu real de Estocolmo. Segundo Angely (1955), ele viaja pela região leste (litoral e Curitiba), além de um longo trecho que inclui o centro do estado, nos campos de Guarapuava, colhendo oito mil números em uma peregrinação prolongada até o fim de 1912 e somando, portanto, quase cinco anos de trabalho de campo. Nessas viagens visitou também o terço inicial do rio Ivaí, na colônia Teresa Cristina e, talvez, mais adiante através do grande curso fluvial.

Não há dúvidas que essa segunda viagem foi a mais abrangente geograficamente, dentre todas as demais. Note-se, por exemplo, que por volta da metade (junho e julho) do ano de 1909, ele avançou bastante rumo a sul: visitou São Francisco do Sul, Itajaí, Minas e Laguna (Kränzlin, 1911, 1921), todos esses em território catarinense e correspondendo a antigas estações da Estrada de Ferro Teresa Cristina.

Não se sabe se a Suécia financiou todo esse tempo de trabalho na segunda fase pelo Paraná. A verdade é que havia uma relação política entre o governo do Paraná e a

---

<sup>109</sup> Nesse ano de 1904 foi agraciado com o título de Doutor Honorário pela Universidade de Princeton, em Nova Jersey (EUA).

<sup>110</sup> Como membro da expedição de Arthur Tesleff (1871-1920), botânico e etnólogo que iniciou o malogrado processo de formação de uma colônia finlandesa na Argentina.

Academia Real de Ciências de Estocolmo, que culminou com a entrega de uma honraria (Medalha de Lineu) ao presidente de estado, Carlos Cavalcanti, ao secretário do Interior, Marins Alves de Camargo, e ao deputado Romário Martins. A medalha foi entregue pelo próprio Dusén às autoridades destinatárias, em uma pomposa solenidade, no dia de Natal de 1913 nas dependências do Palácio Rio Branco<sup>111</sup>, em Curitiba. O episódio foi noticiado pelo jornal “A Republica” de 26 de dezembro de 1913 com a chamada “O Paraná na Suécia” (Ano 28, nº 290, p.1).

Em março de 1910 de fato as comissões de Fazenda e Indústria do governo local aprovaram a liberação de recursos para a continuidade das viagens, em razão de uma solicitação do então deputado Alfredo Romário Martins<sup>112</sup>:

**PROJECTO N. 64**

*O Congresso Legislativo do Estado do Paraná*

*Decreta:*

*Art. 1º. Fica o Governo do Estado, autorizado a auxiliar a missão scientifica chefiada pelo professor Pedro Dusen em seus trabalhos no Paraná, com a quantia de 6:000\$000 annuaes, durante dois annos.*

*Art. 2º. Da collecta e determinação das especies botanicas feita no Estado, o professor Dusen organisara para o effeito da percepção do auxilio que lhe destina o art. antecedente, uma collecção destinada ao Museu Paranaense.*

*Art. 3º Para occorrer as despesas feitas com a execução d'esta lei, fica o Governo autorizado a abrir os necessarios creditos.*

*Art. 4º Revogam-se as disposições em contrario.*

***Romario Martins – Jayme Reis.***

Segundo a mesma fonte, esse requerimento teve o seguinte parecer:

---

<sup>111</sup> Hoje sede da Câmara Municipal de Curitiba.

<sup>112</sup> Fonte: jornal “A Republica”, ano 25, nº 63, página 1 de 18 de março de 1910.

#### PARECER N.64

*As comissões reunidas de Agricultura e de Fazenda tem presente o projecto de lei ao Congresso offerecido pelo sr. Deputado Romario Martins, autorizando o Governo a auxiliar a missão scientifica, chefiada pelo professor Pedro Dusen, em seus trabalhos no Paraná, com a quantia de 6.000\$000 annuaes, durante dois annos.*

*É uma idéa louvavel e plenamente justificada pela notavel importancia do objectivo dessa missão, pois o seu fim é estudar em todos os detalhes, a nossa flora pondo em brilhante destaque essa imperescivel riqueza Paranaense, ainda desconhecida, até mesmo para os proprios Paranaenses.*

*Nessas condições as comissões são de parecer que seja adoptado pelo Congresso o referido projecto de lei.*

*S[ala]. Das Sessões, em 17 de Março de 1910 – Emilio Gomes – João Sampaio – Generoso Marques, João Pernetta.*

Em 1913, o governo novamente expressou interesse pelo trabalho do naturalista sueco, oferecendo recursos para que continuasse seus estudos. Segundo o editorial do jornal “A Republica” (de 15 de dezembro de 1913, p.2): “*Deve chegar amanhã a esta capital o illustre sueco sr. Dr. Pedro Dusen que vem continuar os seus estudos sobre a flóra do nosso Estado*”<sup>113</sup>.

De volta ao Paraná, por volta de 20 de dezembro de 1913, reinicia suas coletas poucos dias depois da chegada. Percorre toda a metade oriental do território estadual até outubro de 1916, agora em companhia de seu auxiliar, o

---

<sup>113</sup> Essa notícia foi corrigida em edição subsequente (20 de dezembro de 1913, p.2) com o seguinte teor: “*Pelo trem da marinha chega hoje a esta capital o illustre naturalista sueco, dr. Pedro Dusen, que aqui vem prosseguir nos seus estudos sobre a flóra do Paraná*”.

também botânico Gösta Jönsson (curador do Instituto de Botânica de Lund, Suécia)<sup>114</sup>, de obscura biografia.

Para a expedição, visitam “...mais de uma centena de localidades e assim organiza uma coleção majestosa, composta de 4.500 números de *Fanerógamas* e uns 200 musgos em apenas 2 ½ anos de trabalho ou sejam 30 meses de atividade” (Angely, 1955). Dusén repete muitos pontos já visitados anteriormente, enfatizando alguns (p.ex. Curitiba e Jaguariaíva) e inclui vários outros (p.ex. Barigui). Essa coleção, cabe lembrar, agregou material oriundo do chamado “Território Contestado” e, desta forma, parte da numeração alude à região hoje pertencente ao estado de Santa Catarina.

O desfecho da viagem, porém, teve momentos desconfortáveis. Com a eclosão da Primeira Grande Guerra, o governo do Paraná não pôde mais financiar suas pesquisas, abalando fortemente as finanças do pesquisador e colocando-o num delicado dilema: voltar para sua pátria ou gastar suas economias, conseguidas com grande sacrifício ao longo de sua vida e que lhe garantiriam uma velhice com dignidade, e permanecer em terras paranaenses? Optou pela segunda!

No cômputo total, o número de exemplares colecionados por Dusén no Paraná (incluindo algumas áreas antigamente consideradas como tal) chega a 18.500, cada qual com três ou mais duplicatas e incluindo mais de quatro

---

<sup>114</sup> “*Dar P. Dusén afreste i okt. 1913 ånyo till Brasilien för att under en tid minst 2 år studera floran i det inre Paraná med understöd af denna stats regering. Till hans assistant är utsedd kand. Gösta Jönsson från Lund, hvilken afreser 1 januari.*” [Dr. P. Dusén partiu ao Brasil no fim de outubro de 1913, permanecendo pelo menos por dois anos estudando a flora do Paraná, com subvenção do governo desse estado. Para o trabalho, foi nomeado como assistente oficial Gösta Jönsson de Lund, que chegou em janeiro]” (Editorial do *Svensk Botanisk Tidskrift*, volume 7, p.391). De acordo com o mesmo documento, Gösta era membro correspondente da “*Svenska Botaniska Föreningen*” [Sociedade Botânica Sueca] e “*Amanuens* [Curador], *Bot. Institutionen, Lund*”.

mil espécies e cerca de 400 espécimes-tipo (Angely, 1955). A maior parte de seu legado paranaense foi depositada no *Naturhistoriska riksmuseet* de Estocolmo, com cópias dispersadas por todo o mundo, especialmente nos herbários do *Missouri Botanical Garden* (St. Louis, EUA), *The Academy of Natural Sciences* (Philadelphia, EUA), *Smithsonian Institution* (Washington, EUA), *Field Museum of Natural History* (Chicago, EUA) e *Royal Botanic Gardens* (Kew, Inglaterra).

As coleções atualmente mantidas no Brasil incluem pequena representação, apesar da ligação institucional existente entre Dusén e os governos federal e estadual. Aparentemente resumem-se a acervos de pequeno porte no Museu Nacional e no Instituto de Botânica de São Paulo.

Em Curitiba, uma parcela está no Museu Botânico Municipal (MBM), que absorveu o chamado Herbário Per Karl Dusén (PKDC) em 1995, antes mantido pelo Museu de História Natural Capão da Imbuia (Abilhoa *et al.*, 2013). Esse valioso herbário foi entregue pelo próprio Dusén ao Museu Paranaense em 1914. Segundo Fernandes ([1936]:13): “*Pequena, mas preciosa coleção, pois Dusén ‘foi dos botânicos modernos aquele a quem nosso país ficou devendo o melhor trabalho que se tem logrado fazer sobre a flora do Paraná’* (15)<sup>115</sup>. *Esse material foi entre nós convenientemente relacionado pelo botânico Amazonas Tôrres e tal relação foi publicada pelo diretor do jornal ‘A República’*”. Cabe lembrar que essa coletânea (anônima) e intitulada “*Flora do Paraná: Catalogo das collecções do herbario do Museu Paranaense*”, resume-se apenas às coletas feitas entre 1912 e 1913, não constituindo-se de um

---

<sup>115</sup> Menciona aqui, em nota de rodapé, a obra de Hoehne (1930).



catálogo completo, como sugerido por Loureiro Fernandes<sup>116</sup>.

Sua espetacular contribuição à flora paranaense é sempre lembrada em nomes científicos de plantas, que totalizam cerca de setenta, entre gêneros e espécies. Nos anos 70 e 80, a Sociedade Paranaense de Ciências Naturais (criada pelo botânico Ralph Hertel e ora inativa) editava o periódico *Dusenía*, batizado em sua homenagem e com ampla distribuição internacional. De sua lavra ou por iniciativa de terceiros, há algumas dezenas de artigos que aludem às plantas do Paraná, o que representa o primeiro grande momento de contribuições ao conhecimento da flora estadual.

No Paraná, o nome de Dusén se relaciona indelevelmente com dois de seus mais dedicados companheiros, com os quais chegou a dividir numeração de coleta: Bruno Lange e Carlos Westerman, respectivamente engenheiro e diretor das estradas de ferro do Paraná. Essa amizade lhe propiciou condições especiais: um vagão inteiro de trem foi transformado em dormitório e cedido a ele, destinado exclusivamente às suas coletas e pesquisas. Com isso, ao tempo em que se esgotavam as coletas em determinada região, seu vagão-dormitório era engatado em uma das locomotivas e transferido para outro local ainda não explorado. Ali, então, permanecia o pesquisador durante mais um período, até que houvesse coletado e explorado tudo o que lhe interessasse. É por esse motivo que a grande maioria das novas espécies coletadas por Dusén pode ser encontradas nos mesmos locais visitados pelo botânico, bastando-se para isso seguir a rota das estradas de ferro, que provenientes de São Paulo, atravessam o Paraná e adentram o estado de Santa Catarina.

---

<sup>116</sup> Encontra-se nos seguintes anos e números de 1920 do “A republica”: 34(116); 34(118); 34(119); 34(207) e 34(208).



**Per Karl Hjalmar Dusén (1855-1926)** (Óleo de Alfredo Andersen, do acervo museu Alfredo Andersen; foto: Fernando C. Straube, 1991)

Uma quarta personalidade completa esse admirável grupo de amigos: o notável pintor Alfredo Andersen (1860-1935), de projeção internacional, a quem devemos um retrato a óleo do botânico, executado provavelmente por ocasião de sua derradeira viagem ao Paraná. Essa obra manteve-se no Museu de História Natural Capão da Imbuia junto ao herbário, além da coleção Dusén e do acervo em si (cerca de 50.000 espécimes), sendo cedido ao Museu Alfredo Andersen (Curitiba) em 1993, por determinação do então diretor José Tadeu Weidlich Motta, também botânico.

Não se tem nenhuma notícia sobre coletas de aves por Dusén<sup>117</sup>, mas se sabe que ao menos durante algumas de suas tantas viagens, ele chegava a se interessar por outras áreas e coletava itens não-florísticos. Na república dos Camarões, além de preparar um mapa detalhado, colecionou fósseis de plantas, minerais, moluscos<sup>118</sup>, insetos, espécimes etnográficos “etc.” (Arnell, 1926); do Chile trouxe uma coleção de insetos tipulídeos, que foram estudados por Alexander (1921).

Há, além disso, um lagarto, tido como endêmico do domínio do Cerrado, batizado por Einar Lönnberg (*in* Lönnberg & Andersson, 1910) como *Tupinambis duseni* (atualmente *Salvator duseni*) e, conforme informa o autor: “*Dr. P. Dusén has sent home a Tupinambis from Paraná, which is very different from the three hitherto known species of this genus, and which I therefore take the pleasure of describing and naming after the collector*”.

Sobre essa espécie paira uma dúvida, omitida pela maior parte dos autores, sobre a autenticidade das

---

<sup>117</sup> Seu nome de fato não figura entre os quase 40 principais coletores das maiores coleções ornitológicas da Suécia, tampouco do *Naturistoriska riksmuseet* de Estocolmo segundo o *database* do eBEAC (*Electronic Inventory of European Bird Collections*).

<sup>118</sup> Veja, por exemplo, os exemplares mencionados por Bruggen (1971), incluindo a redescritção e nova alocação sistemática do molusco pulmonado *Ennea Duséni* d'Ailly, 1896.

informações do exemplar-tipo. Isso porque não há, na descrição original da espécie (Lönnberg, 1910), nenhuma indicação de *voucher* e muito menos localidade ou data de coleta do holótipo.

Por diversas razões interessei-me por esse assunto<sup>119</sup>, especialmente para demonstrar o quanto importantes são as informações históricas e documentais, quando se pesquisa distribuições e vários aspectos de nomenclatura. A literatura especializada até então, omite um problema nevrálgico que diz respeito à distribuição geográfica desse lagarto e especificamente à localidade e data de coleta do primeiro exemplar conhecido. Isso tem causado uma série de dúvidas ligadas diretamente à biogeografia mas também à conservação, considerando-se que é uma espécie rara, conhecida em menos de uma dezena de localidades brasileiras. Por essa razão, com a permissão do leitor, vou me estender bastante na questão, procurando mostrar o desenrolar do raciocínio que, como visto adiante, resolve definitivamente o impasse.

Segundo Péres-Jr. & Colli (2004), o tipo consta ser o exemplar NRM-22886, depositado no *Naturhistoriska riksmuseet* de Estocolmo (Suécia). Esses últimos autores indicam como localidade-tipo: “[...] *from Paraná, Brazil (14°50' S, 56°25' W), collected by P. Dusén in 1909*”. Essas coordenadas, obviamente errôneas, apontam para a área urbana de Rosário do Oeste, perto de Cuiabá, no Mato Grosso; no mapa, o ponto respectivo corresponde a um ponto fantasioso, no centro-oeste do Paraná, perto de Laranjeiras do Sul. Essa região está localizada em pleno

---

<sup>119</sup> Aqui, quando redijo na primeira pessoa do singular, refiro-me ao meu empenho em analisar a fundo a questão, mas com o apoio indispensável e, claro, graças às várias discussões e remessas de informações obtidas de Sven O. Kullander e Renato S. Bérnills.

domínio das matas de araucária entremeadas por campos<sup>120</sup>, ainda que – por simples dedução – esses autores tenham declarado: “*The exact locality of the holotype is unknown, but probably it was collected in patches of Cerrado in Paraná State*” (Péres-Jr. & Colli, 2004:10). Essa afirmação, em seguida, foi modificada por Drummond *et al.* (2014) para: “*Tupinambis duseni was described by Lönnberg in Lönnberg and Andersson (1910) based on a specimen collected in an unknown location in the state of Paraná, probably in Cerrado areas at the northern parts of that state*”. No mapa da referida publicação aparece um ponto de interrogação na região norte do Paraná, onde jamais houve a vegetação de cerrado e, por sinal, onde Dusén não esteve.



**Holótipo de *Salvator duseni*, descrito por Einar Lönnberg em 1910** (Foto: Sven O. Kullander, do acervo do *Naturhistoriska riksmuseet*).

Dusén, como visto anteriormente, era geralmente bastante cuidadoso com as anotações dos exemplares por ele coletados, e isso ocorria não apenas com as plantas, mas

---

<sup>120</sup> A localização desse ponto foi, lamentavelmente, a mesma adotada em mapa por Campos *et al.* (2011) e provavelmente se repita em outras publicações às quais não tive acesso.

também com os poucos espécimes zoológicos que colheu durante suas viagens. No entanto, como seria de se esperar, visto o imenso volume de material trabalhado, ocorrem algumas indicações muito generalistas de procedência, especialmente de grupos de pequeno interesse para ele, como animais e mesmo de algumas plantas<sup>121</sup>.

Caso o exemplar fosse efetivamente oriundo do Paraná, a única área condizente com sua pretensa restrição ecológica de hábitat seria o setor nordeste, precisamente nas imediações de Jaguariaíva, onde sabidamente há a vegetação de cerrado (Scherer-Neto *et al.*, 1996; Straube, 1998); outros pontos com cerrado no Paraná (por exemplo, Campo Mourão, terço-médio do rio Tibagi e Sabáudia) não foram percorridos por Dusén.

Considerando que a data de coleta informada esteja correta, é possível formular algumas hipóteses sobre a questão, fundamentando-se em suas coletas botânicas<sup>122</sup> e em excertos dispersos na literatura (Urban, 1908; Dusén, 1910; Kränzlin, 1911, 1921; Schlechter, 1919; Angely, 1955).

Dusén, em 1909, esteve em vários locais do Paraná – durante suas repetitivas idas e vindas através do sistema ferroviário daquela época. Nesse ano visitou a Serra do Mar (Banhados, Roça Nova, Carvalho, Cadeado, Monte Alegre, Itupava, Ipiranga, Volta Grande), o litoral (Alexandra, Jacaréí, Porto de Cima, São João, Morretes, Antonina, Serra

---

<sup>121</sup> Há alguns exemplos de plantas em cujo rótulo consta apenas “Paraná”, certas delas sem mesmo a indicação de data ou numeração de coleta. Observei isso também para moluscos da república dos Camarões, que podem ter a indicação muito precisa do ponto de coleta (incluindo mapa) ou um apontamento absolutamente abrangente como “*Camerunia*” [Camarões] “[...] *ubi*?” [onde?] (Brugge, 1971:251). Ressalto, porém, que no mesmo artigo de *S. duseni*, também é descrito o anfíbio *Nototrema microdiscus* (atualmente *Gastrotheca microdiscus*). Ali o autor (Andersson in Lönnberg & Andersson, 1910:11) menciona explicitamente o coletor, localidade e data do casal de síntipos.

<sup>122</sup> Dados fornecidos por José Tadeu Weidlich Motta e Osmar dos Santos Ribas (Museu Botânico Municipal de Curitiba) e confrontados com os milhares de registros franqueados pelo SpeciesLink ([www.splink.org.br](http://www.splink.org.br)) em abril de 2014.

da Prata, Guaraqueçaba) e os campos planálticos das regiões de São Luiz (Serrinha), Ponta Grossa (Vila Velha, Rio Guabiroba, Furnas, Lagoa Dourada, Capão Grande, Tamanduá, rio Tibagi), Lapa (Lapa, Balsa Nova) e Irati, mas também coletou nos arredores de Curitiba (Itaperuçu, Almirante Tamandaré, Pinhais, Piraquara). Em nenhum desses lugares, porém, há a vegetação de cerrado e não consta ter estado – no ano de 1909 – em Jaguariaíva e tampouco em outros pontos adjacentes<sup>123</sup>.

Há opções alternativas, porém menos confiáveis, pressupondo-se que o local e data estejam precisamente indicados. A primeira é que simplesmente Dusén tenha recebido o espécime enviado por terceiros, com a chegada de um trem ao ponto onde ele estava – o que justificaria plenamente o seu laconismo geográfico. Lagartos do gênero *Tupinambis* e *Salvator*, popularmente conhecidos como teiús, são itens muito apreciados pela carne reputada como saborosa e, por esse motivo, constantemente abatidos. Junte-se a isso o fato da ampla divulgação por todo o estado sobre a presença de um naturalista na região<sup>124</sup> – o que poderia ter motivado o envio, para que tal espécime chegasse em suas mãos, ainda que sem ter acompanhada a devida procedência. Caso isso fosse verdadeiro – o que parecia muito possível – então a origem do espécime passaria a ser absolutamente incógnita e sua ocorrência no Paraná deveria ser

---

<sup>123</sup> No herbário do NYBG há uma série com 24 exsicatas atribuídas a “*Jacarehy, Jaguariaíva, Paraná*” e coletadas por Dusén entre março e dezembro de 1909. No entanto, esse lugar situa-se no litoral do Paraná, no rio Jacaréi (perto de Paranaguá) e é uma localidade clássica de Dusén. O equívoco pode ter sido um erro em cascata a partir de interpretação de rótulo e atribuição a um município errôneo. Uma (única) grafia elucidativa fornece Schlechter (1919:251): “*Jacarehyba, zona litorali* [...]”, muito embora o formato “*Jacarehy*” apareça numerosas vezes nessa obra. É provável que Dusén tenha assim escrito no rótulo original, gerando a confusão. O único exemplar dessa série a que tive acesso (NYBG-8648: 2 de dezembro de 1909) alude apenas a *Jacarehy*, sem nenhuma indicação a Jaguariaíva, mas indicado como localizado nesse município no banco de dados do *SpeciesLink* ([www.splink.org.br](http://www.splink.org.br))!

<sup>124</sup> Suas viagens pelo Paraná foram fartamente divulgadas pela mídia escrita local.

prontamente descartada. Afinal, seria justo imaginar que pudesse ter sido remetido em vida, dentro de uma caixa, por muitos quilômetros ao longo da trama ferroviária contemporânea!

Outra possibilidade seria um simples erro da data de coleta, atribuída a 1909 (inclusive Péres-Jr. & Colli, 2004), e que poderia simplesmente aludir ao ano em que o exemplar deu entrada na coleção. Isso, de certa forma, é plausível, considerando que Dusén esteve em Piraí do Sul em dezembro de 1903 e em Jaguariaíva em vários meses de 1904 e de 1908<sup>125</sup>. De certa forma conectada com essa, por fim, havia ainda uma outra possibilidade<sup>126</sup>, ligada ao relacionamento existente entre Dusén e outro botânico, Gustaf Oskar Andersson Malme (1864-1937) que realizou diversas viagens à América do Sul, ao tempo em que era curador do herbário de Estocolmo. Ambos trabalharam juntos, tendo um acesso às anotações do outro<sup>127</sup>. Dentre seu conhecido itinerário, constam viagens para o Paraguai (1893) e Mato Grosso (1893-1894, 1902 e 1903) (Urban, 1908; Stafleu & Cowan, 1981), regiões onde também ocorre *Salvator duseni*. Dessa forma, o holótipo de *Salvator duseni* seria mesmo uma coleta de Dusén ou simplesmente teria sido colhido por Malme e agregado à coleção sem o devido cuidado de procedência?

Mas, esse não foi o único documento herpetológico coletado por Dusén no Paraná. Pelo que se pôde levantar junto às coleções de Estocolmo, ele usava um acrônimo diferente nas numerações de campo (“DUS-”), quando se referia a animais. E mais: quando tinha plena certeza da

---

<sup>125</sup> Posteriormente à descrição de *T. duseni*, Dusén ainda voltou ao local seguidas vezes, pelo menos nos anos de 1910, 1911 e 1914.

<sup>126</sup> Sugerida por Osmar dos Santos Ribas.

<sup>127</sup> Note-se, por exemplo, as numerosas espécies descritas como “*Dusen ex Malme*”.



data, adicionava-a explicitamente ao número de campo<sup>128</sup>; em outros casos, a indicação da data era menos precisa ou totalmente imprecisa<sup>129</sup>.

A sua numeração de campo para o tipo de *S. duseni* encaixa-se no exemplo anterior (explicitamente “DUSEN-PARANA”) e isso me fez acreditar que tivesse sido efetivamente coletado por ele. Dificultando as coisas, observa-se que o rótulo original não mais se encontra apenas ao exemplar. Da mesma forma não é possível saber se foi retirado quando o espécime foi cedido por permuta<sup>130</sup> ou no próprio processo de curadoria da instituição, visto que ele permaneceu por algum tempo em exposição, quando as etiquetas eram destacadas e guardadas em envelopes em local seguro.

Além disso, no *database* do museu de Estocolmo – aparentemente a última fonte pública disponível sobre o espécime – a data informada (e omitida por Lönnberg, 1910) é “1908-1909” e não 1909 (como informado por Péres-Jr. & Colli, 2004). Isso sugeria que o exemplar teria sido coletado em “1908 ou 1909” ou, ainda, entre o fim de 1908 e o começo de 1909. Com isso, ambas as possibilidades passaram a ser factíveis de endosso. Afinal, Dusén esteve de fato em Jaguariaíva em 1908 e provavelmente em duas ou mais ocasiões, entre setembro e dezembro desse ano, conforme se pode confirmar por inúmeros exemplares de plantas por ele obtidos ali. Essa, caso eu desejasse me satisfazer com o quebra-cabeças ainda incompleto, seria a conclusão mais do que convincente (embora não definitiva)

---

<sup>128</sup> Por exemplo, “DUS-1910OCT26”, para um exemplar do iguanídeo *Saccodeira azurea* [= *Stenocercus azureus*] coletado em “Jaguariahyva” em 26 de outubro de 1910 – NRM-2964).

<sup>129</sup> Respectivamente: “DUSEN-1908DEC” para NRM-5708 (uma *Bothrops jararaca* coletada em dezembro de 1908 em Curitiba); e “DUSEN-1917-PARANA” para NRM-3252 (um *Salvator merianae*, colecionado em 1917 no “Parana”).

<sup>130</sup> P. E. Vanzolini é mencionado no *database* do museu de Estocolmo como tendo em posse esse exemplar entre os anos de 1975 e 1991!

para ter como procedência e data, respectivamente, a localidade de Jaguariaíva e o ano de 1908.

Chegamos a pensar também na possibilidade de ter sido colecionado na mesma localidade-tipo de *Nototrema microdiscus*, segundo Andersson (in Lönnberg & Andersson, 1910:11) “*found by Dr. P. Dusen in the forest at Desiro Rivas, Paraná, sept. 1908*”. Refere-se o autor a “Desvio Ribas”, uma estação de trem situada nas nascentes do rio Tibagi (município de Ponta Grossa) que, no entanto, não possui sequer indícios de influência da vegetação de cerrado, sendo constituídas por campos entremeados por mata de araucária. Nesse sentido, o lote de exemplares faunísticos – de duas localidades distintas – poderia ter sido enviado ao museu de Estocolmo na mesma remessa e, por assim dizer, aí estaria a explicação para ambas as formas novas terem sido descritas na mesma publicação. No meu entender inicial, ambos teriam sido coletados em 1908 e deram entrada em 1909, daí a confusão.

Mas, não parecia perfeitamente confortável essa decisão. Afinal, não obstante tantos aspectos relevantes envolvidos, a localidade-tipo atribuída a *Salvator duseni* permaneceria incerta tendo isso ocorrido somente pela falta de uma busca mais cuidadosa em outras fontes. E, ainda, o conjunto atualmente disponível de informações não levariam a uma mínima segurança sobre essa questão, visto que se permeava com uma série de detalhes ligados a interpretações (muitas vezes errôneas) de assuntos básicos de geografia do Paraná, presentes na literatura.

Como hipótese alternativa, chegamos a cogitar que o referido exemplar pudesse ter sido coletado nos Campos Gerais, o que concordaria plenamente com o itinerário de Dusén. Afinal, na região de Vila Velha, há de fato alguma

influência faunística<sup>131</sup> e florística do bioma do Cerrado (ver Straube & Di Giácomo, 2007:151). Por outro lado, a presença desse tipo de vegetação, em seu aspecto fitofisionômico inconfundível, é ali ausente. E também a espécie nunca foi registrada em diversas pesquisas herpetológicas já realizadas na região desde os anos 80 e nem na bem representativa coleção de répteis paranaenses depositada em vários acervos do país (R. S. Bérnils, J. C. Moura-Leite, S. A. A. Morato, G. A. de Souza-Filho, *in litt.*, 2014). Ou seja, além da indicação aqui sob suspeita, nunca mais – em 115 anos – a espécie *Salvator duseni* foi localizada no Paraná, em qualquer região, ao longo de mais de 30 anos de pesquisas e coletas ali realizados por equipe altamente credenciada<sup>132</sup>!

A resolução, então, surgiu de uma fonte mais do que óbvia: a correspondência trocada entre Dusén e Lönnberg. Tive acesso<sup>133</sup>, dessa forma, a uma carta enviada de Curitiba e datada de 6 de janeiro de 1910 (Dusén, 1910). Nessa missiva de seis laudas, Dusén não somente descreve a caça de lagartos tal como praticada no Paraná, como menciona explicitamente o tratamento dado ao holótipo de *S. duseni*, bem como detalhes da localidade-tipo.

Ali ele descreve claramente a coleta, realizada durante uma estada de dois dias nos arredores de Ponta Grossa, especificamente na localidade de Capão Grande.

---

<sup>131</sup> Dentre os répteis ditos endêmicos ou com distribuição concentrada no Cerrado, constam os ofídios *Epicrates crassus*, *Oxyrhopus guibei* e *Chironius flavolineatus*. Ali perto, nas pequenas manchas da vegetação de cerrado do Parque Estadual do Guartelá (município de Tibagi), ocorre também o lagarto *Tropidurus itambere*, comum nas regiões de Jaguariaíva e Arapoti. Morato (1995:figura 16), inclusive, aponta os limites de uma extensa área de incursão de formas típicas do Cerrado através dos campos do Segundo Planalto Paranaense a qual estende-se a sul até a região nordeste de Santa Catarina.

<sup>132</sup> Destaco aqui também a aparente ausência (baseada em falta de evidência) da espécie em regiões relativamente bem coletadas como os cerrados de todo o estado de São Paulo e mesmo do Triângulo Mineiro (R. S. Bérnils *in litt.*, 2014).

<sup>133</sup> Graças à cortesia de Sven Kullander que, além de me fornecer uma cópia, apontou vários detalhes de difícil compreensão pela pouco legível caligrafia de Dusén.

Tanto nesse ponto quanto ali próximo, em Vila Velha, Dusén julgou a espécie comum nos campos, mas não é possível afirmar se ele sabia distingui-la de seu congênérico *Salvator merianae*, esse realmente comum naquela região.

Curitiba den 6 Jan. 1910. 1

Karlar!

Tack för ditt brev! Mitt svar kommer  
något sent, men det var ju ej af vilja  
att det kom senare, och för öfrigt har  
jag knappast haft tid att tänka här  
på för nu. Att de utmärta parvula-  
garna är jag också mycket tackad  
och berödd.

Det var ju af ett isat intresse att  
erfara, att den stora vilan var obekant  
för vetenskapen. Den följer en vägen  
nordvärt om djuret under lifte och  
från den stora anslutningen för fruktbarheten  
uppgiften.

Adrian tycks vara rätt allmän i con-  
formitet med Capão Grande och  
Vila Velha. Det förefaller jag en kortare  
2 dagar utifrån från mitt besöksställe  
i Santa Rosa. Härmed uppgiften  
4 exemplar, nämligen af den hemmet för  
privatist hade avslutat sin expedition.  
Djuret är ett alltså komponerat, likhet

Primeira página da carta de seis laudas redigida por Per Karl Dusén e enviada a Einar Lönnberg em 6 de janeiro de 1910, esclarecendo a localidade-tipo de *Salvator duseni* (Acervo Naturhistoriska riksmuseet; cortesia de Sven Kullander).

Adicionalmente, Dusén faz menção a dois espécimes (e não somente aquele usado na descrição original), ambos conservados em álcool, porém, um deles cedido a um

“naturalista alemão”, que teria aproveitado apenas o crânio. Eis mais um mistério: quem seria esse naturalista alemão e que fim teria levado esse valioso documento osteológico? Tratar-se-ia efetivamente de um *S. duseni*?<sup>134</sup>

Com essas informações parece definitivamente elucidada a dúvida sobre a localidade-tipo de *S. duseni*, que deve ser atribuída a Capão Grande (município de Ponta Grossa), nas coordenadas de 25°14'58"S e 50°01'34"W (alt. 810 m). Esse topônimo localiza-se às margens do rio Guabiroba (*vide* Kränzlin, 1911:9: “*Capão grande prope fluvium Guavirova*”) entre os afloramentos de Vila Velha e a Lagoa Dourada, também nas adjacências do Desvio Ribas. No fim do Século XIX, era parte de uma grande propriedade rural pertencente a Domingos Ferreira Pinto (Barão de Guaraúna), desapropriada em 1953 para a criação do Parque Estadual de Vila Velha.

Não obstante, permanece a dúvida sobre a alegada restrição desse lagarto ao cerrado, vegetação que, como dito anteriormente, não existe naquele setor paranaense. De fato, todas as menções de hábitat das plantas colecionadas em Capão Grande por Dusén, referem-se a campos limpos, eventualmente com afloramentos e por vezes interrompidos por manchas de mata de araucária, localmente denominadas de capões<sup>135</sup>. Essa paisagem aliás, concorda com o

---

<sup>134</sup> Por mera intuição acredito que seja Albrecht Haas que, no começo do Século XX, enviou para o *Senckenbergischen Museum* (Frankfurt a.M.) uma coleção com 22 espécies de répteis de várias localidades do Paraná (Boettger, 1905), estudados por Otto Boettger, então curador daquele acervo. Infelizmente nada foi possível apurar sobre esse coletor, apesar desse estudo se tratar do primeiro artigo publicado sobre a herpetofauna paranaense.

<sup>135</sup> P.ex. Ekman, 1910:51: “*in campo graminoso*”; Dusén, 1910:7: “*in Campo bei Capão Grande*”; Dusén, 1910:9: “*auch im Camposgebiet zwischen Itaiacola und Capão Grande, aber selten*”; Dusén, 1910:23: “*In felsigem Campo zwischen Capão Grande*”; Dusén, 1910:24: “*Gesammelt auf den Campos bei Capão grande*”; Kränzlin, 1911:7: “*Capão grande, in pratis*”; Kränzlin, 1911:34: “*Capão grande in campis*”; Kränzlin, 1911:88: “*in Wäldern bei Capão Grande*”, etc.

conhecimento unânime da fitogeografia geral dos Campos Gerais (Maack, 1946, 1981).

É interessante frisar que ao preparar os manuscritos, Lönnberg desconhecia a localidade de coleta do exemplar. Isso se observa pela data da carta de Dusén, chegada às suas mãos quase três meses depois da apresentação da nova espécie (“*Read October 22:th 1909*”: Lönnberg & Andersson, 1910:1)<sup>136</sup>.

Quando Dusén retornou à Suécia em 1916, já com 60 anos de idade, entrou em grandes dificuldades financeiras. Quase por acaso, seus parentes e amigos o encontraram vivendo à beira da miséria, na sorte infeliz de uma existência voltada inteiramente à ciência. Graças a um acordo prévio que demandou grandes esforços, foi possível fazer com que o parlamento sueco, a título de medida extraordinária, lhe assegurasse uma pensão vitalícia. Com extrema modéstia e parcimônia natural, Dusén ficou, porém, com a existência garantida e pôde dedicar-se inteiramente ao estudo do material que havia reunido durante os anos de viagens.

Ernst Auguste Theodor Harms (*in* Hoehne, 1941:57-58), botânico alemão, assim descreve o amigo: “*Dusén foi indivíduo calado, de natureza retraída, mas homem dotado de humor agradável. Sem fazer grande alarde, sem doutrinar, seguiu seu caminho. Do trabalho fez sempre a sua predileção. A vida social e as diversões colocou sempre em segundo lugar de importância. Quieto como vivera transferiu-se para o além. Apenas um amigo acompanhou seus restos mortais até a necrópole de Vinnerstad, de Oestergoetland*”.

---

<sup>136</sup> Ainda que o artigo tenha sido publicado três meses depois da missiva (“*Häftet 2 innehållande N:o 6-12 utkom den 12 april 1910*” [“O volume 2, em que se encartam os números 6 a 12, foram publicados em 12 de abril de 1910”]; verso da folha de rosto do *Arkiv för Zoologi*).

## Cronologia

- 1904** Nasce JOÃO MOOJEN DE OLIVEIRA, que futuramente tornou-se o mais destacado mastozoólogo brasileiro.
- 1905** EMILIE SNETHLAGE assume o cargo de naturalista e auxiliar da Seção de Zoologia do Museu Paraense. Tratava-se da primeira mulher a assumir um cargo de funcionalismo público em todo o Brasil.
- 1905** Otmar Reiser publica *“Bericht über die Ornitologische Ausbeute während der von her K.Akademie der Wissenschaft in Jahre 1903 nach Brasilien entsendeten Expedition 1903”*, relatando os resultados ornitológicos de sua expedição ao nordeste do Brasil. Em 1910 e 1925 lança outros dois artigos alusivos.
- 1905** O herpetólogo alemão Oskar Boettger anuncia o recebimento de inúmeros exemplares de répteis recebidos pelo Museu Seckenberg como doação do sr. Albrecht Haas. O artigo (*“Reptilien aus dem Staate Parana”*), datado de 5 de setembro de 1905 (encadernado em um volume datado de 1906), é o primeiro estudo publicado sobre a herpetofauna paranaense.
- 1906** Carl Hellmayr publica a *“Revision der Spix’schen Typen brasilianischer Vögel”*, revisão do material-tipo ornitológico obtido por Johann B.von Spix.
- 1906** Alberto Santos Dumont voa, em Paris, com seu 14-Bis.
- 1906** ROMÁRIO MARTINS publica a primeira lista de aves do Paraná, na forma de um relatório institucional do Museu Paraense, contendo espécimes expostos naquela instituição.





# 1906

## ALBERTO FRİČ

**ALBERTO VOJTĚCH FRİČ** (Praga, República Tcheca: 8 de setembro de 1882; Praga, República Tcheca: 4 de dezembro de 1944) foi um brilhante etnólogo e botânico, cujas relações com o estado do Paraná foram resgatadas por Trevisan (2002)<sup>137</sup>. Cursou, mas não concluiu, o curso de engenharia na escola técnica superior de Praga decidindo-se, aos 20 anos de idade, iniciar seu destino de explorador. Foi provavelmente influenciado por seu tio, Antonín Frič (1832-1913), geólogo, paleontólogo e também naturalista, autor de inúmeros estudos sobre peixes, aves e vários outros temas, além de diretor do Museu de História Natural de Praga.

No primeiro ano do Século XX, iniciou suas viagens para a América do Sul, somando sete ao total – além de uma ao México e EUA. Visitou o Brasil (Amazônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná), Argentina, Paraguai, Uruguai, Peru e Bolívia, tornando-se um grande conhecedor dos costumes e especialmente línguas dos índios do Chaco. Além disso, foi um dos primeiros a estudar os índios Bororo do Mato Grosso do Sul, sobre os quais publicou extenso trabalho (Fric & Radin,

---

<sup>137</sup> A quem devo grande parte do material apresentado e, ainda, sugiro fortemente a leitura, para uma melhor compreensão de certos temas, aqui tratados de forma resumida. Transcrevo o trecho: “*Albert Vojtech Fric – viajante, explorador, jornalista, fotógrafo, pesquisador, botânico, cientista, cultivador de cactos, desempenhou um papel central nesses eventos e o estudo de sua vida poderá auxiliar o conhecimento de nossa história. Apesar disso, nem em sua pátria, nem no Brasil e no Paraná, tem recebido sua memória o reconhecimento que merece. Morreu prematuramente, aos 61 anos, devido a uma infecção de tétano, em 4 de dezembro de 1944, no Hospital Bulovka, em Praga*”.

1906), com descrições sobre o grande acervo etnográfico obtido em suas viagens, doado ao *Museum für Völkerkunde* de Berlim, na Alemanha.



**Alberto Vojtech Fric (1882-1944)**

(Fonte: homepage do *Club Kaktusářů Olomouc*:  
[www.carciton.cz](http://www.carciton.cz))

Sua relação com o Paraná encontra importantes conexões, todas elas pouco tratadas na literatura e certamente pouco conhecidas da história. Em 1906, durante o Congresso de Livre Pensadores<sup>138</sup>, realizado em Buenos Aires (Argentina) ele conheceu pessoalmente Dario Vellozo<sup>139</sup> que, segundo Trevisan (2002:218-219), acabou por trazê-lo a Curitiba em 1906 a fim de exibir “[...] *todas as características que o Paraná, em sua pré-história, naquele tempo ainda desconhecida, e em sua formação étnica sui-generis, bem poderia proporcionar à curiosidade científica daquele viajante da Boêmia, cuja atuação no Congresso que se encerrava fôra decisiva em favor das populações indígenas*”.

Nesse momento, Frič já contava, apesar da tenra idade, com ampla experiência de observação e convivência com os indígenas do Mato Grosso do Sul, graças a uma expedição de seis meses que realizou à região em 1901. Quando de retorno, organizou em sua terra natal uma exposição com 135 objetos adquiridos, incluindo armas, adornos indígenas, besouros, borboletas, sementes, amostras agrícolas, ovos de tartaruga, couros de cobra e lagartos, minerais” e outros materiais provenientes dos rios Tietê e Paraná, bem como de outros locais visitados; de maneira pioneira, também expôs uma coleção de fotografias, situação quase inédita na época. Também se somara à bagagem, uma outra viagem que teve como destino a zona do Pantanal sulmatogrossense e o Chaco da Argentina e Paraguai, além de setores adjacentes da Bolívia. São

---

<sup>138</sup> Reuniões periódicas, realizadas pela primeira vez em Bruxelas (Bélgica) em 1880, e que tinham como finalidade a disseminação do pensamento livre, ou seja, ponto de vista sustentado pela explicação laica de todos os fenômenos, ou seja, com base na ciência, razão ou lógica, sem influência de nenhuma tradição, dogma ou autoridade.

<sup>139</sup> Vide sob Hermann von Ihering e Sebastião Paraná em Straube (2014:245, 255).

exatamente dessa época, diversos artigos etnológicos publicados na República Tcheca, Alemanha e Inglaterra.

Em 1908, portanto já depois de ter visitado o Paraná, Frič participou do Congresso Internacional de Americanistas (Viena, Áustria). Toma, então, a palavra e trata, segundo o título original, das “*Volkerwanderungen, Ethnographie und Geschichte der Conquista in Südbrasilien*” (“Migrações, etnografia e história da conquista do sul do Brasil”) (Maccurdy, 1908). Na pauta, além de discorrer usando de sua já vasta experiência entre os índios da América do Sul, denuncia veementemente as empresas colonizadoras de europeus, acobertadas pelo governo brasileiro, pelas violências sem precedentes realizadas contra os indígenas locais, causando o seu extermínio, devido a ações violentas, incluindo escravidão, captura e homicídio.

A sessão, presidida pelo famoso Karl von den Steinen (1855-1929), teve um debate acalorado entre Frič e o antropólogo Eduard Georg Seler (1849-1922), professor catedrático da universidade de Berlim e então diretor do *Königliches Museum für Völkerkunde* (Museu Real Etnológico) da mesma cidade. O recado estava dado. E a mídia europeia contemporânea se encarregou de divulgá-lo aos quatro cantos.

Ocorre que esse pronunciamento mexeu com os brios<sup>140</sup> do combativo Hermann von Ihering que, como se sabe, era partidário do “controle” (leia-se extermínio) dos indígenas que, segundo suas próprias palavras, eram um atraso ao desenvolvimento do país. Em artigo publicado na Revista do Museu Paulista, Ihering (1911:130) assim se manifestou:

---

<sup>140</sup> Secundariamente, Ihering pode ter ficado enciumado pelo interesse demonstrado por Frič pelos sambaquis (vide Trevisan, 2002:227), assunto do qual ele se tornara especialista e o primeiro a estudá-los *in situ* no litoral do Paraná (Straube, 2014).

*“O conhecido periódico geographico Globus (vol.91, 1907 pag. 121) traz um artigo do Snr. Fricz [sic], auctor de um protesto contra taes selvagerias, em 1908, no Congresso Internacional dos Araericanistas em Vienna, sem resultado, em que se leva muito alem a exageração. Fricz afirma que os bugreiros enfeitam as suas espingardas com os dentes dos indios por elles mortos e que vendem aos fazendeiros orelhas seccas de indios por preço de dúzia. São phantasias ou mentiras de caçador, acceitas ingenuamente pelo viajante”.*

A realidade é que, apesar dos protestos, essa foi uma das iniciativas que contribuíram para o início de uma conscientização sobre o tratamento contemporâneo destinado às populações indígenas no Brasil. E que, como se sabe, fez despontar nomes<sup>141</sup> como o de Rondon e, no âmbito estadual, uma série de personalidades do quilate de Sebastião Paraná e especialmente Romário Martins.

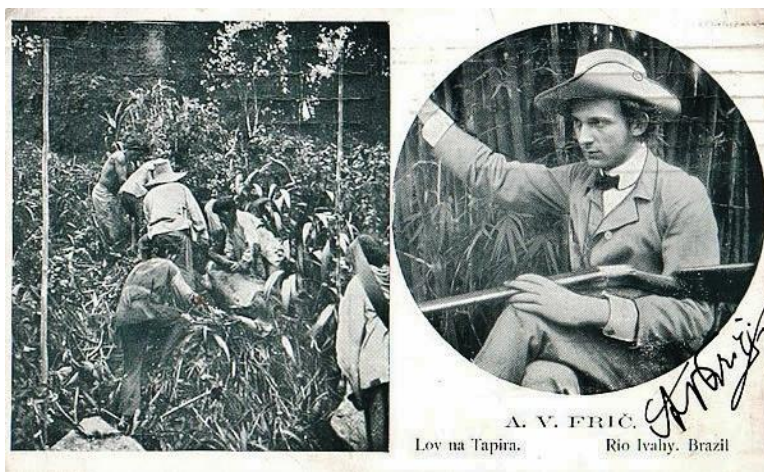
Frič publicou alguns livros, contendo narrativas de suas viagens; em 1977, a edição em inglês de seu *“Indiáni Jižní Ameriky”* (*“Indians of South America”*) (Fric, 1977) recebeu elogios em uma resenha de Salzmänn (1978).

Não consegui informações mais precisas sobre seu roteiro e resultados em solo paranaense. Porém, nessa mesma obra ele também informa momentos de sua estada em Antonina e a busca por elementos nos sambaquis. Segundo Trevisan (2002) ele decidiu, então, *“seguir para o interior, à procura dos descendentes dos povos construtores desses monumentos e conheci os Coroados e os índios*

---

<sup>141</sup> Inclusive o Serviço de Proteção dos Índios (hoje Funai) e outras iniciativas como, por exemplo, a obscura “Sociedade Etnográfica e Protetora dos Índios do Paraná”, fundada por Romário em 23 de novembro de 1901 (Trevisan, 2002:235-236).

*bravios com o nome de Botocudos*”. Parte de suas observações foram dirigidas aos Kaingang e também aos Xetás, um grupo descoberto e estudado por José Loureiro Fernandes nos anos 40. Nesse sentido, Frič foi provavelmente o primeiro a fazer menção dessa última etnia na literatura técnica (Kozák *et al.*, 1979, 1981).



**Alberto Vojtech Frič (1882-1944) no Paraná (Rio Ivaí), durante uma caçada à anta**  
 (“*Lov na Tapira*”, em tcheco) (Fonte: homepage do *Club Kaktusářů Olomouc*:  
[www.carciton.cz](http://www.carciton.cz))

Seu interesse pela botânica era quase sempre concentrado nas cactáceas, sendo que ficou conhecido na Europa como “o caçador de cactos” visto sua predileção pelo grupo, despontada desde a infância. Consta ter sido considerado, já aos 15 anos de idade, um dos mais importantes especialistas nesse grupo, do qual descreveu dezenas de espécies, inclusive vivas, que eram cultivadas em Praga.

Desconheço se coletou material no Paraná, o que poderia incluiria plantas e, quem sabe, outros itens – visto

seu perfil de naturalista e colecionador. Não há dúvida, no entanto, que há ainda documentos magníficos a serem estudados e que se encontram armazenados em arquivos pessoais. Segundo o seu filho, Ivan V. Frič (*per* Trevisan, 2002:255), “*O legado de meu pai é bastante grande. Contém cerca de mil páginas manuscritas e aproximadamente mil negativos que são documentos únicos da existência de algumas tribos indígenas já extintas*”.

Que tipo de descrições, muitas delas acompanhadas de desenhos e fotografias, não poderiam ser aproveitadas a partir dessas fontes inéditas? Refiro-me a animais caçados ou representados na cultura material e mitologia indígena paranaense – não há dúvida que fragmentos estão ali escondidos, prontos para serem desvendados e elucidar um pouco mais de nossa tão pouco conhecida história ambiental.





[1906]

## JOSÉ NIEPCE DA SILVA

**JOSÉ NIEPCE DA SILVA** (n. Curitiba: 1º de outubro de 1876; f. Rio de Janeiro: 26 de setembro de 1935) foi engenheiro civil e político, além de autor de várias obras e homenageado com o nome de um logradouro curitibano (rua Engenheiro Niepce da Silva, no bairro Portão). Exerceu desde jovem o ofício de tipógrafo, compondo os jornais das cidades por onde sua família se estabeleceu (Paranaguá, Campo Largo e Curitiba). Estudou no Instituto Paranaense e, em 1893, inscreveu-se como voluntário no Batalhão 23 de Novembro, durante a Revolução Federalista. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1895, onde formou-se em engenharia civil pela Escola Politécnica, trabalhando logo em seguida na construção e logística das estradas de ferro São Paulo-Rio Grande (1899) e *Leopoldina Railway* (1901).

Em 1903 retornou ao Paraná, tendo sido nomeado comissário de terras e chefe da Seção da Câmara Municipal de Curitiba. Em 1910 tornou-se diretor das Obras e Viação do governo provincial e, em seguida, Secretário de Estado dos Negócios de Obras Públicas, na administração de Carlos Cavalcanti de Albuquerque. Sob esse encargo, iniciou a criação de colônias nacionais em Irani (hoje em Santa Catarina), desempenhou importante política de proteção aos indígenas, construiu escolas públicas e reabriu a Estrada da Graciosa<sup>142</sup>, que se encontrava fechada por mais de 30 anos.

---

<sup>142</sup> Uma das obras ali realizadas foi a recuperação da ponte sobre o rio Taquari, situada nas imediações da clássica localidade do Corvo, ponto de colecionamento de Snethlage e



Estrada da Graciosa – Ponte de 15",70 sobre o rio Taquary

**Recuperação da ponte sobre o rio Taquari (perto do Corvo), como parte das obras executadas por Niepce da Silva na Estrada da Graciosa (Fonte: Silva, 1913:74)**

Durante sua gestão, Niepce opunha-se à hegemonia (e protecionismo de parte da classe política brasileira) estrangeira em certos setores da economia paranaense. Seu alvo principal era o novaiorquino Percival Farquhar que, em 1908, assumiu a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e, em 1913, criou um verdadeiro território estadunidense em Três Barras (na época Paraná, hoje em Santa Catarina) – a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* (ou apenas *Lumber*). Essa empresa ganhou uma concessão (absurda para os dias de hoje) para exploração madeireira de uma gigantesca área situada nas margens de ferrovia e, como se sabe, causou não somente uma das maiores catástrofes ambientais do sul do Brasil,

---

Kaempfer e hoje em dia destino frequentemente visitado por observadores e fotógrafos de aves.

como também foi um dos estopins para o conflito do Contestado<sup>143</sup>.



**José Niepce da Silva (1876-1935) em dois momentos** (Fontes: Museu Maçônico Paranaense: <http://www.museumaconicoparanaense.com/> [esquerda]; Instituto de Engenharia do Paraná: [http://www.iep.org.br\[direita\]](http://www.iep.org.br[direita])).

Nesse momento, Niepce se desentendeu com o vice-governador Affonso Camargo que, como se sabe, também exercia a posição de advogado da *Lumber* e, assim, defendia explicitamente os interesses da empresa – tal como Nereu Ramos, na época governador de Santa Catarina. Esses dois políticos graças à visibilidade e apoio de alguns setores empresariais atingiram, respectivamente, os cargos de governador da Província do Paraná e de presidente da República. Já Niepce caiu no ostracismo, sendo transferido para Apucarana (hoje no município de Cândido de Abreu), com o cargo de chefe da comissão fundadora da colônia.

---

<sup>143</sup> Esse assunto será mais detalhadamente abordado futuramente, sob William Cameron Forbes.

Destacou-se como gestor, administrador e orador em várias agremiações, ao longo de sua trajetória, inclusive na Maçonaria, sendo um dos fundadores do Centro de Letras do Paraná e membro da cadeira nº 20 da Academia Paranaense de Letras, que tinha como patrono o seu pai (Albino José da Silva) e hoje é ocupada pelo jornalista Luiz Geraldo Mazza. Foi também redator do jornal “Ramo de Acácia” (junto com Sebastião Paraná) e presidente e orador do Clube Curitibano, além de presidente do Instituto de Engenharia do Paraná, entre 1928 e 1929. Associou-se ao Instituto de Geografia do Rio de Janeiro e ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Defensor ardoroso de ideias nacionalistas, paranistas, republicanas e anticlericais, publicou livros sobre assuntos de interesse nacional, como “O problema da catequese” (1910), “Através do Romanismo” (1911), “Aspectos do Norte” (1921)<sup>144</sup>, “Lauro Sodré” (1927), “As vias estratégicas para as fronteiras meridionais” (1930) e “Ecos da Revolução de 1893 no Paraná” (*post mortem*, 1944).

De interesse especial, no entanto, são outras duas obras. A primeira delas reúne as informações apresentadas durante o Primeiro Congresso de Geografia (Rio de Janeiro, setembro de 1909) e foi intitulada “*Contribuições para a climatologia do Parana no ponto de vista meteorológico*”, consistindo provavelmente do primeiro estudo realizado sobre ao assunto, no âmbito estadual.

Poucos anos antes (1906) já havia publicado um livreto com o teor de uma conferência realizada no Clube Curitibano em 23 de junho de 1906 e intitulada “*As aves*”. Pela pequena circulação do opúsculo, tornou-se um

---

<sup>144</sup> Essa obra foi publicada em São Luis (Maranhão), durante a sua gestão como diretor da Estrada de Ferro São Luis – Terezina; narra em 181 páginas a sua viagem de exploração entre o Rio de Janeiro a Belém.

documento muito raro, razão pela qual transcrevo, sob comentários, alguns fragmentos.

De antemão é importante refletir sobre os porquês de um engenheiro, afeito a atividades tão específicas da construção civil, teria publicado uma obra como essa, voltada à avifauna. Isso pode ser mais ou menos elucidado logo nas primeiras páginas; tinha o autor interesse pela poética: *“Nada, porém, me seduz tanto ; nada, porém, me extasia e me enleva o espirito com tanta robustez e com tanta doçura, como esses animaes que os dicionarios, na frieza rustica da sua linguagem, assim definem: - vertebrados de sangue quente, tendo dois pès, um bico e possuindo pennas”* (Silva, 1906:5). Nessa linha de pensamento, pouco se aproveita do texto no sentido puramente técnico, porque as menções às aves são, via de regra, voltadas a aspectos simbólicos. Porém, sabendo se tratar de uma personalidade que dedicou grande parte de sua vida ao Paraná, há muitas menções que merecem releitura.

Pouco além da metade do livreto, o autor descreve uma avifauna, referindo-se implicitamente aos arredores de Curitiba, embora criando um cenário que poderia ser alusivo tanto aos campos da região oeste, quanto  Mata Atlântica da Serra do Mar e mesmo ao litoral. Pelo teor transmitido, há claras indicações de que Niepce da Silva fosse um observador de aves, no mais puro sentido da palavra (Silva, 1906:12-17):

*[...] Nos dias risonhos de estio, nos dias em que o sol, glorioso e fecundo, descreve o seu vitalisante cyclo acima do horisonte, vale bem a pena a gente desertar estas ruas asphyxiantes de poeira e de fumaça para se refugiar nos rociados braços dos campos alcatifados de boninas e de margaridas ou das matias pompeantes de finas essencias copadas e imponentes.*

Aqui a branca **araponga** faz estremecer a floresta com as vibrações da sua voz clara e retumbante, como si toda a tenda fuliginosa do ferreiro martellos tombassem sobre a espelhenta face de bigornas.

Ali, o **sabiá** canoro *nevrothisa* o espaço com essas modulações incomparáveis que incarnaram o espirito lyrico de Gonçalves Dias – o rouxinol do Parnaso brasileiro – [...]

Além, passam, voejando rapidos, papagaios verdes, aos pares, menos um, que vae só, em silencio, lamentando choroso talvez a perda do companheiro amado que se fôra para essa longa viagem donde nunca mais se torna, nunca mais !

Além ainda, sobre recurvo tronco desgalhado e apodrecido, o vivaz **pica-páo** de sanguinea crista e de esplendidas plumas polychromas, tamborina para attrahir á superficie o excellente insecto cobiçado.

E são os **tucanos** de garganta rubra, e são os canarios de amarellentas pennas e são os **pintasílgos** e os **cardeaes** e as **sahiras** e os **pavões** e os **urús** e são, que sei eu, enfim, uma infinidade de aves grandes e pequenas que se encontra por entre o emmaranhado denso das florestas densas. [...]

Ao lado dos grandes bois que tranquillamente pascem a grama esmeraldina, eis ali os bandos de negros **chopins**, na melhor harmonia e na melhor amizade, trepando-os, por vezes, ao amplo dorso coriaceo, para libertal-os dos incommodos parasitas que ali se agglomeram!

Mais além, á beira dos caminhos reversos, eis os tréfos **gaviões** e as gulosas

*curucacas*<sup>145</sup>, purgando a planície  
hervançada das myriades de insectos que a  
povoam e mais ainda os assustadiços  
**quero-quero**, que apenas presentem o  
almocreve no seu asno, batem azas para o  
alto, rapidos, gritando..

Finalmente, ali assim, velada pelas  
moitas e pelos macegaes, a esbelta **perdiz**  
tremuleja á aproximação do caçador com  
as suas argutas tropas farejantes. [...]

A aligera **fragata** vae a mais de cem  
milhas da costa, suavisar com a sai  
presença o espectaculo do barco que zig-  
zaguea, no alto mar, abandonado á  
discrição dos suaves alizeos e dos  
marouçantes vendavaes.

A **procellaria** que, como a fragata, se  
aventura, em elances de verdadeira  
temeridade, a essas demoradas excursões  
por sobre o glauco profundo, é um  
inseparavel companheiro do marujo. Ella  
segue os navios suspensa sobre a branca  
faxa de escuma que elles vão lavrando no  
dorso marlotado das ondas marulhosas e  
quando uma procella se avisinha é sem a  
mais leve sombra de temor ou de cerimonia  
que ella vae poisar nas vergas erguidas ao  
calcez dos garupés inflexiveis!

E do mesmo modo que, nos  
continentes, o cantarolar da **saracura** á  
cinta das restingas ou o grasnar das  
**gralhas** esvoaçando por sob a frondentes  
comas dos pinheiraes, o grito estridulo do  
**mergulhão** ao topo das fragas das ilhas  
pedregosas, é um precursor quase infalivel  
de uma conflagração athmospherica que se  
prepara”.

---

<sup>145</sup> Aqui se observa claramente o teor paranaense da descrição, considerando a  
denominação “curucaca”, em vez da outra forma (“curicaca”) amplamente utilizada no  
Brasil.





[1906, 1910, 1924]

ROMÁRIO MARTINS

**ALFREDO ROMÁRIO MARTINS** (Curitiba, PR: 8 de dezembro de 1874; Curitiba, PR: 10 de setembro de 1948), foi um dos mais ilustres intelectuais dentre os auto-didatas paranaenses. Pesquisador incansável, produziu centenas de artigos, leis, opúsculos e livros ligados à literatura, história, geografia, linguística e história natural, dentre eles “*A devastação dos pinheirais*” (1919), “*A caça e a pesca no Paraná*” (1924), o “*Código Florestal do Estado do Paraná*”<sup>146</sup> (1926), “*História do Paraná*” (1937), “*Livro das árvores do Paraná*” (1944) e “*Terra e gente do Paraná*” (1944). Trabalhou na redação de vários jornais curitibanos e adentrou à política em 1897, sendo eleito deputado estadual em oito legislaturas. Suas principais leis relacionaram-se com a adoção do brasão de armas e bandeira paranaenses, redução do extrativismo madeireiro e obrigação de reflorestamento e a criação de reservas perpétuas para os indígenas de Palmas, Guarapuava, Tibagi e Rio Negro. Seu espírito ambientalista e de investigador científico fizeram-no inclusive, na qualidade de parlamentar, apoiar a subvenção do governo estadual à expedição botânica realizada por Per Karl Dusén.

É um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense (24 de maio de 1900), junto a Sebastião Paraná e Ermelino de Leão e foi seu presidente

---

<sup>146</sup> Leia-se “reorganização” do Código, visto que tal instrumento já existia, no Paraná, desde 1º de abril de 1907 pela Lei nº 706.

entre os anos de 1911-1916 e 1946-1948, além de ter exercido a chefia do Departamento de Agricultura do governo do Paraná até 1933.



**Alfredo Romário Martins (1874-1948)**

(Fonte: homepage Prefeitura Municipal de Curitiba)<sup>147</sup>

Uma de suas primeiras contribuições que mencionaram a avifauna paranaense, está no periódico “A República” (ano 21, nº 100, p.1-2) sob o título “Ao Iraty”. Ali aponta, para esse município:

“Ora, com uma tão rica e variada floresta, a fauna é forçosamente abundante; e bastou-nos arredar uns passos do povoado para notarmos a presença das **pombas** (*Columba rufina* e *C. talpacoti*) **Chopins** (*Icterus unicolor*) e bandos gritadores, **sabiás** (*Turdus rufiventris* e *T. flavipes*), **pica-paus** (*Coephlloeus galeatus*) **gralha azul** (*Cyanocorax azurens*), etc.”

---

<sup>147</sup> URL: <http://www.educacao.curitiba.pr.gov.br/noticias/biografia-de-romario-martins/76>; acessada em 18 de junho de 2014.

Seu cargo mais destacado foi o de diretor do Museu Paranaense, ocupado entre 1900 e 1923 e, a esse respeito, cabe aqui um breve aparte. Embora pouco considerado nos círculos de história natural, o Museu Paranaense, instituição fundada em 1876, constitui-se de um dos acervos museológicos mais antigos do país, tendo surgido aproximadamente no mesmo período seminal dos outros grandes museus brasileiros (Schwarcz, 2007). Originalmente, tal como determinado por seus fundadores – Agostinho Ermelino de Leão e José Cândido da Silva Murici – tinha como objetivos o estudo, conservação e exposição de objetos relacionados à arqueologia, etnologia e história natural (Fernandes & Nunes, 1956; Trevisan, 1976).

Se considerarmos as atividades realizadas no campo das ciências biológicas por esse importante centro de pesquisa (e todos os seus desmembramentos e alterações regimentais, sedes, etc), é possível distinguir três períodos: 1. *fase precursora*, desde sua fundação até a década de 20; 2. *fase naturalística*, do fim da década de 30 até o fim da década de 50; 3. *fase atual*, a partir da década de 80, interessando-nos por enquanto apenas a primeira delas. As lacunas cronológicas entre essas fases, nada mais foram do que períodos de estagnação, quando o acervo era, quando muito, conservado precariamente. Por duas vezes, tais períodos críticos acabaram por ser substituídos por iniciativas de reorganizações, instituídas pelo poder público.

A fase precursora apresenta-se absolutamente obscura no que diz respeito a documentação e registros de espécimes. Até o ano de 1906, “...a maioria das coleções correspondiam a material doado e, portanto, nem sempre preparados ou conservados de maneira conveniente. O Museu apresentava-se então pouco organizado cientificamente, estando a maioria das coleções zoológicas

*dispersas e misturadas com as de Etnologia, Arqueologia e Mineralogia”* (Leão, 1900 per Cordeiro e Corrêa, 1985)<sup>148</sup>.

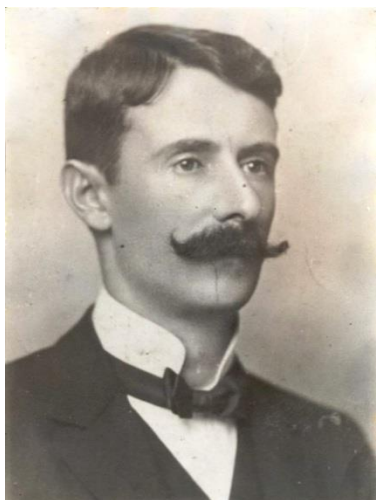
Dentre as grandes tarefas de Romário junto à direção do Museu Paranaense, há que se ressaltar o primeiro passo para um inventário criterioso e organização do acervo ali existente, inclusive o material ornitológico. Segundo o próprio Martins (1906) existiam, na coleção, 151 exemplares de 97 espécies de aves. Todo o material encontrava-se exposto em mostruários, não havendo, portanto, coleções seriadas. Não havia técnico especializado em preparações, de forma que todos os espécimes teriam sido taxidermizados em outros locais e, sem exceção, faltavam-lhes a procedência. Bem da verdade, durante a fase em que esteve à frente da instituição, ela ainda não tinha caráter científico como seria esperado para um acervo museológico, prestando-se mais ao atendimento do público do que a pesquisas propriamente ditas.

Assim, as peles de aves ali conservadas tinham interesse puramente didático para a política administrativa do Museu. No entanto, tal coleção, para o início do século, deve ser considerada representativa em comparação com instituições congêneres, especialmente pelo caráter regional conferido. O indicativo incontestável de que a coleção ornitológica funcionava como um tipo de “carro-chefe” das seções de Zoologia do Museu é explícito nas pretensões de seus administradores de publicar “um trabalho intitulado *Ornis Paranaense*, baseado nas colleções do Museu” (Martins, 1906). Essa obra, entretanto, não veio a se concretizar, mas por certo se tratou de uma das primeiras

---

<sup>148</sup> Esse estado de desorganização é narrado na experiência de Mira (1927), referindo-se à visita feita, no fim do Século XIX: “*Não me pareceu muito encantadora a ideia de Romario Martins, de levar-me, outro dia, ao Museu Paranaense, que conheci ha mais de trinta annos, á Praça Zacharias, com um grande jacaré, de fouce hiante, logo á porta, e alguns passaros, empalhados*”.

iniciativas para divulgação da riqueza ornitológica neste Estado (Straube, 2005).



**Alfredo Romário Martins (1874-1948) em dois momentos de sua vida** (Fonte: acervo Instituto Histórico e Geográfico do Paraná).

O conteúdo de seu relatório, publicado em 1906, pode ser considerado a primeira lista de aves do Paraná, na qual há citações de espécies bastante interessantes para a Ornitologia estadual, salientando-se o guará (*Eudocimus ruber*), o mutum (*Crax fasciolata*), o picapau-de-cara-acanelada (*Dryocopus galeatus*), a corruíra-do-campo (*Cistothorus platensis*) e o japuguaçu (*Psarocolius decumanus*). Não há, contudo, meios para avaliar a origem desses espécimes e muito menos a validade das identificações a eles atribuídas, ainda que o valor documental seja espetacular. Não obstante, é muito provável que tenham mesmo sido obtidas no Paraná, já que na quase totalidade (ou todas, levando-se em conta possíveis e

esperados erros de identificação) são comprovadamente ocorrentes nesse Estado<sup>149</sup>.

Buscando laços institucionais, Romário teria enviado uma cópia do documento a Hermann von Ihering, aproveitando o ensejo para solicitar sugestões para as atividades que poderia desenvolver na instituição (Carneiro, 2001:28). Ihering, teria assim respondido à assertiva<sup>150</sup>:

*“O que o seu Museu precisaria seria um Zoologo de competencia e um preparador hábil. Taes profissionaes não se encontram no paiz devendo ser chamados de fôra em este ponto lhe poderia ser util. (...) V. S. deve saber que se por ventura quizesse dedicar-se a um ramo da Zoologia, como por exemplo Ornithologia, só com trabalho continuo de muitos annos chegaria a conhecimentos regulares. Isto naturalmente só no caso de ser versado perfeitamente nas linguas modernas, particularmente no inglez e no allemão e de dispor de boa e rica literatura Como segundo toda probabilidade isto não lhe será possível intendo que V.S. ha de restringir-se ao estudo da Anthropologia e á direcção do Museu fazendo o mais possivel para ganhar um ou outro auxiliar competente na sua especialidade”.*

---

<sup>149</sup> Ao menos alguns exemplares que lá chegaram anos depois, não há dúvida, foram mesmo obtidos no Paraná e constavam do acervo do naturalista Guido Straube, doado ao Museu Paranaense no fim da década de 30. Por outro lado, quando da visita do imperador Pedro II ao Paraná (1880), teria o monarca determinado ao vice-diretor do Museu Nacional (dr. Pizarro) a “...permuta de cento e tantos passaros empalhados desse com algumas ossadas de esqueletos e machados de pedras, encontrados nos sambaquis e pertencentes ao nosso museu” (Dezenove de Dezembro, ano 27, nº2058, edição de 30 de junho de 1880).

<sup>150</sup> Embora em tom rude, a sugestão de Ihering soou como uma profecia. O alemão Andreas Mayer, foi contratado várias décadas depois, após um longo tempo de tentativas (por parte do diretor do Museu, José Loureiro Fernandes) de absorvê-lo como naturalista viajante e preparador.

Todo esse acervo, entretanto, pode ser considerado completamente perdido visto que, segundo Jesus Moure (1988, com. pess.), quando da reorganização do Museu Paranaense em 1939, vários – senão todos – espécimes foram incinerados por apresentarem-se em condições precárias de conservação, inclusive infestação por besouros dermestídeos<sup>151</sup>.

**Texto, na íntegra e sem modificações ortográficas, referente às Aves, no Relatório apresentado por Romário Martins (1906).**

"Secção zoologica

#### AVES

Com muito mais brilho e valor, deveria estar representada, no Museu, a avifauna do nosso Estado. Em todo o caso, o material que aqui está é primorosamente empalhado, representando 97 especies em 151 exemplares.

Ja é alguma cousa, para começar.

Como se verá, pelo catalogo abaixo, ja demos ás nossas collecções ornithologicas a ultima demão, apresentando-se ellas classificadas como convém.

Aquelle resultado, como numerario, não é promissor; pois attenta a riqueza da nossa aviaria, o numero de especies recolhidas, até agora, no Museu, deveria ser muitissimo mais elevado. Deve-se notar, porem, que não possuindo o estabelecimento um preparador de zoologia, o serviço taxidermico tem de ser feito fóra, e assim encarecido e dificultado.

Esse é um motivo; o outro, o da obtenção de pelles, até agora tão difficil, está felizmente regulado de fórmula a, no correr do anno proximo, podermos installar numerosos exemplares com os quaes teremos dado um notavel impulso ás collecções.

Inutil encarecer aqui o valor do serviço de methodisação realizado nas collecções; pois elle é condição *si ne qua non* da utilidade dellas, só assim se lhes determinando um valor real dos mostruarios.

---

<sup>151</sup> Veja também a entrevista deste clérigo ao Canal Ciência/IBICT (Ministério da Ciência e Tecnologia: <<http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/txt.php?id=54>>; acessado em dezembro de 2007), em cujo teor consta: “*Um dos meus primeiros atos ao assumir o cargo [de diretor da Seção Zoológica do Museu Paranaense] foi mandar queimar todo o material zoológico existente, pois, além de não conter qualquer informação sobre a procedência dos exemplares ali presentes, estava tudo estragado. Tínhamos que recommear. A proposta implicava uma tarefa árdua e de importância capital para o museu: levantar a fauna, a flora e informações acerca da geologia, antropologia e mineralogia de todo o Estado do Paraná*”.

Sobre o assumpto tem esta directoria, por publicar, um trabalho intitulado *Ornis Paranaense*, baseado nas collecções do Museu.

Assim se distribuem, por 8 ordens, as 97 especies de aves, deste enumerario:

Raptatores	11	
Psittaci		6
Picariae	a) Scansores	5
	b) Scansoroides	4
Passeres	a) Turdoides	7
	b) Tanagroides	26
	c) Sturnoides	1
	d) Formicaroides	12
Columbae		3
Gallinae		8
Grallatores		12
Natatores		2

# I

## *Raptatores*

### *Vulturidae*

1. *Sarcoramphus* papa. Urubu-rei.

### *Falconidae*

2. *Falco* albigularis. Tentensinho, gaviãosinho.
3. *Ibycter* chimachima. Cará-cará branco
4. " americanus. " " preto

### *Strigidae*

5. *Strix* flammea. Sundára
6. *Syrnium* perspicillatum. Mocho do matto
7. *Asio* mexicanus. Mocho orelhudo
8. " stygius. Mocho diabo
9. *Syrnium* hylophilum. Curuja
10. *Scops* brasilianus. Curuja
11. *Speotyto* cuniculária. Curuja do campo.

# II

## *Psittaci*

### *Conuridae*

1. *Ara* chloroptera. Arara vermelha.
2. *Conurus* leucophthalmus. Maracanã.



***Psittacidae***

3. *Chrysotis vinacea*. Papagaio peito roxo
4. " *aestiva*. " garganta amarela
5. *Pionus maximiliani*. Maitaca
6. *Brotopogon tui*. Tuim.

III

Picariae

SUB-ORDEM: SCANSORES

***Ramphastidae***

1. *Ramphastos elicollis*. Tucano bico branco.
2. " *ariel*. " bico preto.
3. *Selenidera maculirostris*. Araçary.

***Picidae***

4. *Melanerpes formicivorus*. Pica-pau.
5. *Geopelia striata*. "

SUB-ORDEM: SCANSOROIDES

***Bucconidae***

6. *Bucco chrysops*. João tolo.

***Alcedinidae***

7. *Ceryle alcyon*. Martin pescador.
8. *Ceryle americana*. " " pequeno.
9. *Ceryle alcyon*. " " de topete.

IV

Passeres

SUB-ORDEM: TURDOIDES

***Turdidae***

1. *Turdus rufopectus*. Sabiá laranjeira.
2. " *albicollis*. " colleira.
3. " *flavipes*. " preta.

***Troglodytidae***

4. *Troglodytes aedon*. Curruira.
5. *Catharus fuscescens*. "

***Corvidae***

6. *Cyanocorax pileatus*. Gralha branca.  
7.       "       *azureus*.       "       azul.

SUB-ORDEM: TANAGROIDES

***Coerebidae***

8. *Certhiola chloropyga*. Cambacica.

***Mniotiltidae***

9. *Geothlypis velata*. Caga-sebo.

***Icteridae***

10. *Cassicus cristatus*. Japu  
11. *Cassicus haemorrhous*. Guache.  
12. *Molothrus bonariensis*. Chopim.  
13. *Pseudoleistes guirahuro*. Chopim do banhado.  
14. *Icterus violaceus*. Vira-bosta.

***Tanagridae***

15. *Chlorophonia viridis*. Bonito do campo.  
16. *Stephanophorus leucocephalus*. Velhinha.  
17. *Euphonia violacea*. Gaturamo.  
18. *Pipridea melanonota*. Viuva.  
19. *Calliste tricolor*. Sahyra.  
20. *Calliste thoracica*. Sahyra verde  
21. *Calliste melanonota*. Sahyra guassú.  
22. *Stephanophorus coeruleus*. Azulão.  
23. *Rhamphocelus brasilia*. Tié-sangue.  
24. *Pitylus fuliginosus*. Bico pimenta.

***Fringillidae***

25. *Fringilla plumbea*. Patativa.  
26. *Spermophila aurantia*. Caboclinho.  
27. *Spermophila pileata*. Colleiro do brêjo.  
28. *Spermophila ornata*. Colleiro.  
29. *Fringilla campestris*. Pinta silgo.  
30. *Fringilla brasiliensis*. Canario da terra.  
31. *Fringilla matutina*. Tico-tico; pardal.  
32. *Icterus unicolor*. Chopim.  
33. *Paroaria cucullata*. Cardeal.

SUB-ORDEM: STURNOIDES

***Motacillidae***

34. *Anthus correndera*. Caminheiro.

SUB-ORDEM: FORMICAROIDES

***Tyrannidae***

- 35. *Taenioptera nengeta*. Pombinho das almas.
- 36. *Muscicapa longicauda*. Thesoureiro.
- 37. *Sisopygis icterophrys*. Siriry.
- 38. *Euscarthmus nidipendulus*. Caga-sebo.
- 39. *Tyranus sulphuratus*. Bem-te-vi.

***Pipridae***

- 40. *Chiroxiphia caudata*. Tangará.

***Cotingidae***

- 41. *Attila cinereus*. Capitão de Sahyra.
- 42. *Pyroderus scutatus*. Pavão.
- 43. *Chasmarhynchus nudicollis*. Araponga.
- 44. *Ampelion melanocephalus*. Corococho.

***Dendrocolaptidae***

- 45. *Furnarius rufus*. João de barro.

***Formicariidae***

- 46. *Chamaeza brevicauda*. Továca.

V

Columbae

***Columbidae***

- 1. *Columba rufina*. Pomba do matto.
- 2. *Columba talpacoti*. Rola.
- 3. *Columba rufaxilla*. Jurity.

VI

Gallinae

***Cracidae***

- 1. *Penelope superciliaris*. Jacú-péba
- 2. *Pipile jacutinga*. Jacú-tinga.
- 3. *Crax carunculata*. Mutum.

***Tinamidae***

4. *Tinamus solitarius*. Macuco.
5. *Crypturus obsoletus*. Inambú
6. *Rhynchotus rufescens*. Perdiz.
7. *Nothura maculosa*. Codorna.
8. *Odontophorus capueira*. Urú.

## VII Grallatores

### *Rallidae*

1. *Limnopardalus nigricans*. Saracura
2. *Porphyriola martinica*. Frango d'agoa, azul
3. *Fulica armillata*. Mergulhão.

### *Scolopacidae*

4. *Ibis rubra*. Guará.

### *Charadriidae*

5. *Charadrius dominicus*. Maçarico.

### *Ardeidae*

6. *Ardea cocoi*. João Grande.
7. *Ardea egretta*. Garça branca, grande.
8. *Ardea candidissima*. Garça branca, pequena.
9. *Ardea coerulea*. Garça azul.
10. *Ardea lentiginosus*.

### *Plataleidae*

11. *Ajaja rosea*. Colhereiro.

### *Ciconiidae*

12. *Mycteria americana*. Tuyuyú.

## VIII Natatores

### *Anatidae*

1. *Nettion brasiliense*. Marréca.

### *Laridae*

2. *Larus maculipennis*. Gaivota."

Outra grande intervenção de Romário Martins foi a proposição para o que seria o primeiro brasão de armas do estado do Paraná. A idéia foi lançada em 1899, mas consagrou-se apenas pelo valor histórico, uma vez que não chegou a ser adotada oficialmente. Sua apresentação original mostrava o “*nosso bello passaro-Arara*”, que foi simplesmente citado, portanto sem qualquer identificação da espécie que se tratava, nem de ilustração que permitisse o seu reconhecimento (Martins, 1899:[116]):

#### ESCUDO DO ESTADO DO PARANÁ

O unico projecto apresentado para o escudo do Paraná, consiste no seguinte:

O campo e o fundo são formados pelos bellissimos panoramas naturaes do Paraná, isto é, apresentão o salto do Iguassú e a cascata das Sete Quedas. Ao oriente vê-se o Sol no horisonte e o nosso grande servo (typo identico ao da rhena e rangifer do norte da Russia e da Islandia) saudando o Sol, que nasce sobre as nossas magestosas mattas de pineirae e heruaes (typos de nosso principal ramo de industria) **e cortando o espaço, o nosso bello passaro – Arara.** Alem destes typos principaes de nossa fauna, vê-se sobre nossas campinas e proximos á margem dos rios – o boi, o carneiro e o cavallo, representando a nossa industria pastoral. Destacam-se tambem o Cruzeiro do Sul, assignalando a nossa posição geographica nos Estados-Unidos do Brazil e o barrete phrygio symbolisando o systema republicano que rege o nosso Estado. Na falha ou no circulo lê-se: – REPUBLICA BRAZILEIRA – ESTADO DO PARANÁ.

O escudo não foi adoptado na mesma occasião; está dependente de resolução do Congresso. Parece que mais razão há para ser adoptado este escudo, que a propria bandeira já adoptada ppor deliberação constitucional, visto como nenhum outro representaria mellhor nossa natureza virgem, nem tão pouco os typos principaes da industria propriamente paranaense”.

Posteriormente, um outro escudo foi oficializado (Lei nº 456 de 29 de março de 1902) e alterado três anos depois (Lei nº 592 de 24 de março de 1905) ambos consistindo de uma modificação do brasão nacional, no qual não constava quaisquer representações de aves (E. C. Straube, 1987).

Foi apenas em 1910 que o mesmo Romário Martins, fez surgir no brasão paranaense a figura textualmente bem estabelecida de uma espécie ornitológica. Um de seus argumentos é que o atual escudo “*é uma cópia, até criminosa, das armas da República*”. Em seu texto original<sup>152</sup>, o célebre deputado descreve com minúcias a sua proposta para a ave-timbre do brasão de armas: o gavião-de-penacho (*Spizaetus ornatus*). Ali ressaltou também, a sua preocupação para que essa espécie não fosse, no futuro, descartada ou alterada:

*“Desejo, entretanto, deixar bem explicado o symbolo adoptado - como figura decorativa do escudo, que é o falcão paranaense. Esse exemplar, conhecido em todo o nosso sertão, foi ainda ultimamente adoptado para substituir, na ornamentação do palacio do Catete, as figuras alegoricas que alli se encontravam. Essa iniciativa partiu do sr. Barão do Rio Branco, que incumbiu o esculptor brasileiro Bernardelli<sup>153</sup> de esculpir as novas àguias que ali vão ser collocadas. O typo escolhido foi exactamente esse que se representa no escudo, e que é o que no interior do nosso Estado é conhecido por gavião de pennacho, aguia brazileira, natural do Paraná.*

*Esse exemplar avifaunistico é descripto por Goeldi desta maneira: (Lê)*

---

<sup>152</sup> Apresentado na 26ª Sessão Ordinária do Congresso Legislativo do Paraná, realizada em 1º de março de 1910 (E. C. Straube, 1987).

<sup>153</sup> Leia-se o mexicano José Maria Oscar Rodolpho Bernardelli y Thierry (1852-1931).

*‘Figuras esplendidas, tamanhas como Aguias e igualmente ornadas de longo topete, são as especies de Spizaetus, de que o Brazil possui três.’*

*O que domina o nosso escudo d’armas, é o Spizaetus ornatus, assim descripto pelo notavel autor da monografia As Aves do Brazil:*

*‘O alto da cabeça é negro, as costas e as azas brunas, com grandes malhas pretas. A nuca é bruno-vermelha: é preta uma tira que, sahindo do canto da bocca, vae ao longo da garganta branca até abaixo dos olhos; o meio do peito e a rabadilha muito brancos; a barriga e os calções pretos, listrados transversalmente de branco.’*

*H. von Ihering, o eminente naturalista que honra o Museu Paulista com a sua sábia direção, acrescenta áquelle discriptivo generico deste typo classico do magestoso gavião brasileiro, as seguintes indicações:*

*‘O bico é preto, os dedos são amarelos’; e dá as seguintes determinações especificas:*

***Spizaetus mauduyi*, Daud.**

***Harpya ornata*, Spix.**

***Urutaurana*, Maregrav. [sic]**

***Falco ornatus*, Wied.**

***Spizaetus ornatus*, Burmeister, Pelzelu [sic], Berlepsch.**

*Burmeister, um grande naturalista alemão, que viajou o Paraná<sup>154</sup> e habitou Curytiba, já entendeu esse bellissimo exemplar da nossa fauna devia figurar nas armas brasileiras. Disse elle, descrevendo essa ave lidissima ‘É este, manifestadamente, o mais bello falcão do Brazil’<sup>155</sup>. E realmente, assim é, sr. presidente.*

*Eu procurei descrever com mais exactidão esse exemplar para que, de futuro, não se altere*

---

<sup>154</sup> Karl Hermann Conrad von Burmeister (1807-1892), o famoso naturalista alemão autor de vastíssima obra e que chegou a acompanhar Wilhelm Lund em Lagoa Santa (Minas Gerais), pelo contrário, nunca esteve no Paraná.

<sup>155</sup> Literalmente: “*Dieser schöne offenbar der schönste Falke Brasiliens [...]*” [Este é, obviamente, o mais belo falcão do Brasil] (Burmeister, 1856:64).

*essa belíssima figura do nosso escudo e não se transforme ella na aguia que não é nossa e em outras figuras representativas que escapam à intenção com que esta foi posta no escudo das nossas armas.*

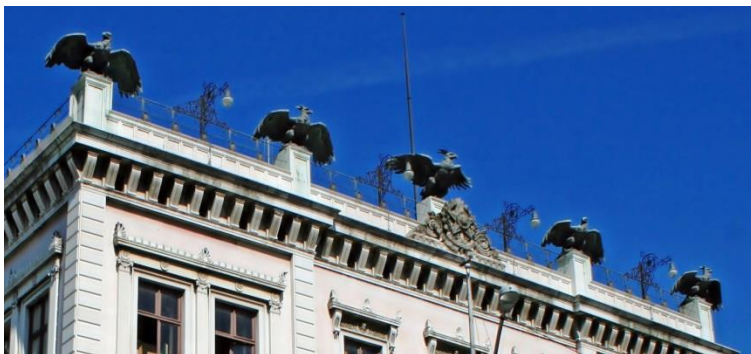
*Era o que eu tinha a dizer. (Muito bem!)*

*Sala das Sessões em 3 de março de 1910.*

*Romário Martins, Jayme Reis, João Pernetta, Benjamin Pessoa, Carvalho Chaves, Marins Camargo, Generoso Marques, Azevedo de Macedo, Luiz D.Cleve, Telêmaco Borba, Brasilino de Moura, Cavalcanti de Carvalho, João Sampaio, João Antônio Xavier, Emílio Gomes, Eurides Cunha, Cezar Torres.”.*

Cabe lembrar, no entanto, que o Palácio do Catete (construção erigida entre 1858 e 1866 pelo Barão de Nova Friburgo e sede do governo republicano desde 1897) no Rio de Janeiro apresenta estátuas de bronze, em número de sete (cinco na face frontal do prédio, duas na traseira) que jamais poderiam ser atribuídas ao *Spizaetus ornatus*. O grande porte, a envergadura alar e principalmente o penacho bifurcado aponta, ainda que sujeito a imprecisões decorrentes da estilização, para a harpia (ou gavião-real) *Harpia harpyja*, questão já discutida por Sick (1997:247): “Os construtores do Palácio do Catete foram bem intencionados ao mandar esculpir uma ave de rapina com topete um tanto exagerado, tendo em mente, sem dúvida, o gavião-real”.





O Palácio do Catete e as cinco águias-reais ou harpias (acima em detalhe) que ornamentam a parte frontal da edificação (Fonte: Wikipedia).

Da colocação dessas estátuas, descreve Gerson (1965): “*Mas as águias que nêle continuam (nesta sua nova fase de Museu da República)*<sup>156</sup> *na verdade não vieram dos seus tempos mais antigos, porque ainda em 1900 o que se via na sua cobertura eram pequenas estátuas que simbolizavam o Comércio, a Lavoura, a Indústria etc, e a rigor nem os seus mais velhos servidores poderiam dizer-nos se foi no govêrno de Afonso Pena ou no de Nilo Peçanha que estas deixaram de ornamentá-lo em favor daquelas*”.

---

<sup>156</sup> Razão pela qual, a edificação ficou conhecida, durante algum tempo, como “Palácio das Águias”.

O conteúdo do projeto de Romário é quase idêntico ao da Lei que o aprovou<sup>157</sup>: “*o falcão paranaense, pairando protectoralmente sobre o escudo, ao passo que representa o mais galhardo exemplar da nossa avifauna, condiz com o pensamento adoptado universalmente para a representação symbolica que põe nas azas condoreiras as humanas inclinações pela liberdade*”.

Não obstante a sua expressa preocupação, a gravura que acabou acompanhando a publicação, porém, era extremamente estilizada e a espécie tornou-se irreconhecível não apenas pelo unicolorido como pelo formato<sup>158</sup> e proporções do animal. De qualquer forma, o estado do Paraná, passava a ter – definitivamente – uma espécie de ave ornamentando o seu brasão<sup>159</sup>.

Talvez movido pelo interesse em contribuir com a apresentação do escudo, o pintor Alfredo Andersen também produziu uma obra pictórica do brasão, com base na documentação apresentada por Romário Martins. O desenho é mais ou menos semelhante em conteúdo, porém, a ave-timbre apresenta-se com a cabeça voltada para a sinistra do brasão, condição que – nas normas heráldicas – denota o conceito de bastardia (veja E. C. Straube, 1987).

Por vários anos, esse foi o brasão de armas do Estado, até que em 1947 voltou a ser modificado, durante o governo de Moysés Lupion. Trocou-se o *Spizaetus ornatus* pela harpia (*Harpia harpyja*), situação que se prolonga até os dias de hoje.

---

<sup>157</sup> Lei n° 904 de 21 de março de 1910 (E. C. Straube, 1987); o mesmo conteúdo foi publicado pelo jornal “A Republica” (ano 24, n° 52 de 5 de março de 1910, página 1) e no “*Almanach do Parana para 1912*” (p.179-181).

<sup>158</sup>

<sup>159</sup>



**Duas versões contemporâneas do brasão oficial do Paraná, acompanhando a proposição de Romário Martins (Fonte: Almanach do Parana para 1912:179) e representação de Alfredo Andersen em 1910 (Fonte: acervo do Arquivo Público do Paraná).**

O malogro na iniciativa de manter o belíssimo gavião-de-penacho como timbre deveu-se, por certo, a tais imprecisões artísticas impossibilitando uma identificação imediata no escudo, restringindo-a apenas ao mais versados conhecedores da proposta original. Acreditamos que a indicação errônea do próprio Romário Martins aos gaviões do Palácio do Catete, tenha contribuído para isso.

Para complicar, tanto o desenho que aparece no “Almanach do Parana para 1912” quanto aquele elaborado por Andersen mostram uma ave de rapina com tarsos nus, o que não condiz com o gênero *Spizaetus*, cujos representantes possuem farta plumagem que se estende até os dedos.

Romário ainda teve outras participações ligadas à avifauna do Paraná. Não por acaso ele é considerado um dos primeiros parlamentares a se manifestar enfática e efetivamente em defesa da natureza, uma vez que – durante todo o tempo em que trabalhou como político – promoveu o

controle do desmatamento, a necessidade de reflorestamentos e a proibição da caça.

Quando deputado estadual, pronunciou-se na câmara estadual com a finalidade de “*conter os excessos sobre a caça e a pesca no Paraná*”, apresentando um projeto que acabou sendo aprovado na Lei Estadual nº 2296 de 4 de abril de 1924. Na ocasião, demonstrando erudição e pesquisas documentais, cita a intervenção do ouvidor Rafael Pires Pardiniho (*vide* Straube, 2011:98) que, em ordem publicada em 1720, proíbe a caça de perdizes e a coleta de seus ovos na região de Curitiba, atividades que, segundo ele, estavam levando à extinção da espécie na capital:

*“a que nenhuma pessoa, com pena de 2\$000 réis pagos de cadeia, apanhasse ovos de **perdiz** e de outras aves, nem andasse à caça delas ao tempo de sua criação, de setembro a dezembro”* (Martins[1995]).

Mandava, por isso, que os juízes ordinários procedessem contra os que o contrário fizessem, na forma da Ordenação, Livro 5, Título 88, pois que tinha ele, ouvidor-geral, informação “*que muitas pessoas de propósito andavam no dito tempo à caça de ovos e criações das ditas aves, com o que se iam elas extinguindo*” (Martins, [1995]). Embora o conteúdo deste valioso documento seja voltado a todas as espécies animais, como forma de coibir abusos no abate e captura, e mesmo de peixes, a idéia teve como alvo original as aves, usando argumentos defendidos em 1908 por Manuel Correia de Freitas em um antigo projeto de lei que acabou não sendo aprovado pela Casa.

Romário encontrava-se preocupado com o surgimento e proliferação de caçadores “organizados em

sociedade” e, com uma certa base ecológica, contesta a discriminação das espécies em “úteis, indiferentes e prejudiciais”, reconhecendo que todas seriam verdadeiramente necessárias para a perfeita harmonia da natureza:

*“A ave, tão perseguida sob os mais vários pretextos: pelo sabor da carne, pela beleza da plumagem que a moda, imitando o selvagem, elevou o adorno feminino, pelo pressuposto de ser prejudicial à criação pastoral e à lavoura e por mero e odioso esporte finalmente, é a principal vítima do homem mesmo nos países onde existem leis protetoras da perpetuidade das suas espécies.*

*Esquece-se, entretanto, todo ou grande parte do bem que as aves promovem à atividade agrícola e pecuária, realizado na transladação do pólen da antera para o pistilo (polinização) das flores, importante operação beneficiadora das sementes e dos frutos em que são exímios os beija-flores; na caça das larvas, dos vermes e dos insetos, para somente lembrar-se que algumas espécies alternam sua alimentação com sementes das culturas, e que outras não nos prestam nenhuma utilidade, sendo meramente decorativas da natureza vegetal, como se essa qualidade não fosse, por si mesma, uma utilidade”.*

Adiante, indicando que possuía uma concepção conservacionista toda peculiar para a sua época, avalia as

consequências do hipotético desaparecimento de certas espécies (todas elas aves) (Martins, 1995:299-300)<sup>160</sup>:

*“Suponhamos que com as caçadas em massa, se determinadas espécies como as da Alma de Gato; Saci; Pica-pau da mata; P.P. Verde; Topetuda; Bem-te-vi; Caga-sebo; Viuvinha; Beija-flor (todas as espécies); Corruíra; Pintassilgo; Tesoureiro; Coruja e de outras – fossem dizimadas e de todo destruídas. Ver-se-ia então, e nisto são concordes todos os naturalistas, que a essas aves deviam o lavrador e criador as possibilidades de suas conquistas rurais e que, assim sendo, sem elas os seus esforços resultariam impotentes para conter avalanches de insetos destrutivos das culturas agrícolas e do gado doméstico, proliferados espantosamente à revelia da insubstituível agressividade de certos pássaros”.*

Em algumas passagens, fortalece seu ponto de vista, ponderando sobre o indiscutível confronto entre custo e benefício:

*“Na própria Ordem dos Raptatores, tida por prejudicial, há espécies como a do **Gavião carijó** (Asturina nattereri), que é voraz perseguidora de insetos, caçadora incansável de gafanhotos, cascudos e curuquerês que tanto danificam os alfafais e algodoais, etc., e também de pequenos roedores que são o pavor dos lavradores, tais como os ratos do mato, preás e outros, e as cobras entre os répteis. Em troco*

---

<sup>160</sup> Omitimos aqui os nomes científicos citados por Martins, visto que parecem ter sido adulterados durante a transcrição.

*destes inestimáveis serviços, é certo que o **Gavião carijó** persegue também, quando lhe apetece, aces domésticas. Ao lavrador pois, cabe observar de que lado está o seu maior interesse...”*

Na mesma linha, apoia-se no ufanismo paranista, implicitamente citando o pinheiro-do-paraná e sua lendária plantadora:

*“As gralhas, na Ordem dos Pássaros, são outros indivíduos na nossa avifauna em geral mal conceituados, Entretanto, a **Gralha Branca** ou **G.Peito Branco** e a **G.azul** são terríveis devoradoras de insetos de toda casta, muito mais prejudiciais a uma lavoura do que sua gulodice pelos frutos e também pelas pequenas aves. Aliás, tão útil e persistente auxílio que ela presta não poderá assim ser recompensado? Acresce que às Gralhas deve o Paraná um serviço inestimável. Elas ocultam provisões de pinhões em buracos que escavam no solo, e como não têm a lembrança muito pronta ou por outros motivos fáceis de enumerar, grande parte desses pinhões germinam e boa sorte dos nosso pinhais devemos à sua providência...e esquecimento”*

Por fim, trata do repetitivo exemplo do nativo contra o estrangeiro:

*“O **Tico-tico** é outra vítima da nossa animadversão e até certo ponto merece-a. Exageram-se, contudo, os prejuízos que causa às sementeiras, pela confusão que os colonos fazem dele com o seu parente mais próximo, o daninho **Pardal** europeu. A*

*verdade, porém, sobre tudo quanto tenha de mau o **Tico-tico**, é que é um hábil caçador de insetos muito mais daninhos do que ele”.*

Concluindo a preleção, resume as justificativas para a aprovação do seu projeto<sup>161</sup>:

*“Em todo o caso, uma palavra amiga dizendo de certas aves hoje tão perseguidas alguma coisa que faça pensar, certo que pode influir para que mais atenção se lhes preste aos bons costumes do que aos defeitos e se lhes pague, com alguma tolerância, os serviços reais e enormes que nos prestam.”*

Embora tenha assumido seu interesse ativo pela proteção à natureza, já desde o fim do Século XIX, foi apenas depois de ter-se dedicado à direção do Museu Paranaense é que Romário Martins obteve argumentos fortes e consistentes para a sua cruzada preservacionista. Do projeto de lei por ele redigido, é possível encontrar pelos menos duas de suas fontes: Rodolpho von Ihering e Jules Michelet, sendo que este último é transcrito em consideráveis fragmentos.

Michelet, embora historiador, é o autor da obra “*L’oiseau*” (Michelet, 1856) que, mais do que nenhuma outra, introduziu a abordagem poética à história natural<sup>162</sup>,

---

<sup>161</sup> Não obstante tantas informações sobre as aves paranaenses tenham sido utilizadas, são apenas dois os artigos – da referida lei – que as mencionam: “Artigo 1º - Fica proibida em todo o território do Estado a caça de Aves e de Quadrúpedes, exceto os carnívoros, durante os meses de setembro a março”. “Artigo 4º - Não será permitida, em tempo algum, a caça de aves canoreas, para fins alimentícios”.

<sup>162</sup> Além desta obra, que teve muitas edições, Michelet ainda publicou: “*L’insecte*” (1857), “*La Mer*” (1861) e “*La Montagne*” (1868), bem como outros livros sobre história romana e francesa.



estilo no Brasil seguido por muitos estudiosos, notadamente Eurico Santos e também Rodolpho von Ihering. Embora esses três autores tenham manifestado claro discernimento entre escrita literária e científica, foram criticados por terem misturado os dois estilos. Ao invés de produzir textos românticos e mal embasados como se supôs, a proposta desses intelectuais é – sem dúvida – a popularização do conhecimento, atitude que apenas recentemente vem ganhando força.

Embora sem muita sustentação, Romário Martins também indica várias espécies de aves como componentes da toponímia paranaense, no seu “*Vózes indígenas na Toponímia do Paraná*” (Martins, 1940). Apesar destas menções não merecerem propriamente a confiabilidade necessária como registros fidedignos, constituem-se de informações interessantes no mínimo do ponto de vista etnozoológico.

**Fragmentos selecionados, por aderirem-se a assuntos de avifauna, do “Vózes indígenas na toponímia do Paraná” (Martins, 1940).**

ARARAPIRA – de **arara-apira**, o cume das araras, o tôpo do morro onde vivem as araras, segundo Plínio Airosa. Rio e bairro em Guaraqueçaba.

BIGUÁ (ilha do) – de **mbí**, o pé; **guá**, redondo. O palmípede **Carbo brasilianus**.

BOTUQUARA – de **íbitú**, vento; **coara**, buraco; ou **íbití**, monte, segundo Teodoro Sampáio. José Morais, diz que é corrupção de **mutumquara**, cóva de Mutum<sup>163</sup>. Outra tradução: - **putuquara**, de **putú**, descansar; **ara**, dia. Lugar de sésta. Ainda outra: - **tuquara**, gafanhoto. Bairro no Município de Curitiba.

CAJURÚ – de **caa**, mato; **ajurú** boca de gente, que fala como gente: o papagaio Martius; ou **caa-jurú**, “a boca do mato”, Teodoro Sampáio; ou “mato triste ou feio”, Frei Francisco dos Prazeres Maranhão; ou, ainda, **caa-aíurú** língua de mato. Arrabalde de Curitiba.

CANTÚ – de **contôn**, papagaio. Serra divisória das águas do Piquirê e do Corumbataí e rio

<sup>163</sup> Ver carta de Telêmaco Borba a Romário Martins adiante.

afluente do Piquirí. É vocábulo caingang.

CANTUÍ – de **cantó**, papagaio; **in**, casa, morada. Afluente do Piquirí. É vocábulo caingang.

EMBOGUAÇU – de **mboí**, cobra; **açú**, grande. Ou de **em-bó**, vazio, ôco; **guaçú**, grande, grosso. Ou **nhambuguaçú**, macuco. Rio e bairro em Paranaguá.

GUAJUVIRA –de **goá**, redondo, esférico; **ju**, amarelo; **guira**, ave. O fruto apreciado pelas aves; a árvore que dá esse fruto.

GUAMIRANGA – de **guira-piranga**, ave vermelha.

GUARAGUAÇÚ – de **guirá**, ave; **guaçu**, grande.

GUARAQUEÇABA – de **guirá**, a ave **Ibis rubrae**; **quiçaba**, o sitio de seu pouso, o local de seusinhos.

GUARATUBA – de **guirá**, a ave **Ibis rubrae**; **tuba**, abundância.

GUARAUNA – de **guirá**, a garça **Ibis una**; **una**, preta.

JACUTINGA – de **íacú-tinga**, o jacú estriado de branco, **Penelope leucoptera**.

JEJUÍ afluente do Paraná, também chamado São Vicente Maior pelos espanhóis; de **chechuí** ou **chuchu-í**, rio dos pintasilgos.

JONGJÓ – gavião. Nome caingang de um afluente do Piquirí em zona de influência do cacique Jongjó.

JURUQUÍ – da **ajurú**, papagaio; **íqui**, “fruto de **ikí**, isto é, com a forma de coco”, diz Teodoro Sampáio. E acrescenta: - “o fruto do **jequitibá** é pequeno e afunilado, á semelhança de um **jiquí**.”

MARACANÃ – de **maracá-nã**, o que imita o som do maracá, a espécie de papagaio **Psittacus nobilis**, Ilig.

OCUÍ (afluente do Paraná) – de **chui-í**, rio dos **chuis**. Voz onomatopaica que designa certas espécies de passarinhos, entre estes o pintasilgo.

PARACÁI – (Afluente do rio Paraná) – de **paracau**, papagaio; **í**, rio.

SAÍ – de **ça-í**, a lagrima. Batista de Caetano diz que póde proceder de olhos esbugalhados para exprimir “o que olha ou mira”. O nome **Sai** é dado ás aves do gênero Tanagra. No guaraní atualmente falado no Paraná, **Sai**, macaco.

TIETÊ – de **tiê**, a ave **Tanagra brasilia frequens**; **etê**, verdadeira. A fôrma TIETÊ, de **t-í-etê**, rio considerável, fundo, verdadeiro.

TUÍUÍUÍ (ilha no Paranapanema) – de **tu** ou **tí**, bico; **íu-íu**, muito amarelo, segundo Batista Caetano. A ave **Mycteria americana**. Ou de **tu-íu-íu**, a lama amarela.

Neste conteúdo, Romário demonstra basear-se mais na criatividade do que nas devidas bases técnicas, ou sejam, linguística e ecologia, indispensáveis nas análises de nomes de localidades indígenas, invariavelmente associadas a conteúdos biológicos. E também carece de fundamentação biológica para as etimologias indicadas. A título de ilustração, cabe a retificação feita a ele pelo sertanista Telêmaco Borba, em carta que tivemos a possibilidade de resgatar, de cujo teor destaca-se a etimologia do topônimo “Botuquara”<sup>164</sup>.

Nessa missiva observa-se que, não somente uma grande personalidade paranaense afeita à História Natural, Telêmaco demonstra também conhecimento zoogeográfico, visto que sua argumentação a respeito da espécie citada (*Crax fasciolata*) está rigorosamente correta. Mutuns, hoje quase extintos do território paranaense, estão restritos à região noroeste, ao longo do rio Paraná, setor muito bem conhecido pelo sertanista que para lá realizou uma épica expedição, junto a seu irmão Nestor (Straube, 2013). São, dessa forma, aves inexistentes na região de Ponta Grossa, assim como na maior parte do Paraná.

---

<sup>164</sup> “Botucúara = nome de uma antiga Fazenda, perto de Ponta Grossa, significa = buraco ou covil das mutucas e não dos mutuns, que é ave que ali não existe [...]”. Cabe lembrar que Filipak (2005) incorre no mesmo erro, atribuindo a errônea etimologia para a propriedade do historiador José Carlos da Veiga Lopes (Fazenda Botuquara, parte da Fazenda Santa Rita, desmembrada nos anos 90). Esse último (que era um grande conhecedor da avifauna paranaense), em comunicação verbal (2007), apresentou sua discordância para essa interpretação, pelas mesmas razões apresentadas por Telêmaco.

Am.<sup>o</sup> Romário.

Como pede em sua Nota, na Republica, ahí vão  
umas rectificações: Botucurá, nome de uma anti-  
ga Fazenda, perto da Ponta Grossa, significa = buraco ou covil  
das mutucas, e não dos muturus, que é ave que ali  
não existe. Cajuri = Caá, matto, furio. lingua.  
Lingua ou ponta de matto. Canguery = Acan, cabeça,  
que, que foi, osso, q. agua; Cabeça, osso, rio.  
Capocú: Caá, matto, pocú, comprido, alto; matto  
alto ou comprido. Éri. Campo Éri: Campo, pulga,  
Éri, e não Éri, campo. Campo da pulga (Sionia dos Cayn-  
gungues). Goyper, goy, agua; airt, que não dá oul  
S. dos Cayngungues). Logo enviarci mais.

seu am.<sup>o</sup>

Telemaco Borba

Titagz. 22-4-901.

Carta de Telemaco Borba a Romário Martins, datada de 1901 (Fonte: Arquivo Pessoal de Ernani C. Straube).

Segundo consta, Romário Martins era uma pessoa carinhosa, desapegada mas metódica, coerente e gentil, que marcou os familiares e amigos pelas boas lembranças que

deixou. Dedicava tempo e atenção aos netos, já acostumados com os “bugres” que ficavam hospedados em sua casa, sempre convidados para passeios cheios de surpresas e com os doces que trazia da confeitaria... O terreno de sua morada foi doado à prefeitura de Curitiba, logo após seu falecimento e ali foi estabelecida a praça Santos Dumont, na qual colocou-se um busto do grande paranaense. Há, em Curitiba, um centro de excelência centrado na história e documentação que se denomina “Casa Romário Martins” (C. L. Lacerda *in* Martins, 1995).



## *Cronologia*

- 1907** Hermann e seu filho Rodolpho von Ihering publicam o primeiro volume (“As aves do Brasil”) do **“Catalogos da fauna brasileira editados pelo Museu Paulista – S.Paulo, Brazil”**. A obra trata da composição avifaunística do Brasil, com lista sistemática anotada e, como anexo, traz reproduções dos textos ornitológicos de Emílio Joaquim da Silva Maia sobre beija-flores.
- 1907** Nascimento de ANDREAS MAYER.
- 1907** Primeira visita de ERNST GARBE ao Paraná.





# 1907

## ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO

**ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO** (n. Rio Preto, MG: 21 de fevereiro de 1874; f. Rio de Janeiro, RJ: 8 de janeiro de 1939)<sup>165</sup> era médico e, embora autodidata, foi um dos zoólogos brasileiros mais conceituados<sup>166</sup>. Sua carreira foi cumprida no Museu Nacional do Rio de Janeiro e destacou-se, no início do Século XX, por ser um dos únicos brasileiros natos dentre todos os grandes cientistas da época (p.ex. Fritz Müller, Hermann von Ihering e Emil A. Goeldi) (Nomura, 1997). Aos 20 anos assumiu o cargo de preparador da Seção de Zoologia, tornando-se – dois anos depois (1896) – naturalista viajante e, em 1889, foi designado secretário da instituição. Nessa condição, e sendo um evolucionista ferrenho (Cid, 2009), esforçou-se para imprimir ao Museu Nacional uma feição vanguardista, mantendo a tradicional ampliação dos acervos, mas também encorajando as pesquisas experimentais (Gualtieri, 2009).

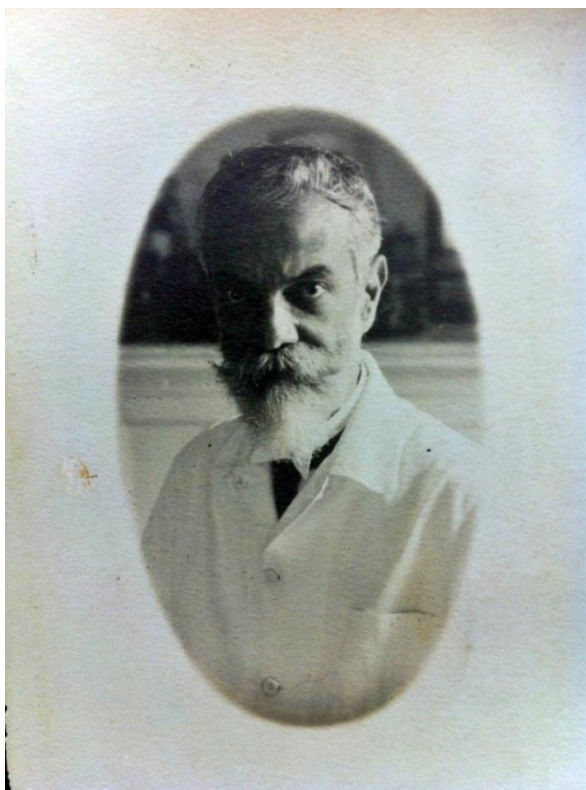
Os vastos conhecimentos e interesse por todos os campos da Zoologia (peixes, anfíbios, répteis, aves,

---

<sup>165</sup> Ele era pai de Paulo de Miranda Ribeiro (1903-1965), que se destacou, além de outras pequenas contribuições, pelo “Catálogo dos Peixes do Museu Nacional”, obra produzida até o fascículo 12 e inacabada em virtude de seu falecimento.

<sup>166</sup> Boas biografias podem ser encontradas em Kretz (1942), Travassos (1955), Nomura (1997) e Pomal-Jr. (2002) que pleiteia a uniformização de menção ao seu nome como “Miranda-Ribeiro”, por ser sobrenome composto. Uma excelente revisão sobre sua participação na Comissão Rondon está em Cid & Waizbort (2006).

mamíferos e insetos) foram sua marca registrada<sup>167</sup> e também assinou diversos artigos de divulgação em periódicos leigos. Isso aparece claramente no volume 14 (1907) dos Arquivos do Museu Nacional, no qual assina – além do “*Fauna Braziliense: Peixes*” – um estudo sobre cruzamentos entre o porquinho-da-índia e preás nativos e outro sobre dípteros parasitas de morcegos.



**Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939)** (Fonte: Wikipedia).

---

<sup>167</sup> Foi severamente criticado por autores contemporâneos, como Mello-Leitão (1937) que o acusou de carente de cultura geral e por ter cometido “erros lamentáveis em questões comezinhas” (Gualtieri, 2009).

Segundo Cid & Waizbort (2006): “é possível perceber que Alípio Ribeiro não estava somente preocupado com a produção de conhecimento desconectado da realidade nacional, mas também com a aplicabilidade deles. A utilização dos conhecimentos produzidos aqui por cientistas preocupados com os problemas nacionais seria uma forma criteriosa de atingir a civilização e a modernidade desejada por nossos indivíduos educados e homens de ciência”.

Alípio teve fundamental importância como zoólogo da Comissão Rondon na qual iniciou sua participação em julho de 1907, quando partiu para o sertão, a convite do então major Rondon (Nomura, 2000). Segundo Nomura (2010): “*Durante a expedição ele manteve um diário, que em parte foi publicado na revista Kosmos, do Rio de Janeiro [5 (9):35-39; 5 (11):17-22; 5 (12):32-36, 1908] e parte na Revista do Brasil, São Paulo [(49):50-54, 1920 e (5):137-143, 1920)], sob o título Ao redor e através do Brasil*<sup>168</sup> *e também em alemão Eine Reise um und durch Brasilien (somente a primeira parte –2 (2):52-64, 1912)*<sup>169</sup>”.

Sua ligação com a Ornitologia paranaense é sutil e pouco conhecida, restringindo-se a esse momento que, digase de passagem, contou com conexões tangenciais com a história do Paraná. Ocorre que tanto os resultados da Comissão quanto aqueles oriundos da expedição Rondon-Roosevelt (ver Straube, 2011) enfatizavam, na literatura e mesmo na mídia, o interesse pela “descoberta” do sertão, via de regra divulgando apenas o que acontecia a partir de

---

<sup>168</sup> Sobre essa produção, assim conclui Martins (2011): “Apesar da publicação de alguns trechos do diário em periódicos, o mesmo não é publicado de forma integral. O que se tem é um encadernado datilografado compreendendo o início da viagem até os primeiros meses do ano de 1909, além de cadernetas e cadernos de campo manuscritos sobre o restante da viagem do zoólogo. Compreendemos ser esse diário uma obra pelas claras intenções autorais que contém”.

<sup>169</sup> Trata-se de publicação raríssima, lançada no periódico *Brasilianische Rundschau*. Apesar das buscas, não tive acesso a essa obra.

Corumbá, no Mato Grosso do Sul rumo à Amazônia<sup>170</sup>. Nesse sentido, muito do que foi recolhido ou anotado nos trechos iniciais de viagem acabou no esquecimento ou mencionado *en passant*.

Aqui é necessária uma intervenção bibliográfica para facilitar a compreensão e futuras revisões por parte de interessados e que destoa em parte do que foi apresentado por Nomura (2010).

Observa-se que os títulos das narrativas publicadas por Miranda Ribeiro são confusos. O primeiro número é intitulado “*Ao redor e atravez do Brasil*” (Kosmos ano 5, nº 9 de setembro de 1908) e traz um texto “Ao leitor”, bem como a descrição dos primeiros momentos da viagem, desde o Rio de Janeiro até Montevidéu (entre 27 de junho e 7 de julho). O seguinte (Kosmos ano 5, nº 11, novembro de 1908) é chamado apenas de “*Na Bacia do Prata, II*” e informa o período entre 9 e 18 de julho entre Buenos Aires e o curso dos rios Paraná e Paraguai até Porto Murtinho (Mato Grosso do Sul). Passa então ao lapso entre 20 e 30 de julho, relatando a estada em Corumbá (Mato Grosso do Sul) sob título “*Ao redor e atravez do Brasil: Na Bacia do Prata – Corumbá (continuação)*” (Kosmos ano 5, nº 12, de dezembro de 1908).

Em seguida vem o “*Ao redor e atravez do Brasil (continuação): Na Bacia do Prata – a caminho de Cáceres*” (Kosmos ano 6, nº 2, fevereiro de 1909), onde relata a passagem pelo Taquari, São Lourenço, o rio e a cidade de Cuiabá e, por fim, a chegada em Cáceres (5 a 10 de agosto). O último artigo da série é chamado de “*Matto Grosso II*” e já com o autor no Rio de Janeiro (maio de 1908), transcreve

---

<sup>170</sup> Ele mesmo, na prosaica passagem do “*Ao redor e atravez do Brasil*” (Jurema, 1908) assim responde ao filho à pergunta sobre as razões de sua viagem: “– *Caçar todos os bichos de Matto-Grosso, guardal-os e trazel-os, para saber o que elles são e para que servem*”.

um diário preparado por Luiz Le Duc<sup>171</sup> (denominado “*Viagem de Cuyabá ao Jurema (segundo as notas de Le Duc)*”, com fotos e descrições de viagem de julho de 1907 para a “terra dos Nhambiquaras”).

Por alguma razão, Miranda Ribeiro resolveu continuar a série de publicações muitos anos depois, agora na Revista do Brasil, periódico paulistano que era dirigido por Monteiro Lobato. Lança, então, o “*Na Bacia do Prata (Fragmento)*” (Revista do Brasil nº 49:50-54, de janeiro de 1920) com remissão a uma nota de rodapé com o seguinte conteúdo: “(1) Os primeiros artigos desta narrativa foram publicados na Kosmos, a contar do nº 9 do anno V”. Aí descreve a estada em Cáceres, entre 28 e 29 de agosto.

Por fim, chega ao “*Na Bacia do Prata (Conclusão)*” (Revista do Brasil nº 50:137-143, de fevereiro de 1920), referindo-se à visita que fez à gruta calcárea de Quilombo, entre 30 de agosto e 7 de setembro.

Sob esse itinerário, a única menção à sua presença no Paraná alude naturalmente à sua passagem por Paranaguá, onde chegou a 29 de junho de 1907, proveniente de Santos (Jurema<sup>172</sup>, 1908):

“29 de Junho — PARANAGUÁ —  
Impressiona bem a cidade. Já de longe se vê o edifício vermelho da futura Alfandega, qual um castello em valle encantado; as casas brancas entremeiadas de arvores fructiferas, a agura torre da matriz catholica, sobresahindo do plano sub egual das demais construcções, a

---

<sup>171</sup> Na realidade Luiz Leduc (1876-1966), foi fotógrafo da Comissão Rondon.

<sup>172</sup> Alguns artigos de divulgação publicados por Miranda Ribeiro são assinados pelo pseudônimo de “Jurema”, outros com a indicação também do seu nome verdadeiro. Não se sabe as razões disso e tampouco os porquês de ter adotado essa denominação, alusiva a alguns municípios do Nordeste (Pernambuco e Piauí) ou à planta leguminosa do agreste (*Mimosa* spp.), utilizada em práticas religiosas e mencionada em “Iracema” de José de Alencar. Em um de seus artigos, ele menciona a “*Viagem de Cuyabá ao Jurema*”, mas refere-se em todo o texto ao rio Juruema (*sic*) que, na realidade, se chama Juruena!

serra da Prata, azul, acuminada, formando terceiro plano e aos lados as serras de mediocre elevação que servem de moldura á bahia, raza e caprichosa. Desembarquei, obtendo do meu cunhado Tenente Commissario da Armada, Jorge M. Pereira, alguns animaes bons. Na bahia vimos *Larus dominicanus*, **Licht o Gaivotão**, companheiro de viagem desde o Rio e incansavel voador. [...]

Em Paranaguá ouvi chamal-o por outro nome – ‘Maria-Velha’ nome, talvez de guerra, adoptado em consequencia d’alguma tropelia. Uma outra ave me prendeu a attenção. Ouvi chamal-o de **Trinta-Reis-dos-Grandes**, designação provavelmente erronea e devida á má comprehensão do meu informante, um catraieiro do lugar. Eu a vi solitaria, nadando sobre as ondas um tanto revoltas ou, voando em perseguição de outras gaivotas, para lhes tomar alguma prêsa. Pareceu-me ser *Ossifraga gigantea* Oml.<sup>173</sup>”.

Após essa estada de um único dia no litoral do Paraná, ele segue viagem, passando por São Francisco do Sul, Florianópolis, litoral do Rio Grande do Sul e Montevidéu, no Uruguai, eventualmente descrevendo outras espécies observadas. A descrição de viagem toma seu curso, de acordo com a preleção bibliográfica descrita acima.

---

<sup>173</sup> *Ossifraga gigantea* é o nome antigo atribuído ao procelarídeo atualmente conhecido como *Macronectes giganteus*, espécie pelágica de alto-mar e com raríssimos registros na costa paranaense. Admite-se que o observador tenha notado no exemplar observado um porte robusto e fuliginoso, o que nos permite sugerir que se trate, de fato, de um atobá (*Sula leucogaster*) em plumagem juvenil, ave abundante naquela região. O hábito de roubar presas, porém, coincide com aquele manifestado por tesourões (*Fregata magnificens*) igualmente frequente por ali, porém, com cauda longa e bifurcada detalhe que, por certo, não teria passado despercebido do naturalista mineiro.

# 1907 e 1914

## ERNST GARBE

**ERNST WILHELM GARBE** (n. Goerlitz, Alemanha: 22 de novembro de 1853; f. São Paulo, SP: 15 de outubro de 1926)<sup>174</sup> foi um dos coletores de animais mais produtivos no Brasil em todos os tempos. Iniciou-se na História Natural manifestando interesse por insetos, notadamente besouros e borboletas e, ainda jovem, aprendeu a taxidermia com um curtidor de peles de Baulau (Alemanha). Logo fez contato com Carl Hagenbeck<sup>175</sup>, dono de uma grande empresa de comércio de animais em Hamburgo (Alemanha), que o contratou para viajar pelo mundo para capturar animais selvagens. Segundo Nomura (1997), Garbe teria chegado a visitar o Brasil em 1882 justamente com essa atribuição<sup>176</sup>.

Consta ter vindo definitivamente ao Brasil em 1º de maio de 1888 como imigrante alemão, junto à sua esposa

---

<sup>174</sup> Naturalizou-se brasileiro em julho de 1913 (Diário Oficial da União de 25 de julho de 1913, Ano 52, nº 170, página 4), passando a assinar Ernesto Garbe.

<sup>175</sup> Carl Hagenbeck financiava viagens pelo mundo para trazer animais selvagens de lugares remotos como a África, destinando-os a exposições públicas e para jardins de reis e imperadores. Em 1887 criou um circo, de onde passou a subsistir. Consta ter sido o fundador da arquitetura de recintos ao ar livre, o que revolucionou o padrão tradicional de mostruários em zoológicos, antes restritos a jaulas fechadas.

<sup>176</sup> Essa informação foi referida por Taunay no jornal “Correio Paulistano” (7 de julho de 1925, p.2): “Foi este modo de vida que trouxe Ernesto Garbe ao Brasil pela primeira vez em 1882. Realizou então diversas viagens, levando por vezes carregamentos valiosos de animais vivos da fauna sul-americana a Hamburgo, além de avultada quantidade de couros de mamíferos, aves e peixes, specimens dos nossos arthropodes, etc.”; também é citada por Pinto (1945).

Anna Hirsche (Garbe) e o filho Walter<sup>177</sup>. Estabeleceu-se em Piracicaba (São Paulo) onde, dentre outras atividades, colecionava animais vivos para zoológicos europeus e também taxidermizava exemplares, cujas peles eram vendidas ao Museu Paulista (Pinto, 1945; Grola, 2012)<sup>178</sup>.

Em 1890, o conselheiro Francisco Mayrink conseguiu uma grande coleção de história natural preparada por Joaquim Sertório que, junto ao material agregado ao da Comissão Geográfica e Geológica do estado de São Paulo, iria ser o início do acervo zoológico do Museu Paulista (este fundado em 1834). Graças a esse impulso inicial, seu diretor, Hermann von Ihering (que assumira a direção do Museu em janeiro de 1894) fez contacto com Garbe em 1900, interessando-se por seu trabalho<sup>179</sup>. Na ocasião, Garbe encontrava-se em Petrópolis (Rio de Janeiro) acertando os detalhes sobre uma viagem ao estado do Amazonas para coleta de borboletas subvencionada pelo naturalista austríaco Joseph G. Foeterlle (n.?-1929)<sup>180</sup>.

Dois anos passaram para que, enfim, fosse contratado pelo Museu para o cargo da naturalista viajante e, assim, permanecendo maior parte de seu tempo em campo. Substituía, desta forma, os coletores da antiga geração do Museu: Beniamino Bicego<sup>181</sup>, Helmuth Pinder, Ricardo Krone e Curt Schrottky, tornando-se contemporâneo de João

---

<sup>177</sup> Segundo o Memorial do Imigrante do governo do Estado de São Paulo (<http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br>).

<sup>178</sup> Aqui uma coincidência com Andreas Mayer. Ambos eram alemães recém-emigrados que se estabeleceram no interior e foram descobertos pelos diretores dos museu estaduais, no caso, o Paulista (von Ihering) e o Paranaense (Loureiro Fernandes). Também ambos vieram com seus filhos (respectivamente Walter e Edmundo), que os acompanhavam no trabalho de campo.

<sup>179</sup> Provavelmente, nessa época, Garbe residia em Bauru (“Bahuru”), conforme se deduz dos vários ninhos e ovos remetidos ao Museu Paulista e que figuraram em Ihering (1902); ver também remessas de abelhas estudadas por Schrottky (1902).

<sup>180</sup> Correspondente de Adolfo Lutz (Sá, 2008).

<sup>181</sup> Esse que, inclusive, também coletou no Paraná (p.ex. Ponta Grossa em 1897: vide holótipo do molusco pulmonado *Megalobulimus foreli* (Becquaert, 1948).



Leonardo de Lima que, aliás, o substituiu em sua posição na instituição.



**Ernst Garbe (1853-1926)**

*Fonte: Pinto, 1945)*

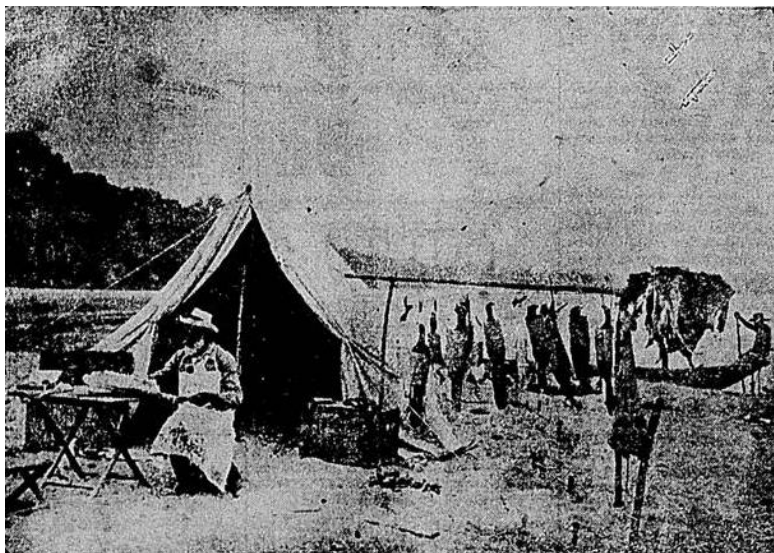
Garbe era elemento importantíssimo nas coleções do Museu Paulista, visto ter sido – por muito tempo<sup>182</sup> – o único auxiliar encarregado da manutenção dos acervos. Além disso, seu capricho era virtude importante para o cuidado com as coleções, citando Ihering (1911:10) o fato

---

<sup>182</sup> Leia-se por quase todo o período em que a instituição foi administrada por Hermann von Ihering (Grola, 2012).

dele atender os acervos “*durante o tempo em que não convinha que este nosso auxiliar viajasse*”. Quer dizer, quando não estava em campo coletando e preparando com o denodo que lhe era característico, permanecia atendendo o acervo.

Desde seus primeiros exemplares, obtidos no rio Juruá até o ano de seu falecimento, Garbe viajou por todos os biomas brasileiros, nos estados do Amazonas, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Pará (em ordem cronológica, segundo Pinto, 1945).



Ernst Garbe em seu acampamento às margens do rio Pirapora (Minas Gerais), a acondicionar os espécimes colecionados (Fonte: Ihering, 1913).

A sua contribuição às ciências naturais no Brasil, seja como colecionador, seja como preparador de variados tipos de animais, bem como pela abrangência geográfica e

ecológica, é incalculável. Foi o coletor de diversas formas novas, graças a suas andanças pelos sertões inexplorados do Brasil, em busca de todo o tipo de exemplares faunísticos. Embora coletasse principalmente aves e mamíferos (*cf.* Rylands *et al.*, 2005), grupos que eram sua especialidade, Garbe foi também um dos precursores das coleções de répteis, peixes, insetos e crustáceos do Museu Paulista (*cf.* Ihering, 1904; Almeida & Coelho, 2008).

Ele próprio não publicou vasta literatura, apenas dois relatórios de viagens empreendidas à Bahia (Garbe, 1920) e ao rio Amazonas (Garbe, 1926). O grande acervo recolhido, porém, foi base de inúmeros estudos sobre a fauna do Brasil e é motivo, até os dias de hoje, de pesquisas sobre taxonomia, distribuições geográficas e novas ocorrências. É seu nome repetido muitas vezes em publicações (muitas delas de Hermann von Ihering) e catálogos em geral (Pinto, 1938, 1944). Inclua-se também certas novidades, descobertas muitos anos depois de seu laborioso trabalho de campo. Dois espécimes de um papagaio obtidos por ele e seu filho Walter<sup>183</sup> em 1902 no rio Juruá (Amazonas), por exemplo, serviram-se para a descrição da *Amazona kawalli*, 87 anos depois de tê-los colecionado (Grantsau & Camargo, 1989).

Para tratar de Garbe, ainda, não se pode omitir o valor a ele remetido por diversos pesquisadores que analisaram o seu volumoso material biológico. Taunay (1926) afirmou:

*“Era da estirpe desses famosos colecionadores, typo de Natterer, Waterton e Swainson, que em nosso paiz angariaram copias prodigiosas de material. Caçador prodigioso, não se*

---

<sup>183</sup> Não à toa, o nome vernáculo técnico da espécie é “papagaio-dos-garbes” (CBRO, 2009).

*contentava em preparar a caça abatida para fins de taxidermia; fazia o mais escrupuloso exame dos cadáveres sob o ponto de vista helminthologico e parasitario em geral, colligia ovos e ninhos, tomava notas biologicas, desenvolvia enfim, uma atividade absolutamente prodigiosa e multiforme”.*

Adicionamos, ainda, a virtude da paciência para coletar certas espécies que, conforme aprende-se na prática, são difíceis de encontrar e mesmo abater, pelos seus hábitos esquivos. Interessavam-lhe desde os grandes mamíferos até os menores invertebrados de solo e, com toda justiça, seu nome é lembrado em vários táxons de animais brasileiros (ainda que alguns deles não sejam mais válidos), como arrola Nomura (1997)<sup>184</sup>, como um tipo de minhocaçu (*Rhinodrilus garbei* Michaelsen, 1926: Glossoscolecidae), duas borboletas (*Castnia garbei* Foetterle, 1902 e *Bradyopophila garbei* Ihering, 1913), um besouro (*Hammaticherus garbei* Melzer, 1922), uma pulga (*Rhopalopsyllus garbei* Guimarães, 1940), uma vespa (*Mischocyttarus garbei* Zikan, 1935), um plecóptero (*Glyptopteryx garbei* Navas, 1936), duas aranhas migalomorfas (*Diplura garbei* Mello-Leitão, 1923: Dipluridae e *Cyclosternum garbei* Mello-Leitão, 1923: Theraphosidae), dois tipos de cascudos (*Pareiorhaphis garbei* (Ihering, 1911: Loricariidae) e *Corydoras garbei* Miranda-Ribeiro, 1937 : Callichthyidae), um bagre (*Pimelodella garbei* Miranda-Ribeiro, 1918; hoje *Pimelodella australis*: Heptapteridae), além de uma perereca (*Garbeana garbei* Miranda-Ribeiro, 1926, atualmente *Scinax garbei*), dois lagartos (*Garbesaura garbei* Amaral,

---

<sup>184</sup> Com pequenas correções, ampliações e atualização.

1933 (= *Enyalius leechii*) e *Anolis garbei* Amaral, 1933 (= *Norops trachyderma*) e possivelmente alguns outros; infelizmente não há nenhuma espécie válida de ave em sua homenagem<sup>185</sup>. Até mesmo o barco usado pelo zoólogo Paulo E. Vanzolini para suas coletas de répteis na Amazônia, chamava-se “Garbe”, segundo ele em homenagem ao grande coletor<sup>186</sup>.



*Scinax garbei*, uma espécie descrita por Miranda Ribeiro em homenagem a Ernst Garbe (Foto: Marco Antônio de Freitas).

Ele viajou muitas vezes em companhia de seu filho, Walter Garbe, que também se destacou como colecionador e igualmente contribuiu com as coleções do antigo Museu Paulista, onde foi contratado como naturalista e fotógrafo em 1929, tendo participado de várias expedições acompanhando Olivério Pinto. Nesse ponto, Garbe pai e filho assemelham-se a João e José Leonardo de Lima,

---

<sup>185</sup> Em 1904, Ihering nomeou *Myrmotherula garbei*, mas a série de tipos era na realidade composta por três *M. menetriesii* e uma *M. sunensis* (Stotz, 1990).

<sup>186</sup> Entrevista publicada em 1996; disponível em:  
<http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/txt.php?id=56>

ligados pelos mesmos laços de parentesco e também costumeiros companheiros das tarefas de campo.

Segundo informações da literatura alusivas a Garbe e suas viagens (Pinto, 1945; Straube & Scherer-Neto, 2001), ele teria visitado o Paraná em duas ocasiões<sup>187</sup>. A primeira viagem antecederia uma ida do naturalista à Caatinga do Nordeste (sul da Bahia) e precedeu uma excursão ao rio Doce, no Espírito Santo. Visando exclusivamente a obtenção de raridades sulinas, Garbe permaneceu no Paraná por tempo razoável: janeiro<sup>188</sup> a setembro de 1907. Pinto (1945:279) assim trata do assunto:

*“Em abril de 1907, foi o sr. Garbe enviado ao norte (sic) do Estado do Paraná, com o fim especial de procurar algumas espécies de aves e mamíferos colecionados por Natterer nos extensos campos da zona de Castro e que depois nunca mais tinham sido observadas. Como observa Ihering em seu relatório, Garbe foi em grande parte bem sucedido, conseguindo para as coleções algumas das formas mais características daquela região. A permanência de Garbe em Castro prolongou-se de maio a setembro, incluída nesse lapso de tempo a estada na Fazenda Monte Alegre, pertencente ao mesmo distrito”.*

---

<sup>187</sup> Em Straube & Scherer-Neto (2001) são mencionadas três expedições ao Paraná. Ocorre que, por equívoco, admitiu-se a sua presença nesse estado também em 1901, fato que não corresponde com a realidade. A dificuldade de datar certas viagens do Museu Paulista com base nos rótulos e dados fornecidos na literatura são melhor discutidas adiante e também acima, sob João Leonardo de Lima e Adolpho Hempel.

<sup>188</sup> Em Ihering & Ihering (1911) e Pinto (1945) consta que essa expedição iniciou, respectivamente, em abril e maio de 1907, mas as datas de alguns exemplares do MZUSP são documentos que apoiam nossa opinião.

Essa mesma viagem é mencionada por Ihering & Ihering (1911:12):

*“Em 1907, o sr. Ernesto Garbe permaneceu alguns mezes no Museu, tempo que aproveitou para curtir todos os couros de mamíferos da collecção de estudos, seguindo depois, em Abril, para o Estado do Paraná (Castro, Tibagy) com o fim especial de procurar algumas espécies de aves e mamíferos que o celebre colleccionador austríaco Pelzeln obtivera em Castro em 1820 e que desde então nunca mais foram observadas, taes como Lepthasthenura setaria e striolata. Em boa parte o sr. Garbe foi bem succedido, trazendo varias raridades para as nossas collecções. Voltando em Agosto dessa excursão, trabalhou algum tempo no laboratório de entomologia e partiu em Outubro para o Estado da Bahia, de onde só voltou em começo de 1909”.*

Essas descrições, com relação à primeira viagem, sugerem, por assim dizer, que Garbe teria concentrado seus trabalhos nos arredores de Castro e dali supõe-se ter ocorrido incursões secundárias, visitando outros locais, como a Fazenda Monte Alegre (atualmente no município de Telêmaco Borba)<sup>189</sup>. No entanto, uma dúvida recai sobre o que se admitiu até hoje acerca deste itinerário.

A citação das localidades nos rótulos dos espécimes abatidos em 1907 e hoje guardados no Museu de Zoologia

---

<sup>189</sup> Não confundir com “Monte Alegre”, hoje Monte Alegre do Sul, uma estância hidromineral paulista às margens do rio Camanducaia, quase na divisa com Minas Gerais e que foi objeto de inúmeros trabalhos de colecionamento (p. ex. por José Leonardo de Lima entre 1942 e 1943) e publicações de diversos grupos zoológicos, inclusive avifauna (Pinto, 1944b,c; 1945:321).

(São Paulo) é claramente diferenciada em dois lotes: 1. exemplares citados apenas como oriundos de “Castro”, em datas aleatoriamente registradas no livro-tombo (janeiro, maio, junho, julho, agosto e setembro de 1907); 2. exemplares colecionados em “Castro, Fazenda Monte Alegre” (ou variantes), no intervalo também aleatório (março, maio, junho, julho e agosto de 1907). Essa condição é suficiente para levantar suspeitas sobre a realização de várias incursões de idas e vindas entre a cidade de Castro e a sede da fazenda, localidades distanciadas por mais de 60 km em linha reta.

Ocorre que, como localidade definida claramente por “Castro”, constam outros 77 exemplares (também depositados no MZUSP) obtidos pelo mesmo naturalista, porém no ano de 1914 (principalmente nos meses de maio e junho) o que consistiria do legado obtido durante sua segunda viagem ao Paraná. Essa segunda visita foi nada mais do que uma breve parada para seu rumo final, quando deslocou-se pelo rio Uruguai desde suas nascentes até Quaraí, detendo-se basicamente com coleta e preparação de peixes (Taunay, 1926). Para esta viagem demorou-se no Paraná um período de quase dois meses, entre maio a junho de 1914 (Pinto, 1945). Sobre a estada em 1914, Taunay (1918:10) assim relata:

*“O naturalista-viajante sr. Ernesto Garbe, tendo caçado nos primeiros mezes do anno nos arredores da Capital, seguiu em maio para Castro, no Estado do Paraná onde se demorou mez e meio [...]”.*

O que se deduz é que houveram alguns equívocos a partir das rotulagens do material originário da Fazenda Monte Alegre, localidade para a qual pode-se pleitear todos



os espécimes colecionados na expedição de 1907, incluídos aqueles consignados apenas para o topônimo “Castro”<sup>190</sup>, município ao qual a propriedade pertencia naquela época.

Isso fica ainda mais claro se notarmos duas outras incoerências, também envolvendo material obtido sob essa alegada procedência: 1. um espécime da garça maria-faceira (*Syrigma sibilatrix*) (MZUSP-7022) que teria sido colecionada em “Set.1936” portanto dez anos depois do falecimento do famoso expedicionário (*vide* Pinto, 1938:34); 2. dois exemplares, sendo um da saíra-de-fogo (*Piranga flava*) e, outro, do caminheiro (*Anthus hellmayri*) assinalados como coletados na Fazenda Monte Alegre, respectivamente em agosto de 1937 e junho de 1914 e, desta forma, discordando totalmente de todos os outros 24 espécimes dali oriundos e que compõem o acervo de 1907.

Cabe lembrar que essa questão já fôra superficialmente discutida, quando Straube & Scherer-Neto (2001) presumiram que o material de 1907 teria sido acumulado quando o naturalista estava em trânsito, ao longo da estrada que liga a cidade de Castro a Telêmaco Borba, sede do município que atualmente abriga a Fazenda Monte Alegre.



**Rótulos dos exemplares MZUSP-7013 e 7014, constando a procedência “Est. Paraná/ F. Monte Alegre” e “Castro, Paraná”. No catálogo de Pinto (1938:285), a localidade do primeiro é apontada apenas como “Castro (Paraná)”.**

<sup>190</sup> O próprio Olivério Pinto contribuiu com esse problema, uma vez que, em seus catálogos (1938, 1944), menciona apenas “Castro” para certos exemplares que têm explícita indicação de procedência da “Fazenda Monte Alegre”. Esse tipo de informação, como se sabe, foi replicada por vários autores subsequentes.

Somando-se todo o material obtido no ano de 1907 (incluindo três exemplares de *Stephanophorus diadematus*, datados de “maio de 1904”(sic)) que, com base na racionália acima, deve ser considerado como oriundo da Fazenda Monte Alegre, teríamos o seguinte conteúdo depositado no Museu de Zoologia: 133 espécimes de 68 espécies.

Aqui cabe, então, outro parênteses, referente à localidade “Fazenda Monte Alegre”, um dos mais conhecidos topônimos visitados por naturalistas, exploradores e cronistas ao Paraná desde o Século XIX e participante de uma fração importante da História paranaense.

O médio vale do rio Tibagi, no centro-nordeste do Paraná, é uma região tradicionalmente reconhecida como palco de iniciativas de grande relevância já a partir do começo do Século XVII com o surgimento de um interesse comercial e estratégico pela região. Desde este tempo, intensificaram-se as buscas por metais, diamantes, escravos indígenas e de uma rota de acesso ao Paraguai e Peru (Mota, 1997). Desse tempo, consta que Fernão Dias Paes teria chegado já em 1661, estabelecendo-se por cinco anos nos campos da Fazenda Monte Alegre, imaginando que neste sertão “brotavam serras de pedrarias faiscantes apoiadas em vales atapetados de ouro” (Baptista, 2002).

Em 1812, uma expedição foi realizada para o chamado “sertão do Tibagi” liderada por José Félix da Silva e seu lugar-tenente Antônio Machado Ribeiro (Machadinho). Na ocasião, eles se apossaram de um imenso latifúndio ao longos das bacias hidrográficas dos rios Tibagi e Iapó. Assim tinha início o estabelecimento das primeiras propriedades oficializadas daquela região, após sangrentas disputas com os índios kaingangues e que tiveram como

ponto alto a fundação de uma imensa propriedade, chamada Fazenda Fortaleza.

Dentre as terras que couberam a Félix, além da própria Fortaleza, um total de 86.000 alqueires passou-lhe à posse e, por muito tempo, permaneceram sob seu controle direto ou de seus descendentes. Com a morte do fazendeiro (1838), seu único neto, Manoel Inácio do Canto e Silva, herdou a grande área, passando a morar no local, que era chamado “Fazenda do Alegre”<sup>191</sup>, onde construiu a casa grande e mudou a denominação para “Fazenda Monte Alegre”.

Em meados do Século XIX, o militar federalista Bonifácio José Batista (1827-1897), genro de Manoel Inácio e cognominado “Barão de Monte Carmelo”<sup>192</sup>, recebeu a propriedade como herança do sogro e, também ali residindo, ampliou os limites e promoveu melhorias.

Em 1926 seus descendentes acabaram seduzidos pela formação de uma sociedade com o grupo franco-brasileiro da “Companhia Agrícola e Florestal e Estrada de Ferro Monte Alegre”, planejando a realização de estudos para colonização, exploração mineral, extrativismo florestal, desenvolvimento agrícola e para a construção de uma ferrovia. A iniciativa, que teve capital inicial emprestado pelo Banco do Estado do Paraná, durou apenas cinco anos e, com sua falência, a propriedade acabou nas mãos do governo estadual.

---

<sup>191</sup> O nome da fazenda provém do rio Alegre, afluente do rio Tibagi onde estavam os chamados “campos do [rio] Alegre”, que estendiam-se largamente por uma região colinosa; com isso a poética uniu o nome do rio com o detalhe orográfico, formando o nome da localidade. O topônimo é bastante antigo, sendo que já em 1724 a área foi pleiteada por João Pereira Braga, justificando sua posse de “*uns campos na paragem chamada o Alegre*” (PMTB, 2005).

<sup>192</sup> O barão era personalidade destacada na região, tendo começado sua vida como tropeiro, depois fazendeiro pecuarista e, posteriormente, vereador em Castro, deputado provincial e comandante da Guarda Nacional.

Segundo PMTB (2005), uma série de estudos feitos na época mostravam a existência ali de pelo menos nove milhões de metros cúbicos de pinheiros, concluindo-se que, graças a isso, seria viável o estabelecimento de serrarias, manufaturas madeireiras e inclusive de uma fábrica de papel, papelão e celulose. Esse potencial despertou interesse na família Lafer-Klabin, cujos membros, de ascendência judaica da Lituânia, chegaram a São Paulo no início do Século XIX, onde possuíam uma empresa importadora especializada na venda de artigos importados de papelaria, a Klabin Irmãos e Companhia (KIC) (Margalho, 2006).

No início dos anos 30, o então presidente Getúlio Vargas teria se manifestado, junto a Assis Chateaubriand (proprietário dos “Diários Associados”), sobre a necessidade da criação de um parque industrial que atendesse a demanda de papel imprensa e celulose e, inclusive, propondo-lhe a construção de uma indústria. Na ocasião, Chateaubriand indicara explicitamente o grupo Klabin como o mais apto a executar um empreendimento desta envergadura:

*Foi a partir do ano de 1932 que se iniciou realmente os interesses do grupo Klabin em investir na construção de uma grande indústria de papel e celulose. Nesse ano o interventor do Estado do Paraná, Manuel Ribas veio para a Capital Federal para encontrar o presidente Vargas, no intuito de resolver problemas administrativos. Ribas e Wolff Klabin se conheciam desde os anos 1920, quando Wolff representava os interesses da KIC em Porto Alegre. Assim que pode, Ribas procurou o velho amigo para lhe propor um negócio. O Interventor estava interessado na instalação de uma grande indústria de papel e celulose em seu Estado, que tinha ricas reservas florestais para isso. Ele expôs para Wolff a situação financeira de uma empresa que era*

*proprietária de uma região de 144 mil hectares (Fazenda Monte Alegre) localizada no município do Tibagi, rica em pinheirais – matéria prima fundamental para a produção de papel e celulose. Tratava-se de uma empresa sediada em Paris que havia levantado uma vultosa quantia com o Banco do Estado do Paraná e como seus negócios fracassaram não tinha como saldar a dívida para com o banco, que executou sua falência definitiva e passou a ser o dono da imensa área” (Margalho, 2006).*

Em 1934, por intermédio de Getúlio, a família Klabin finalmente adquiriu a Fazenda Monte Alegre pela quantia de 7.500 contos, pensando não somente em construir uma fábrica mas também uma usina hidrelétrica, para o suprimento de energia necessária ao maquinário e uma pequena cidade para abrigar seus funcionários. Iniciava-se, desta forma, uma outra fase na história daquela propriedade (Wolff & Wolff, 1987; Blood, 1998).

Naquele tempo, o médio Tibagi ainda era uma região relativamente isolada, distante quase duas centenas de quilômetros das cidades mais importantes e com uma gigantesca reserva de pinheiros, onde a pequena população dedicava-se à caça, pesca e agricultura de subsistência.

Com o estabelecimento dos Klabin, pouco demorou para que cada área da Fazenda Monte Alegre fosse destinada às várias atividades necessárias: a sede velha era usada como escritório e para a hospedagem dos técnicos que lá chegavam, a localidade de Lagoa (ou “*Alagoa*” na grafia de Bigg-Wither, 1878) passou a centro administrativo e, por fim, Harmonia<sup>193</sup> foi o ponto escolhido para a construção da

---

<sup>193</sup> Esse é o local de nascimento da ornitóloga Sônia Roda, que pesquisa a avifauna do Nordeste há mais de 25 anos, especialmente de Pernambuco, onde fixou residência em 1980.

fábrica. Já o rio Tibagi, no exato ponto que fôra chamado de “*Salto Grande*” por Bigg-Wither (1876, 1878) (depois Salto Mauá), acolheu a Usina Hidrelétrica Presidente Vargas (localmente também denominada “Usina de Salto Mauá”), finalizada em 1952<sup>194</sup>. Nestes três pontos, a empresa contruiu núcleos habitacionais com estrutura básica (escolas, armazéns, atendimento médico, etc) (Blood, 1998); a sede velha foi mantida e aos poucos perdeu sua importância.

Com o tempo, toda esta estrutura foi se desenvolvendo, graças ao sucesso do empreendimento; em 1951, por exemplo, as vilas de Lagoa e Harmonia possuíam mais de 20 mil habitantes (Blood, 1998). Mas o crescimento populacional foi tanto que fez-se necessário encontrar alternativas para a demanda de habitações. Para isso, um dos líderes das empresas, Horácio Klabin, decide criar um loteamento na outra margem do rio Tibagi, chamando-a de “Cidade Nova” e construindo uma ponte de concreto, para ligá-la à Fazenda Monte Alegre. O futuro desta iniciativa era mais do que esperado:

*“A cidade cresceu rapidamente e, em menos de dez anos, já aspirava elevar-se à categoria de município pois, até então, pertencia ao município de Tibagi. Em 5 de junho de 1963 foi criado o município de Telêmaco Borba”<sup>195</sup>, pelo então governador Ney Braga. Seu território compreenderia a Fazenda Monte Alegre e as terras além do rio Tibagi, onde estava estabelecida a ex-Cidade Nova, agora, Telêmaco Borba, sede municipal”* (Blood, 1998).

---

<sup>194</sup> Contígua a ela está a Usina Hidrelétrica de Mauá, inaugurada em 2012.

<sup>195</sup> O nome da cidade vem do indianista, historiador e político Telêmaco Augusto Enéas Morisini Borba (para biografia, ver Straube, 2013).

Atualmente a Fazenda Monte Alegre, ainda pertencente ao grupo Klabin (Klabin Fabricadora de Papel e Celulose S.A., KFPC), é uma das maiores propriedades particulares em todo o estado do Paraná, com 126.373 hectares, em sua grande maioria ocupados por plantios de essências arbóreas exóticas (pinus e eucalipto) e nativas que servem-se de matéria-prima para a produção de papel. Desse total, quase 40% é protegido sob a forma de área de proteção permanente, reserva legal e, ainda, de uma reserva particular do patrimônio natural (RPPN Parque Ecológico Samuel Klabin)<sup>196</sup>, criada em 1998 e somando 11.196 ha, dos quais 70% representados por mata de araucária nativa.

Graças à sua condição estruturada e posição geográfica, a fazenda foi visitada por diversos expedicionários e naturalistas, antes (p.ex. Thomas Henry Elliot, Franz Keller-Leuzinger e Thomas P. Bigg-Wither: *vide* Straube, 2013, 2014)<sup>197</sup> e depois (Emil Kaempfer, Reinhard Maack, Andreas Mayer, Carlos Gofferjé e Emílio Dente) de Garbe. No entanto, a ela aludem frequentes citações errôneas na literatura ornitológica e histórica em geral. A fazenda foi, por exemplo, sinonimizada ao topônimo “Tibagi”<sup>198</sup> pelos autores do *Ornithological Gazetteer of Brazil* (Paynter & Traylor, 1991), visto a

---

<sup>196</sup> Que Rodrigues *et al.* (1981) chamam “Parque Samuel Klabin” (sem indicar coordenadas geográficas) e que Anjos *et al.* (1997) e Anjos & Schuchmann (1997) denominam “Klabin Ecological Park 24°20’S e 50°35’W”. Posteriormente, Volpato *et al.* (2009) descrevem: “A Fazenda Monte Alegre é sediada no município de Telêmaco Borba, no Estado do Paraná (latitude: 24°12’42” Sul; longitude: 50°33’26”W; altitude média: 885 metros acima do nível do mar) e ocupa uma área de 126.737 hectares”. Essas coordenadas, porém, referem-se a um ponto fictício com monocultura de pinus a quase 2 km a noroeste da localidade de Lagoa e quase 9 km a nordeste da sede do Parque Ecológico.

<sup>197</sup> A menção de coleta em “Monte Alegre” por Per Karl Dusén em Urban (1908), refere-se a uma localidade na Serra do Mar, mais conhecida como morro da Farinha Seca (Dusén, 1910).

<sup>198</sup> Cuja sede de município está a pelo menos 30 km a sul.

impossibilidade de localização mais precisa, deslize que acabou também omitido por seu revisor (Vanzolini, 1992).

Com base na cronologia, acredito que as coletas de Garbe – e provavelmente de vários outros visitantes – foram realizadas próximas à antiga sede, uma construção centenária que permanece em razoável estado de conservação até os dias de hoje e que provavelmente lhe serviu de hospedagem; as coordenadas dessa edificação são 24°15'56,30"S e 50°25'26,30"W (alt. 970 m)<sup>199</sup>.

Ressalto que a elucidação deste problema tem importância pelo fato da enorme área da propriedade compreender um complexo sistema transicional que mescla dois tipos florestais como as matas de araucária (floresta ombrófila mista) e a estacional (floresta estacional semidecidual), mas também com representações de campos naturais (estepe gramíneo-lenhosa) e mesmo pequenos fragmentos de cerrado (savana). Isso tem especial relevância se considerarmos a presença de certas aves peculiares ou muito raras que provavelmente foram coletadas em certos pontos muito específicos da fazenda.



**Sede antiga da Fazenda Monte Alegre em 2008** (Fotos: Marcus V. Castilho).

---

<sup>199</sup> O acesso é feito pela Rodovia PR-239 no sentido Telêmaco Borba – Curiúva. Tendo passado o acesso à vila de Lagoa (já como PR-160), toma-se um acesso (sinalizado) secundário à direita, a cerca de 1 km deste ponto, por onde segue-se por 14 km e, em seguida, toma-se uma estrada à direita; atinge-se a sede depois de 8 km de viagem. O local foi visitado em 8 de dezembro de 2008 com Marcus Vinicius de Castilho.



Com efeito, do material colecionado por Garbe no Paraná (1907 e 1914), a maior parte está atualmente conservada no Museu de Zoologia de São Paulo. Soma 184 exemplares (84 espécies) coletados em “Castro” (*sensu lato*) e 26 (12 espécies) na Fazenda Monte Alegre (L. F. Silveira, 2007, *in litt.*); uma pequena parte foi permutada com instituições congêneres de outros países.

Do acervo destacam-se verdadeiras raridades como a águia-cinzenta (*Urubitinga coronata*), o pica-pau-de-cara-acanelada (*Dryocopus galeatus*), o caminheiro (*Anthus nattereri*) e o dançador (*Piprites pileata*), espécies escassas em toda sua área de distribuição e com pequena representação em acervos ornitológicos de todo o mundo.



Exemplar de *Dryocopus galeatus* (MZUSP-8795) coletado por Garbe em “Castro, Paraná” em julho de 1914 (Foto: Alberto Urben-Filho).

Adicionam-se a ele, outros táxons de interesse para a ornitogeografia regional, como *Primolius maracana*, *Aratinga auricapillus*, *Amazona vinacea*, *Streptoprocne biscutata*, *Lophornis magnificus*, *Campylorhamphus falcularius*, *Clibanornis dendrocolaptoides*, *Xolmis dominicanus*, *Phibalura flavirostris*, *Tangara peruviana*, *Donacospiza albifrons*, *Piranga flava*, *Orchesticus abeillei* e *Saltator maxillosus* (Pinto, 1938 e 1944).



Casal de *Lophornis magnificus* (MZUSP-7013 e 7014) coletados por Garbe no Paraná (Foto: Alberto Urben-Filho).



Exemplar da águia-cinza (*Urubitinga coronata*) em vista dorsal e ventral coletado em Castro (Paraná) e o rótulo original com a caligrafia de Garbe (Foto: L. F. Silveira).

## ANEXO

### ERNST GARBE:

revisão da contribuição ornitológica ao Paraná

Reavaliação dos registros de espécies atribuídos a Ernst Garbe, com as denominações atual (destacada) e original (Pinto, 1938 e 1944), além do formato *ipsis litteris* das localidades indicadas<sup>200</sup> e eventuais anotações. A atualização nomenclatural segue CBRO (2011), com as alterações de Scherer-Neto *et al.* (2011).

#### TINAMIFORMES

##### TINAMIDAE

#### ***Nothura maculosa* (Temminck, 1815).**

*Nothura maculosa maculosa* (Temminck): Pinto (1938:13, “7.039, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Jul. 1907”)

#### ANSERIFORMES

##### ANATIDAE

#### ***Sarkidiornis sylvicola* Ihering & Ihering, 1907.**

*Sarkidiornis sylvicola* n[omen]. n[ovum].: Ihering & Ihering (1907:72 , “Est. Paraná, Ourinho”)

#### GALLIFORMES

##### CRACIDAE

#### ***Penelope obscura* Temminck, 1815**

*Penelope obscura bronzina* Hellmayr: Pinto (1938:97, “7.021, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Jul. 1907”).

---

<sup>200</sup> Alertamos para diversos exemplares que foram realmente coletados na “Fazenda Monte Alegre” (hoje no município de Tibagi), tal como indicado nos respectivos rótulos, mas cuja localidade foi simplificada para “Castro” por Olivério Pinto (vide acima).

PELECANIFORMES  
ARDEIDAE

***Syrigma sibilatrix*** (Temminck, 1824).

*Syrigma sibilatrix* (Temminck): Pinto (1938:34, “7.023, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Jun. 1907”; “7.022, ♀, Faz. Monte Alegre (Paraná), Garbe coll., Set. 1936”)

ACCIPITRIFORMES  
ACCIPITRIDAE

***Accipiter striatus*** Vieillot, 1818

*Accipiter erythronemius erythronemius* Kaup: Pinto (1938:68, “8.796, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914 (*exposição*)”).

***Urubitinga coronata*** (Vieillot, 1817)

*Harpyhaliaetus coronatus* (Vieillot): Pinto (1938:78, “7.043, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Jun. 1907”).

FALCONIFORMES  
FALCONIDAE

***Falco femoralis*** Temminck, 1822

*Falco fusco-caerulescens fusco-caerulescens* Vieillot: Pinto (1938:92, “7.042, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907”)

GRUIFORMES  
RALLIDAE

***Aramides saracura*** (Spix, 1825)

*Aramides saracura* (Spix): Pinto (1938:114, “7.018 e 7.019, ♂♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”).

PSITTACIFORMES  
PSITTACIDAE

***Primolius maracana*** (Vieillot, 1816)

*Propyrrhura maracana maracana* (Vieillot): Pinto (1938:184, “7.026, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907; e “12.970, o?, Castro (Paraná), Garbe coll., 1907 (*exposição*)”).

***Aratinga auricapillus* (Kuhl, 1820)**

*Aratinga auricapilla aurifrons* Spix: Pinto (1938:190, “7.030, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907” e “7.028 e 7.029, ♀♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907”).

***Pyrrhura frontalis* (Vieillot, 1819)**

*Pyrrhura frontalis chiripepe* (Vieillot): Pinto (1938:194, “7.032, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907” e “7.031, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907 (*exposição*)”).

***Amazona vinacea***

*Amazona vinacea* Kuhl: Pinto (1938:205, “7.036, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907”; “7.037, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”; “7.035, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907 (*exposição*)”).

**APODIFORMES**

**APODIDAE**

***Streptoprocne biscutata* (Sclater, 1865)**

*Streptoprocne biscutata* (Sclater): Pinto (1938:245, “7.017 ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907”).

**TROCHILIDAE**

***Thalurania glaucopis* (Gmelin, 1788)**

*Thalurania glaucopis* (Gmelin) Pinto (1938:270, “6.976, 6.978 e 6.979, ♂♂, Castro (Paraná), Garbe coll. Set. 1907”).

***Colibri serrirostris* (Vieillot, 1819)**

*Colibri serrirostris* (Vieillot): Pinto (1938:273, “6.972, 6.973 e 6.974, ♂♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Set. 1907”; “6.970 e 6.971, ♀♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Set. 1907”; “6.969, ♀ juv., Castro (Paraná), Garbe coll., Set. 1907”).

***Leucochloris albicollis* (Vieillot, 1818)**

*Leucochloris albicollis* (Vieillot): Pinto (1938:277, “6.980, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Set. 1907”; “8.799, o?, Castro (Paraná), Garbe coll., Set. 1907”).

***Lophornis magnificus* (Vieillot, 1817)**

*Lophornis magnificus* (Vieillot): Pinto (1938:285, “7.013, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Set. 1907”; 7.014, 7.015 e 7.016, ♀♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Set. 1907”).

TROGONIFORMES

TROGONIDAE

***Trogon surrucura* Vieillot, 1817**

*Trogonurus surrucura* (Vieillot): Pinto (1938:291, “8.736, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”.

GALBULIFORMES

BUCCONIDAE

***Nystalus chacuru* (Vieillot, 1816)**

*Nystalus chacuru* (Vieillot): Pinto (1938:312, “7.024, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”; “8.740, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”.

PICIFORMES

RAMPHASTIDAE

***Ramphastos dicolorus* Linnaeus, 1766**

*Ramphastos dicolorus* Linnaeus: Pinto (1938:328, “7.020, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907”.

PICIDAE

***Melanerpes flavifrons* (Vieillot, 1818)**

*Tripsurus flavifrons* (Vieillot): Pinto (1938:338, “6.983, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1901”; “6.984, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1901”)

***Piculus aurulentus* (Temminck, 1823)**

*Piculus aurulentus* (Temminck): Pinto (1938:342, “6.985, ♂?, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907”; “8.790 e 8.792, ♂♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”; “8.791, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”.

***Colaptes melanochloros* (Gmelin, 1788)**

*Colaptes melanochloros melanochloros* (Gmelin): Pinto (1938:342, “8.786, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Jun. 1914”).

***Dryocopus galeatus* (Temminck, 1823)**

*Ceophloeus galeatus* (Temminck): Pinto (1938:351, “8.159, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1901”; “6.981, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Jun. 1914”).

***Veniliornis spilogaster* (Wagler, 1827)**

*Veniliornis spilogaster* (Wagler): Pinto (1938:356, “8.786, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Jul. 1907”; “6.987, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”; “8.788, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”; “8.789, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Jun. 1914”; “8.787, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914 (*exposição*)”).

***Picumnus temminckii* Lafresnaye, 1845**

*Picumnus temminckii* Lafresnaye: Pinto (1938:360, “6.989, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Set. 1907”; “6.991, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Jul. 1907”; “8.793 e 8.794, ♂♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”).

PASSERIFORMES

THAMNOPHILIDAE

***Batara cinerea* (Vieillot, 1819)**

*Batara cinerea cinerea* (Vieillot): Pinto (1938:444, “6.966, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907”).

***Thamnophilus caerulescens* (Vieillot, 1816)**

*Thamnophilus caerulescens gilvigaster* Pelzeln: Pinto (1938:461, “6.964, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”).

***Drymophila malura* (Temminck, 1825)**

*Drymophila malura* (Temminck): Pinto (1938:489, “6.967, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”; “8.683 e 8.687, ♂♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”; “8.685, f, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”).

FORMICARIIDAE

***Chamaeza campanisona* (Lichtenstein, 1823)**

*Chamaeza brevicauda brevicauda* (Vieillot): Pinto (1938:514, “6.968, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907”).

DENDROCOLAPTIDAE

***Dendrocolaptes platyrostris* Spix, 1824**

*Dendrocolaptes platyrostris platyrostris* Spix: Pinto (1938:368, “8.707, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”).



***Xiphocolaptes albicollis* (Vieillot, 1818)**

*Xiphocolaptes albicollis albicollis* (Vieillot): Pinto (1938:372, “8.706, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”).

***Lepidocolaptes falcinellus* (Cabanis & Heine, 1859)**

*Lepidocolaptes squamatus falcinellus* (Cabanis & Heine): Pinto (1938:381, “6.952, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”; “6.954, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”; “6.955, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Jul. 1907”; “6.953, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907”; “8.704, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”; “6.951, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907 (exposição)”.

***Campylorhamphus falcularius* (Vieillot, 1822)**

*Campylorhamphus trochilirostris falcularius* (Vieillot): Pinto (1938:386, “6.958, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Jan. 1907”; 8.705, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914 (exposição”).

***Sittasomus griseicapillus* (Vieillot, 1818)**

*Sittasomus griseicapillus sylviiellus* (Temminck, 1821): Pinto (1938:392, “6.959, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”).

**FURNARIIDAE**

***Clibanornis dendrocolaptoides* (Pelzeln, 1859)**

*Clibanornis dendrocolaptoides* (Pelzeln): Pinto (1938:402, “6.932, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”; “6.931, ♀?, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”; “6.934, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Jul. 1907”; “6.932, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”; “6.933, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Jul. 1907”).

***Leptasthenura setaria* (Temminck, 1824)**

*Dendrophylax setaria* (Temminck): Pinto (1938:405, “6.938, ♀, Castro, Faz. Monte Alegre (Paraná), Garbe coll., Jul. 1907”; “6.936, ♂, Castro, Faz. Monte Alegre (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907”; “6.937, ♀, Castro, Faz. Monte Alegre (Paraná), Garbe coll., Ag. 1907”; “8.677 e 8678, ♂♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”; “8.680, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Jun. 1914”).

***Synallaxis ruficapilla* Vieillot, 1819**

*Synallaxis ruficapilla* Vieillot: Pinto (1938:406, “8.690 e 8.691, o?, Castro (Paraná), Garbe coll., Jun. 1914”).

***Synallaxis cinerascens* Temminck, 1823**

*Synallaxis cinerascens* Temminck: Pinto (1938:411: “8.692, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”; “8.689, o?, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”; “8.693, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Jun. 1914”).

### ***Cranioleuca obsoleta* (Reichenbach, 1853)**

*Cranioleuca obsoleta* (Reichenbach): Pinto (1938:418, “6.940, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”; “8.747, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Jun. 1914”).

### ***Anumbius annumbi* (Vieillot, 1817)**

*Anumbius annumbi* (Vieillot): Pinto (1938:423, “6.941 e 6.944, ♂♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Abr. 1907”; “6.943, o?, Castro (Paraná), Garbe coll., Abr. 1907”; “6.945, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”; “6.946, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”; “8.696, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”; “8.697, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”; “8.698, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914 (exposição)”).

### ***Syndactyla rufosuperciliata* (Lafresnaye, 1832)**

*Syndactyla rufosuperciliata rufosuperciliata* (Lafresnaye): Pinto (1938:426, “6.957, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”; “6.956 e 6.960, ♀♀ Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1907”).

### ***Phylidor rufum* (Vieillot, 1818)**

*Phylidor rufus rufus* (Vieillot, 1818): Pinto (1938:430, “6.961, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Ago. 1907”; “6.962, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Ago. 1907”; “8.695, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”; “8.694, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”).

### ***Heliobletus contaminatus* Berlepsch, 1885**

*Heliobletus contaminatus* Berlepsch: Pinto (1938:435, “8.744, ♂, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”; “8.743, ♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Jun. 1914”).

### ***Lochmias nematura* (Lichtenstein, 1823)**

*Lochmias nematura nematura* (Lichtenstein): Pinto (1938:442, “8.700 e 8.701, ♀♀, Castro (Paraná), Garbe coll., Maio 1914”).

## **PIPRIDAE**

### ***Chiroxiphia caudata* (Shaw & Nodder, 1793)**

*Chiroxiphia caudata* (Shaw & Nodder): Pinto (1944:88, “Castro: ♂juv., Garbe, maio (1914)”).

## **TITYRIDAE**

### ***Pachyramphus castaneus* (Jardine & Selby, 1827)**

*Pachyramphus castaneus castaneus* (Jardine & Selby): Pinto (1944:34, “Castro: ♂, Garbe, junho (1914)”).

## COTINGIDAE

### ***Phibalura flavirostris* Vieillot, 1816**

*Phibalura flavirostris* Vieillot: Pinto (1944:6, “Castro: 2 ♀♀, Garbe, julho (1907); ♀, Garbe, junho (1914)”).

## RHYNCHOCYCLIDAE

### ***Mionectes rufiventris* Cabanis, 1846**

*Pipromorpha rufiventris* (Cabanis): Pinto (1944:306, “Castro: 2 ♂♂, Garbe, maio (1907) e (1914)”).

### ***Tolmomyias sulphurescens* (Spix, 1825)**

*Tolmomyias sulphurescens sulphurescens* (Spix): Pinto (1944:206, “Castro: 3 ♂♂, Garbe, julho (1907) e maio (1914)”).

### ***Phylloscartes ventralis* (Temminck, 1824)**

*Phylloscartes ventralis ventralis* (Temminck): Pinto (1944:246, “Castro: 2 ♂♂, Garbe, maio (1907) e (1914); 2 ♀♀, Garbe, maio (1907 e 1914); sexo ?, Garbe, junho (1914)”).

## TYRANNIDAE

### ***Camptostoma obsoletum* (Temminck, 1824)**

*Camptostoma obsoletum obsoletum* (Temminck): Pinto (1944:289, “Castro: ♂, Garbe, maio (1914)”).

### ***Elaenia mesoleuca* (Deppe, 1830)**

*Elaenia mesoleuca* Cabanis & Heine: Pinto (1944:272, “Castro: 2 ♀♀, Garbe, abril e maio (1907)”).

### ***Elaenia obscura* (D’Orbigny & Lafresnaye, 1837)**

*Elaenia obscura sordida* Zimmer: Pinto (1944:277, “Castro: ♂, Garbe, maio (1907)”).

### ***Phyllomyias virescens* (Temminck, 1824)**

*Xanthomyias virescens virescens* (Temminck): Pinto (1944:292, “Castro: 1 ♂ e 1 sexo ?, Garbe, maio (1914)”).

### ***Platyrinchus mystaceus* (Vieillot, 1818)**

*Platyrinchus mystaceus mystaceus* (Vieillot): Pinto (1944:202, “Castro: 2 ♂♂, Garbe, maio e junho (1914)”).

***Piprites pileatus* (Temminck, 1822)**

*Piprites pileatus* (Temminck): Pinto (1944:62, “Castro: ♂, Garbe, junho (1914)”).

***Xolmis dominicanus* (Vieillot, 1823)**

*Xolmis dominicana* (Vieillot): Pinto (1944:107, “Castro: 2 ♂♂ e 1 ♀, Garbe, julho (1907)”).

***Knipolegus lophotes* Boie, 1828**

*Knipolegus lophotes* Hellmayr: Pinto (1944:115, “Castro: ♂, Garbe, junho (1914)”).

***Knipolegus cyanirostris* (Vieillot, 1818)**

*Knipolegus cyanirostris* Vieillot: Pinto (1944:117, “Castro: 2 ♂♂ e 1 ♂juv., Garbe, maio e julho (1907)”).

***Sirystes sibilator* (Vieillot, 1818)**

*Sirystes sibilator* (Vieillot): Pinto (1944:145, “Castro: ♂, Garbe, junho (1914)”).

***Contopus cinereus* (Spix, 1825)**

*Contopus cinereus cinereus* (Spix): Pinto (1944:180, “Castro: ♂, Garbe, maio (1907)”).

***Serpophaga subcristata* (Vieillot, 1817)**

*Serpophaga subcristata* (Vieillot): Pinto (1944:259, “Castro: ♂, Garbe, junho (1914)”).

***Serpophaga nigricans* (Vieillot, 1817)**

*Serpophaga nigricans* (Vieillot): Pinto (1944:262, “Castro: ♂, Garbe, junho (1914); sexo ?, Garbe, maio (1914)”).

**CORVIDAE**

***Cyanocorax chrysops* (Vieillot, 1818)**

*Cyanocorax chrysops chrysops* (Vieillot): Pinto (1944:326, “Faz. Monte Alegre (Castro): ♂, Garbe, agosto (1907)”).

***Cyanocorax caeruleus* (Vieillot, 1818)**

*Cyanocorax caeruleus* (Vieillot): Pinto (1944:330, “Faz. Monte Alegre (Castro): ♂, Garbe, março (1907)”).

## VIREONIDAE

### ***Cyclarhis gujanensis*** (Gmelin, 1789)

*Cyclarhis ochrocephala* Tschudi: Pinto (1944:394, “Castro: ♂, Garbe, maio (1914); 3 ♀♀, Garbe, maio (1907) e maio (1914)”).

### ***Hylophilus poicilotis*** Temminck, 1822

*Hylophilus poicilotis poicilotis* Temminck: Pinto (1944:404, “Castro: 2 ♂♂, Garbe, julho (1907) e maio (1914); ♀, Garbe, maio (1914)”).

## TROGLODYTIDAE

### ***Troglodytes musculus*** Naumann, 1823

*Troglodytes musculus musculus* Naumann: Pinto (1944:347, “Castro: sexo ?, Garbe, junho (1914)”).

## MOTACILLIDAE

### ***Anthus nattereri*** Sclater, 1878

*Anthus nattereri* Sclater: Pinto (1944:389, “Faz. Monte Alegre (Castro): ♂, Garbe, agosto (1907)”).

### ***Anthus hellmayri*** Hartert, 1909

*Anthus hellmayri brasiliensis* Hellmayr; Pinto (1944:390, “Faz. Monte Alegre (Castro): ♂, Garbe, agosto (1907)”).

## THRAUPIDAE

### ***Saltator maxillosus*** Cabanis, 1851

*Saltator maxillosus* Cabanis: Pinto (1944:595, “Castro: ♂, Garbe, maio (1907)”).

### ***Orchesticus abeillei*** (Lesson, 1830)

*Orchesticus abeillei* (Lesson): Pinto (1944:539, “Castro: 2 ♀♀, Garbe, maio (1914)”).

### ***Schistochlamys ruficapillus*** (Vieillot, 1817)

*Schistochlamys ruficapillus ruficapillus* (Vieillot): Pinto (1944:543, “Castro: ♂, Garbe, junho (1907)”).

### ***Pyrhocomma ruficeps*** (Strickland, 1844)

*Pyrhocomma ruficeps* (Strickland): Pinto (1944:528, “Castro: ♂, Garbe, junho (1914)”).

***Trichothraupis melanops* (Vieillot, 1818)**

*Trichothraupis melanops* (Vieillot): Pinto (1944:526, “Castro: ♂, Garbe, setembro (1907); ♀, Garbe, maio (1914)”).

***Tachyphonus coronatus* (Vieillot, 1822)**

*Tachyphonus coronatus* (Vieillot): Pinto (1944:514, “Faz. Monte Alegre (Castro): ♂, Garbe, agosto (1907)”).

***Dacnis cayana* (Linnaeus, 1766)**

*Dacnis cayana paraguayensis* Chubb: Pinto (1944:420, “Castro: ♀, Garbe, setembro (1907)”).

***Stephanophorus diadematus* (Temminck, 1823)**

*Stephanophorus diadematus* (Temminck): Pinto (1944:486, “Castro: 2♂, Garbe, ag. (1907) e maio (1914); 2 ♀♀, Garbe, maio (1907)”).

***Pipraeidea melanonota* (Vieillot, 1819)**

*Pipraeidea melanonota melanonota* (Vieillot): Pinto (1944:466: “Castro: 3♂♂, Garbe, setembro (1907) e maio”).

***Tangara preciosa* (Cabanis, 1850)**

*Tangara castanonota* (Sclater): Pinto (1944:482, “Castro: 1♂ e 1♀, Garbe, maio (1914)”).

***Tangara cayana* (Linnaeus, 1766)**

*Tangara cayana chloroptera* (Vieillot): Pinto (1944:484, “Castro: 1♂ e 1♀, Garbe, set. (1907)”).

***Tersina viridis* (Illiger)**

*Tersina viridis viridis* (Illiger): Pinto (1944:446, “Castro: 1♂ e 1♀, Garbe, setembro (1907)”).

**EMBERIZIDAE**

***Donacospiza albifrons* (Vieillot, 1817)**

*Donacospiza albifrons* (Vieillot): Pinto (1944:665, “Castro: ♀, Garbe, julho (1907)”).

***Poospiza cabanisi* (Bonaparte, 1850)**

*Poospiza lateralis cabanisi* Bonaparte: Pinto (1944:668, “Castro: 3♂♂, Garbe, maio (1907) e maio (1914)”).

***Emberizoides herbicola* (Vieillot, 1817)**

*Emberizoides herbicola herbicola* Vieillot: Pinto (1944:664, “Faz. Monte Alegre (Castro): ♀, Garbe, agosto (1906 [sic])”).

***Embernagra platensis* (Gmelin, 1789)**

*Embernagra platensis platensis* (Gmelin): Pinto (1944:670, “Castro: 2♂♂, Garbe, maio (1907)”).

**CARDINALIDAE**

***Piranga flava* (Vieillot, 1822)**

*Piranga flava saira* (Spix): Pinto (1944:505, “Faz. Monte Alegre (Castro): 3♂♂, Garbe, agosto (1907) e julho (1914); 2 ♀♀, Garbe, agosto (1907) e junho (1914)”).

**PARULIDAE**

***Parula pitiayumi* (Vieillot, 1817)**

*Compsothlypis pitiayumi pitiayumi* (Vieillot): Pinto (1944:431, “Castro: 2♂♂, Garbe, setembro (1907) e junho (1914); sexo ?, Garbe, julho (1907)”).

***Basileuterus leucoblepharus* (Vieillot, 1817)**

*Basileuterus leucoblepharus* (Vieillot): Pinto (1944:439, “Castro: ♂, Garbe, maio (1907); sexo ?, Garbe, maio (1914)”).

***Basileuterus culicivorus* (Deppe, 1830)**

*Basileuterus auricapillus auricapillus* (Swainson): Pinto (1944:442, “Castro: ♂, Garbe, maio (1914)”).

**ICTERIDAE**

***Cacicus chrysopterus* (Vigors, 1825)**

*Archiplanus albirostris* (Vieillot): Pinto (1944:556, “Castro: 3♂♂, Garbe, julho (1907) e maio (1914); ♀, Garbe, junho (1907)”).

***Pseudoleistes guirahuro* (Vieillot, 1819)**

*Pseudoleistes guirahuro* (Vieillot): Pinto (1944:583, “Castro: 1♂ e 1♀, Garbe, abril (1907)”).e

**FRINGILLIDAE**

***Sporagra magellanica* (Vieillot, 1805)**

*Spinus magellanicus ictericus* (Vieillot): Pinto (1944:639, “Castro: ♂, Garbe, maio (1914)”).

***Chlorophonia cyanea* (Thunberg, 1882)**

*Chlorophonia cyanea cyanea* (Thunberg): Pinto (1944:448, “Castro: ♀, Garbe, maio (1914)”).





## *Cronologia*

- 1908** A Diretoria de Obras de Viação publica a “**Planta da Viação do Estado do Paraná**”, na qual constam apenas as cidades e núcleos habitados e a malha ferroviária e rodoviárias presente na época. O território (hoje catarinense) do Contestado está incluído.
- 1908** O empresário novaiorquino Percival Farquhar assume a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande: EFSPRG) entre Itararé (São Paulo) e Santa Maria (Rio Grande do Sul), por meio da sua empresa *Brazil Railway Company*, após adquirir a concessão originamente (1887) entregue por Pedro II a Teixeira Soares.
- 1908** Durante sua viagem pelo Brasil pesquisando o folclore, o maestro Heitor Villa-Lobos reside brevemente em Paranaguá, onde rege o primeiro concerto de sua carreira, uma camerata denominada “Estudantina Paranaguense”. Sua inspiração pelo folclore e canto dos pássaros apareceria em 1917 com o poema sinfônico “Uirapuru”.
- 1908** ALCIBÍADES C. PLAISANT publica o livro corográfico “**Scenario Paranaense: descrição geographica, politica e historica do estado do Paraná**”.



[1908]

## ALCIBÍADES PLAISANT

**ALCIBÍADES CEZAR PLAISANT**<sup>201</sup> (Paranaguá, PR: 15 de abril de 1865; Curitiba, PR: 28 de julho de 1947) era oficial da cavalaria formado pela Academia Militar da Praia Vermelha (Rio de Janeiro), tendo atingido o posto de major graças à sua participação na questão de limites com a Argentina e também na Proclamação da República. Assim como Sebastião Paraná e vários outros intelectuais da época<sup>202</sup>, era entusiasta do Espiritismo, contribuindo desde o início da Federação Espírita do Paraná. Foi membro dos institutos históricos e geográficos brasileiro e do Paraná, bem como um dos fundadores do Centro de Letras do Paraná.

Plaisant é o autor do livro *“Scenario Paranaense: Descrição geographica, politica e historica do Estado do Paraná”*, uma obra corográfica e descritiva, amplamente considerada nas pesquisas históricas locais. No capítulo dedicado à Zoologia, cita os mais conhecidos animais que habitam os limites estaduais paranaenses, dedicando cinco páginas (Plaisant, 1908:110-114) à “Avifauna”. Neste

---

<sup>201</sup> Eventualmente escrito na forma mais corriqueira “Alcebiades” (inclusive no prefácio da sua obra-maior, assinado por Ermelino A. de Leão), a grafia aqui considerada é aquela adotada na capa, folha de rosto e texto de homenagens do livro “Scenario Paranaense”.

<sup>202</sup> Publicou vários artigos nos periódicos “A Republica” e “A Noticia” sobre temas variados, dentre eles acerca dos limites do Brasil Colonial e também opiniões sobre o melhor traçado para a comunicação entre o Paraná e o “Matto Grosso”.

fragmento, inicia sua descrição apontando vários autores, talvez consultados: Aristóteles, Plínio, Belon, Willoughby, Lineu, Cuvier, Gervais, Blainville e, por fim, Goeldi, demonstrando ter realizado alguma pesquisa para dar início ao assunto.

Em seguida apresenta uma grande lista de espécies de aves, admitidas como ocorrentes no estado (“*Temos nas florestas e campos do Paraná grande variedade de aves [...]. Já pela variedade das côres e elegância das fôrmas, canto melodioso, merecem a nossa atenção*”, p. 111), citações essas que constituem-se (tal como admitido explicitamente em nota de rodapé) em uma simples transcrição do Relatório apresentado por Romário Martins (*vide*), acima copiado. Desta forma, nada traz de novidade tendo inclusive, o autor, repetido os mesmos erros tipográficos cometidos no texto original.

## *Cronologia*

- 1909** Pierre Emile Gounelle publica o resultado de seus estudos com beija-flores brasileiros em "***Contribution à l'étude de la distribution géographique des Trochilidés dans le Brésil central et oriental***". O naturalista esteve no Rio de Janeiro e Minas Gerais em duas viagens: 1885 e 1899.
- 1909** Hermann Lüderwaldt publica "***Beitrag zur Ornithologie des Campo Itatiaia***".
- 1910** Início da colonização japonesa no Paraná, com a chegada de dois imigrantes vindos a pé de São Paulo. A primeira colônia data de 1915, nas proximidades de Guaraqueçaba.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### E

### LITERATURA CONSULTADA

- Abilhoa, V.; Straube, F. C. & Cordeiro, A. A. de M. 2013. **Museu de História Natural Capão da Imbuia: sinopse histórica.** Curitiba, Comfauna Conservação e Manejo da Fauna Silvestre Ltda. 80 p.
- Alexander, C. P. 1921. The crane-flies collected by the Swedish expedition (1895-1896) to Southern Chile and Tierra del fuego. **Arkiv för Zoologi** 13(6):1-32.
- Almeida, A. O. de & Coelho, P. A. 2008. Estuarine and marine marine crabs (Crustacea: Decapoda) from Bahia, Brazil: checklist and zoogeographical considerations. **Latin American Journal of Aquatic Research** 36(2):1-41.
- Altić, M. S. 2005. Mirko Seljan (1871-1913): kroatischer Forschungsreisender und Kartograph Südäthiopiens. **Cartographica Helvetica** 31-32(2005):31-38.
- Altić, M. S. 2009. “Misión Científica Croata” and its role in the mapping of Latin America. **Proceedings of the 24th International Cartographic Conference**, Santiago (Chile), 15 a 21 de novembro de 2009. International Cartographic Association.
- AMNH. 1933. **The American Museum and the defeatism: Sixty-fourth Annual Report of the Trustees for the year of 1932.** Nova York, American Museum of Natural History. 130 pp.

- Angely, J. 1955a. 1º Centenário do Dr. Phil. Per Dusén, 1855-1855. **Boletim do Instituto Paranaense de Botânica** 1:1-17.
- Angely, J. 1955b. Estudo histórico das coleções botânicas do Paraná (Brasil). **Boletim do Instituto Paranaense de Botânica** 2:3-8.
- Angely, J. 1959c. História da Botânica brasileira: Index dos coletores para a Flora do Brasil (Collectors' Index of Brazilian Flora), contém 1.000 nomes de coletores botânicos. 1º parte: A – H. **Boletim do INPABO** 10, 15 p.
- Angely, J. 1964. **Bibliografia vegetal do Paraná, bibliografia botânica do Paraná: Bibliografia dos typos da Flora do Paraná** 5.174 spp., contém mais de 2.000 obras citadas. Curitiba, Edições Phytton. Coleção Saint-Hilaire vol. 6. 304 p.
- Angely, J. 1965. **Flora analítica do Paraná**. São Paulo, Phytton. 728 p.
- Anić, J. 1988. Jugoslavenski Iseljenici u Brazilu. **Iseljenistvo** 4(4):395-411.
- Anjos, L. dos & Schuchmann, K. L. 1997. Biogeographical affinities of the avifauna of the Tibagi river basin, Paraná drainage system, southern Brazil. **Ecotropica** 3:43-65.
- Anjos, L. dos; Schuchmann, K. L. & Berndt, R. A. 1997. Avifaunal composition, species richness, and status in the Tibagi River Basin, Parana State, Southern Brazil. **Ornitologia Neotropical** 8:145-173.
- Ardigó, F. 2007. **Ciências Naturais em revista: os Arquivos do Museu Paranaense (Volume I – 1941)**. Curitiba, Faculdade de Ciências, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná. Trabalho de conclusão de curso (História). 90 p.



- Ardigó, F. (org.). 2011. **Histórias de uma ciência regional: cientistas e suas instituições no Paraná (1940-1960)**. São Paulo, Editora Contexto. 363 pp.
- Ardigó, F. 2011. Uma ciência improvável: o Museu Paranaense entre 1940 e 1960. In: [p.101-176]. F. Ardigó (org.). **Histórias de uma ciência regional: cientistas e suas instituições no Paraná (1940-1960)**. São Paulo, Editora Contexto.
- Arnell, H. W. 1926. Per Dusén: a biographical sketch. **The Bryologist** 29(5):57-59.
- Ávila-Pires, F. D. de. 1999. Mamíferos descritos do estado de Santa Catarina (Brasil). **Revista Brasileira de Zoologia** 16(Supl.2):51-62.
- Baptista, V. M. B. M. 2002. **Curitibanos nos Campos Gerais**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba. 190 p.
- Beolens, B.; Watkins, M. & Grayson, M. 2009. **The eponym dictionary of mammals**. Baltimore, John Hopkins University Press. 592 pp.
- Berlepsch, H. von e Ihering, H. von. 1885. **Die Vögel der umgegend von Taquara do Mundo Novo, Prov. Rio Grande do Sul**. Budapeste, Buchdruckerei des Franklin-Verein.
- Bigg-Wither, T. P. 1876a. The valley of the Tibagy, Brazil. **Proceedings of the Royal Geographical Society of London** 20(6):455-469.
- Bigg-Wither, T. P. 1876b. The valley of the Tibagy, Brazil. **Journal of the Royal Geographical Society of London** 46: 263-277.
- Bigg-Wither, T. P. 1878. **Pioneering in south Brazil**: three years of forest and prairie life in the Province of Paraná. Londres, John Murray. 2 vols., 378+328 p. [Traduzido para o português em 1980 pela José Olympio (Rio de Janeiro) e pela Imprensa Oficial do

- Paraná (Curitiba), com o título “Novo caminho no Brasil Meridional. A Província do Paraná: três anos em suas florestas e campos, 1872/1875 (420 p.)].
- Blake, A. V. A. S. 1883-1902. **Diccionario bibliographico brasileiro**. 7 volumes. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- Blood, E. F. Y. 1998. **A saúde na Fazenda Monte Alegre, 1941-1990**. Ponta Grossa, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Curso de pós-graduação em História e Sociedade. Monografia de especialização. 56 pp.
- Boettger, O. 1905. Reptilien aus dem Staate Parana. **Zoologischen Anzeiger** 29(11):373-375.
- Bornschein, M. R. e Reinert, B. L. 2000. Aves de três remanescentes florestais do norte do Estado do Paraná, sul do Brasil, com sugestões para a conservação e manejo. **Revista Brasileira de Zoologia** 17(3):615-636.
- Boulenger, G. A. 1903. List of the Batrachians and Reptiles collected by M. A. Robert at Chapad , Matto Grosso, and presented by Mrs. Percy Sladen to the British Museum. (Percy Sladen Expedition to Central Brazil). **Proceedings of the Zoological Society of London** 1903:69-70.
- BRITISH MUSEUM. 1904. **The history of the collections contained in the natural history departments of the British Museum**, Volume I: Libraries, The Department of Botany, The Department of Geology, The Department of Minerals. Londres, The Trustees of the British Museum. 442 p.
- BRITISH MUSEUM. 1906. **The history of the collections contained in the natural history departments of the British Museum**, Volume II: Separate historical accounts of the several collections included in the

- Department of Zoology. Londres, The Trustees of the British Museum. 782 p.
- Bruggen, A. C. van. 1971. Some Streptaxidae (Mollusca) from west and southern Africa with the description of a new species of *Gulella*. **Zoologische Mededelingen** 45(22):245-260.
- Burmeister, H. von. 1856. **Systematische uebersicht der Thiere Brasiliens welche während einer Reise durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas geraës gesammelt oder beobachtet wurden von Dr. Hermann Burmeister**. [Volume 2: Aves]. Berlim, Druck und Verlag Georg Reimer. 526 pp.
- Campos, V. A.; Oda, F. H.; Custódio, R. J.; Koppe, V. C. & Dartora, A. 2011. First state record and distribution extension of *Tupinambis duseni* Lönnberg, 1910 (Squamata: Sauria: Teiidae) from Mato Grosso state, central Brazil. **Herpetology Notes** 4:1-3.
- Carneiro, C. M. S. B. 2001. **O Museu Paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná: 1902 a 1928**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Curso de Pós-graduação em História. Dissertação de mestrado. 156 p.
- Carneiro, D. 1976. Efemérides paranaenses. **Boletim do Instituto Geográfico e Etnográfico Paranaense** 31:125-303.
- CBRO. 2011. **Lista das aves do Brasil**. 10º edição, 25 de janeiro de 2011. Disponível online em <http://www.cbro.org.br>.
- Cid, M. R. L. 2009. **Miranda Ribeiro: um zoólogo evolucionista nos primeiros anos de República (1894-1938)**. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, Programa de pós-graduação em História das Ciências e da Saúde. Tese de doutorado. 230 pp.

- Cid, M. R. L. & Waizbort, R. 2006. Alípio de Miranda Ribeiro e as lições da Comissão Rondon para o Museu Nacional. **Filosofia e História da Biologia** 1:215-227.
- CMNP. 2013 [1975]. **Colonização e desenvolvimento do norte do Paraná**. 3º edição. S.l. Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná. 254 pp.
- Collar, N.J.; Gonzaga, L.P.; Krabbe, N.; Madroño-Nieto, A.; Naranjo, L.G.; Parker III, T.A. & Wege, D.C. 1992. **Threatened birds of the Americas**: The ICBP/IUCN Red Data Book, 3a. edição, parte 2. Cambridge, ICBP, 1150 p.
- Cordeiro, A. A. de M. e Corrêa, M. F. de M. 1985. Histórico do acervo ictiológico da Divisão de Zoologia e Geologia da Prefeitura Municipal de Curitiba. **Boletim da Divisão de Zoologia e Geologia, Zoologia** 1:1-8.
- Corrêa, M. C. & Koch, Z. 2007. **Museu vivo: guia ilustrado da História do Paraná**. Curitiba, Olhar Brasileiro Editora. 111 pp.
- Cory, C.B. 1918. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Family Bubonidae, Family Tytonidae, Family Psittacidae, Family Steatornithidae, Family Alcedinidae, Family Todidae, Family Momotidae, Family Nyctibiidae, Family Caprimulgidae, Family Cypselidae, [Family] Trochilidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 2, N° 1:1-315. Publication FMNH n° 197. 315 pp.
- Cory, C.B. 1919. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Family Trogonidae, Family Ramphastidae, Family Cuculidae, Family Capitonidae, Family Bucconidae, Family Picidae. Chicago, Field Museum of Natural

- History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 2, N° 2:317-607. Publication FMNH n° 203. 291 pp.
- Cory, C.B. & Hellmayr, C.E. 1924. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Pteroptochidae, Conopophagidae, Formicariidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 3. Publication FMNH n° 233. 369 (+ vii) pp.
- Curto, S. I.; Jauregui, G. B.; Escuele, M. B.; Lascano, M. E. & Pena, H. O. J. 2008. La fundación de GAEA Sociedad Argentina de Estudios Geográficos – 1922. **Boletim de GEA** 126:1-49.
- Drummond, L. de O.; Cruz, A. J. do R.; Costa, H. C. & Braga, C. A. de C. 2014. New records of the teiid lizards *Kentropyx paulensis* (Boettger, 1893) and *Tupinambis duseni* Lönnberg, 1910 (Squamata: Teiidae) from the state of Minas Gerais, southeastern Brazil. **Checklist** 10(6):1549-1554.
- Dusén, K. F. 1887. **Om sphagnaceernas utbredning i Skandinavien: en växtgeografisk studie**. Upsala, B.Almqvist & J.Wiksell's Boktryckeri. 156 p.
- Dusén, P. [K. H.]. 1905. Sur la flore de la Serra do Itatiaia. **Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro** 13:1-119.
- Dusén, P. [K. H.]. 1910. [carta para Einar Lönnberg]. Curitiba, 6 de janeiro de 1960. 6 folhas. Informações gerais sobre lagartos e indicação de localidade de coleta de *Tupinambis duseni*.
- Dusén, P. [K. H.] 1910. Neue Gefässpflanzen aus Paraná (Südbrasilien). **Arkiv för Botanik** 9(15):1-37.
- Dusén, P. [K. H.]. 1911. Eine neue eigentümliches *Eryngium*. **Arkiv för Botanik** 10(5):1-5.

- Ekman, E. L. 1910. Beiträge zur Columniferenflora von Misiones. **Arkiv för Botanik** 9(4):1-56.
- Fernandes, J. L. [1936]. **Museu Paranaense: resenha historica: 1876-1936**. Curitiba, Museu Paranaense. 15 p.
- Fernandes, J. L. e Nunes, M. D. 1956. **Oitenta anos de vida do Museu Paranaense**: edição comemorativa do 80º aniversário do Museu Paranaense. Curitiba, Museu Paranaense. 18 pp.
- Filipak, F. 2005. Toponomástica paranaense (2). **Revista da Academia Paranaense de Letras** 52:95-108
- Fric, A. V. & Radin, P. 1906. Contributions to the study of the Bororo indians (with a description of an ethnographic collection presented to the Berlim Museum für Völkerkunde). **The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland** 36:382-406.
- Fric, A. V. 1977. **Indians of South America [Indiáni Jižní Ameriky]**. Praga, Orbis. 256 +641 pp.
- Fritsch, K. 1932. Richard Wettstein [obituário]. **Mitteilungen der Naturwissenschaftlicher Verein für Steiermark** 69:95-96.
- Gadow, H. 1883. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume VIII: Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Cichlomorphae, part V, containing the families Paridae and Laniidae (Titmice and Shrikes) and Certhiomorphae (Creepers and Nuthatches)**. Londres, British Museum (Natural History). 385 pp; 9 pranchas coloridas.
- Gadow, H. 1884. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume IX: Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of**

- the British Museum: Cinnyrimorphae containing the families Nectarinidae and Meliphagidae (Sun-birds and Honey-eaters)*. Londres, British Museum (Natural History). 310 pp; 7 pranchas coloridas.
- Gahan, C. J. & Arrow, G. J. 1903. List of the Coleoptera collected by Mr. A. Robert at Chapada, Matto Grosso (Percy Sladen Expedition to Central Brazil). **Proceedings of the Zoological Society of London** 1903:244-258.
- Garbe, E. 1920. Relatório da viagem ao sul do estado da Bahia, apresentado pelo sr. Ernesto Garbe, naturalista viajante do Museu Paulista. **Revista do Museu Paulista** 12(2):469-478.
- Garbe, E. 1926. Relatório do naturalista viajante (Viagem realizada no Valle do Amazonas, de abril de 1920 a agosto de 1921). **Revista do Museu Paulista** 14:711-720.
- Gerson, B. 1965. **História das ruas do Rio**. 4ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Editora. Coleção Vieira Fazenda, volume 9, 580 pp.
- Giesbrecht, R. M. (s.d.). **Estações ferroviárias do Brasil**. Disponível online em <http://www.estacoesferroviarias.com.br/>; acessada em 13 de abril de 2015.
- Główniak, E. 2007. Biography of Jozéf Siemiradzki. **Volumina Jurassica** 5:5-26.
- Grantsau, R. & Camargo, H. F. de A. 1989. Nova espécie brasileira de *Amazona*. **Revista Brasileira de Biologia** 49(4):1017-1020.
- Grola, D. A. 2012. O comércio de espécimes na formação das coleções de História Natural do Museu Paulista, 1894-1916. **Anais do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia**, São Paulo, p.1-16.

- Grola, D. A. 2014. **Coleções de história natural no Museu Paulista: 1894-1916**. Universidade de São Paulo, Departamento de História, Pós-graduação em História Social. Dissertação de mestrado. 190 p.
- Gualtieri, R. C. E. 2009. **O evolucionismo no Brasil: ciência e educação nos museus 1870-1915**. São Paulo, Editora Livraria da Física. 257 pp.
- Günther, A. 1912. **The history of the collections contained in the natural history departments of the British Museum**, Volume II (Appendix): General history of the Department of Zoology from 1856 to 1895. Londres, The Trustees of the British Museum. 109 p.
- Gutsche, A.; Kwet, A.; Kucharzewski, C.; Lingnau, R. & Günther, R. 2007. Wilhelm Ehrhardt and an evaluation of his amphibians and reptiles held in the Herpetological Collection of the Museum für Naturkunde, Berlin. **Mitteilungen Museum für Naturkunde, Berlin, Zoologische Reihe** 83(1):80-93.
- Haffer, J. 1974. Avian speciation in tropical South America with a systematic survey of the toucans (Ramphastidae) and jacamars (Galbulidae). **Publications of Nuttall Ornithological Club** 14:1-390.
- Hargitt, E. 1890. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XVIII: Catalogue of the Picariae in the collection of the British Museum: Scansores containing the family Picidae**. Londres, British Museum (Natural History). 597 pp; 15 pranchas coloridas.
- Hellmayr, C. E. 1905. Notes on a collection of birds, made by Mons. A. Robert in the district of Pará, Brazil. **Novitates Zoologicae** 12:269-305.



- Hellmayr, C. E. 1906. Critical notes on the types of little-known species of neotropical birds. **Novitates Zoologicae** **13**:305-352.
- Hellmayr, C. E. 1908. An account of the birds collected by Mons. G. A. Baer in the State of Goyaz, Brazil. **Novitates Zoologicae** **15**:13-102.
- Hellmayr, C. E. 1915a. Ein kleiner Beitrag zur Ornithologie des Staates Espirito Santo, Südostbrasilien. **Verhandlungen der Ornithologischen Gesellschaft in Bayern** **12**(2):126-159.
- Hellmayr, C. E. 1915b. Miscellanea ornithologica. **Verhandlungen der Ornithologischen Gesellschaft in Bayern** **12**(3):119-126.
- Hellmayr, C.E. 1925. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Furnariidae, Dendrocolaptidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 4. Publication FMNH n° 234. 390 (+ iv) pp.
- Hellmayr, C.E. 1927. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Tyrannidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 5. Publication FMNH n° 244. 517 (+ vi) pp.
- Hellmayr, C.E. 1929. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Oxyruncidae, Pipridae, Cotingidae, Rupicolidae, Phytotomidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 6. Publication FMNH n° 266. 258 (+ v) pp.
- Hellmayr, C.E. 1934. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Corvidae, Paridae, Sittidae, Certhiidae, Chameidae, Cinclidae, Troglodytidae, Prunellidae, Mimidae, Turdidae, Zeledoniidae, Sylviidae.

- Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 7. Publication FMNH n° 330. 531 (+ vi) pp.
- Hellmayr, C.E. 1935. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Alaudidae, Hirundinidae, Motacillidae, Bombycillidae, Ptilogonatidae, Dulidae, Vireonidae, Vireolaniidae, Cyclarhidae, Laniidae, Sturnidae, Coerebidae, Compsothlypidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 8. Publication FMNH n° 347. 541 (+ vi) pp.
- Hellmayr, C.E. 1936. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Tersinidae, Thraupidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 9. Publication FMNH n° 365. 458 (+ v) pp.
- Hellmayr, C.E. 1937. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Icteridae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 10. Publication FMNH n° 381. 228 (+ v) pp.
- Hellmayr, C.E. 1938. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Ploceidae, Catamblyrhynchidae, Fringillidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 11. Publication FMNH n° 430. 662(+ vi) pp.
- Hellmayr, C.E. & Conover, B. 1942. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Rheidae, Tinamidae, Cracidae, Tetraonidae, Phasianidae, Numididae, Meleagrididae, Opisthocomidae, Gruidae, Aramidae, Psophiidae, Rallidae, Heliornithidae, Eurypygidae,

- Cariamidae, Columbidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 1, n°1. Publication FMNH n° 514. 636 (+ vi) pp.
- Helmayr, C.E. & Conover, B. 1948a. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Spheniscidae, Gaviidae, Colymbidae, Diomedidae, Procellariidae, Hydrobatidae, Pelecanoididae, Phaethontidae, Pelecanidae, Sulidae, Phalacrocoracidae, Anhingidae, Fregatidae, Ardeidae, Cochleariidae, Ciconiidae, Threskiornithidae, Phoenicopteridae, Anhimidae, Anatidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 1, N°2. Publication FMNH n° 615. 434 (+ vii) pp.
- Helmayr, C.E. & Conover, B. 1948b. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Jacanidae, Rostratulidae, Haematopodidae, Charadriidae, Scolopacidae, Recurvirostridae, Phalaropodidae, Burhinidae, Thinocoridae, Chionididae, Stercorariidae, Laridae, Rynchopidae, Alcidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 1, N°3. Publication FMNH n° 616. 383 (+ iv) pp.
- Helmayr, C.E. & Conover, B. 1949. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Cathartidae, Accipitridae, Pandionidae, Falconidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 1, N°4. Publication FMNH n° 634. 358(+ vi)pp.
- Hempel, A. 1898. Notas sobre *Capulinia jaboticabae* Ihering. **Revista do Museu Paulista** 3:51-52.

- Hempel, A. 1949. Estudo da alimentação de aves silvestres do Brasil. **Arquivos do Instituto Biológico** **19**(16):237-268.
- Heron, F. A. & Hampson, G. F. 1903. On the Lepidoptera collected at Chapada, Matto Grosso, by Mr. A. Robert (Percy Sladen Expedition to Central Brazil). **Proceedings of the Zoological Society of London** **1903**:258-260.
- Herr, D. 1931. Ernesto Garbe. **Revista do Museu Paulista** **17**(1):567-570.
- Hershkovitz, P. 1990. Titis, New World monkeys of the genus *Callicebus* (Cebidae, Platyrrhini): a preliminary taxonomic review. **Fieldiana (Zoology) – New Series** **55**:1-109.
- Hill, J. E. 1990. A memoir and bibliography of Michael Rogers Oldfield Thomas, F.R.S. **Bulletin of the British Museum of Natural History (Historical Series)** **18**(1):25-113.
- Hoehne, F. C. 1930. **Araucarilândia: observações gerais e contribuições ao estudo da flora e phytophysionomia do Brasil**. São Paulo, Companhia Melhoramentos.
- Hoehne, F.C.; Kuhlmann, M. & Handro, O. 1941. **O Jardim Botânico de São Paulo**, precedido de prólogo histórico e notas bio-bibliográficas de naturalistas botânicos que trabalharam para o progresso do conhecimento da flora do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo, Departamento de Botânica do Estado. 656 p.
- Ide, S.; Martins, J. E. R.; Campos-Farinha, A .E. de C.; Imenes, S. D. L. & Ymakawa, W. 2005. Coleção Entomológica “Adolph Hempel”, Instituto

- Biológico, São Paulo: história, importância, função. **Páginas Instituto Biológico 1(1):s.p.** Texto online, disponível em [http://www.biológico.sp.gov.br/paginas/v1\\_1/Ide.htm](http://www.biológico.sp.gov.br/paginas/v1_1/Ide.htm). Acessado em 11 de dezembro de 2006.
- Ihering, H. von. 1897a. A Ilha de S. Sebastião. **Revista do Museu Paulista 2:129-171.**
- Ihering, H. von. 1897b. O Museu Paulista no anno de 1896. **Revista do Museu Paulista 2:3-12.**
- Ihering, H. von. 1897c. Os piolhos vegetaes (Phytophthyes) do Brasil. **Revista do Museu Paulista 2:385-420.**
- Ihering, H. von. 1904. O Museu Paulista em 1901 e 1902. **Revista do Museu Paulista 6:1-22.**
- Ihering, H. von. 1898. Bibliographia. **Revista do Museu Paulista 3:505-567.**
- Ihering, H. von. 1902. Contribuições para o conhecimento da ornithologia de São Paulo. **Revista do Museu Paulista 5:261-303.**
- Ihering, H. von. 1904a. O Rio Juruá. **Revista do Museu Paulista 6:386-460.**
- Ihering, H. von. 1904b. As aves do Paraguay em comparação com as de S. Paulo. **Revista do Museu Paulista 6:310-384.**
- Ihering, H. von. 1911. A questão dos indios do Brasil. **Revista do Museu Paulista 8:112-140**
- Ihering, H. von. 1912. A ethnografia do Brasil meridional. **Actas del XVII congreso Internacional de Americanistas**, Sesión de Buenos Aires, 17-23 de mayo de 1910; p. 250-264.
- Ihering, H. von. 1913. Fauna e flora do Brasil: as excursões e o trabalho de um naturalista-viajante. **Correio Paulistano 17811**, edição de 23 de fevereiro de 1913, 1º página.

- [Ihering, H. von]. 1918. O Museu em 1913 – Excerptos do relatório do então director Dr. Hermann von Ihering. **Revista do Museu Paulista** 10:1-16. [Publicado com base em material inédito, por Alfredo d'E. Taunay]
- Ihering, H. von & Ihering, R. von. 1907. **Catalogos da fauna brasileira editados pelo Museu Paulista, S.Paulo – Brazil. Volume I: As aves do Brazil.** São Paulo, Tipografia do Diário Oficial. 485 p.
- Ihering, H. von & Ihering, R. von. 1911. O Museu Paulista nos annos de 1906 a 1909. **Revista do Museu Paulista** 8:1-22.
- Ihering, R. von. 1907. O Museu Paulista nos annos de 1903 e 1904. **Revista do Museu Paulista** 7:5-30.
- Janin, L. 1986. Los hermanos Seljan: exploradores en Africa y Sudamérica. **Studia Croatica** 27(101). Disponível on line em URL: <http://www.studiacroatica.org/revistas/101/101.htm>; acessada em 8 de setembro de 2015.
- Jenkins, P. D. & Carleton, M. D. 2005. Charles Immanuel Forsyth Major's expedition to Madagascar, 1894 to 1896: beginnings fo modern systematic study of the island's fauna. **Journal of Natural History** 39(20):1779-1818.
- Jurema [Alípio de Miranda Ribeiro]. 1908. Ao redor e atravez do Brasil. [1º parte]. **Kosmos** 5(9):35-39.
- Keuller, A. T. do A. M. 2008. **Os estudos físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: cientistas, objetos, ideias e instrumentos (1876-1939).** São Paulo, Universidade de São Paulo, curso de pós-graduação em História Social. Tese de doutorado. 314 pp.
- Kózak, V.; Baxter, D.; Williamsom, L. e Carneiro, R. L. 1981. Os índios Héta: peixe em lagoa seca. **Boletim**

**do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico  
Paranaense 38:1-159.**

- Kozák, V.; Baxter, D.; Williamson, L. & Carneiro, R. L. 1979. The Héta indians: fish in a dry pond. **Anthropological Papers of the American Museum of Natural History 55(6):349-434.**
- Kränzlin, F. 1911. Beiträge zur Orchideenflora Südamerikas. **Kungliga Svenska Vetenskapsakademiens Handlingar 46:1-105.**
- Kränzlin, F. 1921. Orchidaceae Dusenianae novae. **Arkiv för Botanik 16(8):1-30.**
- Kretz, J. 1942. **Alípio de Miranda Ribeiro (conferência biográfica).** São Paulo, Imprensa Oficial do Estado.
- Kudon, L. H. (1982) *Platyacarus*, a new genus of feather mites (Acarina: Proctophyllodidae). **Journal of the Georgia Entomological Society 17:337-346.**
- Kwet, A. 2007. Zwie Jahrurnderte Amphibienforschung in südbrasilien: Auf den Spuren deutscher Forscher in Rio Grande do Sul und Santa Catarina. **Martius – Staden – Jahrbuch 54:255-276.**
- Lange, I. 2008. **Frederico Lange de Morretes: vida e trajetória.** Curitiba, Instituto Memória. 104 pp.
- Lazarević, A. S. 1977. **Život I djelo braće Seljan** (Life and work of brothers Seljan). Zagreb, Etnografski muzej. 128 pp.
- Leão, A. E. de. 1900. **Guia do Museu Paranaense de Curitiba.** Curitiba, Impress. Paranaense.
- Leão, A. E. de. 1934. **Índice paranaense [ou] Suplemento [do] Diccionario historico e geographico do Paraná.** Curitiba, Impressora Paranaense. 215+120 pp.
- Leão, E. A. de. 1924-1928. **Diccionario historico e geographico do Paraná.** Curitiba, Impressora Paranaense. 2594 pp.

- LeCroy, M. & Sloss, R. 2000. Type specimens of birds in the American Museum of Natural History: Part 3. Passeriformes: Eurylaimidae, Dendrocolaptidae, Furnariidae, Formicariidae, Conopophagidae, and Rhinocryptidae. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 257(1):1-88.
- LeCroy, M. 2012. Type specimens of birds in the American Museum of Natural History: Part 11. Passeriformes: Parulidae, Drepanididae, Vireonidae, Icteridae, Fringillinae, Carduelinae, Estrildidae, and Viduinae. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 381:1-155.
- LeCroy, M. 2013. Type specimens of birds in the American Museum of Natural History: Part 10. Passeriformes. Emberizidae: Emberizinae, Catamblyrhynchinae, Cardinalinae, Thraupinae, and Tersininae. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 368:1-125.
- Lima, J. L. de 1920. Aves colligidas no Estado de S.Paulo, Matto Grosso e Bahia. **Revista do Museu Paulista** 12(2):93-106.
- Lima, J. L. de. 1934. Observações feitas a propósito de um bando de curiango (*Chordeiles virginianus virginianus*). **Revista do Museu Paulista** 18:343-346.
- Lima, J. L. de 1938. Resultados técnicos da viagem ao sul de Mato Grosso. **Boletim Biológico**, nova série 3(3-4):194-195.
- Lönnberg, E. & Andersson, L. G. 1910. A new lizard and a new frog from Paraná. **Arkiv för Zoologi** 6(9):[1-11].
- Lopes, J. C. V. 2002a. **Primórdios das fazendas de Jaguariaíva e região**. Curitiba, edição do autor. 201 pp.



- Lopes, J. C. V. 2002b. **Introdução à história de Tibagi**. Curitiba, edição do autor. 196 p.
- Lopes, J. C. V. 2005. **História da Fazenda Santa Rita**. Curitiba, Editora Progressiva. 260 pp.
- Lopes, L. E.; Pinho, J. B. de; Bernardon, B.; Oliveira, F. F. de; Bernardon, G.; Ferreira, L. P.; Vasconcelos, M. F. de; Maldonado-Coelho, M.; Nóbrega, P. F. A. de & Rubio, T. C. 2009. Aves da Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, Brasil: uma síntese histórica do conhecimento. **Papeis Avulsos de Zoologia** 49(2):9-47.
- Maack, R. 1946. Geologia e geografia da região de Vila Velha, estado do Paraná e considerações sobre a glaciação carbonífera no Brasil. **Arquivos do Museu Paranaense** 5:1-305.
- Maack, R. 1953. **Mapa geológico do estado do Paraná**. Curitiba, Serviço de Geologia do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas. Mapa em escala 1:750.000.
- Maack, R. 1968. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba, Banco de Desenvolvimento do Paraná, Universidade Federal do Paraná e Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas. 350 pp.
- Maack, R. 1981. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba, Livraria José Olympio e Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte do Paraná. 442 p.
- Maccurdy, G. G. 1908. The Sixteenth International Congress of Americanists. **American Anthropologists** 10(4):650-660.
- Major, C. I. F. 1896. 7. On the general results of a zoological expedition to Madagascar in 1894-96. **Proceedings of Zoological Society of London** 1896:971-991.

- Margalho, M. G. 2006. Klabin: a gênese de uma grande empresa. **Anais do XII Encontro Regional de História** (Anpuh), Rio de Janeiro. 10 p.
- Martins, M. dos S. 2011. A Comissão Rondon como inspiração: análise de estudos produzidos a partir da experiência da Comissão. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho de 2011. 11 pp.
- Martins, R. 1899. Escudo do estado do Paraná. *In*: [aproximadamente página 116, na Seção 20: Bric-à-brac] Romário Martins (redator). **Almanach do Paraná para 1899**. Curitiba, Livraria Econômica. N.p.
- Martins, R. 1906. **Relatório** apresentado ao Exmo. Sr.Dr. B.Lamenha Lins, Secretário d'Estado dos Negócios do Interior pelo Diretor do Museu Paranaense, em 1º de janeiro de 1906. Curitiba, Impressora Paranaense. 32 pp.
- Martins, R. 1940a. Esforços pela defesa florestal do Paraná. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense** 5(10):1-23.
- Martins, R. 1940b. Vózes indígenas na toponímia do Paraná. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense** (2º fase) 5(11):1-26.
- Martins, R. 1944a. **Livro das árvores do Paraná**. Curitiba, Conselho Nacional de Geografia, publicação nº3. 274 pp.
- Martins, R. 1944b. **Terra e gente do Paraná**. Curitiba, Diretoria Regional de Geografia do Estado. 303 pp.
- Martins, R. 1995. **Terra e gente do Paraná**. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, Coleção Farol do Saber. 340 p.

- Mello-Leitão, C. de. 1937. **A Biologia no Brasil**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. Série Brasileira vol. 99, 331 pp.
- Michelet, J. 1856. **L’oiseau**. Paris, Librairie de L.Hachette et C<sup>te</sup>. 330 pp.
- Mira, C.1927. O nosso museu. **Ilustração Paranaense** 1:42.
- Miranda-Ribeiro, A. 1912. **Os processos de taxidermia e o Museu Nacional do Rio de Janeiro**. Relatório apresentado ao Snr. Dr. João Baptista de Lacerda, Presidente e mais membros da congregação do Museu Nacional. Papelaria Luiz Macedo, Rio de Janeiro, 37 p.
- Miranda-Ribeiro, A. de. 1928. Notas ornitológicas VIa. Documentos para a história das colecções de aves do Museu Nacional do Rio de Janeiro. **Boletim do Museu Nacional** 4:19:37.
- Miranda-Ribeiro, A. de. 1936. Discurso de recepção da Dra. Emília Snethlage na Academia Brasileira de Sciencias que em nome desta proferiu em sessão de 28 de outubro de 1926. **Boletim do Museu Nacional** 12(1):77-85.
- Miretzki, M. 2003. Morcegos do estado do Paraná, Brasil (Mammalia, Chiroptera): riqueza de espécies e síntese do conhecimento atual. **Papeis Avulsos de Zoologia (São Paulo)** 43(6):101-138.
- Morato, S. A. A. 1995. **Padrões de distribuição da fauna de Serpentes da floresta de araucária e ecossistemas associados na região sul do Brasil**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, curso de Pós-graduação em Zoologia. Dissertação de Mestrado. [119 pp.].
- Mota, L. T. 1997. A guerra de conquista nos territórios dos índios Kaingang do Tibagi. **Revista de História Regional** 2(1):187-207.

- Murphy, R. C. 1932. Moving a museum: The story of the Rosthschild Collection of birds, presented to the American Museum of Natural History in memory of Harry Payne Whitney by his wife and children. **Natural History** 32(6):497-511.
- Myskiw, A. M. 2008. **A fronteira como destino de viagem: a Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1876-1907)**. Universidade Federal Fluminense, curso de pós-graduação em História Social. Documento de qualificação para doutoramento. 279 pp.
- Myskiw, A. M. 2009. **A fronteira como destino de viagem: a Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1888-1907)**. Universidade Federal Fluminense, curso de pós-graduação em História Social. Tese de doutorado. 245 pp.
- Nehrling, H. 1900. Bird notes from Sao Paulo, Brazil. **Auk** 17(3):298-299.
- Neiva, A. 1929. **Esboço histórico sobre a Botanica e Zoologia no Brasil**: de Gabriel Soares de Souza, 1587, a 7 de setembro de 1922. São Paulo: Sociedade Impressora Paulista. 143 pp. (Reimpressa pela Universidade de Brasília em 1989).
- Nomura, H. 1995. **Vultos da Zoologia brasileira**, vol.VI. Mossoró, Rio Grande do Norte, Fundação Vingt-Un Rosado, Coleções Mossoroense, série C, vol.861. p.14-15.
- Nomura, H. 1996a. **História da Zoologia no Brasil: Século XVI, primeira parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.
- Nomura, H. 1996b. **História da Zoologia no Brasil: Século XVI, segunda parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un

- Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.
- Nomura, H. 1996c. **História da Zoologia no Brasil: Século XVII, primeira parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.
- Nomura, H. 1996d. **História da Zoologia no Brasil: Século XVII, segunda parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.
- Nomura, H. 1997. **História da Zoologia no Brasil: Século XVIII, terceira parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.
- Nomura, H. 1997. **Vultos da Zoologia Brasileira**, 2ª edição. (Volumes 1-5 reunidos em dois volumes). Vol.1, Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado, Coleção Mossoroense, Série C, vol.931:1-155; Vol.2, Ibidem, vol.936:156-292.
- Nomura, H. 1998. História da Zoologia no Brasil: Século XVIII. **Publicações Avulsas do Museu Bocage**: Museu Nacional de História Natural, 2ª série, 4, 315 pp.
- Nomura, H. 2000. A colaboração de Miranda Ribeiro para o conhecimento da zoologia brasileira na época da Comissão Rondon. **Revista de Ornitologia Paranaense** 1(4), n.p. Disponível online em <http://www.ao.com.br/rop4.htm>.
- Nomura, H. 2010. Centenário da fundação da Comissão Rondon (1907-2007) -personagens, descobertas e produção bibliográfica. **Cadernos de História da Ciência – Instituto Butantan** 5(1):79-105.

- Nomura, H. 2012. Ricardo Krone (1861-1917) e as aves do Vale do Ribeira, São Paulo. **Atualidades Ornitológicas** 168:20-23.
- Ogilvie-Grant, W. R. 1893. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XXII: Catalogue of the Game Birds (*Pterocletes, Gallinae, Opisthocomi, Hemipodii*) in the collection of the British Museum.** Londres, British Museum (Natural History). 585 pp; 8 pranchas coloridas.
- Papávero, N. 1971-1973. **Essays on the history of Neotropical Dipterology with special reference to collectors (1750-1905).** São Paulo, Museu de Zoologia, 2 vols., 446 pp.
- PARANÁ. 1987. **Atlas do Estado do Paraná.** Curitiba, Instituto de Terras, Cartografia e Florestas e Departamento de Imprensa Oficial do Estado. 73 pp.
- PARANÁ. 1990. **Coletânea de mapas históricos do Paraná: 1876-1948.** Curitiba, Instituto de Terras, Cartografia e Florestas. 16 pp.
- Paynter-Jr., R. & Traylor-Jr., M. 1991. **Ornithological Gazetteer of Brazil.** Cambridge, Museum of Comparative Zoology. 2 vols. 788 pp.
- Péres-Jr., A. K. & Colli, G. R. 2004. The taxonomic status of *Tupinambis rufescens* and *T. duseni* (Squamata: Teiidae) with the redescription of the two species. **Occasional Papers Sam Noble Oklahoma Museum of Natural History** 15:1-12.
- Peyerl, D. & Bosetti, E. P. 2011. A Paleontologia e a trajetória científica de Frederico Waldemar Lange. *In*: [p.231-266]. F. Ardigó (org.). **Histórias de uma ciência regional: cientistas e suas instituições no Paraná (1940-1960).** São Paulo, Editora Contexto.
- Pietrobom, M. R.; Windisch, P.G. & Kieling-Rubio, M.A. 2012. Diversidade de filicíneas e licófitas na região

- do Pontal do Paranapanema (estado de São Paulo) e efeito de impacto ambiental. **Pesquisas (Botânica)** **63**:141-148.
- Pinto, O. M. de O. 1938. Catalogo das aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista: 1º parte, Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines excluida a Fam.Tyrannidae e seguintes. **Revista do Museu Paulista** **22**:1-566.
- Pinto, O. M. de O. 1944. **Catalogo das Aves do Brasil e lista dos exemplares na coleção do Departamento de Zoologia: 2º parte, Ordem Passeriformes (continuação): Superfamília Tyrannoidea e Subordem Passeres**. São Paulo, Departamento de Zoologia. 700 pp.
- Pinto, O. M. de O. 1944b. Sobre as aves do distrito de Monte Alegre, município de Amparo (São Paulo, Brasil). **Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia** **4**:117-149.
- Pinto, O. M. de O. 1944c. Algumas adendas a avifauna de Monte Alegre. **Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia** **6**:135-142.
- Pinto, O. M. de O. 1945. Cinquenta anos de investigação ornitológica. **Arquivos de Zoologia** **4**:261-340.
- Pinto, O.M. de O. 1952. Súmula histórica e sistemática da Ornitologia de Minas-Gerais. **Arquivos de Zoologia** **8**(1):1-51.
- Pinto, O. M. de O. 1964. **Ornitologia brasiliense**. Primeiro volume: Parte introdutória e famílias Rheidae a Cuculidae. São Paulo, Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura. 182 pp.
- Pinto, O. M.de O. 1978. **Novo Catálogo das Aves do Brasil**: primeira parte: Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines, com exclusão da família

- Tyrannidae. São Paulo, Empr.Graf.Revista dos Tribunais. 446 pp.
- Pinto, O. M. de O. 1979. **A Ornitologia no Brasil através das idades (século XVI a século XIX)**. São Paulo, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais. Coleção Brasiliensa Documenta vol.13, 117 pp.
- Plaisant, A. C. 1908. **Scenario paranaense**: descrição geographica, politica e historica do Estado do Paraná. Curitiba, Tipografia da República. 220 pp.
- PMTB. 2005. **Inventário da oferta turística do município de Telêmaco Borba**. Telêmaco Borba, Prefeitura Municipal. 67 p.
- Pombal-Júnior, J. P. 2002. Ribeiro ou Miranda-Ribeiro? Nota biográfica sobre Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939). **Revista Brasileira de Zoologia** **19**(3):935-939.
- Prado, C. & Prado, J. 2012. **Historiografia para Santa Cruz do Rio Pardo**. S.l., 1280 p. Ebook: <http://www.satoprado.com/>; acessado em 21 de março de 2014.
- Prutsch, U. 1994. Acerca de la continuidad de la investigación austro-brasileña. **Redial** **4**:7-12.
- Rasmussen, C; Garcete-Barrett, B. R. & Gonçalves, R. B. 2009. Curt Schrottky (1874-1937): South American entomology at the beginning of the 20th century (Hymenoptera, Lepidoptera, Diptera). **Zootaxa** **2282**:1-50
- RFFSA. 1985. **Estrada de ferro Paranaguá-Curitiba**: uma viagem de 100 anos. Curitiba, Rede Ferroviária Federal. Edição comemorativa do Centenário da Estrada de Ferro do Paraná. 400 pp.
- Ribeiro, M. A. R. 2011. Memória: Instituto Biológico de São Paulo. **Revista Brasileira de Inovação** **10**(1):197-224.



- Rodrigues, L.C.; Almeida, A.F. de; Kikuti, P. & Speltz, R.M. 1981. Estudo comparativo da avifauna em mata natural e em plantio homogêneo de *Araucaria angustifolia* (Bert.) O.Ktze. **IPEC, Circular Técnica 132**:1-7.
- Rylands, A. B.; Coimbra-Filho, A. F. & Mittermeier, R. A. 2009. The systematics and distributions of the Marmosets (*Callithrix*, *Callibella*, *Cebuella*, and *Mico*) and Callimico (*Callimico*) (Callithrichidae, Primates). In: [Chapter 2: p.25-61]. S. M. Ford; L. M. Porter & L. C. Davis (eds.). **The smallest anthropoids: the Marmoset/Callimico radiation**. Nova York e Heidelberg, Springer. Developments in Primatology: progress and prospects.
- Rylands, A. B.; Kierulff, M. C. M. & Mittermeier, R. A. 2005. Notes on the taxonomy and distributions of the tufted capuchin monkeys (*Cebus*, Cebidae) in South America. **Lundiana 6**:97-110.
- Sá, M. R. 2008. Scientific collections, Tropical Medicine and the development of Entomology in Brazil: the contribution of Instituto Oswaldo Cruz. **Parassitologia 50**:187-197.
- Salvadori, T. 1891. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XX: Catalogue of the Psittaci, or parrots, in the collection of the British Museum**. Londres, British Museum (Natural History). 658 pp; 18 pranchas coloridas.
- Salvadori, T. 1893. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XXI: Catalogue of the Columbæ, or pigeons, in the collection of the British Museum**. Londres, British Museum (Natural History). 676 pp; 15 pranchas coloridas.
- Salvadori, T. 1895. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XXVII: Catalogue of the**

- Chenomorphae* (Palamedeae, *Phoenicopteri*, *Anseres*), *Crypturi*, and *Ratitae* in the collection of the British Museum. Londres, British Museum (Natural History). 636 pp., 21 pranchas coloridas.
- Salvin, O. & Hartert, E. 1892. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XVI: Catalogue of the Picariae in the collection of the British Museum: Upupae, Trochili, and Coraciae or the families Cypselidae, Caprimulgidae, Podargidae, and Steatornithidae.** Londres, British Museum (Natural History). 703 pp; 14 pranchas coloridas.
- Salzmann, Z. 1978. [Resenha de] Indiani Jizní Ameriky (Indians of South America). **American Anthropologists**, new series, **80**(3):699-700.
- Saunders, H. & Salvin, O. 1896. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XXV: Catalogue of the Gaviae and Tubinares in the collection of the British Museum: Gaviae (Terns, Gulls and Skuas), Tubinares (Petrels and Albatrosses).** Londres, British Museum (Natural History). 475 pp; 8 pranchas coloridas.
- SBH. 2008a. **Brazilian amphibians: list of species.** Disponível online em <http://www.sbherpetologia.org.br>; acessada em 15 de abril de 2015.
- SBH. 2008b. **Brazilian reptiles: list of species.** Disponível online em <http://www.sbherpetologia.org.br>; acessada em 15 de abril de 2015.
- Scherer-Neto, P. & Straube, F. C. 1995. **Aves do Paraná: história, lista anotada e bibliografia.** Campo Largo, Logos Press, 79 pp.
- Scherer-Neto, P.; Straube, F. C. e Bornschein, M. R. 1991. Composição avifaunística dos cerrados do Estado do

- Paraná: levantamento e conservação. **I Congresso Brasileiro de Ornitologia** (Resumos), p.15-16.
- Scherer-Neto, P.; Straube, F. C. e Bornschein, M. R. 1996. Avifauna e conservação dos campos cerrados no Estado do Paraná (Brasil). **Acta Biologica Leopoldensia** 18(1):145-157.
- Scherer-Neto, P.; Straube, F.C.; Carrano, E. & Urben-Filho, A. 2011. **Lista das aves do Paraná**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 2, 130 pp.
- Schlechter, R. 1919a. Beiträge zur kenntnis der Orchidaceenflora von Parana [1]. **Repertorium specierum novarum regni vegetabilis** 16:247-254.
- Schlechter, R. 1919b. Beiträge zur kenntnis der Orchidaceenflora von Parana [2]. **Repertorium specierum novarum regni vegetabilis** 16:316-334
- Schrottky, C. 1902. Ensaio sobre as abelhas solitarias do Brazil. **Revista do Museu Paulista** 5:330-612.
- Schwarcz, L. K. M. 2007. **O espetáculo das raças**. São Paulo, Companhia das Letras. 288 p.
- Sclater, P. L. 1886. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XI: Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Fringilliformes: Part II, containing the families Coerebidae, Tanagridae, and Icteridae**. Londres, British Museum (Natural History). 431 pp; 18 pranchas coloridas.
- Sclater, P. L. 1888. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XIV: Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Oligomyodae, or the families Tyrannidae, Oxyrhamphidae, Pipridae, Cotingidae, Phytotomidae, Philepittidae, Pittidae, Xenicidae,**

- and *Eurylaemidae*. Londres, British Museum (Natural History). 494 pp; 26 pranchas coloridas.
- Sclater, P. L. 1890. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XV: Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Tracheophonae or the families Dendrocolaptidae, Formicariidae, Conopophagidae, and Pteroptochidae.** Londres, British Museum (Natural History). 371 pp; 20 pranchas coloridas.
- Sclater, P. L. & Shelley, G. E. 1891. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XIX: Catalogue of the Picariae in the collection of the British Museum: Scansores and Coccozyges containing the families Ramphastidae, Galbulidae, and Bucconidae, and the families Indicatoridae, Capitonidae, Cuculidae, and Musophagidae.** Londres, British Museum (Natural History). 484 pp; 13 pranchas coloridas.
- Seljan, S. 1919 [1999]. **Viagens de exploração de dois yugo-slavos pelo Brazil e republicas limitrophes, com um mapa e panorama de Sete Quedas e 12 fotogravuras.** Ouro Preto, Oficinas da Casa Mattos. [Reeditada com título idêntico como capítulo da obra “Relatos de viagem a Guaíra e foz do Iguaçu (1870-1920)”: Curitiba, Aos Quatro Ventos. Coleção *Monumenta*. 121 pp.].
- Seljan, M. & Seljan, S. 1905. **El salto del Guayrá – Le chute du Guayrá.** Buenos Aires, Imprenta de Gmo. Kraft. 44 p.
- Sharpe, B. 1906. 3. Birds. In: E. R. Lankester (ed.). **The history of the collections contained in the Natural History Sections of the British Museum.** Volume II: Separate historical accounts of the several collections included in the Department of Zoology. Londres, British Museum (Natural History). 782 p.

- Sharpe, R. B. 1874. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume I:** *Catalogue of the Accipitres or diurnal birds of prey in the collection of the British Museum.* Londres, British Museum (Natural History). 479 pp.; 21 pranchas coloridas
- Sharpe, R. B. 1875. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume II:** *Catalogue of the Striges or nocturnal birds of prey in the collection of the British Museum.* Londres, British Museum (Natural History). 325 pp.; 21 pranchas coloridas.
- Sharpe, R. B. 1877. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume III:** *Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Coliormorphae, containing the families Corvidae, Paradiseidae, Oriolidae, Dicruridae, and Prionopidae.* Londres, British Museum (Natural History). 343 pp; 15 pranchas coloridas.
- Sharpe, R. B. 1879. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume IV:** *Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Cichlomorphae, part I, containing the families Campophagidae and Muscicapidae.* Londres, British Museum (Natural History). 494 pp; 14 pranchas coloridas.
- Sharpe, R. B. 1881. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume V:** *Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Cichlomorphae, part II, containing the family Turdidae (Warblers and Thrushes).* Londres, British Museum (Natural History). 426 pp; 18 pranchas coloridas.
- Sharpe, R. B. 1881. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume VI:** *Catalogue of the*

*Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Cichlomorphae, part III, containing the first portion of the family Timellidae (Barbling-Thrushes).* Londres, British Museum (Natural History). 419 pp; 18 pranchas coloridas.

Sharpe, R. B. 1883. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume VII:** *Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Cichlomorphae, part IV, containing the concluding portion of the family Timellidae (Barbling-Thrushes).* Londres, British Museum (Natural History). 698 pp; 15 pranchas coloridas.

Sharpe, R. B. 1885. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume X:** *Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Fringilliformes: Part I, containing the families Dicaeidae, Hirundinidae, Ampelidae, Mniotiltidae, and Motacillidae.* Londres, British Museum (Natural History). 682 pp; 12 pranchas coloridas.

Sharpe, R. B. 1888. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XII:** *Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Fringilliformes: Part III, containing the family Fringillidae.* Londres, British Museum (Natural History). 871 pp; 16 pranchas coloridas.

Sharpe, R. B. 1890. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XIII:** *Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Sturniformes, containing the families Artamidae, Sturnidae, Ploceidae, Alaudidae, also the families Atrichiidae, and*

- Menuridae*. Londres, British Museum (Natural History). 701 pp; 15 pranchas coloridas.
- Sharpe, R. B. 1894. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XXIII: *Catalogue of the Fulicariae (Rallidae and Heliornithidae) and Alektorides (Aramidae, Eurypygidae, Mesitidae, Rhinocetidae, Gruidae, Psophidae, and Otididae) in the collection of the British Museum.*** Londres, British Museum (Natural History). 353 pp; 9 pranchas coloridas.
- Sharpe, R. B. 1896. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XXIV: *Catalogue of the Limicolae in the collection of the British Museum.*** Londres, British Museum (Natural History). 794 pp; 7 pranchas coloridas.
- Sharpe, R. B. & Ogilvie-Grant, W. R. 1898. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XXVI. *Catalogue of the Plataleae, Herodiones, Steganopodes, Pygopodes, and Impennes in the collection of the British Museum.*** Londres, British Museum (Natural History). 687 pp., 13 pranchas coloridas.
- Sharpe, R. B. & Ogilvie-Grant, W. R. 1892. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XVII: *Coraciae (remaining families) and also Halcyones, Bucerotes, and Trogones.*** Londres, British Museum (Natural History). 522 pp; 17 pranchas coloridas.
- Sick, H. 1997. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 862 pp.
- Sick, H.; Rosário, L. A. do e Azevedo, T. R. de. 1981. Aves do Estado de Santa Catarina: lista sistemática baseada em bibliografia, material de museu e observação de campo. **Sellowia** (Série Zoologia) **1**:1-51.

- Silva, J. N. da. 1906. **As Aves. Conferencia realizada [no Club Curytibano] pelo socio Dr. José Niepce da Silva em 23 de junho de 1906.** Curitiba, Typographia d'A Republica. 18 pp.
- Silva, J. N. da. 1913. **Relatorio apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, presidente do Estado, em 31 de dezembro de 1912, pelo engenheiro civil José Niepce da Silva, secretario d'Estado dos Negocios de Obras Publicas e Colonização.** Curitiba, Tipografia de Alfredo Hofmann. 313 pp.
- Silva, O. F. do A. e. 1901. **Relatorio apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, governador do Estado do Paraná pelo Dr. Octavio Ferreira do Amaral e Silva, Secretario de Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrucção Publica em 31 de dezembro de 1901.** Curitiba, Atelier Mundo Novo. 46 p.
- Silveira, L. F. 2009. As aves: uma revisão histórica do conhecimento ornitológico em uma reserva de Mata Atlântica do Estado de São Paulo. *In:* [p.623-636] M. I. M. S. Lopes; M. Kirizawa & M. M. da R. F. de Mello (orgs.). **Patrimônio da Reserva Biologica do Alto da Serra de Paranapiacaba: antiga Estação Biológica do Alto da Serra.** São Paulo, Instituto de Botânica.
- Smith, E. A. 1903. Notes on some mollusks of the family Bulimulidae from Matto Grosso (Percy Sladen Expedition to Central Brazil). **Proceedings of the Zoological Society of London 1903:70-71.**
- Snethlage, E. 1914. Catálogo das aves amazônicas, contendo todas as espécies descritas e mencionadas até 1913. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia 8:1-530.**



- Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1976. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Vol I: A-G. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 1136 pp.
- Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1981. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Vol III: Lh-O. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 980 pp.
- Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1988. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Vol VII: W-Z. Boston (EUA), The Hague. 653 pp.
- Stellfeld, C. 1942. A coleção Dusén do Museu Paranaense. **Arquivos do Museu Paranaense** 6:61-78.
- Stotz, D. 1990. Corrections and additions to the brazilian avifauna. **Condor** 92(4):1078-1079.
- Straube, E. C. 1987. **Símbolos do Paraná: evolução histórica.** Curitiba, Imprensa Oficial do Estado. 67 pp.
- Straube, F. C. 1998. O cerrado no Paraná: ocorrência original e subsídios para sua conservação. **Cadernos de Biodiversidade** 1(2):12-24.
- Straube, F. C. 2005. Fontes para o conhecimento da riqueza da avifauna do Estado do Paraná (Brasil): ensaio comemorativo aos 25 anos do Aves do Paraná de Pedro Scherer Neto. **Atualidades Ornitológicas** 126; disponível online em <http://www.ao.com.br/download/scherer.pdf>.
- Straube, F. C. 2010. Fontes históricas sobre a presença de araras no Estado do Paraná. **Atualidades Ornitológicas** 156:64-87.

- Straube, F. C. 2011. **Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná, Período Pré-Nattereriano (1541-1819)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 3, 196 pp.
- Straube, F. C. 2012. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 1 (1820-1834)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n°5, 241 + xiii pp.
- Straube, F. C. 2013. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 2 (1835-1865)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n°6, 314 + viii pp.
- Straube, F. C. 2014. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 3 (1866-1900)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n°8, 312 + viii pp.
- Straube, F. C. & Bornschein, M. R. 1989. A contribuição de André Mayer à História Natural no Estado do Paraná. I. Sobre uma coleção de aves do extremo noroeste do Paraná e sul do Mato Grosso do Sul. **Arquivo de Biologia e Tecnologia** 32(2):441-471.
- Straube, F. C.; Bornschein, M. R. & Scherer-Neto, P. 1996. Coletânea da avifauna da região noroeste do Estado do Paraná e áreas limítrofes (Brasil). **Arquivos de Biologia e Tecnologia** 39(1):193-214.
- Straube, F. C.; Carrano, E.; Santos, R. E. F.; Scherer-Neto, P.; Ribas, C. F.; Meijer, A. A. R. de; Vallejos, M. A. V.; Lanzer, M.; Klemann-Júnior, L.; Aurélio-Silva, M.; Urben-Filho, A.; Arzua, M.; Lima, A. M. X. de; Sobânia, R. L. de M.; Deconto, L. R.; Bispo, A. Â.; Jesus, S. de & Abilhôa, V. 2009. **Aves de Curitiba: coletânea de registros**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. 280 p.

- Straube, F. C. & Di Giácomo, A. 2007. Avifauna das regiões subtropical e temperada do Neotrópico: desafios biogeográficos. **Ciência & Ambiente** **35**:137-166.
- Straube, F. C. & Labiak, P. 2014. Esboço biográfico dos principais coletores da flora do Paraná. *In* [p.23-42], M. Kaehler, R. Goldenberg, P. H. L. Evangelista, O. dos S. Ribas, A. O. S. Vieira & G. G. Hatschbach eds. **Plantas vasculares do Paraná**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Universidade Estadual de Londrina e Prefeitura Municipal de Curitiba.
- Straube, F. C. & Pacheco, J. F. 2002. *Phylloscartes paulista*: uma grafia correta para *Phylloscartes paulistus*. **Ararajuba: Revista Brasileira de Ornitologia** **10**(1):83-84.
- Straube, F.C. & Scherer-Neto, P. 2001. História da Ornitologia no Paraná. *In*: [p.43-116] F.C.Straube (Ed.). **Ornitologia sem fronteiras**, incluindo os resumos do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia (Curitiba, 22 a 27 de julho de 2001). Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Curitiba.
- Straube, F. C.; Urben-Filho, A. & Kajiwarra, D. 2004. Aves. *In*: [p.145-496] S.B.Mikich & R.S.Bérnils eds. **Livro Vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná**. Curitiba, Instituto Ambiental do Paraná.
- Straube, F. C.; Willis, E. O. & Oniki, Y. 2002. Aves colecionadas na localidade de Fazenda Caiuá (Paraná, Brasil) por Adolph Hempel, com discussão sobre sua localização exata. **Ararajuba** **10**(2):167-172.
- Taunay, Affonso d'E. 1926. Ernesto Garbe (1853-1925). **Revista do Museu Paulista** **14**:677-683.

- Taunay, Affonso d'E. 1937. João Leonardo de Lima: naturalista do Museu Paulista (1874-1936). **Revista do Museu Paulista** 21:1058-1062.
- Taunay, Alfredo d'E. 1918. Relatorio do Museu Paulista referente ao anno de 1916. **Revista do Museu Paulista** 10:19-28.
- Thomas, O. 1899. List of the mammals obtained by Dr. G. Franco Grillo in the Province of Parana, Brazil. **Annali del Museo Civico di Storia Naturale di Genova** 40(2):546-549.
- Thomas, O. 1901. On mammals obtained by Mr. Alphonse Robert on the Rio Jordão, Minas Geraes. **Annals and Magazine of Natural History** 7:526-536.
- Thomas, O. 1902a. Notes on the phyllostomatous genera *Mimon* and *Tonatia*. **Annals and Magazine of Natural History** 7(10):53-54.
- Thomas, O. 1902b. On mammals from the Serra do Mar of Paraná, collected by Mr. Alphonse Robert. **Annals and Magazine of Natural History** 7(4):59-64.
- Thomas, O. 1903a. New species of *Oxymycterus*, *Thrichomys*, and *Ctenomys* from S. America. **Annals and Magazine of Natural History** 7(11):226-229.
- Thomas, O. 1903b. Notes on South-American monkeys bats, carnivores, and rodents, with descriptions of new species. rodents. **Annals and Magazine of Natural History** 7(12): 455-464.
- Thomas, O. 1903c. On the mammals collected by Mr. A. Robert at Chapada, Matto Grosso (Percy Sladen Expedition to Central Brazil). **Proceedings of the Zoological Society of London** 1903:232-244.
- Thomas, O. 1904a. Two new mammals from South America. **Annals and Magazine of Natural History** 7(13): 142-144.

- Thomas, O. 1904b. New forms of *Saimiri*, *Saccopteryx*, *Balantiopteryx*, and *Thrichomys* from the Neotropical region. **Annals and Magazine of Natural History** 7(13): 250-255.
- Thomas, O. 1905. New Tropical *Chrotopterus*, *Sciurus*, *Neacomys*, *Coendou*, *Proechimys*, and *Marmosa*. **Annals and Magazine of Natural History** 7(16): 308-314.
- Thomas, O. 1906. I. Mammals. In: E.R.Lankester (ed.). **The history of the collections contained in the Natural History Sections of the British Museum**. Volume II: Separate historical accounts of the several collections included in the Department of Zoology. Londres, British Museum (Natural History). 782 p.
- Thomas, O. 1906b. New insectivores and voles collected by Mr. A. Robert near Trebizond. **Annals and Magazine of Natural History** 7(17):415-421.
- Thomas, O. 1909. Notes on some South-American Mammals, with descriptions of new species. **Annals and Magazine of Natural History** 8(4):230-242.
- Thomas, O. 1912. On certain of the smaller S.American Cervidae. **Annals and Magazine of Natural History** 8(11):585-589.
- Thomas, O. 1917. Notes on the species of the genus *Cavia*. **Annals and Magazine of Natural History** 8(19):152-160.
- Tiepolo, L. M. 2007. **Roedores Sigmodontinae do Brasil meridional: composição taxonômica, distribuição e relações fitogeográficas**. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Curso de Pós-graduação em Zoologia. 254 pp.
- Torres-Carvajal, O. 2005. A new species of *Stenocercus* (Lacertilia: Iguania) from central-western Brazil with

- a key to brazilian *Stenocercus*. **Phyllomedusa** 4(2):123-132.
- Travassos, L. 1955. Prof. Alípio de Miranda Ribeiro. **Arquivos do Museu Nacional** 42(1):xi-xxxvi.
- Trelles, C. A. L. y . 1939. Catalogo sistematico razonado de los Cóccidos (‘Hom. Sternor.’) vernáculos de la Argentina. **Physis** 17:157-209.
- Trevisan, E. 1976. A gênese do Museu Paranaense (1874-1882). **Arquivos do Museu Paranaense, História** 1:1-51.
- Trevisan, E. 2002. **Visitantes estrangeiros no Paraná**. Curitiba, Gráfica Vicentina Editora. 333 p.
- Urban, I. 1908. Vitae itineraque collectorum botanicorum, notae collaboratorum biographicae, florum brasiliensis ratio edendi chronologica systema, index familiarum. p.1-154. In K.P.von Martius *et al.* **Flora Brasiliensis**, enumeratio plantarum in Brasilia hactenus detectarum quas suis aliorumque botanicorum studiis descriptas et methodo naturali digestas partim icones illustratas 1 (1): 1-154 + 266 + 31 pp.
- Vanzolini, P. E. 1992. **A supplement to the Ornithological Gazetteer of Brazil**. São Paulo, Museu de Zoologia. 251 pp.
- Vanzolini, P. E. 1994. Museu de Zoologia. **Estudos Avançados/USP** 88(22):579-580.
- Vaurie, C. 1967. Systematic notes on the bird family Cracidae. No. 7 the genus *Pipile*. **American Museum Novitates** 2296:1-16.
- Volpato, G. H.; Anjos, L. dos; Mendonça. L. B.; Lopes, E. V. & Berndt, R. A. 2009. **Aves da Fazenda Monte Alegre: um estudo da biodiversidade**. Londrina, EdUEL. 129 pp.

- Warren, R.L.M. 1966. **Type-specimens of birds on the British Museum (Natural History). Vol. II: Non-Passerines.** Londres, British Museum of Natural History. 320 pp.
- Wettstein, R. von 1904. **Vegetationsbilder aus Südbrasilien.** Leipzig e Viena, Franz Deuticke. 55 pp.
- Wettstein, R. von 1908 (org.). Ergebnisse der botanischen Expedition der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften nach Südbrasilien 1901 herausgegeben von R. v. Wettstein und V. Schiffner. I. Band. Pteridophyta und Anthophyta. **Denkschriften der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften (Mathematisch-Naturwissenschaftlichen Klasse) 79(1):1-313.**
- Wettstein, R. 1901-1907. **Handbuch der systematischen Botanik.** Leipzig, Franz Deuticke. 2 (em 4 partes) volumes.
- Wettstein, R. R. von 1970. **Aspectos da vegetação do sul do Brasil.** São Paulo, Editora Edgard Blücher e Editora da USP. Tradução de Bertha Lange de Morretes, supervisão de Mário Guimarães Ferri. 126 pp.
- Wettstein, R. von; Wiesner, J. & Zahlbruckner, A. 1906. **Verhandlungen des internationalen botanischen Kongress in Wien 1905.** Jena, Verlag von Gustav Fischer. 99 pp.
- Wolff, E. & Wolff, F. 1987. **Dicionário biográfico: judeus no Brasil, Século XIX.** Rio de Janeiro, edição dos autores.
- Zimmer, J. T. 1931. Studies on peruvian birds. I: New and other birds from Peru, Ecuador, and Brazil. **American Museum Novitates 500:1-23.**

- Zimmer, J. T. 1936a. Studies on peruvian birds. XXII: Notes on Pipridae. **American Museum Novitates 889**:1-29.
- Zimmer, J. T. 1936b. Studies on peruvian birds. XX: Notes on the genera *Pseudocolaptes*, *Hyloctites*, *Hylocryptus*, *Thripadectes*, and *Xenops*. **American Museum Novitates 863**:1-25.
- Zimmer, J. T. 1936c. Studies on peruvian birds. XXIV: Notes on *Pachyramphus*, *Platypsaris*, *Tityra*, and *Pyroderus*. **American Museum Novitates 894**:1-26.
- Zimmer, J. T. 1937. Studies on peruvian birds. XXVIII: Notes on the genera *Myiarchus*, *Conopias*, *Myiozetetes* and *Pitangus*. **American Museum Novitates 963**:1-28.
- Zimmer, J. T. 1939a. Studies on peruvian birds. XXX: Notes on the genera *Contopus*, *Empidonax*, *Terenotriccus* and *Myioibius*. **American Museum Novitates 1042**:1-12.
- Zimmer, J. T. 1939b. Studies on peruvian birds. XXI: Notes on the genera *Myiotriccus*, *Pyrrhomyias*, *Myiophobus*, *Onychorhynchus*, *Platyrinchus*, *Cnipodectes*, *Sayornis*, and *Nuttallornis*. **American Museum Novitates 1043**:1-15.
- Zimmer, J. T. 1941. Studies on peruvian birds. N° XXXIX: The genus *Vireo*. **American Museum Novitates 1127**:1-20.
- Zimmer, J. T. 1948. Studies on peruvian birds. n°53: The family Trogonidae. **American Museum Novitates 1380**:1-56.
- Zimmer, J. T. 1955a. Further notes on Tyrant Flycatchers (Tyrannidae). **American Museum Novitates 1749**:1-24.
- Zimmer, J.T. 1926. Catalogue of the Edward E.Ayer Ornithological Library. Partes 1 e 2. **Publications of**



**the Field Museum of Natural History, Zoological  
Series 16**(239 e 240):1-706.

Zimmer, J.T. 1944. *In memoriam*: Charles Eduard Hellmayr.  
**Auk 61**(4):616-622.

Zimmer, J.T. 1945. A new swift from Central and South  
America. **Auk 62**(4):586-592.



A série **HORI CADERNOS TÉCNICOS (HCT)** é uma iniciativa da Hori Consultoria Ambiental, cujo objetivo é suprir a grande lacuna atualmente existente de documentos técnicos ligados alguns campos específicos das Ciências da Natureza. A coleção abrange temática variada mas com ênfase em instrumentação, metodologia, técnicas complementares, inovadoras ou alternativas, revisões, estudos de caso, relatos e resultados conclusivos de estudos de impactos ambientais, monitoramentos e demais abordagens no campo da consultoria ambiental e do ecoturismo.



<http://www.hori.bio.br>

# *HORI CADERNOS TÉCNICOS*



## **HCT n° 1 (dezembro de 2010)**

**GLOSSÁRIO BRASILEIRO DE BIRDWATCHING (INGLÊS-PORTUGUÊS-INGLÊS)** por Fernando C. Straube, Arnaldo B. Guimarães-Júnior, Maria Cecília Vieira-da-Rocha e Dimas Pioli. 284 p. ISBN: 978-85-62546-01-3

## **HCT n° 2 (junho de 2011)**

**LISTA DAS AVES DO PARANÁ** (Edição comemorativa do Centenário da Ornitologia no Paraná) por Pedro Scherer-Neto, Fernando C. Straube, Eduardo Carrano e Alberto Urben-Filho. (Com dois suplementos). 130 p. ISBN: 978-85-62546-02-0

## **HCT n° 3 (dezembro de 2011)**

**RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ.** Período Pré-Nattereriano (1541-1819). por Fernando C. Straube. 193 p. ISBN: 978-85-62546-03-7

## **HCT. n° 4 (junho de 2012)**

**TUBARÕES E RAIAS CAPTURADOS PELA PESCA ARTESANAL NO PARANÁ: GUIA DE IDENTIFICAÇÃO** por Hugo Bornatowski e Vinícius Abilhoa (com adendo bibliográfico). 123 p. ISBN: 978-85-62546-04-4

## **HCT n° 5 (setembro de 2012)**

**RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ.** Período de Natterer, 1 (1820-1834) por Fernando C. Straube. 242 p. ISBN: 978-85-62546-05-1

## **HCT n° 6 (agosto de 2013)**

**RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ.** Período de Natterer, 2 (1835-1865) por Fernando C. Straube. 312 p. ISBN: 978-85-62546-06-8



### **HCT n° 7 (agosto de 2013)**

**IPAVE-2012: INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DAS AVES DO PARANÁ.** Organizado por Fernando C. Straube, Marcelo A. V. Vallejos, Leonardo R. Deconto e Alberto Urben-Filho. 222 p. ISBN: 978-85-62546-07-5

### **HCT n° 8 (abril de 2014)**

**RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ.** Período de Natterer, 3 (1866-1900) por Fernando C. Straube. 311 p. ISBN: 978-85-62546-08-2

### **HCT n° 9 (dezembro de 2014)**

**AVES DE CURITIBA: COLETÂNEA DE REGISTROS (2ª EDIÇÃO)** por Fernando C. Straube, Eduardo Carrano, Raphael E. F. Santos, Pedro Scherer-Neto, Cassiano F. Ribas, André A. R. de Meijer, Marcelo A. V. Vallejos, Michelle Lanzer, Louri Klemann-Júnior, Marco Aurélio-Silva, Alberto Urben-Filho, Marcia Arzua, André M. X. de Lima, Raphael L. de M. Sobânia, Leonardo R. Deconto, Arthur A. Bispo, Shayana de Jesus e Vinicius Abilhoa. 527 p. ISBN: 978-85-62546-09-9

### **HCT n° 10 (dezembro de 2015)**

**RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ.** Período de Chrostowski, 1 (1866-1909) por Fernando C. Straube. 273 p. ISBN: **978-85-62546-10-5**